

Otto Guerra/Vingt-un Rosado
(Organizadores)

FELIPE GUERRA

O Guerreiro das Soluções Para o Semi-árido do Brasil
Edição especial para o Acervo Virtual Oswaldo Lamartine de Faria



**Banco do
Nordeste**



FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO
COLEÇÃO
MS
MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL



**Banco do
Nordeste**



U nosso negócio é o desenvolvimento

**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MZ
EM**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

FELIPE GUERRA

**NORDESTE SEMI-ÁRIDO
– VELHOS PROBLEMAS SEMPRE ATUAIS –
Organização de Otto Guerra**

PREFÁCIO

Felipe Neri de Brito Guerra, meu pai, foi sempre um apaixonado pelo Nordeste. Viveu entre 1867 e 1951.

Este sentimento, aliás, estava no próprio sangue. Seu pai, o Conselheiro Luiz Gonzaga de Brito Guerra (1818-1896), Juiz de Direito no Rio Grande do Norte, desembargador e primeiro presidente do Tribunal da Relação de Minas Gerais, com sede em Ouro Preto, depois desembargador em Fortaleza e finalmente Ministro do Supremo Tribunal de Justiça, no Império, cultivou esse mesmo amor e interesse pela sua terra. Não apenas pelo Rio Grande do Norte, mas pelo Nordeste.

Da mesma família, o Padre Francisco de Brito Guerra (1776-1845), que foi senador do Império pelo Rio Grande do Norte, amigo íntimo do regente Feijó, também se batia em favor do Nordeste semi-árido. Foi sua a frase famosa de que esta região somente seria feliz no dia em que as águas dos seus rios não chegassem ao Oceano, para significar a necessidade do seu represamento, pelos açudes.



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U nosso negócio é o desenvolvimento

COLEÇÃO **MZ
EM**

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Evidentemente, nenhum destes personagens resumiu sua luta em prol do Nordeste à pura solução do problema da água. Foi esta, apenas, uma das facetas do seu trabalho, abrangendo uma visão muito mais global.

O senador Guerra fundou a imprensa no Rio Grande do Norte. Bateu-se pela abertura do porto de Natal. Luiz Gonzaga foi o organizador da vida judiciária do Estado, deixando uma série de minuciosos provimentos nas suas “correições”, instruindo escrivãos, juízes e promotores, recomendando especial atenção com os menores, tutelados e curatelados, com os inventários, advertindo contra as maquinações dos “rábulas” e recomendando (providência que ainda hoje faz falta) presteza das decisões dos Juízes. “Uma sentença, mesmo justa, mas dada com retardamento, dizia ele, já contém uma dose de injustiça”.

Felipe Guerra foi deputado constituinte estadual, por mais de uma vez. Também exerceu o juizado em mais de uma Comarca, chegando ao Tribunal de Justiça do Estado, como desembargador e também como Procurador Geral do Estado. Mas seus principais trabalhos versam sobre os problemas do Nordeste. De maneira especial tratando da fixação do homem e sua estabilidade financeira, pela açudagem e pela irrigação, mas nunca esquecendo os problemas correlatos da educação, da saúde, do progresso econômico e social.

Seu livro clássico intitula-se “Secas contra a Seca” (1909). Um livro que já foi equiparado por um especialista norte-americano, Geraldo Waring, aos “Sertões” de Euclides da Cunha, para quem realmente desejar ter uma idéia mais completa do Nordeste brasileiro e seus problemas.



**Banco do
Nordeste**



U nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO

COLEÇÃO
MZ
EM



UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Outros livros e folhetos deixou ele publicados, destacando-se “Ainda o Nordeste” (1927), obra polêmica, em defesa dos nordestinos e da região, atacados por um engenheiro do sul, em livro.

Muita coisa ficou inédita. De uma parte destes inéditos consta o trabalho presente. Compreende escritos seus, a partir de 1898. Ainda existem outros, que a seu tempo serão reunidos, assim espero. Apenas publicados em jornais do tempo, revistas, ou jamais publicados.

São muito oportunos os trabalhos ora enfeixados, porque demonstram o pioneirismo de Felipe Guerra, no Rio Grande do Norte e, ao mesmo tempo, a constrangedora evidencia de que muito pouco se fez, até agora, relativamente às soluções apontadas por ele e por outros que se ocuparam dos problemas do Nordeste, tão simples e factíveis.

Os anos de 1979 e de 1980 estão comprovando, mais uma vez, que ainda não estamos conseguindo conviver com o fenômeno das secas, nem com o das inundações, sempre irregulares, mas infalíveis, nesta região *sui generis*. Nem atacar de maneira global e dominar os seus graves efeitos, de natureza geográfica, econômica, social e principalmente humana.

Não se concebe, em tempos de tecnologia tão avançada, que continuem inaplicadas as observações desses pioneiros. Em 1913, o engenheiro Miguel Arrojado Lisboa, primeiro diretor da Inspeção de Secas, estranhava, em conferencia famosa, que os homens continuassem a retardar a marcha do nosso progresso. As coisas mudaram pouco. Adotam-se muito mais medidas paliativas (salvo honrosas exceções) do que as soluções definitivas,



**Banco do
Nordeste**



U nosso negócio é o desenvolvimento

**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MZ
EM**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

perfeitamente conhecidas. E não têm faltado recursos para obras notáveis, noutros pontos do país, mas de efeitos sociais muito menos amplos.

Natal, 26 de maio de 1980
(113 anos do nascimento de Felipe Guerra).

Otto Guerra.
Rua José Pinto, 227
Cidade Alta – 59.000 – Natal-RN



**Banco do
Nordeste**



U nosso negócio é o desenvolvimento

**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

1 – A SECA E A VIOLÊNCIA

Entre as urgentes e inadiáveis medidas de tomar, para diminuir os calamitosos resultados da presente seca (1898), ocupa saliente lugar a garantia que o Poder Público deve dar à segurança da vida e da propriedade dos habitantes da zona vitimada pelo flagelo.

É por demais sabido – e tem sido isto posta à prova – que a índole do nosso povo é boa, honesta e ordeira.

Nunca deixou de haver trânsito pelas solitárias e tristes veredas de nossa terra. Veredas, porque estradas não temos uma só no Estado. Entretanto, raríssimo é o caso de ataque contra a segurança individual. Pensamos mesmo (pois nunca ouvimos falar) que não se tenha dado em tempos normais caso de ataque para roubar nas estradas, nas veredas do Estado. Mas em casos de calamidade pública, nas secas, tem havido o aparecimento de bandos de malfeitores que, formando grupos armados, se tornam um perigo para a segurança da vida, da propriedade dos que habitam longínquos sertões e, o que ainda é pior, perigo para a honra das famílias.

Nas secas, porém, como é natural, não é tanta a segurança de que se goza. É sabido que na grande seca de 77 apareceram vários grupos armados de malfeitores. Entre estes, no nosso Estado, o que mais se salientou foi o grupo capitaneado pelo conhecido cangaceiro Jesuíno Brilhante. Este célebre bandido, apesar dos seus crimes, não era completamente destituído dos sentimentos de piedade e probidade, conforme algumas vezes



**Banco do
Nordeste**



U nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO

COLEÇÃO

**MZ
EM**

MOSSOROENSE



UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

deu prova, ficando assim fora da categoria do criminoso nato. Não matava por prazer, nem roubava por instinto. Lutas de família o lançaram no caminho do crime; a impunidade deu-lhe ousadia; e a necessidade de sustentar o seu grupo, na seca, o fez roubador.

Respeitava a propriedade do pobre; e não mesmo se atacou comboios na estrada, a não ser de víveres do governo, os quais, pensava ele, não mereciam o mesmo respeito que os dos particulares. Em suas lutas, procurava desviar-se de atirar nos paisanos, para atirar sobre os “urubus” do governo, conforme alcunhava, em sua linguagem de bandido, os soldados que o perseguiram.

Era, além disso, dotado de um certo sentimento de respeito ao pudor das famílias e não consta que houvesse cometido o mínimo desacato contra a honra das famílias, castigando, algumas vezes, a seus sequazes de sentimentos mais vis, que tentavam contra o pudor feminino. Sentimentos estes de pudor que se explica, por pertencer Jesuíno à família de classe média da nossa sociedade, naturalmente educada nos austeros princípios dos primitivos sertanejos.

Hoje, felizmente, ainda não apareceram grupos armados de malfeitores em nosso Estado. Mas quem nos garante que a fome, aliada aos maus instintos de alguns, não venha determinar o aparecimento de bandidos? O poder público tem obrigação de velar pela segurança e pela paz do Estado e da sua população. E é muito mais fácil abafar qualquer tentativa de agrupamento de malfeitores, do que dispersá-los, quando já reunidos, natural-



**Banco do
Nordeste**
U nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

mente quando já têm ocasionado depredações e quando são mais temerosos.

É preciso urgentemente que o Governo do Estado tome suas cautelas e suas medidas. Mande para os sertões a força concentrada na Capital; deixe o pueril e imaginário medo de deposição, próprio de um espírito enfezado e fraco.

NOTA – Artigo publicado no “Diário de Natal”, em 1898. a parte final do artigo refere-se ao governo Ferreira Chaves. Adversários seus foram acusados de conspirarem para sua deposição, como reflexo da conturbada situação nacional, em que houvera o atentado ao presidente da República, assassinato do seu Ministro da Guerra e Pedro Velho estava em oposição ao mesmo Presidente. Pedro Velho era o dirigente máximo da política do Rio Grande do Norte.



**Banco do
Nordeste**



U nosso negócio é o desenvolvimento

**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

2 – ALGUMAS PALAVRAS

I

O número 30 do “Mossoroense”, interessante periódico que o esforço, a boa vontade e a inteligência de alguns sustentam na bela cidade, empório do mercado sertanejo, estampa bem lançado editorial, ocupando-se dos meios que devem ser empregados para arcar contra a miséria que oprime os flagelados pela seca.

Há porém, no editorial, a que nos referimos, alguns conceitos que nos parecem pouco aceitáveis e por isso pedimos licença para opor nossa contestação. Mostra-se fervoroso entusiasta da viação férrea e revolta-se contra açudes oficiais, chegando mesmo, afinal, a declarar que “açudes e poços públicos têm sido e serão sempre despesas exageradas e constantes e de efeitos reconhecidamente nulos”.

Em parte, discordamos dessa asserção, no que diz relativamente a açudes e principalmente aos “efeitos reconhecidamente nulos”, tão categoricamente decretados para os futuros açudes públicos. Para aceitar tal condenação, seria preciso supor que “obra pública” nunca será coisa que se tome a sério. Mas sabemos que a sociedade não é composta só de tratantes e ladrões, por isso ainda não desesperamos de ver a coisa pública regulada pelos princípios de probidade.

Uma estrada de ferro que, partindo de Mossoró, se dirija a Luís Gomes, de acordo com o econômico plano “Graff” e ou-



**Banco do
Nordeste**



U nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO

COLEÇÃO

**MZ
EM**

MOSSOROENSE



UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

tro prolongamento de Nova Cruz para Currais Novos, Acari, Jardim, Caicó, até as riquíssimas salinas de Açú e Macau, seria a grandeza do Estado, a sua independência financeira e um forte elemento de civilização. Seriam estradas que, atravessando as zonas mais sofredoras do Estado, o circulariam completamente, quase, levando o sal aos grandes centros de consumo, despejando nos portos todos os gêneros de produção da zona.

Abrir-se-iam novos horizontes à vida do Estado e esse abraço de ferro representaria hercúlea proteção contra a miséria.

Se tais estradas de ferro não forem, mais hoje ou mais amanhã, construídas, teremos breve, muito breve, os Estados de Pernambuco e Paraíba com sua viação férrea em nossas fronteiras, arrastando e desviando, ainda mais, a corrente do comércio sertanejo para suas capitais.

Já hoje as estradas de ferro desses dois Estados, do primeiro principalmente, são escoadouros dos produtos do Rio Grande do Norte; e quando elas mais se aproximarem do sertão, o porto de Macau quase nada terá de importar, nem de exportar.

Há fundadas esperanças de dentro de dois ou três anos haja viação férrea até a cidade de Campina Grande, na Paraíba; e dessa cidade às fronteiras do Rio Grande do Norte são cerca de 17 léguas.

Urge, pois, a construção de estradas de ferro para o sertão do nosso Estado.

O Rio Grande do Norte, obedecendo a leis determinantes do seu evoluir, tem sofrido sempre o Estado de Pernambuco, sugando a sua depauperada seiva.



**Banco do
Nordeste**
U nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Ultimamente, a Paraíba se tem lembrado, embora tarde, de aproveitar alguma coisa deste infeliz Rio Grande do Norte. E agora, até o Ceará, que tem sido nosso irmão na miséria e na glória, procura dar um grande golpe na terra de Miguelinho!

É preciso que haja uma reação para libertar o Estado desses seus irmãos mais velhos; reação que será feita incrementando o comércio, a produção, todas as indústrias, afinal. Sem esse salutar movimento, o Estado se depauperará de mais a mais.

A viação férrea é um dos primeiros passos a dar.

NOTA – trata-se de uma série de artigos publicados no “Diário do Natal”, de Elias Souto, em 1903. nunca foi publicada em folheto. Foram escritos em Caicó.

II

Urge a construção de estradas de ferro para o sertão do nosso Estado. Atualmente, representa esse trabalho emprego para a população que morre à míngua por falta de salários.

Se não estivéssemos já habituados a ver a falta de respeito às leis, por parte dos representantes do poder público, ainda poderíamos ter a ingenuidade de argumentar que a Constituição Federal garante socorros aos Estados vitimados por calamidades públicas. E que o melhor meio de socorros é esse de dar salários à população, em troca de serviços que, ao mesmo tempo, concorrem para debelar futuras crises.



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U nosso negócio é o desenvolvimento

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Lembre-mo-nos, porém, apenas, de que os sofrimentos da população do Rio Grande do Norte não são menos imensos, nem menos cruéis do que os da população do Ceará; e que esse Estado já foi socorrido justamente com verbas para sua viação pública.

Não somos infensos, como se vê, à construção de estradas de ferro. Já em 1981, ao defender medidas apresentadas contra as secas, dizíamos ao Congresso do Estado: “Há, ao meu ver, uma medida tripla que nulifica a ação das secas e enriquece o sertão: a construção de açudes, poços artesianos e estradas de ferro. As duas primeiras garantem a vida e a tranquilidade do sertanejo; a última, como complemento, traz a riqueza e o engrandecimento do Estado, pois dá valor aos produtos e ao solo”.

Hoje, com a experiência que temos adquirido das coisas do sertão, somos menos entusiastas apenas em relação a poços artesianos pois em geral a natureza do solo sertanejo não se presta à sua construção. Entretanto, pensamos que nas várzeas do Panema, Açu, Mossoró e Apodi eles terão profícuos resultados.

Somos pela viação férrea. Mas somos mais ainda, se é possível, pela açudagem, seja ela oficial ou não. Mais de uma vez nos temos manifestado contra a açudagem oficial, por causa da má aplicação das verbas destinadas a esse fim. É por isso que somos partidários dos açudes particulares, principalmente, e enxergamos mais viabilidade neste último sistema.

Quem, porém, conhecer a vida, as dificuldades da zona sertaneja, há de adotar nosso parecer: antes de tudo, açudes. Nas



**Banco do
Nordeste**
U nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

secas, o açude que conservava água, ou mesmo que acaba de secar, representa um foco de produção, um baluarte de resistência contra a inclemência da estação, um centro de população que encontra trabalho, que não precisa abandonar seus lares, que se não desloca, que não se aglomera nas cidades, nos portos, acarretando epidemias e aumentando a miséria.

É um celeiro que oferece gêneros de consumo, sem obrigar à retirada de capitais para fora do Estado. É um fomento à atividade do pequeno comércio, que fornece meios de subsistência a numeroso pessoal. É o amparo à indústria pastoril, evitando o aniquilamento da fortuna sertaneja.

Todas estas verdades são conhecidas; já temos mesmo mais de uma vez repetido. Mas, muitas vezes, para convencer, é preciso martelar, como quem deseja enfiar um prego no âmago do madeiro, empregando uma figura de Tobias Barreto.

III

Nas primeiras secas do século passado, depois de finda a calamidade, os gados ficavam quase extintos, precisando, então, procurarem os criadores sementes de gados nos sertões do Piauí.

Fazendeiros que, segundo narram seguras crônicas, apanhavam seiscentos e mais bezerros, passada a seca, viam-se reduzidos a quatro ou seis. Hoje, já não se registram fatos dessa natureza senão excepcionalmente. As vazantes e os tratos, nas últimas secas, tem concorrido para salvação de mais da metade da riqueza pastoril.



**Banco do
Nordeste**
U nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

De 1898 até o presente ano, a exceção de 99, os anos tem sido completamente secos uns, e de inverno muito escasso, outros. Entretanto, ainda no corrente ano, antes de conhecida a crise, a arrematação do imposto sobre a produção do gado grosso atingiu a um preço elevado, nunca até então alcançado. Isso em grande parte devido às vazantes, isto é, aos açudes.

Sabemos de fonte segura que nos anos secos de 1898 e de 1900 mais de mil indivíduos do gado grosso foram salvos com as vazantes da lagoa do Apodi.

A base da riqueza sertaneja é a criação. As secas dizimam os gados, já pela falta de pastagens, já pela falta de aguadas. Os açudes representam produção de forragens e garantem aguadas.

As fazendas sertanejas não providas de açudes estão sempre ameaçadas de prejuízos em seus gados, principalmente por falta d'água. Porquanto, ainda mesmo que haja o recurso de retiradas de gados para lugares onde haja água, esse recurso é quase sempre funesto, pois a mudança de pastos produz o definhamento dos gados por si só, ocasionando doenças e também porque eles procuram sempre voltar a seus pastos, acontecendo, então, extravios e obrigando a novas tiradas, que aumentam o maltrato.

Na presente seca, o maior mal é a falta d'água. Muitas e muitas fazendas onde houver pouco pasto, mas ainda assim suficiente para agüentar os gados até dezembro, estão completamente desprovidas d'água e foram obrigadas a retirar.

Essas retiradas aglomeram os gados em determinadas localidades, comumente aos secos rios que fornecem cacimbas na areia, ocasionando serem as pastagens rapidamente devoradas,



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U nosso negócio é o desenvolvimento

COLEÇÃO **MZ
EM**

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

resultando a morte não só dos gados dos retirados, como também nos gados dos pastos.

É o grande prejuízo que ameaça no presente ano, se as chuvas não vierem cedo.

A criação miúda – cabrum e ovelhum – o amparo dos sertanejos pobres, ainda sofre mais com as retiradas. Só em último recurso é empregada essa medida, que na atual crise se fará forçosa em muitos lugares, trazendo, além de tudo, despesas de vigilância, muitas vezes incompatíveis com os minguados recursos dos que já estão depauperados.

A falta d'água na seca que atravessamos obrigará mesmo, como já está acontecendo, ao abandono de muitas fazendas e localidades pelos próprios moradores.

Consta-nos que as autoridades do município de Caraúbas fizeram ver ao Juiz de Direito da Comarca, residente no Apodi, a impossibilidade da reunião da sessão do júri na mesma vila, devido à falta d'água!

Eis aí paralisada a vida judiciária de um distrito por falta d'água. Os réus que tem tempo garantido por lei para responder a processo, que esperem...o bom tempo, isto é, o ano vindouro, no caso mais favorável.

IV

Sendo a maior riqueza sertaneja a indústria pastoril, e a açudagem importando seguro apoio nas crises, como dizer que “açudes servem quando chove” ?



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U nosso negócio é o desenvolvimento

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

É justamente o contrário; açude serve principalmente nas secas, quando não chove. Não fossem os sertões sujeitos a secas, não haveria necessidade de açudes.

É comum graves secas serem precedidas de ano invernosso e nesta hipótese ficaria o sertão provido de abundantes, eficazes meios para atravessar o período crítico, caso tivesse desenvolvida açudagem.

Alguns anos há que, apesar de secos, apresentam chuvas isoladas, que fazem correr algum riacho. Se essa água, que casualmente refrescou pequena superfície, não for detida em algum açude, dias depois não restará dela o mais leve vestígio, porque o ardor do verão teIm continuado suas devastadora ação, crescendo, queimando tudo aquilo que essa chuva havia feito germinar.

Acontece quase sempre caírem chuvas; mas chuvas de tal forma distribuídas – é o característico dos anos críticos – com tanta irregularidade, que ao cair uma já nada mais encontra do resultado da primeira.

Chove. Brotam os campos, fazem-se plantações. Há uma prolongada suspensão de chuvas. Tudo vai a terra, extingue-se. Novas chuvas, novas plantações. Segue-se outro verão e como consequência, o acabamento dos vestígios dessa segunda chuva-da.

É essa a marcha de muitos anos críticos, fato que concorre para aumentar a miséria da população, porque essas alternativas, que obrigam a duas e a três plantas, todas inúteis, os mínguaos recursos dos pobres são consumidos, de sorte que, ao ser conhecida definitivamente à calamidade, grandes, relativamente



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U nosso negócio é o desenvolvimento

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

grandes somas de trabalho e de dinheiro tem sido inutilmente sacrificadas.

Esses males, grandes males, serão desviados por uma regular aqudagem. Se antes da seca vier um inverno regular, todos os açudes estarão cheios. E qualquer chuva que por acaso venha no ano de seca, será aproveitada, porquanto, fixando as águas represadas em açudes, representarão grandes capitais de pingues rendimentos.

No ano presente, seco a ponto de ameaçar a população com absoluta falta d'água em muitas localidades, conhecemos alguns açudes que estão dando grandes lucros e produzindo excelentes resultados, só porque captaram águas que caíram nas poucas e insuficientes chuvas de fevereiro e princípio de março.

Entretanto, conhecemos lugares onde, apesar de iguais chuvas, por falta de açude para represar águas, nada produziram de plantas, nem de vazantes e apesar do grande riacho que banha esses terrenos a que nos referimos ter dado uma grande cheia, já há moradores ribeirinhos que buscam água com distância de uma légua. Tudo isso à falta de um açude.

Como obscurecer a verdade dos fatos e a observação dos acontecimentos?

Estrada de ferro traz incalculáveis vantagens. Mas estrada de ferro não traz água para abastecimento de toda uma população. Não traz mesmo, por si só, essa sonhada prosperidade industrial, de que fala o "Mossoroense", porque não podem prosperar indústria, centro de população, cidades, havendo falta desse elemento indispensável à vida, que chamamos água.



**Banco do
Nordeste**



U nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO

COLEÇÃO

**MZ
EM**

MOSSOROENSE



UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Pode ocasionar revolta aos espíritos sonhadores e progressistas ver tanta grandeza, tantas aspirações, toda a humanidade, todos os seres e pensamos mesmo que todo o Universo, presos a essa exigência material, que tão imperiosa se faz para o gênio, assim como para o bruto, para o indivíduo e para a coletividade. É uma coisa muito prosaica, mas antes de tudo... água.

V

É preciso dar água ao sertão; estrada de ferro não produz água. É mister colocar a indústria pastoril ao abrigo do aniquilamento, garantindo pastagem suficiente; e estrada de ferro não cria pastagem.

É indispensável obrigar o solo sertanejo à produção; estrada de ferro não fecunda a terra. É urgente deter capitais e economias do sertão dentro do próprio Estado; e importar novas riquezas; estrada de ferro, em anos secos, esterilizando o solo, não pode concorrer para esse fim.

Nas crises, a estrada de ferro servirá apenas para facilitar os transportes, aproximando mercados produtores ao sertão, que será, então, apenas um consumidor, enviando todas as economias para os centros de produção.

É questão primordial o povoamento do Estado; e a população sem fonte de receita e de produção, sem salários, sem trabalho, como acontece nas crises, não permanecerá em seus lugares, porque vivendo do dia a dia não poderá esperar. E estrada de ferro não dá salários, nem sustento a toda uma população.



**Banco do
Nordeste**



U nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO

COLEÇÃO

**MZ
EM**

MOSSOROENSE



UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

O açude, ou antes, o açudamento geral do sertão, produzirá todos esses requisitos apontados. Todo centro de população que importa mais do que exporta, forçosamente se esgotará. É uma verdade ao alcance de todos, que exprime simplesmente isso: quem despende mais do que pode, necessariamente acabará com o que possui. A açudagem torna possível a produção, o ganho, por anos secos; a estrada de ferro apenas facilita a compra (já é imensa vantagem), mas não produz, não ganha.

E depois: sem haver uma certa garantia para a produção, não haverá prosperidade para qualquer empresa de transportes. Qualquer que seja a estrada de ferro para o sertão é quase certo o déficit pelo menos durante alguns anos. Só guardará ilusões a esse respeito quem tiver boa vontade e iludir-se.

A Estrada de Ferro Conde d'Eu, na Paraíba, em 1990, ofereceu um déficit de 85 contos; a do Sul de Pernambuco apresentou déficit de 295 contos; a d Baturité, no Ceará, um saldo de mais de 500 contos. Com certeza as duas primeiras correm em regiões mais populosas, mais férteis, do que o sertão do Rio Grande do Norte. A última, além disso, tem mais a não pequena agricultura do café do Baturité, talvez o principal fator da sua receita.

É preciso, pois, cuidar seriamente da viação, mas também, ao mesmo tempo, estabelecer e fundar elementos para a sua prosperidade. É inegável que já podemos contar com um poderoso auxiliar: o sal para os sertões, se essa indústria for libertada do pesadelo que a oprime.

A açudagem fornece forte apoio à produção, maxime nos anos secos, quando ela, a produção, tende a extinguir-se, não



**Banco do
Nordeste**



U nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO

COLEÇÃO

**MZ
EM**

MOSSOROENSE



UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

havendo auxílio de açudes. Brevemente apresentaremos dados detalhados sobre um importante açude particular ainda em construção. Podemos desde já adiantar que, apesar de não estar concluído e de ter, no presente ano, recebido apenas metade do volume d'água que comporta, atualmente mais de vinte famílias plantam no mesmo açude e além do mais já tem uma safra garantida em mais de mil arrobas de algodão, além de outros produtos. Ora, em um ano em que a população abandona suas moradias por falta de salários, de recursos, e mesmo à falta d'água, já é uma imensa vantagem um açude localizando mais de vinte famílias e produzindo mais de mil arrobas de algodão, além de muitos outros gêneros. Esse açude fica no município de Caicó, propriedade do inteligente e operoso tenente coronel Gorgônio Nóbrega.

Pugnemos pela viação férrea, mas batalhemos encarniçadamente pela açudagem do sertão.

Quem ouve os gemidos dos necessitados e diariamente, nas crises, vê cara a cara a miséria da nossa população, se não for insensível às dores alheias, desterrando qualquer partícula de egoísmo, de interesse, forçosamente se empenhará nessa cruzada.

VI

O ilustre articulista do “Mossoroense” insurge-se principalmente contra açudes públicos. De fato, causa indignação o modo incorreto com que tem sido aplicada alguma verba destinada a esse fim.



**Banco do
Nordeste**



U n o s s o n e g ó c i o é o d e s e n v o l v i m e n t o



FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO

COLEÇÃO

**MZ
EM**

MOSSOROENSE



UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Se o ilustre “Mossoroense” se revoltasse contra a má aplicação da verba “açudes públicos”, contra a improbabilidade que algumas vezes tem presidido seu aproveitamento, nada teríamos a opor. Pelo contrário, estaríamos a seu lado, pois não é a primeira vez que fustigamos os que tem especulado com a miséria de nossos patrícios.

Mas o “Mossoroense” parece atacar a própria utilidade dos açudes públicos, em seus efeitos contra as crises, lamentando mesmo se vierem socorros para tal fim.

Mas é preciso notar que não é só de açudes públicos que a muamba, a improbidade estende suas garras. Qualquer que seja a obra pública, a má aplicação das verbas a ela destinadas poderá impedir sua realização.

Devemos vergastar o procedimento daqueles que, cegos pela afilhadagem, pelo egoísmo, pela ganância, não dão aplicação proveitosa, regular e consciente aos serviços que lhes incumbe. Aí é que está o mal e não na açudagem pública.

Essa obsessão de desviar dinheiro destinados ao bem comum, para saciar o bandalho dos especuladores é que constitui o grande mal que acompanha entre nós, em geral, toda obra pública.

Quanto dinheiro não tem sido gasto inutilmente para a abertura da barra do Natal? Talvez que com a metade da quantia até hoje despendida, fosse possível franquear-lhe a entrada, se desde o início dos trabalhos um seguro critério de economia e honestidade houvesse presidido ao emprego das verbas orçamentárias destinadas aquele fim. Devemos, por isso, nos insurgir contra a abertura da barra?



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U nosso negócio é o desenvolvimento

COLEÇÃO **MZ
EM**

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Qual a obra mal delineada, mal executada que não traduz resultados pouco animadores? Mesmo no Estado, temos a estrada de ferro de Natal a Nova Cruz, que sempre ofereceu péssimos resultados, servindo até de descrédito a tais empresas entre nós. Devemos, por isso, nos alevantar contra a viação férrea? Não.

E o que se dá com a açudagem oficial. Esse empreendimento, entre nós, tem sido completamente descurado. As quantias destinadas a tal fim sempre foram diminutas e essa mesma tem tido uma aplicação sem critério, à toa. E ainda essas, ineptamente empregadas, tem ido parar nas mãos de afilhados, que nem ao menos tem o decoro de coonestar o escândalo. As exceções são apontadas.

Deve por isso ser posto de lado o concurso do poder público para a açudagem? Não, pois isso, em regra, é mal que acompanha toda obra pública.

É ainda, no artigo a que nos temos referido, apontado como um grande mal que acompanha o açude público o estrago que a obra sofre, depois de concluída, pelo abandono a que fica entregue. Mas, por favor, qual é o serviço, a empresa pública ou particular que não precise de custeio, de zelo, não continue a merecer atenção, para evitar que se deteriore?! Por ventura estradas de ferro dispensam custeios e cuidados depois de concluídas as obras? É o que se dá com açudes. Em abandono, é claro, deteriora-se; precisa sempre de vigilância, de administração.

Lemos ainda no “Mossoroense”, como prova de não serventia de açudes para as secas, o fato de já ter o Ceará despendido boas somas com açudagem e ser ainda agora o primeiro a pedir socorros contra a calamidade.



Banco do Nordeste



O nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO VINGT-UN ROSADO

COLEÇÃO

MZ

EM

MOSSOROENSE



GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Podíamos inverter esse argumento, essa robusta prova contra a eficácia de estradas de ferro, afirmando também que já grandes somas se tem despendido no Ceará com sua viação férrea e apesar disso é o primeiro a clamar.

Não empregaremos, porém, esse argumento. Apenas diremos que o Ceará ainda clama por socorros, porque a sua açudagem se acha pouco desenvolvida, assim como também sua viação férrea. E clamou e tem representantes patriotas, que sabem fazer-se ouvir, que tem cotação na política da República, já foi atendido.

Mas nosso Estado, indefeso, porque seus filhos não têm valor ante o Governo da União, não tem energia, nem patriotismo, nem cotação, se a comiseração de estranhos, acordada pelas escolas superiores, não vier em seu auxílio, morrerá à míngua.

VII

Não é contra a açudagem pública, propriamente, que devemos nos levantar e sim contra a maneira pela qual tem sido posta em prática tal medida. E é justamente por isso que a açudagem particular tem sido mais proveitosa: há interesse e boa vontade em realizar o serviço.

Mas para os grandes açudes faz-se mister a intervenção oficial e o auxílio do poder público, pois tais obras, de inesgotáveis vantagens, acham-se fora do alcance dos particulares.

Um açude como o de Quixadá, no Ceará, por exemplo, não poderia ser levado a efeito por particulares. Nessa obra, no



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U n o s s o n e g ó c i o é o d e s e n v o l v i m e n t o

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

gênero a mais importante do Brasil, foi despendida, até dezembro de 1901, a quantia de 3.757:692\$249. A totalidade de suas paredes (barragens) atinge a 608 braças de extensão; as águas são representadas em uma extensão de cerca de cinco léguas. Concluído o açude, sua irrigação poderá abranger cerca de cinco léguas.

Aqui no Estado há um açude cuja construção se impõe aos governos que tiverem desejos de auxiliar o Rio Grande do Norte a debelar a crise. Referimo-nos ao ponto em que, no município do Apodi, o rio desse nome passa apertado entre duas serras: a caatinga do Apodi, de um lado e a do Livramento, do outro. A largura nesse ponto, entre rosário e Passagem funda, não será superior a trezentas braças.

Essa grande represa seria com certeza sobre uma área superior a 25 léguas quadradas, unindo em um só e belo lago as lagoas do Apodi, Boa Vista, Seca, Carrilho, no município do Apodi e Apanha Peixe e Pacó, no município de Caraúbas.

O grande vale que vai do Rosário a S. Sebastião, cinco léguas, ficaria fertilizado e é todo composto de ótimos terrenos de coroas.

A grande várzea de S. Sebastião a Mossoró, cerca de oito léguas, seria com a máxima facilidade irrigada, pois consta de terrenos completamente planos e iguais, podendo a irrigação ir além de Mossoró.

A chapada do Apodi, composta de férteis terrenos, mas desabitada, por falta d'água, seria naturalmente irrigada pelos canais que conduzem, nos invernos atuais, águas para as várzeas; o mesmo sucederia com a picada do Livramento e Caraúbas.



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U n o s s o n e g ó c i o é o d e s e n v o l v i m e n t o

COLEÇÃO **MEMÓRIAS** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Os leitos dos rios Umari e Apodi represariam muitas léguas.

Essa obra colossal, mas que com certeza não seria dispendiosa como a do Quixadá, embora muito mais útil e grandiosas. Constituir-se-ia um importante núcleo de população, de produção, de riqueza, que desterraria para sempre as funestas conseqüências das secas para a quinta ou quarta parte da população sertaneja do Estado, pois serviria aos municípios de Mossoró, Apodi, Caraúbas, Patú, Martins, Triunfo e Areia Branca e a todos os outros, que nas crises fornecem pessoal para encher os portos, onde a miséria os espera.

Ora, se a lagoa do Piató oferece uma produção do valor de cento e vinte contos, anualmente, que produção não ofereceria esse esplendido reservatório? E notando-se que se acha essa portentosa obra, existente ainda em nossa imaginação, colocada na zona que deverá ser servida pela estrada de ferro de Mossoró a Luiz Gomes, segundo o traçado de Graf. Vê-se que a prosperidade, a grandeza dessa parte do Estado chegará a um ponto muito elevado, lucrando certamente a vida de todo o Estado.

Dois ou três açudes como o que aí fica apontado serão suficientes para colocar o Rio Grande do Norte ao abrigo das secas. E então com a sua viação férrea desenvolvida, estará feito o engrandecimento de nossa terra.

Tenhamos fé e trabalhemos. Essa medida talvez pudesse ser tomada com dez mil contos e quatro vezes mais do que isto custou a seca de 77, sem ser conseguido evitar os horrores e as tragédias que a história registra.



**Banco do
Nordeste**



U nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO

COLEÇÃO **MZ** MOSSOROENSE



UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

3 – A VERDADEIRA DOUTRINA

Acostumados, como estamos, a acatar a autorizada palavra do “Diário do Natal”, o órgão da imprensa do Estado que desde longos anos, esforçadamente, defende com a máxima hombridade os verdadeiros ideais republicanos, nos alegramos de ver que ainda desta vez a sã doutrina é por ele amparada.

O esforço, a coragem e a constância do seu ilustre redator representam a encarnação pura e simples do espírito popular, armado unicamente com a verdade, essa grande força moral que, sempre clara e brilhante, sobrenada a todos os charcos, onde tentam afogá-la.

“O povo paga o tributo, o pesado imposto, arrancado do seu suor, quando colhe o fruto do seu trabalho; e por isto mesmo tem o direito de ser socorrido pelo governo do seu país, quando vitimado por uma calamidade pública; e este direito está consagrado na lei básica, na Constituição da República Brasileira”.

Esta é a verdadeira doutrina simples e singelamente ensinada pelo “Diário”, em seu nº 2.498.

Sim. Essa é a verdadeira doutrina. O povo do Rio Grande do Norte não pede um favor ao governo da Nação: exige um direito. Se a lei é uma realidade, ele tem de ser socorrido.

O art. 5º da Constituição Federal é claríssimo: “... A União porém prestará socorros ao Estado que em caso de calamidade pública os solicitar”. Até poucos dias, o Governo da União era talvez injustamente acusado, pois o Governo do Estado ainda não havia solicitado socorros. Mas hoje já o tem feito, por seu governador. Não há mais desculpas. Ainda poderá o mesmo



**Banco do
Nordeste**



U n o s s o n e g ó c i o é o d e s e n v o l v i m e n t o



FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO

COLEÇÃO
MZ
EM



UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Governo da União ter desculpas se até agora tem procurado despovoar o Estado, porque esse infeliz socorro foi solicitado (único exemplo na história pátria) como salvação pelo governador que até pouco pesou sobre o Estado. Mas hoje o atual governador já fez sentir ao Governo da União a inconveniência e desumanidade dessa medida, que só poderia ser solicitada, como foi, por quem é absolutamente alheio aos mais elementares princípios de administração e economia sociais.

A Constituição garante socorros em caso de calamidade ao Estado que solicitar.

O Estado acha-se a braços com uma das mais terríveis calamidades: a fome. O Estado acaba de solicitar socorros. É pois dever rigoroso do governo cumprir a lei.

E o que é socorrer o Estado? Será despovoá-lo?! Com certeza, não. Calamidade, ensinam aos dicionários, significa – “desastre, infortúnio, mal geral, ou que recai sobre muita gente, sobre toda uma terra”.

Ora, o êxodo, a expatriação, alugar os filhos do Rio Grande do Norte aos fazendeiros do sul, ou atirá-los nas matas do Amazonas, sem o mínimo conforto, arrancando-os violentamente pela coação da fome a seus lares, é certamente um desastre, um infortúnio, um mal geral, ou que recai sobre muita gente; isto é, é uma calamidade.

O despovoamento do Estado é um infortúnio, um desastre, um mal geral, que recai sobre toda uma terra. É uma calamidade para o Estado. Como é pois possível cumprir a lei básica, que manda socorrer em caso de calamidade, se os socorros pos-



**Banco do
Nordeste**



U n o s s o n e g ó c i o é o d e s e n v o l v i m e n t o

**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MZ
EM**

BRASIL

U M P A Í S D E T O D O S
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

tos em execução constituem uma calamidade?! Não é possível ao caso a lei dos semelhantes.

Uma calamidade não é socorro contra outra calamidade; são assim duas calamidades. É tempo de acabar com isso; já está felizmente o Estado livre do governador que aninhou tal idéia.

A Constituição manda socorrer o Estado; socorrer não é expatriar, não é desterrar. Isso muitas vezes tem sido empregado pelas leis como uma pena para a punição de crimes.

O infortúnio do Rio Grande do Norte não é um crime para merecer a pena de desterro.

De hoje em diante, o senhor Rodrigues Alves não tem mais desculpas, se até ontem agindo conforme a triste lembrança do ex-governador, poderia ter; hoje não tem mais. É preciso que o Estado todo se levante e proteste contra a expatriação e desterro forçado de seus filhos. As municipalidades devem cumprir seu dever, protestando.

Felizmente, o “Diário do Natal” tem pregado a verdadeira doutrina.

Brejo do Apodi, maio 1904.

NOTA: Em seguida ao artigo, publicado pelo “Diário do Natal”.

4 – O ÊXODO

Continua o despovoamento do Estado, sob as ordens dos Drs. Rodrigues Alves e Augusto Lyra.



**Banco do
Nordeste**



U nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO

COLEÇÃO

MZ

EM

MOSSOROENSE



GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Vapores por todos os portos, desempenham a mais ingrata tarefa expatriando os nossos patrícios.

Recebemos anteontem este telegrama da vila de Areia Branca:

“Areia Branca, 26 de maio.

Diário do Natal

Natal.

Ontem seguiu deste porto, com destino ao Pará e Amazonas, o vapor Itaqui, conduzindo 1.100 Emigrantes, nossos conterrâneos! Miséria!

Correspondente

Observe-se que a constituição referida neste artigo é a de 1891.



**Banco do
Nordeste**
U nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**
**COLEÇÃO
MZ
EM**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

5 – SOCORRO OU PUNIÇÃO

“Envidai esforços retirantes seguirem sul. Telegrafei ministro pedindo instruções”. Foi esse telegrama enviado pelo “Fiscal do Governo” em Areia Branca, à comissão de ilustres e distintos cavalheiros que, em Mossoró, não olhando sacrifícios, tem empregado os maiores esforços em catar providências e socorros a favor dos sertanejos vítimas da presente seca, acossados pela fome e pela miséria.

Felizmente, a ilustre comissão respondeu, lavrando um protesto contra tão esdrúxulo parecer, protesto esse onde se nota o máximo esforço em medir palavras, em conter indignação suscitada, em sufocar a revolta provocada pelo infeliz telegrama.

A comissão fez o que deveria fazer e o que podia fazer.

Estamos certo de que se estivesse em jogo o interesse da própria comissão ou, separadamente, o interesse de cada um de seus membros, estamos certo, a resposta, coletiva ou individual, seria outra. Seria chamado à ordem o Fiscal do Governo que se animou a pedir à comissão de Mossoró auxílio moral para enviar para o sul os infelizes sertanejos.

Mas em se tratando de interesses alheios, maxime de infelizes, muitas vezes se é obrigado a uma prudência, levada ao extremo, sufocando justos assomos, sopitando em bem da causa a defender sentimentos que em diversas circunstâncias não seriam adormentados.

“Tão infeliz povo deve ter ao menos liberdade escolher lugar sua expatriação”. Foi essa a resposta da ilustre Comissão



**Banco do
Nordeste**



U n o s s o n e g ó c i o é o d e s e n v o l v i m e n t o



FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO

COLEÇÃO
MZ
EM



UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Mossoroense. Não podia dizer mais para não comprometer a sorte dos infelizes pelos quais tanto se tem esforçado.

Se o ilustre Fiscal do Governo, naquele telegrama, foi fiel intérprete do pensamento do Governo da União, é para constriar a toda alma brasileira conhecer até que ponto chega a maldade dos que nos governam, aproveitando aflitíssimas condições de um povo para obrigá-lo a um desterro forçado, a fim de favorecer regiões mais felizes.

Se é aquele o pensamento do Governo, rasga a Constituição da República, máscula e nódoa a história pátria, fugindo ao cumprimento de um preceito legal e furtando-se a um dever de humanidade. “Envidai esforços retirantes seguirem sul”... Mas é justamente o contrário que nós, do rio Grande do Norte, devemos fazer.

Na dura contingência em que nos coloca o malvado e ultra-draconiano código dos que dirigem a República: “quando um povo for vitimado por uma calamidade: Penas: Morte pela fome, ou desterro”; é preferível o Norte ao Sul.

Os pântanos do Amazonas são mortíferos. A adaptação, porém, dos sertanejos é mais fácil no Norte do que no Sul. Os sertanejos, homens de costumes simples, desconhecendo por completo as aceradas armas da concorrência, que atira o indivíduo contra o indivíduo, não podem competir com os imigrantes europeus, nascidos e educados sob o regime de brutal concorrência. No Sul, os sertanejos serão apenas jornaleiros, hóspedes em clima diverso, em costumes diferentes, chegados sem recurso algum e obrigados a aceitar o primeiro salário oferecido.



**Banco do
Nordeste**



U nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO

COLEÇÃO
MZ
EM



UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Longos anos vão se passar para que possam aspirar melhorar de condição.

Os sertanejos tem energia sobrada para a luta. Falta-lhes, porém, uma certa cultura de espírito, predicado que acompanha o colono europeu e por este adquirido, quer conscientemente, por esforço de educação, quer nas classes menos favorecidas, adquirido instintivamente, como um produto fatal do meio em que viveu.

Ao Norte, hoje, já tratarão com iguais e por conta própria, em contatos de parceria, ou acostados a patrões, sabem que em pouco passarão de simples operários a possuidores de pecúlios às mais das vezes modestos, algumas avultados, tornando-se mesmo, não muito excepcionalmente, proprietários de seringais.

Ao Sul, o viver do gancho do “dia a dia” dificilmente traz ao expatriado a doce esperança de volver ao seu lar. Ao Norte, pela facilidade de um rápido “saldo”, essa esperança de retorno constantemente lhe sorri, desde o dia da partida e constantemente é realizável.

Entre a morte pela fome e o desterro, devemos aconselhar o desterro para o Norte.

Mas não queremos ainda crer que seja esta a interpretação que o governo queira dar ao art. 5º. da Constituição. O governo do honrado senhor conselheiro Rodrigues Alves, que tanto tem feito pela Pátria, e ao qual até agora temos defendido em suas providências sobre a seca, porque o Governo que até poucos meses pesou sobre o Rio Grande do Norte, ineptamente chamou a si a maior soma de responsabilidade das infelizes medidas que nos acabrunham, aquele governo honesto, acreditamos



**Banco do
Nordeste**
U nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

ainda hoje, melhor informado por seus agentes, melhor orientado pelo atual governo deste Estado, reconsidera o seu ato interpretativo. E não consentirá que perdue a negra monstruosidade de socorrer condenando à morte pela fome, ou ao desterro. Confiemos.

20 de maio de 1904
(Diário do Natal)

Com exceção do artigo V, os demais já foram publicados no livro “O MOSSOROENSE FELIPE GUERRA” de Vingt-un Rosado.



Banco do Nordeste



FUNDAÇÃO VINGT-UN ROSADO

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U n o s s o n e g ó c i o é o d e s e n v o l v i m e n t o

COLEÇÃO **MZEM** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

6 – PROBLEMA NACIONAL

V

Exemplos como os que foram apontados, relativamente ao Açú, são numerosos.

O tenente coronel José Laurentino, também do Açú, vendeu a bom preço um terreno, por cinco contos de réis. O novo proprietário construiu um pequeno açude, no qual despendeu menos do que aquela quantia. Elevou logo o valor do mesmo terreno a mais de vinte contos, preço que já não aceita pela propriedade.

É uma verdade que não cansaremos de repetir: as terras sertanejas do Estado são as mais férteis. Já plantamos pessoalmente, em experiência, algumas sementes do algodão do Egito em terreno propositalmente escolhido entre os mais fracos do sítio Brejo, do Apodi. Esse terreno, então úmido, por chuvas recentes, não recebeu depois a mais leve neblina, nem qualquer outra irrigação; entretanto, com 45 dias depois da plantação, colhemos algodão completamente aberto.

Haja irrigação e o Estado firmará vantajosamente a sua indústria algodoeira. A indústria algodoeira é também um problema de interesse nacional. As fábricas de tecidos desenvolvem-se e aperfeiçoam-se por todos os Estados. A fábrica de tecidos é indústria que necessariamente será desenvolvida e aperfeiçoada dia a dia. No Brasil, ainda não se produz o necessário para o consumo interno; entretanto, é este um país onde a matéria prima poderá alcançar assombrosa quantidade; o clima e o



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U n o s s o n e g ó c i o é o d e s e n v o l v i m e n t o

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

sol são os mais propícios para a cultura do algodão. Nada há ainda neste Estado para melhoramento da fibra; apesar disso, é considerado entre as melhores nacionais.

O Estado de São Paulo possui 23 fábricas de tecidos de algodão, que dão trabalho a 7.697 operários, produzindo mais de 50 milhões de metros, anualmente, com um valor de vinte e nove mil contos de réis. No ano findo, importou esse Estado 4.881.361 quilos de algodão nacional, mais de 65.000 fardos de cinco arrobas, com valor de 4.000 contos; e mais de 1.600 contos de algodão estrangeiro, que veio em pasta, cardado e em fia. Esse mesmo Estado de São Paulo produziu 568.361 quilos de algodão, 7.578 fardos de 5 arrobas, algodão cuja qualidade é inferior à do Norte. É pois para este Estado do Rio Grande do Norte a cultura do algodão uma fonte de renda segura a explorar e a desenvolver.

O seu alargamento depende principalmente da irrigação. Açudes, poços, barragens submersas. E como natural consequência do aumento da produção, a facilidade de transportes, as estradas de ferro centrais.

Sabemos que o Dr. Alberto Maranhão, digno Governador do Estado, está em vias de realizar com uma casa alemã um contrato que faculta a qualquer particular fazer construir em sua propriedade um poço com um máximo de 135 palmos de profundidade, com um cata-vento funcionando para uma bomba de seis polegadas de diâmetro. Julgamos que principalmente para as várzeas de Mossoró, Açu, Apodi, Triunfo, Santana do Matos e Caraúbas, esses poços darão excelentes resultados. Custará cada um ao proprietário dois contos de réis.



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U nosso negócio é o desenvolvimento

COLEÇÃO **MZ
EM**

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Conhecemos uma certa desconfiança entre os particulares contra eles; ainda não são conhecidos e o sertanejo tem toda razão em ter receio de sacrificar seu capital, tão penosamente ganho. Entretanto, há na Várzea do Jaguaribe muitos desses poços com pouca profundidade e assentados por meros curiosos, dando já excelentes resultados.

Afigura-se nos que nas condições propostas, os poços, nas várzeas principalmente, produzirão tão benéficos resultados, que, se tivéssemos alguma autoridade, aconselharíamos a todos os proprietários a aquisição dos tais poços. Dois contos de réis... bastam 166 arrobas de algodão em pluma a 12\$000 cada uma para produzir essa quantia. Em um terreno apropriado, cuidadosamente cultivado, em um só ano haverá saldo.

Nas várzeas acima citadas são poucas as cacimbas que demandam 30 palmos de profundidade. E a água é abundante. É de esperar, é “quase certo”, que os poços darão ótimos resultados. Igual confiança não temos para o sertão de pedra. Aí, a espessa camada de granito, muito à superfície principiada, ocupa o lugar do lençol d’água. Se este aí existe no subsolo, será em maior profundidade, necessitando, para ser alcançado, romper dezenas de metros de resistente rocha.

Há mesmo divergência de opiniões entre os que tem competência na matéria, sobre a existência de camadas aquosas no pétreo subsolo sertanejo. Para este, os açudes; os açudes que precisam ser feitos em todos os lugares apropriados, mesmo nos boqueirões que abrem para as várzeas, a fim de garantir perpétuo abastecimento d’água ao seu subsolo.



**Banco do
Nordeste**



U n o s s o n e g ó c i o é o d e s e n v o l v i m e n t o

**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

7 – GRANDES AÇUDES

Não é mais necessário insistir sobre os resultados da grande açudagem. Traz todos os benefícios produzidos pela pequena e pela média açudagem, todos em maiores proporções, permitindo (o que é essencial na solução do problema) a estabilidade, a segurança, a certeza destes benéficos resultados.

Esta segurança, esta estabilidade, os pequenos e os médios açudes não podem dar contra os efeitos das secas. Não é um argumento que apresentamos contra os pequenos e contra os médios açudes. É inadmissível desconhecer o valor destes, e negar a indispensável necessidade de sua colaboração para a solução do problema das secas.

O Dr. Roderic Crandall, em sua conhecida publicação por conta da Inspetoria de Obras contra as Secas, assim dá seu parecer: “O autor é, todavia, de opinião que a solução do problema do Norte não está em grandes ou pequenos açudes, mas em ambos”. O ilustre americano, que com tanta exatidão e com inexcusável critério observou o Nordeste, escreveu uma indiscutível verdade. O problema das secas requer, para sua solução, o concurso dos pequenos, dos médios e dos grandes açudes. Uns não excluem nem dispensam outros: são medidas que se complementam.

O concurso oficial, a intervenção do Poder da União pode, porém, e deve ser aliviado da pequena açudagem e mesmo da média, se cuidar, séria e eficazmente, da grande açudagem, das grandes obras, tão indispensáveis quanto fora da possibilidade dos particulares.



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U n o s s o n e g ó c i o é o d e s e n v o l v i m e n t o

COLEÇÃO **MZ
EM**

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Onde, porém, não for possível o grande açude, é indispensável a ação oficial para multiplicar o número de açudes médios.

A pequena açudagem pode e deve ser deixada à conta dos particulares, porquanto, indispensável, embora, para o bem estar da população e incremento da região, está ao alcance dos mesmos e não convém desviar quantias destinadas às grandes obras.

O grande açude, obra de custo elevado, só poderá ser, de fato, “grande açude” acumulador de abundantes reservas d’água, se contar com suficiente suprimento, o que exige projetar cada obra de acordo com a respectiva bacia, tendo em vista o regime torrencial da região.

Para que o grande açude seja suficiente como obra contra os efeitos das secas, é necessário que seja construído em local que ofereça vasta área a ser fertilizada, isto é, irrigada.

Os terrenos da bacia hidráulica dos grandes açudes permanecerão em sua maior parte inundada. Oferecerão maiores ou menores vantagens para o cultivo de vazantes, conforme a configuração e relevo dos terrenos marginais, conforme as “entradas”, “cantos”, “baixios” e diversos rios e riachos convergentes. Além do aproveitamento desses terrenos à montante, que podem ser extensos e valiosos, oferece ainda o grande açude a possibilidade de trabalhos da irrigação de terrenos também à montante, com o emprego, para tal fim, de acordo com as exigências do solo, de pequenos canais de irrigação, “levadas”, bombas, etc.

Pode-se, pois, afirmar com segurança que todo grande açude oferecerá em sua bacia valiosos terrenos a explorar e poderosos recursos contra as secas. Mas a maior vantagem para a produção, os mais abundantes e poderosos meios para a luta



**Banco do
Nordeste**



U nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO

COLEÇÃO

**MZ
EM**

MOSSOROENSE



UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

contra a esterilidade das secas, que os grandes açudes são chamados a eliminar, repousam na produção que os terrenos irrigáveis à jusante possam oferecer.

Esta irrigação é, em regra, a mais fácil, pois obedece ao declive natural do sol. Esses terrenos à jusante não ficarão sujeitos a intempestivas submersões; sua cultura poderá ser metodizada, firmada com segurança, porquanto a falta de inverno, a tardança de chuvas, o aparecimento de verão prejudicial, todos esses males, originados pela irregularidade das estações, encontrarão o seu corretivo imediato e eficaz.

O grande reservatório representa o papel regulador da estação e do regime das águas que distribui: evita inundações e corrige os verões, permitindo a continuidade da produção agrícola. No sertão das secas não há estação própria para o algodão, para o arroz, para a cana, para o feijão, para o milho, para a banana, para a batata, etc. Havendo solo fresco, boas colheitas são obtidas, mesmo em plena, absoluta e prolongada seca. É fato observado constantemente e sobre o qual não há dúvidas.

A lavoura das vazantes dos rios, dos lagos e dos açudes é a única e relativamente abundante fonte de produção agrícola com que contam os sertanejos em todas as secas. A agricultura atual de vazantes, cultivando o leito dos rios, as bacias das lagoas e dos açudes são precárias, é, por sua natureza, provisória e arriscada.

Não é fato excepcional, na penosa luta dos sertanejos das secas, achar-se um açude coberto de bela e promissora cultura de batatas, milho, feijão, capim, etc., prestes à colheita e, em uma noite, ficar tudo isso debaixo d'água, sem que nada possa ser aproveitado!



**Banco do
Nordeste**



U n o s s o n e g ó c i o é o d e s e n v o l v i m e n t o



FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO

COLEÇÃO
MZ
EM



UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Nos anos de estação normal, as vazantes dos rios são iniciadas em agosto, ou melhor, em setembro, pois neste mês já os rios têm secado e já sopra o vento do nordeste, que é, por sua relativa umidade, muito favorável ao desenvolvimento das vazantes. Em janeiro estão ainda em plena prosperidade. Uma noite de chuvas, não esperadas, nas cabeceiras do rio, aniquila, destrói, carrega todas aquelas vazantes, em extensão de dezenas de quilômetros!

Uma dessas chuvas antecipadas nos rios do Seridó dá prejuízos de centenas de contos de réis! Estes prejuízos algumas vezes sucedem em ano de seca. E assim é fácil imaginar que dificuldades sobrevêm, então, aos agricultores e criadores, que só podiam contar para sua subsistência e para salvação de seus gados, com aqueles recursos assim destruídos!

E quando o rio “vem de cima”, antes de se manifestar o inverno na zona percorrida por essa primeira enxurrada, devastando as vazantes e deixando a região assolada sem chuvas, continuando sob a inclemência da seca, talvez interrompida durante o ano apenas por aquela irrigação malfazeja? E, ainda, quando em ano de seca declarada, plantadas cedo as vazantes já bem principiadas? Episódios e casos como esses que, parece, conspiram contra o esforço e contra a resistência dos sertanejos das secas, são constantes e comuns. E a todos esses desastres, algumas vezes conjugados, opõem os sertanejos inabalável coragem, invencível firmeza.

É por conhecer tão acidentada existência, que continuamos admiradores da tenacidade, da resistência e da fortaleza desses obscuros sertanejos do nordeste das secas, valioso elemento, entre os



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U nosso negócio é o desenvolvimento

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

mais valiosos, para a grandeza da Pátria. Não são parasitas; são heróis que conquistam e defendem o solo pátrio.

A agricultura, colocada sob a proteção dos grandes açudes, principalmente aquela que eu for explorada nas terras irrigadas a jusante, perde o seu característico de incerteza, deixa de ser avencionais, permitindo seu aperfeiçoamento. Resulta daí que muito e muito influi sobre o valor de um grande açude a sua área de irrigação a jusante.

O grande reservatório, dispendioso, de construção elevada, se não tiver abundantes terras a irrigar, ficará com o seu valor muito diminuindo em relação à sua possível produção. Não será, com certeza, uma obra inútil, pois na região das secas não há açudes inúteis, grandes ou pequenos. Apenas afirmamos que a grande obra que visa atacar pela base os maléficos efeitos das secas, que afinal de contas podem ser reduzidos a uma principal-impossibilidade de produção agrícola- não alcança o fim a que se destina, se não tiver vasta área de irrigação.

É possível determinar, assim, os três principais requisitos para vantajosa construção de grande açude: 1º - suprimento de água; 2º - local adequado e 3º - área a irrigar. Além destes três principais, outros existem que não são para desprezar: abundância de materiais para a construção e facilidades de transportes; população a beneficiar; desapropriações a realizar, etc.

Consideramos principais aqueles três requisitos, porque a falta de um deles é bastante para dificultar ou mesmo condenar a obra.

No Rio Grande do Norte, no sertão árido, o vale que melhor preenche aqueles 1º e 3º requisitos é o vale do rio Açu. É o



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U nosso negócio é o desenvolvimento

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

maior suprimento d'água da região e é o vale que, nas várzeas do Açú, maior área de irrigação oferece. Não há, porém, local apropriado para uma possante barragem, com bacia hidráulica capaz de represar água necessária para a irrigação. Não há, aí, um boqueirão a tomar, um lago a refazer.

No Seridó, sabemos do “Gargalheira”, que julgamos capaz de ser elevado a proporções de grande açude, em local adequado, tendo suficiente suprimento d'água. Oferece também regular quantidade e excelente qualidade de terrenos a irrigar; mas não são estes muito vastos, restritos como são leitos aos dos próprios rios. Entretanto, esses leitos de rios são relativamente amplos, e são tão férteis e produtivos que justificam, exigem mesmo a construção do “Gargalheira” como grande açude.

O rio Upanema oferece também regular suprimento d'água; o seu vale representa área capaz de irrigação.

Vários pontos já tem sido estudados para localização de barragem, entre os quais “Taboleiro Grande”, “Sant’Ana”, “Barbadinho” e um outro, com capacidade, respectivamente, para 23 milhões, 61, 8 e 50.

É provável que se possa elevar qualquer desses açudes estudados em obra mais vultosa, se as necessidades de irrigação do vale assim exigirem.

O rio Apodi ou Mossoró oferece no lugar “Passagem Funda” ponto para um grande reservatório. O suprimento d'água que fornece o rio, pensamos que, é suficiente para encher o açude, talvez em um só ano. Para a bacia hidráulica do reservatório deitam suas águas os rios Apodi e Umari e grandes riachos, tais como o “Sabemuito”, o “Cumbe”, o “Mulato”, além de outros



**Banco do
Nordeste**



U nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO

COLEÇÃO
MZ
EM



UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

menores. Todos esses rios e riachos são marginados por largos baixios, terrenos que, como bem conhecem os sertanejos, são mais férteis e agrícolas entre as férteis terras da região.

A bacia hidráulica é formada pela larga várzea que do pé da chapada do município de Apodi se estende ao município de Caraúbas, continuando pelas caatingas de “Livramento” e “Sabemuito”. É aí a várzea ladeada pela alta chapada do Apodi, à margem esquerda, e pela picada do “Livramento”, que se alteia em suave rampa até o ponto “Livramento”, local este último muito indicado para um médio açude e que ficará com seus terrenos irrigados pela represa do “Passagem Funda”.

Quer à margem esquerda, quer à margem direita, a várzea, em alguns pontos faz entrada para as chapadas, havendo desses “Cantos” com alguns quilômetros de extensão, que oferecem capacidade de médio açude.

Julgamos não ser exagerado calcular a capacidade do grande reservatório em cerca de dois bilhões e meio de metros cúbicos, capacidade raramente alcançada pelas grandes obras de irrigação e que apresente dezoito capacidades do açude do “Quixadá”, atualmente a maior obra nacional de irrigação.

Estes cálculos são baseados sobre a extensão média da represa de doze quilômetros sobre igual largura, em dez metros de profundidade. E não há exagero, porquanto de “Passagem Funda” à “Ponta” da lagoa do Apodi, onde alcançará a represa, são mais de vinte quilômetros, linhas que respectivamente representam comprimento e largura da represa do grande lago.

Estamos convencidos de que as chapadas marginais, principalmente à margem esquerda, entre Apodi e Mossoró,



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U nosso negócio é o desenvolvimento

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

cerca de noventa quilômetros, com uma largura de algumas dezenas de quilômetros, até encontrar o vale do rio Jaguaribe, no ceará, ficarão irrigadas, aptas para a agricultura, ótimos terrenos agrícolas que são, pela natural filtração das águas do grande lago, dispensando mesmo obras de canalização.

Se esta previsão realizar-se, como acreditamos, ganhar-se-á para o Rio Grande do Norte o maior e mais fértil trato agrícola, com capacidade para produzir algodão em quantidade superior à maior produção de algodão do Estado, nestes últimos anos.

Não são só esses terrenos à montante e marginais que se oferecem. Há, ainda, os terrenos irrigáveis à jusante. Da cidade de Mossoró ao povoado de São Sebastião, do mesmo município, são sete léguas; deste último ponto à “Passagem Funda” são 25 quilômetros. Mossoró e São Sebastião acham-se, respectivamente, a 10 e a 35 metros sobre o nível do mar, segundo observações do Dr. Roderic Crandall. A altura da “Passagem Funda” não foi observada; não será certamente inferior a 45 metros, pois a elevação de São Sebastião a Passagem Funda é mais acentuada do que de Mossoró a São Sebastião.

De “Passagem Funda” a Mossoró são, pois, cerca de 60 quilômetros percorridos em toda a sua extensão pelo vale do rio Mossoró, que corre por várzeas de largura máxima superior, talvez, a seis quilômetros.

Não há exagero em calcular o vale irrigável à jusante de terrenos agrícolas. Não estão incluídos nesses vinte mil hectares, aqueles que já analisávamos, os à montante, os laterais e os que à jusante acompanham o vale do rio Mossoró até ao litoral.



**Banco do
Nordeste**



U nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO

COLEÇÃO

**MZ
EM**

MOSSOROENSE



UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

As terras da caatinga Apodi-Mossoró, laterais são consideradas das mais fortes, prodigiosas para a agricultura. Quanto aos terrenos do vale, irrigáveis, podem repetir o que já deixamos publicados em 1909: “Esses terrenos de várzeas e “coroas” são em tudo iguais aos do vale do Jaguaribe, sobre o qual assim se exprime o Dr. Moura Brasil, em artigo publicado: “tem margens muito baixas, constituídas por planícies de léguas de terras húmidas, de tal sorte férteis, que um notável geólogo, homem de elevada competência, ao examiná-los disse: - “Vale bem exportá-las como adubo para a Europa”.

Nada mais é preciso acrescentar para mostrar que o “Passagem funda” oferece enorme área de terrenos ótimos para a agricultura, facilmente irrigáveis e que, computados os terrenos marginais ao mesmo vale, representam algumas centenas de milhares de hectares de terras ganhas para a produção, mesmo durante a mais rigorosa seca. A reserva d’água será mais que suficiente para todas as necessidades da irrigação.

Resta saber se o local prestar-se à construção do poderoso dique. Bacia suficiente, já vimos, o local oferece: são as várzeas dos municípios de Caraúbas e de Apodi. Em Passagem Funda, as chapadas marginais às várzeas aproxima-se, formando estreita passagem e assim acompanham o curso do rio, cerca de meia légua. O ponto mais apertado desse boqueirão entre as chapadas que aí se elevam cerca de cinquenta metros sobre o leito do rio, mede cerca de duzentos metros de largura; e o mais largo, mede cerca de quatrocentos metros. É nesse espaço onde deve ser estudado e localizado o dique para formar o grande lago.



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U nosso negócio é o desenvolvimento

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Ignoramos se o local apontado oferece facilidades e condições técnicas para a construção da grande obra, em relação à solidez de suas fundações. Todas as outras facilidades são encontradas.

Acha-se relativamente perto de um porto marítimo já ligado a Mossoró por estrada de ferro, que sendo prolongada, conforme autorização já concedida, irá forçosamente a São Sebastião, mais aproximado ainda depois deste último local.

Além das vantagens gerais que a açudagem traz à região das secas e que não podem ser contestadas, além daquelas já apontadas do “Passagem Funda”, há ainda a salientar: de Passagem Funda a Mossoró o rio ficará perene, tornando possível o abastecimento de água potável à cidade de Mossoró, que tanto tem progredido, apesar de notável e permanente falta de regular abastecimento de água potável.

Na presente seca, aqueles que desejam melhor água do que aquela que abastece a população, água cacaria e de má qualidade, compram água levada de Tibau, em costa de animais (cerca de 60 quilômetros) a dois mil réis a lata de querosene – oito mil réis a carga! Basta este fato para mostrar a urgência de abastecimento de água de Mossoró, a mais comercial da cidade do Estado e que dia a dia progride.

É uma pequena cidade sertaneja, de cerca de oito mil habitantes, iluminada a eletricidade, nela existindo trinta e cinco automóveis particulares. E o que é mais notável e digno de menção, os mossoroenses, sem estradas trabalhadas, vão introduzindo o emprego de automóveis nos sertões, realizando viagens de Mossoró a Quixadá, no Ceará, cerca de 300 quilômetros, através de caminhos sertanejos; de Mossoró a Souza, na Paraíba, mais



**Banco do
Nordeste**
U nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

de trezentos quilômetros; a Catolé, Pombal, Brejo do Cruz; e a Martins, Pau dos Ferros, Patu, Campo Grande, Caraúbas, Apodi, no Rio Grande do Norte.

Acabam os Governos Municipais de Mossoró e Açu de ligar as duas cidades por uma estrada para automóveis. Para uma cidade de que apresenta tais elementos de vida e de progresso é de máxima importância o problema da água.

Há objeções contra a construção do grande lago, que será o “Passagem Funda?” Não conhecemos objeções que possam ser opostas contra o “Passagem Funda” em particular. Pois as principais que apresentam, são objeções gerais contra os grandes açudes, mas que não podem contrabalançar a urgente necessidade de grande açudagem.

É perigoso construir o “Passagem funda”, diz-se, porque se “arrombar” será uma devastação em toda a região à jusante, da qual não pode escapar a cidade de Mossoró, que será destruída. É certo: Mossoró será arrasada, se o “Passagem Funda”, cheio, romper o dique. Mas isso é objeção a todo grande açude. Qualquer reservatório grande no vale do Jaguaribe ou em qualquer outro vale, levará completa devastação à região percorrida pela enorme vaga, até o mar. Mas a possibilidade de um desastre não serve para condenar um grande empreendimento, Indica a importância da obra a realizar. Mostra o cuidado que exige e aconselha o emprego metuculoso e severo de todos os meios que a ciência ensina e a arte aconselha para garantia da obra.

Não é trabalho para profissionais descuidosos; exige muita competência, muito critério, muita serenidade e inteira consciência da responsabilidade profissional.



Banco do Nordeste



U nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO

COLEÇÃO

MZ

EM

MOSSOROENSE



UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

As grandes represas levadas a efeito na América do Norte, no Egito, na Índia Inglesa, na Argélia, aí estão para atestar o progresso da engenharia em suas aplicações práticas em construções hidráulicas. Seria um cataclismo para a região o desmoronamento de um grande açude. Dessas grandes obras devem ser afastados os incompetentes; seria um crime qualquer tolerância.

Não sabemos se a engenharia nacional, que tantos nomes gloriosos conta, e que tão brilhantes provas tem dado em serviços de viação férrea e trabalhos outros, levará a bom êxito as grandes obras de represas. Não temos atrevimento de manifestar opinião em matéria totalmente fora do nosso conhecimento.

O critério e o patriotismo daqueles que resolveram salvar o Norte das secas pela grande açudagem são de ordem a tranqüilizar o espírito dos que temem a insegurança das grandes obras.

Outra objeção contra o “Passagem Funda” é o custo das desapropriações reclamadas pela obra. Qual o grande açude que não exija vasta desapropriação? O “Passagem Funda” não exige a desapropriação de um povoado, se quer. Em os terrenos destinados à sua bacia hidráulica existem poucos prédios de construção regular; existem numerosas casas e casebres de má construção e de taipa.

Alega-se também que existem valorizados carnaubais. Não é tanto. Na várzea do Apodi existem à margem direita do rio alguns carnaubais; mas na grande da várzea existem carnaúbas esparsas, disseminadas, que não podem formar “carnaubais”.

Em quase toda a várzea existem carnaúbas; carnaúbas, propriamente, não ocupam um terço da várzea.



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U n o s s o n e g ó c i o é o d e s e n v o l v i m e n t o

COLEÇÃO **MEM** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

A carnaúba é uma palmeira muito valorizada; mas é preciso lembrar que nas secas os carnaubais não abrigam “retirantes”, sendo, como é, sua exploração uma indústria que demanda escasso pessoal.

Já examinamos esta questão de carnaubais em uma monografia sobre a carnaúba, publicada no "Boletim" do Ministério da Agricultura.

Caso haja necessidade de desapropriação de terrenos laterais, são estas terras de caatinga, atualmente muito desvalorizadas por falta de aguardas.

Cabe aqui examinar ligeiramente as opiniões que se debatem sobre desapropriações para os grandes açudes. Há quem aconselhe desapropriação sobre a totalidade dos terrenos que serão beneficiados pela irrigação do açude. Parece-nos que esta opinião não consulta os interesses da região e muito menos os interesses do Tesouro.

Seria preciso desapropriar os principais vales da região das secas, isto é, os mais valorizados. Isso traria como resultado o esgotamento de verbas que deveriam ser aplicadas à construção das obras.

Quanto será necessário para desapropriar centenas de quilômetros do grande vale do Jaguaribe e de seus afluentes, no Ceará? E o Piranhas, na Paraíba?

Que necessidade impõem a desapropriação das onze léguas do vale Apodi - Mossoró, de Passagem Funda a Mossoró? É indispensável desapropriar os terrenos da bacia hidráulica do grande açude; é uma obrigação imposta pela lei garantidora da propriedade privada.



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U nosso negócio é o desenvolvimento

COLEÇÃO **MEM** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

É também indispensável desapropriar uma certa área dos terrenos irrigados, que poderá ser a terça ou quarta, ou até mesmo a quinta parte da totalidade beneficiada pela irrigação, conforme a extensão do vale. Essa porção assim desapropriada será subdividida em pequenos lotes, que serão vendidos por prestações módicas aos pequenos agricultores, para exploração sob determinadas condições, sendo também separada uma área para nela ser fundada ou oficialmente, por conta do Governo, ou mediante contrato a favores concedidos a empreendimentos particulares, um pequeno núcleo agrícola para cultura racional do solo, onde serão ensinadas e exibidas pela prática e observação de fatos positivos, as vantagens e os métodos mais adequados para a melhor e mais compensadora exploração agrícola.

Este núcleo de trabalho e de ensino prático poderá ser localizado convenientemente, ocupando parte do terreno desapropriado.

Não é necessário desapropriar todos os terrenos beneficiados. Qual o inconveniente que oferece continuarem os vales irrigáveis sob o regime da propriedade particular? Açambarcamentos, latifúndios, exploração de operários... são frases que no Brasil tem menos significação e sentido nenhum no Nordeste seco, onde a propriedade territorial se acha muito subdividido, de forma que, em regra, os "grandes proprietários" são os próprios operários rurais.

Os vales irrigados serão cultivados, serão explorados. Os proprietários necessitarão do concurso dos trabalhadores rurais para incrementar a produção. E além disso, é possível uma regu-



**Banco do
Nordeste**



U nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO

COLEÇÃO
MZ
EM



UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

lamentação legal do trabalho que melhor garanta e projeta os interesses do operário rural.

Em capítulo adiante, melhor examinemos o assunto. Julgamos que para alcançar o incremento que alcançou a pequena lavoura no Rio Grande do Sul a dar ao operário dos campos relativa prosperidade, não houve mister desapropriar vastos trechos de terras.

O bom senso aconselha aqueles que conhecem a região das secas, evitar embaraços que possam trazer à solução do magno problema, teorias mais ou menos aceitáveis, mas que podem ser belas fantasias, capazes de criar empecilhos contra males possíveis e nada prováveis.

Já lemos por aí, algures, que logo depois da descoberta da grande força de locomotiva, foi, na Alemanha, ao discutir-se a viabilidade de construção de linhas férreas, nomeada uma outra comissão de sábios competentíssimos, para exame da questão. A douta comissão apresentou luminoso parecer pouco favorável, terminando por declarar que seria necessário erguer ao longo das linhas, de ambos os lados, altas muralhas, a fim de evitar a sensação que sofreriam os passageiros, pela grande velocidade; sensação que, a não ser evitada, produziria a loucura não só dos passageiros, como também dos que de fora olhassem. Não temos observações para afirmar ou negar o valor daquele luminoso parecer, na época atual, em que grande parte da humanidade tendo sofrido a impressão da velocidade dos trens de ferro, principia a conhecer a maior velocidade da locomoção aérea e a ser vítima da loucura dos chauffeurs.



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U nosso negócio é o desenvolvimento

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Não sabemos mesmo se vindo ao mundo agora, aquela dou-
ta congregação encontraria elementos para reafirmar e robustecer a
conclusão adotada. Apenas, nós que sofremos secas, a todos implo-
ramos que não ergam embaraços à larga e metódica irrigação da
região, sob fundamento de amparo aos sertanejos, pois isso seria
condená-los a morrer de fome e de miséria, com o fim de protege-los
contra possíveis explorações. Não tenhamos pressa em sacrificar
grandes quantias para desapropriar várias áreas.

Isto é um outro vasto problema, que não pode ser acumulado
ao problema das secas, sob pena de esgotar as verbas destinadas à
urgente e inadiável solução deste último. Seria um ideal solver de
chofre dos árduos cometimentos. Não é possível. E demais, parece-
me, a mim, enxergar alguma analogia entre aqueles que pugnam
pela desapropriação das terras, com sacrifícios para o Tesouro, e
aqueles que, no antigo regime, abolicionistas humanitários e since-
ros, pugnavam pela abolição mediante indenização da propriedade
escrava. Julgam longínquo que se aproxima.

Encaremos por enquanto o mais urgente, sem criar difi-
culdades. Os sertanejos do Nordeste a salvo de sucessivas, mar-
tirizantes e esgotadoras crises, continuarão com sua vida relati-
vamente feliz, com forças e energias para incrementar o pro-
gresso da região, conforme sobejas provas e palpantes fatos,
que acompanham sua existência aventureira e ousada.

NOTA: Publicado no “Jornal do Comércio”, do Rio, de 20 de dezem-
bro de 1919. Quanto ao vale do Açú o DNOCS está construindo um
grande reservatório, a barragem Armando Ribeiro Gonçalves.



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U nosso negócio é o desenvolvimento

COLEÇÃO **MZ
EM**

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

8 – A PROPÓSITO DAS SECAS

Quando Juiz de Direito em Mossoró (1909-1918), tivemos ocasião de entreter com o Dr. Pires do Rio e com o Dr. Flávio de Castro uma longa conversa a propósito das secas do Nordeste. Passamos a resumir o seu conteúdo:

Disseram eles que o fenômeno das secas é inevitável no Nordeste. Por conseguinte, a crise, a desgraça que esse mal suscita, em seu aparecimento, pesará sempre sobre a região, acompanhando a seca. A seca suspende a produção, suspende também o nascimento de pastagens. A desgraça virá, pois, para a população e para a pecuária. É o que sucederia em Londres, por exemplo, se não fosse abastecida durante alguns meses. Se falhasse por completo a produção de café em São Paulo, a miséria da população seria incalculável; haveria fome.

De pleno acordo, respondemos. Mas se houver um meio de garantir o abastecimento de Londres e a produção de café de São Paulo, a desgraça será evitada. O mesmo se diga com relação ao Nordeste. O que é seca, “economicamente” falando? Ou por outra, qual a origem dos males produzidos pela seca? A impossibilidade, a que o solo fica condenado, para a produção.

Se houver possibilidade de evitar esse mal, se metódica irrigação permitir o cultivo e a produção do solo em um ano “seco”, terá desaparecido a seca, “economicamente” falando; terá desaparecido a causa do malefício base da desgraça da seca.

Uma objeção surge imediata: A área irrigável dos Estados vitimados pela seca é relativamente diminuta. Assim sendo, mesmo aquela irrigação metodizada será insuficiente para suprir



**Banco do
Nordeste**
U nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**
**ME
EM**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

o desfalque da produção acarretado pela seca, em relação aos terrenos não atingidos pela irrigação artificial dos açudes, reservatórios, canais, etc.

Essa objeção pode ser respondida de um modo geral; e de um modo particular, pelo exame das condições especiais da região das secas.

De um modo geral; Calculamos que o sertão seco do Rio Grande do Norte, onde há, até, “catingas” perfeitamente irrigáveis, tenha uma areia irrigável igual a 10% (dez por cento) da sua área total. Essa área irrigável exprime a área cultivável nas secas e o que é essencial nas secas, significa área efetivamente cultivada. A necessidade obriga a aproveitar o terreno.

Já é fato observado nos municípios onde o homem é mais esforçado: na seca, não permanece sem aproveitamento a mais insignificante nesga de “terra fresca”. Um povo que tem “raspado” dois a três palmos de areia, no leito do rio, para encontrar terreno com umidade onde possa plantar, não pode deixar dúvidas sobre a sua capacidade para aproveitar qualquer irrigação. Em vista disso, os 10% irrigáveis serão terrenos efetivamente cultivados e, nessas condições, terão poder mais que suficiente para o abastecimento da região.

Isto afirmamos pelo que se observa em outros Estados prósperos. Tomemos, para comparação e exemplo, o Estado de São Paulo, que já estamos habituados, na Federação, a apresentar como modelo. Fora de dúvida, a área cultivável de São Paulo representa muito mais de 10% sobre a sua área total. A sua área efetivamente cultivada e que o tem elevado à pujança que ostenta, qual será? Não temos dados para uma avaliação exata. Avali-



**Banco do
Nordeste**



U nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO

COLEÇÃO
MZ
EM



UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

aremos aproximadamente. Segundo os cálculos do Barão Homem de Melo e do seu filho, Dr. F. Homem de Melo, a área de São Paulo é de 290.876 quilômetros quadrados. Conforme publicação do Ministério da Agricultura de São Paulo, “Boletim do Departamento Estadual do Trabalho”, abrangendo o 1º trimestre de 1912, vemos que “a mais importante cultura do Estado de São Paulo, a que constitui propriamente a sua riqueza agrícola, é a do café, que ocupa a maior parte do pessoal rural e que, em 1910, atingia a uma área cultivada de 881.053 hectares”. Essa área cultivada dá 3,02% da área total. Digamos 3%, para arredondar a conta.

Demos, talvez com exagero, para a demais culturas de São Paulo, 4% da sua área total. Aí temos 7% para a área total, efetivamente cultivada em São Paulo.

Se de São Paulo passarmos a comparações com Bahia, Minas e outros Estados, que alimentam respeitáveis populações, exportando ainda gêneros em quantidade, veremos que em um ano de seca não haverá necessidade, para o abastecimento da região, de cultivar todos aqueles 10% da área irrigável. Os 10% cultivados, mesmo 5% cultivados, serão bastantes para uma suficiente produção.

E de um modo peculiar à região das secas: É preciso que fique bem acentuada esta verdade, rigorosamente provada pela observação - na seca, havendo irrigação, a produção não é suspensa. Para evitar delongas de palavras, citamos apenas um fato: Em princípios de 1916, depois de mais de um ano de seca, os terrenos “frescos” do leito do rio Açu, próximos a essa cidade, forneceram a vários municípios vizinhos o feijão necessário para



**Banco do
Nordeste**



U nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO

COLEÇÃO

**MZ
EM**

MOSSOROENSE



UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

as plantações do ano que principiava. Aqui mesmo, no mercado de Mossoró, milhares de litros de feijão foram vendidos para dentro e para fora do município. O mesmo sucedeu no Apodi, com a sua cultura de arroz.

É de notar que a região das secas já tem selecionado excelentes produtos de precoce desenvolvimento. Há, de uso comum, principalmente no Seridó, milho e feijão que, do dia do plantio até o dia da colheita, não necessitam mais do que de dois meses - sessenta dias. Nessas condições é possível, e é fato, em dez meses de seca, fazerem-se três plantações e três colheitas.

No curto trecho do leito do rio de Mossoró e São Sebastião, nas secas, há plantação de alho, cebola, uma ou duas colheitas de batatas e até, no leito do rio, pequena plantação de mandioca que, plantada em julho ou agosto, é safrejada em janeiro ou fevereiro, dando uma pequena produção de farinha de vinte a trinta mil litros, e mais, nas boas safras.

A indústria pastoril também ficará salva guardada sob o regime de metódica irrigação. Já hoje o pequeno criador, tendo o seu açude cheio ao enfrentar a seca, sabe que terá pequeno prejuízo em seu gado. As folhas, as “ramas”, os resíduos das plantas alimentícias são poderosos auxiliares. E mais a cultura de diferentes espécies de capim, capazes de dois cortes, de três em três meses, sustentam e salvam os gados. Está claro que o grande criador não poderá, com pequeno açude, salvar seus gados; esse terá necessidade de maior açude.

Fatos: Na região do Seridó, já hoje, é onde, nas secas, se dá o menor prejuízo nos gados, devido aos terrenos irrigados dos açudes, dos rios, já observamos o seguinte fato, muito expressi-



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U nosso negócio é o desenvolvimento

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

vo: em 1898, ano de rigorosa seca, éramos Juiz de Direito da Comarca de Caicó, região do Seridó. Tivemos de processar um inventário e partilha, em agosto, em plena devastação da seca. Foram dados a inventário cerca de quatrocentas rezes. Havia tal desvalorização do gado, que o boi e a vaca foram avaliados a cinco mil réis e até menos: “garrotes”, a dois mil réis; éguas, a mil réis, etc. Os herdeiros com má vontade aceitavam esses gados, pois em geral estavam com seus pequenos açudes secos. Um deles, o capitão Manoel Gonçalves de Melo, que por felicidade tinha seu açude cheio por uma chuva “casualmente” caída em suas terras, no tempo da falhada estação chuvosa, comprou a vários herdeiros um número relativamente elevado de rezes. Conseguiu fazê-las “escapar” em seu açude. Logo no começo do ano seguinte, aquelas rezes compradas a cinco mil réis alcançavam o preço de oitenta e de cem mil réis. Não haja dúvidas: a irrigação garante a indústria pastoril sertaneja, permitindo, até, o desenvolvimento de pastagens artificiais, o plantio de árvores forrageiras, cactos, etc.

Aqui ficamos, para evitar maior abuso da paciência alheia. Escrevemos estas linhas sem pretensões. Apenas desejos de chamar a atenção daqueles que tem idéias claras sobre o problema das secas, mas que não desprezarão observações de fatos merecedores de uns exames competentes, que não o poderíamos fazer.

FONTE: Nordeste Semi-Árido – Velhos problemas sempre atuais. Coleção Mossoroense – Volume CXXXV – 1980.



**Banco do
Nordeste**



U nosso negócio é o desenvolvimento

**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

FELIPE GUERRA

A SECA DE 1915 (CRÔNICA DOCUMENTADA)

EXPLICAÇÃO

Em 1915 residia em Mossoró, ocupando o cargo de Juiz de Direito da Comarca. Nesse ano a cidade esteve com sua população talvez duplicada pelas vítimas da seca, que se declarou, e que dos sertões chegavam à procura de trabalhos, de recursos quaisquer, pois não seria possível morrer de inanição, sem luta, sem esperanças.

Tomei parte, com muitos outros, nos esforços que fazíamos para minorar o sofrimento dos flagelados. O meu esforço, infelizmente desvalioso e pouco eficiente, colocou-me em contato com os poderes públicos, dos quais esperávamos auxílios e amparo às vítimas da calamidade.

Mensagens, telegramas, apelos eram trocados não só com o mundo oficial, como também com particulares, corporações, com todos aqueles de quem esperávamos solidariedade, conforto, socorro.

Dos poderes públicos desejávamos mais do que isso; esperávamos o cumprimento de deveres humanitários e econômi-



**Banco do
Nordeste**



U nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO

COLEÇÃO

**MZ
EM**

MOSSOROENSE



UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

cos impostos por leis, são política social, por vitais interesses nacionais.

Mais de vinte e cinco anos depois, residindo em Natal, procurei “fazer uma limpeza” de papéis velhos, que se achavam guardados em meu mais do que modesto arquivo.

Encontrei telegramas, mensagens, documentos relativos àquela época. Senti remorsos em destruí-los. Nada se havia ainda publicado no Estado sobre a seca de 1915. Aqueles documentos não me pertenciam. Pertenciam a uma triste página da dolorosa história do Rio Grande do Norte. Era o estudo de uma época e, em particular, de uma pequena cidade sertaneja.

Resolvi então deixar os documentos registrados, escrevendo ligeiro histórico sobre a seca de 15, com alguns comentários e dados variados a Mossoró.

Quem escreve trabalhos mesmo desvaliosos como este, sabe que não é empresa tão fácil quanto parece à primeira vista.

Uma referência, uma data a verificar, uma dúvida a esclarecer obrigam a canseiras, pesquisando jornais, revistas, mensagens, documentos. Quando se tem plena capacidade de trabalho quaisquer embaraços são superados. Para quem se vai abeirando dos oitenta anos a empresa é mais árdua. E não pode ser bem executada.

A preguiça mental, o cansaço do espírito reclamam contra a tentativa. E por isso o presente trabalho foi demorado.

Tiras eram escritas, ficando dias, semanas, até meses esquecidas. Jornais, revistas, alguma novidade de livraria, assídua correspondência com os filhos, principalmente, havendo até a troca sistemática de três cartas semanais, desviavam atenções.



Banco do Nordeste



FUNDAÇÃO VINGT-UN ROSADO

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U nosso negócio é o desenvolvimento

COLEÇÃO **MZEM** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

A guerra, a carestia da vida, grave a prolongada moléstia de velha e querida companheira de mais de meio século de existência e tantas outras apreensões aumentando o pesado jugo da velhice, agravando a caduquice da senilidade...

No fim da vida todos se vão aproximando de Deus.

Leituras de formação espiritual e religiosa, outrora descuradas, passam ao primeiro plano. E as tiras permaneciam sem continuação. Depois, espaçadamente, eram retomadas, como distração para evitar momentos de tédio e desânimos.

Se ainda me for possível publicar o trabalho, rogo seja julgado como deve.

No Ceará é abundante a literatura das secas. Da grande seca de 1877 nada se publicou no Rio Grande do Norte. Algumas referências em relatórios oficiais, aliás merecedoras de acatamento, raros artigos de jornais da época, rápidas referências em Histórias do Estado.

Entretanto, a grande seca foi impiedosa no sertão. Muito afetou a vida, o desenvolvimento da Província.

Não é possível estudar a História do Rio Grande do Norte sem conhecimento das secas que tanto influem na formação das características da população de vasta zona.

A seca de 15 não foi tão prolongada como a de 77. Nem tão inclemente.

Já li, algures, que em 1915 não houve seca no Rio Grande do Norte. Infelizmente assim não foi. E aí ficam narrativas documentadas feitas por uma testemunha co-participante.

Felipe Guerra



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U nosso negócio é o desenvolvimento

COLEÇÃO **MZ
EM**

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

9 – A SECA DE 1915

A seca de 1915 foi, no Nordeste, de desastrosa atuação. A população muito sofreu. A economia da região recebeu grandes prejuízos. Mais do que se podia prever, porquanto os três anos anteriores foram de invernos abundantes, excepcionalmente chuvosos.

Em 1912, 1913, 1914 o pluviômetro indicou 1.007 mm, 1.088 mm, 998 mm, respectivamente. Dados colhidos em Mossoró. Em cinquenta anos de observações pluviométricas, na região seca, é esse período o único que apresenta tão elevado índice de chuvas, em três anos sucessivos. Seria assim de esperar que o sertão se achasse abastecido e com reservas utilizáveis.

Havia o exemplo de 1899 que, com seu ótimo e abundante inverno, muito concorreu com farta produção para atenuar os sofrimentos que acompanharam a seca de 1900, na qual nenhuma produção houve, não se elevando a altura pluviométrica além de 146 mm.

O ano de 1898 fora muito seco - 140 mm. A população muito padeceu. Nenhuma produção. No ano seguinte, 1899, veio o ótimo e abundante inverno com 1.268 mm. Principiou cedo e prolongou-se até agosto, sem verões, sem lagartas, sem inundações, sem doenças nas plantações nem nos gados. Ao iniciar-se o inverno, a esforçada população rural, ainda faminta, sem recursos, sem sementes, atirou-se a plantar, com ingentes sacrifícios, lembrada dos sofrimentos do ano anterior, e talvez saudosa dos seus belos “roçados”; recordação tantas vezes acariciada e sorridente durante a crise, a curtir fome. E plantou e continuou a



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U n o s s o n e g ó c i o é o d e s e n v o l v i m e n t o

COLEÇÃO **MZ
EM**

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

plantar enquanto choveu, e à proporção que ia recebendo alentos de seu próprio esforço. Nesse ano de 1899, excepcional na vida do Nordeste, houve para os mais esforçados duas e até três colheitas de legumes e cereais. As sobras desse ano foram reservas que muito atenuaram os desastrosos efeitos da seca de 1900.

Em 1915 o sertão achava-se pouco abastecido. Era de esperar o contrário. No Ceará, Rodolfo Teófilo, em uma brochura, descreve a seca. E é conhecido o palpitante “O Quinze” de Raquel de Queiroz.

No Rio Grande do Norte, além do noticiário dos jornais da época, nada foi publicado a respeito.

As presentes notas não pretendem completas informações sobre a seca de 1915. Representam registros de documentos, dando pálida idéia dos sofrimentos da população e dos esforços empregados em Mossoró, em luta contra a calamidade. Faremos ligeiros comentários, para melhor elucidação.

O ano de 1915 principiou com boas aparências de inverno. Chuvas esparsas em janeiro, mais generalizadas em fevereiro. Em começo de março ainda houve chuvas. Veio, porém, rigoroso verão, destruindo as plantações, já bem iniciadas, e assim se acentuou o receio de seca ou, pelo menos, de um ano sem produção agrícola.

Ao principiar abril caíram chuvas trazendo esperanças do afastamento da crise. Casas comerciais, em Mossoró, que haviam feito vultosos pedidos de legumes e cereais, mandaram cancelar ou reduzir esses pedidos.

Entretanto, o sertanejo que bem conhece sua caprichosa terra, sabe que prolongamos verão em março, destruindo planta-



**Banco do
Nordeste**
U nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

ções e “babugens”, indica que o ano é de seca ou, pelo menos, de nula produção agrícola, principalmente de legumes e cereais, e de pastagem insuficiente para a criação.

E foi por isso que, filho da região seca, e então ocupando o cargo de Juiz de Direito de Mossoró, até então o “empório” de sertanejos acossados pelas secas, endereçamos ao Governador do Estado. Desembargador Ferreira Chaves, o telegrama:

“Mossoró, 17 maio 1915. Perdidas esperanças inverno. Chuvas caídas alguns lugares, adiando mortandade gados, nada produzirão lavouras. Agora só possível esperar colheitas sertão maio 1916. Confiamos vossos esforços poderes competentes urgentes medidas mitigar crudelíssima crise, evitar pânico população, desastrosa debanda - Juiz de Direito”

O telegrama foi logo respondido, dando-se o Governador ciente do aviso e informando havê-lo transmitido logo ao Governo da República, no Rio. O Presidente da Intendência Municipal, no mesmo sentido telegrafou ao Governador.

O Governo, no Rio, respondeu, conforme se vê de publicação no “Comércio de Mossoró”, em sua edição de 22 de maio:

Respondendo o telegrama do Juiz de Direito, Dr. Felipe Guerra, o Exmo. Governador do Estado enviou-lhe o seguinte despacho em data de 20 do corrente:

“Presidente da República, em resposta ao meu telegrama, diz que a despeito das aperturas e dificuldades em que a



Banco do Nordeste



FUNDAÇÃO VINGT-UN ROSADO

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U n o s s o n e g ó c i o é o d e s e n v o l v i m e n t o

COLEÇÃO **MZ EM** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

União se depara, não será insensível às provações que sofrem os estados do Norte.

Acrescenta que dentro das verbas orçamentárias, logo que o Tribunal de Contas registre a distribuição de crédito já solicitado pelo Ministro da Viação, por intermédio de Inspetoria de Obras Contra as Secas, procurará auxiliar a ação dos poderes locais intervindo, se a situação agravar-se, pelo Ministério do Interior para atenuar, como permitirem os minguados recursos da União, os terríveis efeitos da seca.”

Antes desse telegrama a imprensa local vinha chamando a atenção do Poder Público para a crise que se iniciava. A 1º de maio o “Comércio de Mossoró” publicava um artigo epigrafado “Seca”, no qual se lia:

“A seca, mais grave ou menos grave aí está: tenhamos coragem, e procurem todos, poderes públicos e indivíduos particulares, evitar, diminuir, atenuar as funestíssimas conseqüências da calamidade”.

A capital da República, desde março, o alarme fora dado, vindo principalmente do Ceará, onde mais cedo se pode conhecer a seca, uma vez que lá o inverno se manifesta mais cedo do que no Rio Grande do Norte. Informa o Dr. Aarão Reis em um seu relatório.



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U nosso negócio é o desenvolvimento

COLEÇÃO **MZ
EM**

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

“Em 1915, exercia eu ainda, em efetividade, o referido cargo de Inspetor de Obras Contra as Secas quando - havendo já prenúncios alarmantes da temerosa seca que flagela periodicamente o nosso nordeste semi-árido - fui inquirido pela ilustre redação do Jornal do Comércio desta Capital... Desse inquérito deu aquele jornal extensa e minuciosa notícia aos 28 de março, nos seguintes termos: “... O Sr. Dr. Aarão Reis prestou-se gentilmente a responder às nossas perguntas. – A seca só poderá ser considerada definitivamente declarada se até o início de abril não caírem chuvas regulares; seus efeitos, porém, que poderão ainda não prosseguir, já se tem feito sentir no alto sertão, determinando o natural pavor que se vai traduzindo nos telegramas alarmantes aqui recebidos.”

Em Mossoró, como em todo o sertão, nenhuma produção agrícola houvera. E a população operária do município achava-se sem trabalho, faminta, miserável, flagelada. Do sertão chegavam retirantes.

A caridade particular fez o que lhe foi possível, distribuindo contos de réis, que iam mantendo os flagelados em precárias condições. Os poderes públicos locais, as associações, o comércio, os particulares diariamente, por todos os modos, dirigiam apelos ao Governo federal, na capital da República, ao Governador do Estado, à imprensa do Rio, a deputados e senadores, a particulares; ao comércio do rio e de outros estados, levando esclarecimentos e informações sobre a penúria e sofri-



**Banco do
Nordeste**
U nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

mento do Nordeste e, particularmente, dos flagelados que dia a dia avultavam em Mossoró.

Os primeiros socorros chegados a Mossoró foram enviados pela Municipalidade de Porto Alegre e pela Capital Federal. A propósito desse auxílio informa, em relatório de 1917, o então Presidente da Intendência Francisco V. Cunha da Mota:

“... A nossa cidade foi invadida por cerca de oito mil retirantes, famintos, andrajosos... Sustentamos uma campanha com os altos poderes do País, reclamando os socorros constitucionais; e não só aos poderes públicos, mas aos Estados e aos Municípios do Sul fizemos chegar nossa reclamação. As Prefeituras do Rio de Janeiro e de Porto Alegre remeteram diversos volumes de cereais, cerca de vinte contos que foram distribuídos pelos flagelados em paga de serviços feitos nesta cidade... O Governo Federal, atendendo aos nossos incessantes pedidos, enviou vinte contos que foram entregues a uma comissão nomeada pelo Governo do Estado, da qual fez parte esta presidência... Ainda o Governo Federal enviou depois quinze contos para repatriamento dos flagelados, e o Governo do Estado um conto para compra de sementes. Todas essas importâncias foram adquiridas, em grande parte, devido a nossas reclamações, e com algum ônus para o cofre do município, que pagou o frete e grande soma de telegramas.”



**Banco do
Nordeste**



U n o s s o n e g ó c i o é o d e s e n v o l v i m e n t o



FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO

COLEÇÃO
MZ
EM



UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Nesse relatório do Presidente da Intendência há um engano. A quantia enviada para Mossoró “para repatriamento de flagelados” não foi de quinze contos e, sim, de seis contos, como adiante veremos. A boa vontade do Governo do Estado, sempre pressuroso em secundar os apelos ao Governo Federal, nada podia fazer, em crise também o Estado.

Já existia a esse tempo a Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas, com numeroso pessoal e numerosos regulamentos. Julgou-se, porém, necessária a criação de uma outra repartição autônoma para os serviços a executar durante a seca de 1915. E assim veio a repartição de “Obras Novas Contra as Secas”. Sua direção foi confiada ao Dr. Aarão Reis, nome acatado e conhecido na engenharia nacional.

Em relatório que depois apresentou se diz “Inspetor extinto de obras contra as secas, incumbidas, em comissão, de instalar e dirigir essas obras, fora da alçada daquela Inspetoria”. Esse relatório, de junho de 1919, foi publicado no ano seguinte. Não sabemos porque essa desautoração à Inspetoria. É exato que já em 1914 a Inspetoria não estava produzindo resultados eficientes, mas não por culpa da Repartição, conforme informa o mesmo Dr. Aarão Reis, então Inspetor, em relatório de 1914:

“... De modo que tem sido da mais deplorável deficiência os resultados, este ano, dos esforços desta Inspetoria, no sentido de dar regular desempenho a sua árdua missão nos estados sujeitos às secas periódicas, sendo que nem ao menos tem sido possível manter em profícua atividade as perfuratrizes...”.



**Banco do
Nordeste**



U nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO

COLEÇÃO
MZ
EM



UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Mossoró, até então, pode-se dizer, nenhum serviço recebera da Inspeção Federal. Pequenas barragens, antes construídas no rio, nenhum proveito trouxeram, porquanto foram deterioradas por uma enxurrada. Conta-se que um comboieiro curiosamente foi olhar uma delas em construção próxima à estrada dos comboios. E com a rude franqueza de sertanejos, sentenciou: - “Pedra e cal em cima de areia!... arromba com a primeira enxurrada. Não há engenheiro que dê jeito...”

O construtor não era engenheiro. Simples curioso. Exprobrou a ignorância do matuto e proibiu visitas de comboieiros.

Sobre essas barragens, diz o Dr. Aarão Reis em seu relatório de 1914:

“A tentativa de barragens submersas, de 1912 a 1913, em quatro pontos do rio Mossoró, só serviu para patentear que trabalhos tais não podem ser confiados a principiantes, sem a competência que só a experiência proporciona...”

O decreto de 15 de julho de 1915, publicado no “Diário Oficial” de 21 do mesmo mês, autorizou o Poder Executivo, pelo Ministério da Viação e Obras Públicas, a abrir créditos extraordinários, até a importância de cinco mil contos de réis, “para aplicar em obras de reconhecida utilidade na zona do Nordeste assolada pela seca, preferindo as que derem ocupação ao maior número de trabalhadores e conservarem nos seus domicílios as populações flageladas e possam ser concluídas dentro do tempo de duração da crise”.



Banco do Nordeste



U nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO VINGT-UN ROSADO

COLEÇÃO MZEM



UM PAÍS DE TODOS GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Essa última condição imposta é interessante. Declarada uma seca, como possível saber o tempo de duração da crise? Só aos profetas sertanejos poderia o Governo dirigir uma consulta a respeito. Esses mesmos são tão falhos em suas profecias...

Na mesma data veio o decreto abrindo o crédito autorizado. Parece que não havia muita pressa em socorrer os Nordestinos que morriam de fome e miséria. E assim só quase dois meses depois, a 10 de setembro de 1915, foi publicada uma portaria, de 3 do mesmo mês, assinada pelo Ministro da Viação, resolvendo de conformidade com o decreto legislativo n.º 2.974, de 15 de julho próximo anterior, “aprovar as instruções que com este baixou, para a execução de obras contra as secas na zona flagelada do Nordeste do Brasil”.

Essas instruções parecem que visaram unicamente à organização burocrática dos serviços, gratificações, etc. Disposições relativas aos flagelados vê-se a V - proibindo fornecimentos diretos de mercadorias, e a XVIII que determina: “Para a assistência médica e farmacêutica do pessoal deverá o profissional encarregado da obra recorrer ao Governo do Estado”.

A esse tempo, no Rio Grande do Norte, havia apenas, na Capital, um pequeno hospital ainda não bem organizado. O Dr. Ferreira Chaves, então Governador, empregou toda atenção e desvelos para melhorar e organizar esse hospital “Juvino Barreto”. E depois, até hoje, todos os Governadores se tem empenhado em ampliá-lo, introduzindo melhoramentos, aperfeiçoando seus serviços hospitalares. Hoje é o hospital “Miguel Couto” um estabelecimento que honra o Estado, tendo injustificadamente



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U nosso negócio é o desenvolvimento

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

perdido o seu nome primitivo, que lembrava o de um de seus mais beneméritos fundadores.

A repartição de “Obras Novas Contra as Secas” foi uma comissão de emergência para acudir, com trabalhos, os flagelados na seca de 1915. Nessas condições, não se explica aquela desumana exclusão de assistência aos flagelados que adoecem em serviços. A esse tempo só em duas ou três cidades sertanejas existiam clínicos. Pelos poucos serviços atacados pelo sertão, nenhum dos chefes se lembrou de, em caso de doença de algum operário, “recorrer ao Governo do Estado”. Não lhe seria possível. Em caso de doença ou acidente só havia uma medida a tomar: exclusão do serviço. O regulamento não permitia assistência. E, nas secas, o operário flagelado, sem nenhuma resistência orgânica, tem a saúde precária sempre sujeito a acidentes e doenças.

Em fins de 1915, quando iniciados os serviços, o operário desde meses sob o regime da fome e da desnutrição era um doente. Apenas, em Mossoró, os elevados e humanitários sentimentos do engenheiro, encarregado do serviço do açude do Saco, procurou atenuar a draconiana disposição regulamentar. A alguns flagelados, com numerosas crianças, sem abrigo, expostas a escaldantes ardores do sol, forneceu insignificante quantia - 5\$000 - para construção de latada, capaz de escassa e duvidosa sombra. A crianças famintas, os pequenos esqueletos que nas secas tanto movem à compaixão, auxiliava com alguma alimentação.

Podemos citar um caso concreto, entre muitos. Um operário, retirante, adoeceu em serviço. Durante uma semana, o nobre engenheiro mandou que o nome do operário fosse “apontado” em folha de pagamento, para receber o seu minguado salá-



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U n o s s o n e g ó c i o é o d e s e n v o l v i m e n t o

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

rio. Não seria possível deixar ao abandono esse flagelado, que vivia em seu rancho, com sua mulher e seis filhos, crianças. Citamos apenas esse caso porque tivemos de averiguá-lo, para responder a um pedido de informação que nos fora feito, em relação a uma denúncia dada contra o mesmo engenheiro, figurando entre os documentos que instruíram a denúncia, aquele caso de haver inclusão em folha de pagamento de operário que não comparecera ao trabalho! O engenheiro foi dispensado da comissão. E para retirar-se com a família teve necessidade de vender jóias. Algumas vezes, infelizmente, a injustiça é galardão dos bons.

Ao retirar-se da comissão, esse engenheiro deixou iniciada uma estrada de rodagem de Mossoró para o sertão e concluídos os serviços do açude do Saco, próximo à cidade e à margem do rio. Pouco depois de concluído esse pequeno açude, veio a grande inundação de 1917. Cheio, o açude principiou a sangrar. A grande cheia do rio, inundando a várzea, a jusante, fez, desse lago, subir a água, ficando a barragem entre duas águas. E viu-se mais um dos paradoxos do regime das águas do Nordeste seco: o açude recebendo em seu bojo a água que entrava pelo sangradouro. E, com sua parede de terra, resistiu ele a toda essa inundação, dando a prova mais pujante da solidez de sua construção.

Desde maio, o número de flagelados de Mossoró era aumentado por levas de retirantes, vindos do sertão, procurando trabalho nas salinas, onde muitos passaram a seca, e trabalhos na cidade, que não eram encontrados. Todos aqueles que representavam qualquer parcela do Poder Público, o alto comércio, o pequeno comércio, proprietários, o clero, representantes de to-



**Banco do
Nordeste**
U nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

das as classes, empenharam-se em minorar os sofrimentos dos flagelados. Telegramas angustiosos, verdadeiros S. O. S., eram constantemente dirigidos ao Governador do Estado, que sempre com muita solicitude, os transmitia ao Ministro da Viação, encarrecendo a urgência de socorros e trabalhos, uma vez que o Estado, também atingido pela crise, quase nada podia fazer. Telegramas eram expedidos à Câmara, ao Senado, a deputados e senadores, à imprensa do Rio e dos Estados, a todos aqueles que se poderiam interessar pela sorte dos infelizes Nordestinos.

Fundou-se, em Mossoró, uma sociedade intitulada “Defesa do Nordeste”, com seu estatuto de 11 de julho de 1915. Em capítulo separado já, sobre ela, escrevemos.

Por ato do Ministro da Viação e Obras Públicas, de 9 de setembro de 1915, foram aprovadas as designações dos encarregados dos serviços das “Obras Novas” nos Estados vitimados pela calamidade. Para o Rio Grande do Norte foram designados dirigentes para os açudes Arapuá, Pessoa, e para reconstrução do açude 25 de Março e melhoramento da estrada de rodagem de Macau a Açu. Essa comissão chegou a Mossoró, em trânsito, a 23 de outubro. Um periódico da imprensa local, “Comércio de Mossoró”, de 25 de outubro, comentando essa morosidade em auxiliar as vítimas da seca, assim se exprime em ligeiro artigo:

“... Se em março ou mesmo em abril, quando nos desenganamos do inverno e antevimos o quadro da seca em todo o seu horror, nos dissessem que ainda em outubro não teríamos assistência de serviço aos flagelados, não o acreditaríamos. Entretanto é uma triste verdade que es-



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

O nosso negócio é o desenvolvimento

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

tamos vendo, testemunhas de cenas atestadoras do abandono em que ficaram filhos de uma pátria tão formosa quanto desventurada!... Os flagelados da seca em Açú e Pau dos Ferros vão ter, em novembro, algum trabalho; os daqui e outros lugares continuam abandonados à sua própria miséria! Parece incrível, mas é verdade.”

Mossoró, para onde convergiam retirantes do sertão, foi esquecido, apesar de seus constantes apelos.

O açude “25 de Março”, Pau dos Ferros, concluído em 1898, foi mandado reparar ou reconstruir, em 1915, pelas “Obras Novas”, como serviço destinado à proteção aos flagelados desse ano. Tratava-se de um açude, relativamente pequeno, de cerca de quatro milhões de metros cúbicos. Os trabalhos de escavação para o dente de fundação, a jusante, foram os primeiros atacados, a 26 de dezembro de 1915.

Os trabalhos foram iniciados de uma forma martirizante por os depauperados flagelados que foram empregados como animais de carga. Em seu relatório, informa o engenheiro encarregado dos serviços:

“... procedi aos levantamentos e organizei novos desenhos completos, e novas cubações, enquanto eram transportadas, para Pau dos Ferros, as ferramentas e materiais retirados do açude Corredor, em cabeça e a braço, numa extensão de 6 léguas de maus caminhos. Foram assim transportados Wagonetes e trilhos Decauville, carrinhos de mão, bombas, pás, picaretas, etc. A turma de transpor-



Banco do Nordeste



FUNDAÇÃO VINGT-UN ROSADO

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U n o s s o n e g ó c i o é o d e s e n v o l v i m e n t o

COLEÇÃO **MZEM** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

te compunha-se de cerca de 150 homens, e fez 7 viagens. O estado de miséria e fraqueza desses homens exigia que, para cada viagem, se fizesse um adiantamento, a cada um, correspondente à sua alimentação durante a ida e a volta.”

E no início dos serviços do açude, o infeliz e faminto flagelado recebia seu miserável pagamento, no dia em que trabalhava, para ir comprar e preparar cada refeição. É o que informa o engenheiro encarregado do serviço, em seu relatório:

“No começo dos trabalhos do açude era necessário fazer o pagamento duas vezes por dia, uma antes do almoço e outra antes do jantar.”

Tudo isso é revoltante e dispensa comentários. Interessante é que esse trabalho mandado atacar para dar trabalho aos flagelados da seca de 1915, foi iniciado já no fim do ano, arrasando-se penosamente durante dois anos! É o que informa o citado relatório do Dr. Aarão Reis:

“Iniciados os serviços propriamente de reconstrução do açude 25 de Março a 26 de Novembro de 1915, pela abertura do alicerce, com cerca de 150 operários, ficaram os mesmos concluídos a 30 de Dezembro de 1917.”



Banco do Nordeste



U nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO

COLEÇÃO

MZ

EM

MOSSOROENSE



UM PAÍS DE TODOS

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

O primitivo orçamento da obra foi 80:679\$417, sendo a-final despendidos 147:308\$860. E o Dr. Pires do Rio, em fiscalização do serviço, escreveu em seu relatório:

“Não creio que o remédio adotado seja de absoluta segurança: isso de concertar-se uma barragem de terra nas condições da que observei em Pau dos Ferros, é tarefa que nos poderá guardar uma porção de surpresas, entre as quais a de ficar realmente concertada. O engenheiro Flávio Ribeiro veio consolidar e tornar impermeável uma barragem de terra pessimamente construída, e que ameaçava ruína, depois de estar revedo desde sua construção, há cerca de 20 anos. Acho que a obra ficará consolidada; quanto a ficar impermeável, veremos, mais tarde por experiência.”

Uma outra obra, contemplada na ordem ministerial de 9 de setembro, já referida, foi o açude “Pessoa”, no município de S. Miguel. Reconstrução, quase construção de velho e insignificante açude, com a capacidade de duzentos e cinquenta mil metros cúbicos, orçado o trabalho em vinte contos. Esse serviço das “Obras Novas” também destinados a dar trabalho às vítimas da seca de 1915, só foi iniciado no fim desse ano, a 7 de dezembro, sendo concluído a 7 de abril do ano seguinte, com a despesa de trinta e cinco contos, isto é, 75% sobre o orçamento.

Esse desvalioso serviço foi também martirizante para os depauperados e desprotegidos sertanejos. É ainda o engenheiro



**Banco do
Nordeste**



U n o s s o n e g ó c i o é o d e s e n v o l v i m e n t o



FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO

COLEÇÃO **MZ** **EM** MOSSOROENSE



UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

encarregado, o mesmo do açude 25 de Março, que informa em seu relatório:

“A demora foi motivada pela travessia do interior do Estado, de Mossoró a S. Miguel, em época de tremenda seca, dos materiais e ferramentas, muitos dos quais retirados de outros açudes já concluídos, onde estavam depositados, foram transportados em cabeça e a braço, por mais de 19 léguas de péssimos caminhos e íngremes ladeiras, como os que foram trazidos de Itaú.”

O insignificante açude não se presta a plantações, nem para suprimento d'água. É o que informa o relatório do engenheiro do serviço:

“O açude está, por assim dizer, dentro da vila de S. Miguel: os fundos de talvez mais da metade das casas desta vila dão diretamente para dentro de sua bacia hidráulica, sendo que águas, no seu nível máximo, banham os quintais dessas casas. A capacidade do açude, por outro lado, é das mais reduzidas, e o sistema de esgoto exclusivamente usado é o mais primitivo: o de fossas superficiais sem cuidados regulares de limpeza. Finalmente, a região é muito seca, pelo que é quase certo que a população da vila virá abastecer-se diretamente da água do açude. Segue-se, portanto, que há um conjunto de circunstâncias muito desfavoráveis sob o ponto de vista higiênico; não



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U n o s s o n e g ó c i o é o d e s e n v o l v i m e n t o

COLEÇÃO **MZ
EM**

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

será de estranhar que de futuro apareçam casos frequentes de febre tifóide, quiçá alguma epidemia.”

Concluindo o açude, apareceu, na parede, um “olheiro” d’água, que o engenheiro atribuiu a formigueiro antigo, afirmando, porém, que em nada influía sobre a solidez da obra. Informa o relatório Aarão Reis:

“O engenheiro civil Dr. José Pires do Rio, quando em inspeção geral das “Obras Novas”, esteve em setembro de 1915, em Pau dos Ferros, com o engenheiro civil Dr. Ribeiro de Castro, achou desnecessário fazer longa travessia de 10 léguas para examinar obra de tão pequeno vulto, executada sob tão competente direção.”

O segundo crédito aberto para as “Obras Novas” foi a 22 de dezembro. E isso para acudir, com trabalhos, às vítimas da seca, desde março manifesta. Informa o Dr. Aarão Reis, em seu relatório:

“E como pelo Dec. n.º 11.834, de 22 de dezembro, ainda de 1915, segundo crédito extraordinário de 2,000:\$000 foi aberto com o mesmo destino, por ter o Congresso Nacional elevado até 50,000:000\$000 a cifra máxima da respectiva dotação, deliberou o Governo a iniciar mais as seguintes obras no Estado do Rio Grande do Norte: o açude do Saco e a estrada de rodagem de Mossoró a Alexandria”.



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U n o s s o n e g ó c i o é o d e s e n v o l v i m e n t o

COLEÇÃO **MZ
EM**

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Esse crédito de dois mil contos, tão tardiamente aberto em auxílio a uma população que morria de miséria, foi destinado ao Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Sergipe. O Rio Grande do Norte foi contemplado apenas com a reconstrução do açude do Saco, ao qual já nos referimos, e com a estrada de rodagem de Mossoró e Alexandria, sendo que este último serviço foi suspenso, pouco depois de iniciado, e nunca mais dele se tratou.

Não havia pressa em socorrer as vítimas das secas. Qualquer pretexto servia para protelar. Para evitar pequeno trabalho à burocracia da Capital Federal, deixa-se mais uns dias à curtir fome, aqueles poucos que poderiam ser socorridos com insignificantes trabalhos. É o que se depreende dos seguintes telegramas enviados à aplicação do segundo crédito de dois mil contos.

“Natal – 23 – dezembro – 915. Juiz direito – Mossoró. Ciente despacho. Ministro não deseja abrir crédito agora por ser fim exercício, o que dificulta execução ordens movimento Tesouro. Tribunal de Contas abrirá, porém, começo janeiro que está bastante próximo. Talvez antes novos créditos sejam atacados serviços barragens submersas aí, conforme ainda hoje solicitei. Chaves, Governador”.

O Governador, sempre solícito em atender os reclamos que lhes eram enviados, telegrafou a 7 de janeiro de 916:



**Banco do
Nordeste**



U nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE



UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

“Juiz Direito. Mossoró. Telegrafei ontem extensamente Ministro Viação expondo condições, aí, acentuando urgência decretar serviços ocupem flagelados. Engenheiro encarregado barragens, aqui, seguirá primeiro vapor, esperado 10, Ferreira Chaves”.

A 9 anos foi enviado outro despacho telegráfico:

“Juiz Direito. Mossoró. Recebi ontem este despacho: “Já foi aberto novo crédito dois mil contos obras secas. aguardo registro Tribunal para expedir autorização início outros trabalhos. Abraços. Tavares Lira”. Peço transmitir Presidente Intendência. Ferreira Chaves”.

Há 13 de janeiro recebemos:

“Natal 13 – Dr. Felipe Guerra. Mossoró. Ministro Viação comunica solicitaria ministro Fazenda distribuição Delegacia duzentos contos para restauração barragem, açude Saco, estrada rodagem Mossoró Alexandria. Parabéns. Ferreira Chaves”.

Nesse mesmo dia era recebido em Mossoró um despacho da véspera:

“Rio, 12 janeiro 916, Of. Cel. Bento Praxedes. Por aviso de ontem solicitei Ministério da Fazenda distribuição crédito estrada de rodagem até Alexandria, açude Saco e



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U n o s s o n e g ó c i o é o d e s e n v o l v i m e n t o

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

açude Serra Vermelha, além vários outros serviços em diversos pontos Estado. Peço transmitir Dr. Guerra, Mota, outro sinatário últimos telegramas me foram dirigidos. Afetuosas saudações. Tavares de Lira. M. Vição”.

O Dr. Aarão Reis no relatório que apresentou ao deixar a comissão de Obras Novas, em meados de 1918 informa, em relação ao Rio Grande do Norte:

“Nesse Estado foram iniciadas e concluídas as obras dos açudes Pessoa, no município de S. Miguel e 24 de março, no município de Mossoró, iniciadas, mas não concluídas, as do açude Arapuá, no município de Luiz Gomes, e as da estrada de rodagem de Mossoró a Alexandria e as do açude Serra Vermelha. Entrementes, executou a própria Inspetoria de Obras Contra as Secas, outras obras, entre as quais as das barragens submersíveis do Mossoró”.

Do açude Serra Vermelha, no município de Areia Branca, pouco se sabe. Nunca mais se ouviu falar nessa obra, então apenas iniciada. Quanto às barragens submersas, do Mossoró, tratava-se de reparar ou reconstruir barragens de poucos anos construídas e logo arruinadas, conforme referências que já fizemos.

E foram esses insignificantes, incompletos serviços que Mossoró teve para dar socorro às vítimas da seca de 1915, e que foram iniciados em 1916.

Em novembro de 1916 publicávamos no “Comércio de Mossoró”, órgão da imprensa local:



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U nosso negócio é o desenvolvimento

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

“Continuam em andamento, neste município, os trabalhos da barragem das Barrocas e da estrada de rodagem no trecho de Mossoró a Caraúbas. Não se poderá dizer que essas obras contra as secas, no município, no Estado, correspondam à ânsia que todos do Nordeste possuímos no desejo de armar a região das secas de eficazes meios de luta contra a calamidade, cuja ingrata visita sempre nos ameaça. Atribuímos as causas das falhas notadas, nesses serviços, à direção geral das repartições, quer das “Obras Contra as Secas”, quer das “Obras Novas”. Só essa criação de uma segunda repartição, ambas com o mesmo objetivo, ambas com sua ação destinada a um mesmo fim, em uma mesma região, mostra a má orientação com que os poderes superiores da Nação abordam o problema da execução de obras contra as secas. Para que duas repartições, uma permanente e outra de caráter transitório? Se há acréscimo de serviço não seria mais razoável o aumento do pessoal necessário do que criar duas repartições independentes? ... É de ontem: em abril de 1915, o Exmo. Governador do Estado deu para o poder central o alarma da seca, pedindo providências. Ecoou-se a calamidade sob os maiores sofrimentos da população. Próximo ao esperado e futuro inverno foram iniciados serviços de barragens, quando se aproximava o tempo das cheias do rio... O telegrama do Exmo. Ministro da Viação, que aqui chegou com a notícia de achar-se de viagem a comissão encarregada dos serviços da estrada de rodagem, dos açudes do Saco e Serra Vermelha, tem a



**Banco do
Nordeste**



U nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO

COLEÇÃO

**MZ
EM**

MOSSOROENSE



UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

data de 25 de janeiro do corrente ano (916)! ... Não fosse o inverno curto e moderado em excesso, que tivemos no presente ano (em Mossoró 422 mm) o ilustre engenheiro chefe das barragens teria tido o dissabor de ver algumas delas deterioradas, pois, faltou o necessário tempo para garanti-las com obras de proteção... Chegando aqui em princípios de fevereiro (Dr. Brito Amorim) com seus dignos e honestos auxiliares, Drs. Feliciano Mata e Gaston Saraíba, encontrou enorme população de famintos vindos de outros municípios e de outros Estados; homens que precisavam de urgentes socorros, incapazes de trabalho, corpos esqueléticos que perambulavam pela cidade, e que estamos habituados a ver em leves serviços de socorros, incapazes do menor esforço, caindo exaustos, inanidos de fome, quando ao fim do dia, procuravam receber o magro salário de oito tostões para sustento seu e da família, que lhes era facultado pelos minguados recursos das comissões de assistência. Foi esse o pessoal que o Dr. Brito Amorim encontrou para os trabalhos da sua Comissão”.

Informa o Dr. Aarão Reis, em seu relatório:

“Os sucessivos créditos (7) abertos ex-vi dessa ampla autorização legislativa, que permitia atingir a cinqüenta e cinco mil contos elevaram-se apenas no decurso de três anos decorridos de 1915 a 1918, à cifra total de 12.350:000\$. ... Parte, porém, dessa importância total foi



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

O nosso negócio é o desenvolvimento

COLEÇÃO **ME** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

aplicada pelo Governo, à construção de linhas telegráficas, em extensão excedente de dois mil quilômetros, pela Repartição Geral dos Telégrafos, e vários outros serviços e trabalhos cuja execução ficou confiada à própria Inspeção de Obras Contra as Secas. ... E, assim, para execução dos variados trabalhos sob minha direção geral e superintendência, foram distribuídos, apenas, por diversas vezes, às Delegacias Fiscais do Tesouro Nacional nos Estados do Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Sergipe, e no próprio Tesouro Nacional, créditos cuja importância total não excedeu de 8.570:000\$000”.

Entretanto, esse Governo assim tão mesquinho em auxílios para a população do Nordeste, dispendeu com a Imprensa, em sua propaganda, a importância de cinquenta e cinco mil contos de réis, segundo informa Barbosa Lima Sobrinho, à página 150 de sua publicação “O Problema da Imprensa” conforme adiante analisaremos.

Informa José Américo em seu livro “A Paraíba e Seus Problemas”, que a I FOCS teve, em 1915, a dotação orçamentária de dois mil e duzentos contos, sendo quase oitocentos para o pessoal titulado. Nestes anos seguintes não alcançou 2 mil contos, para cada exercício.

SOCORROS OFICIAIS – Desde que se manifestou a seca chamávamos, em Mossoró, por trabalhos para flagelados e retirantes. Todos aqueles que exerciam parcelas dos Poderes



**Banco do
Nordeste**



U n o s s o n e g ó c i o é o d e s e n v o l v i m e n t o



FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO

COLEÇÃO **MZ
EM**



UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Públicos, o comércio, particulares, associações, empenhavam-se na luta.

Essa campanha era secundada pelo Governador do Estado, que também transmitia para o Governo, no Rio, todos os apelos que partiam de Mossoró. E o ano se ecoou sob grandes sofrimentos dos flagelados, sem auxílios dos poderes públicos além daqueles insignificantes e tardios serviços, dos quais já fizemos menção.

Em 20 de novembro publicávamos no “Comércio de Mossoró”.

“Mesquinhos socorros tardiamente enviados só morosamente chegam. Este município de Mossoró que conta a cidade mais populosa, depois da Capital, e para onde convergem as populações exaustas do interior, até agora ainda não foi contemplado(salvo em telegramas) com o mais tênue auxílio para essa população forasteira que enche os subúrbios e que diariamente invade a cidade, esmolando, andrajosa, faminta. Apenas a “Defesa do Nordeste” recebeu cerca de oitocentos mil réis angariados por dois distintos patrícios, em São Paulo, sendo também trezentos mil réis remetidos de Natal pela digna Sociedade dos Empregados do Comércio. De socorros oficiais, nada”.

O Ceará queixava-se do mesmo abandono. Já tendo recebido mesquinhos socorros, o seu Presidente expedia para o Tio o seguinte despacho, veemente e irônico:



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U nosso negócio é o desenvolvimento

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

“Dr. Wenceslau Braz. Presidente da republica. Fortaleza – 27.10.15. A situação do País é muito precária, e tanto que V. exa. Seguramente por força maior, nada tem podido fazer diante dos justos reclamos deste povo que morre de fome. Até hoje talvez V. Exa. Ignora os socorros que o Governo Federal forneceu ao povo cearense, constituído de um milhão e duzentos mil habitantes, foram: 1º cem contos que me foram enviados diretamente por V. Exa. Para assistência aos flagelados, e que já foram gastos com os retirantes que nesta capital aguardam embarque; 2º acham-se empregados mil setecentos e quarenta homens nos poucos açudes mandados construir, com salário de mil réis diário, quando o litro de feijão custa seiscentos réis e farinha trezentos, e a família normal é de sete pessoas. Já não tenho expressões bastante felizes para abrirem a piedade de V. Exa. em favor deste povo, repito, que está morrendo de fome. Indiquei o mínimo de trabalho para mal agasalho na travessia desta horrorosa crise, atendendo à situação difícil da Nação, porque também amamos o Brasil. Infelizmente não tenho sabido fazer-me interpretar. Em vista disso vejo-me na dura contingência de aborrecer novamente V. Exa. pedindo para o povo serviços nas estradas de ferro e rodagem, porque os açudes nada mais comportarão, ou então navios que os conduzam para outros Estados,, visto viagens normais Loide não darem vencimento. Eu vejo cenário de perto, e V Exa. de longe. Nada tenho exagerado. Só parece que o Governo não acredita nas informações



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

O nosso negócio é o desenvolvimento

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

daqui que vão. Ousaria pedir a V. Exa. mandar secretamente emissário sua inteira confiança para observar e sentir a miséria deste povo infeliz, e as dificuldades sem par em que me coloca o Governo Federal surdo aos nossos clamores, oriundos de uma calamidade horrenda. Sou forçado falar com tanta insistência e franqueza a V. Exa. porque julgo do meu dever de homem, brasileiro e Presidente do Estado. Convicto dos esforços tenho empregado junto a V. Exa. e representantes deste Estado com intuito atenuar efeitos da seca, tenho consciência de que me sinto exonerado da responsabilidade que os desatinos da fome possam gerar. Cordiais saudações Benjamim Barroso”.

Nesse mesmo número do “Comércio de Mossoró”, foi publicada uma correspondência de Vitória – 8 de novembro:

“Fome, nudez e magreza é o quadro horrível e tristíssimo que vemos hoje nestes sertões... A população flagelada com as notícias transmitidas que o Governo mandava trabalhos para socorrê-la, deixou de retirar-se, na esperança de que em seus domicílios mesmos fossem salvos; e agora, nem pode retirar-se, nem tem o auxílio prometido. Uns engenheiros vindos para pau dos Ferros, S. Miguel e Luiz Gomes já se acham nos pontos designados, mas, até agora, não foram iniciados os serviços. E não sabem ainda quando começarão. Desgraçado Brasil que deixa morrer a fome os seus filhos. Infeliz povo!”



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U nosso negócio é o desenvolvimento

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Em agosto escrevia de Apodi um correspondente, ao diretor do “Comércio de Mossoró” e esse publicava:

“Calculo que estamos com uma população adventícia de cerca de quatrocentos familiares ao “Deus dará”. E os naturais em numero talvez superior a dez mil almas... Além da fome começam a grassar febres e as inchações, e para tudo isso não temos recursos... É portadora desta carta uma família importante que, palmilhando léguas e léguas sob as agruras de um sol ardente segue à procura da generosidade do povo mossoroense, a cujas asas estão milhares abrigados. Pertence às famílias Rolim e Coelho, de Cajazeiras, e são parentes muito chegados de D. Moisés Coelho, bispo de Cajazeiras. Se V. puder obter aí com os amigos algum trabalho prestará mais um serviço à humanidade sofredora”.

E no mesmo número o periódico publicava:

“É o maior sacrifício viajar atualmente no sertão. As estradas estão impregnadas de cheiro desagradável, emanações de carniças que de espaço a espaço maltratam o olfato do viajante. Aqui, acolá, se encontram animais cansados, enfraquecidos, que não puderam mais com as cargas, e aos quais os donos abandonaram à morte lenta e certa. E os gêneros conduzidos com tanto sacrifício ficam nas feiras do sertão sem compradores, porque não há dinheiro, não há, absolutamente, dinheiro”.



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

Um nosso negócio é o desenvolvimento

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Em Mossoró continuaram todos em esforço para atenuar os sofrimentos dos flagelados. Infelizmente não nos ficou cópia de muitos telegramas então expedidos, outros foram perdidos e os poucos recebidos não foram encontrados. Convergiram muito os esforços de todos nós para prolongamento da Estrada de Ferro de Mossoró, não só por ser essa estrada essencial a uma grande região dos sertões secos, como também porque era um serviço então capaz de dar socorro pelo trabalho a grande número de flagelados, conforme as secções que se fossem organizando para ataque. Adiante, em capítulo especial, trataremos do assunto.

SOCORROS MESQUINHOS E TARDIOS – Ainda no fim do ano, a população continuava em absoluto abandono. Foi-nos transmitido o telegrama:

“Rio – 23 de novembro de 915. senhor Presidente da República vai providenciar remessa auxílio. Em nova mensagem enviada ontem o Congresso solicitou novas autorizações para socorrer Estados flagelados. Saudações. Tavares de Lira. Ministro Viação”.

A 24 do mesmo mês recebemos telegrama de Natal:

“Juiz de Direito. Mossoró. Por ato hoje fostes nomeado membro da comissão encarregada de receber vinte contos destinados pelo Presidente da República para assistência aos flagelados nessa cidade. Espero aceitardes penosa missão. Atenciosas saudações. Ferreira Chaves. Governador”.



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

O nosso negócio é o desenvolvimento

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

A 26:

“Juiz de Direito. Mossoró. Administrador de Areia Branca tem ordem entregar-vos vinte contos para aplicar flagelados. Providenciarei vacina. Saudações. Chaves, Governador”.

Essa vacina havia sido pedida com o fim de evitar qualquer surto de varíola, muito comum em aglomerações de flagelados. Veio, com alguma demora, a vacina, em reduzida porção. Felizmente não houve varíola. A 27 de novembro tivemos telegrama:

“Felipe Guerra. Mossoró. Hoje, mesmo antes de receber vosso despacho, telegrafei Ministro Viação ponderando demora na execução de serviços decretados e outros têm produzido desagradável impressão ante dolorosa situação nossos patrícios. Chaves. Governador”.

Recebida aquela pequena quantia enviada para socorro a uma população flagelada de um dos mais populosos municípios do Estado, acrescida então com retirantes de outros estados e de outros municípios, a comissão de três membros, Presidente da Intendência, Juiz de Direito e Dr. Almeida Castro, sentia embaraço em escolher o melhor meio de agir. Impossível seria a construção de barragem ao rio. Insignificante a verba, que seria então consumida em compra de material, e falta de técnico para dirigir a obra. O simples calçamento de alguma rua da cidade poderia ser tentado, porquanto o único transporte possível seria



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U nosso negócio é o desenvolvimento

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

o carro de boi. Esse transporte era então caro, em pequenas car-
radas arrastadas por bois esqueléticos, que há meses eram ali-
mentados artificialmente, exclusivamente com minguadas ra-
ções de macambira e de caroço de algodão. Esse transporte es-
gotaria a verba destinada à população faminta. Nada aconselhá-
vel a simples distribuição de esmolos. Nessas condições a co-
missão resolveu organizar turmas de trabalhadores entre o pes-
soal ainda com alguma relativa validade para trabalhos leves, e
fazendo distribuição de esmolos aos incapazes, velhos, crianças,
mulheres. Seria um meio de manter uma certa disciplina e orga-
nização, com insignificantes salários, o que em última análise
não era mais do que uma disfarçada distribuição de esmolos. Foi
o que se fez. Recomendou-se aos chefes de turmas não serem
exigentes nos serviços dos operários. Alguns desses pediam para
levar meninos, filhos, para ajudá-los nos trabalhos, evitando que
ficassem “soltos” vagando pelas ruas. Às mulheres eram distri-
buídas pequenas esmolos. Essa população toda passou dias de
completa subalimentação, diga-se mesmo de fome com salários
que não eram superiores àquele referido pelo Governador do
Ceará, e do qual já fizemos menção, isto é, mil réis. Em alguns
dias oitocentos réis. E isso em época de gêneros caríssimos.
Muitos desses “operários” faziam seu almoço no lugar do traba-
lho, pondo a ferver água em uma lata qualquer, na qual era adi-
cionado um pouco de banha, e com um pouco de farinha prepa-
ravam um pirão, que era engolido com pequeno pedaço de rapa-
dura ou alguns gramas de açúcar bruto!

O socorro (!) enviado não dava para mais, e era neces-
sário fazê-lo render. E isso no fim de um ano de calamitosa seca.



**Banco do
Nordeste**



U nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO

COLEÇÃO

**MZ
EM**

MOSSOROENSE



UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

E assim foi possível manter a distribuição, de dezembro de 1915 a 8 de janeiro de 1916, quando se esgotaram os vinte contos.

Para dar uma idéia dessa distribuição, damos o movimento de dois dias, conforme relatório que então apresentamos, pois, do Rio vinham pedidos de informação sobre os serviços.

Dia 23 de dezembro:

822 homens de trabalho a \$800	657\$600
148 meninos de trabalho a \$400	59\$200
15 homens a 1\$000	15\$000
36 chefes de turmas a 1\$400	50\$400
2 encarregados de serviços a 2\$000	4\$000
3 pedreiros a 3\$000	1\$500
5 meninos a \$300	1\$500
Total 1.031 operários	796\$700

Dia 24 – (Véspera de Natal!):

846 homens de trabalho a \$800	676\$800
18 homens a 1\$000	18\$000
144 meninos de trabalho a \$400	56\$600
37 chefes de turmas a 1\$500	51\$800
2 pedreiros a 3\$000	6\$000
1 pedreiro a	4\$000
2 auxiliares de assistência a 2\$00 (5 d.)	20\$000
1 encarregado serviços “Barrocas” (5 d.)	10\$000
2 chefes turmas mesmo serviço a 2\$000	4\$000
Total 1.031 pessoas	847\$200



Banco do Nordeste



FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

O nosso negócio é o desenvolvimento

COLEÇÃO **MZ** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Quanto à distribuição de esmolas, vê-se:

Dia 23 de dezembro:

Esmolas no Colégio a 1.170 mulheres e 73 homens	441\$200
.....	
Esmolas avulsas	4\$900
Dietas	7\$500
Total	453\$600

Dia 24:

Esmolas no Colégio a 1.092 mulheres e 85 homens	441\$200
.....	
Esmolas avulsas.....	6\$700
Dietas.....	8\$100
Total	417\$800

Além desses serviços e distribuições foram dados pequenos auxílios a alguns que diziam se retirar para o sertão ou à procura de trabalho no agreste, nas salinas de Mossoró, Areia Branca, Macau, etc. Não tínhamos dúvidas de que muitos desses que pretextavam retiradas, ficavam em Mossoró ou para aí logo voltavam. Eram... “retiradas estratégicas”. Mas, admitíamos que a esses infelizes flagelados assistia o direito de procurar, por qualquer modo, escaparem à calamidade.



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U n o s s o n e g ó c i o é o d e s e n v o l v i m e n t o

COLEÇÃO **MZ
EM**

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Os vinte contos foram assim distribuídos:

Pagamento ao pessoal dos trabalhos	239\$300
Auxílio para viagens de retorno, retiradas.....	309\$100
Esmolas	316\$500
Medicamentos	369\$600
Dietas a doentes.....	345\$300
Material, ferramentas, objetos comprados	293\$700
Telegramas	126\$500

Os serviços realizados, nesse período dos vinte contos, foram, segundo o relatório: Aterros de areia nas praças e ruas da cidade, a fim de evitar águas estagnadas e pântanos, na estação das chuvas. Limpeza geral da cidade. Consertos e pequenos serviços de pedra, cal e cimento, em três becos da “Praça da Redenção”, e em uma sarjeta da “Travessa dos Cavalcantes”, a fim de facilitar o escoamento das águas, na estação chuvosa. Cavação de alicerces e carregamento de areia para um edifício da Intendência Municipal. Carregamento de tijolos e areia para uma obra da Sociedade de S. Vicente de Paula. Pequeno trabalho para aguada na Serra Mossoró. Pequeno serviço de terra à margem do rio, a fim de evitar escavações. Calçamento da passagem do “Riacho do Saco”, feito de pedra e cal, para evitar grande lamaçal na estrada, perigosa à passagem de comboios na estação chuvosa. Carregamento de pedras para serviço igual em um outro ponto da estrada, não concluído. Carregamento de pedra, necessário para a construção da barragem das “Barrocas”, serviço que continuou, alguns dias, como preparo dos alicerces, à cargo do Major Jerônimo Rosado,



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U nosso negócio é o desenvolvimento

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

além do dia 8. Trabalho de roçagens, deslocamento, remoção de pedras, pequenos aterros feitos em onze quilômetros da estrada de Upanema, uma das que ligam Mossoró ao Sertão. Serviços na arborização da cidade.

Pelo citado relatório vê-se: a distribuição de esmolas teve lugar entre 14 e 24 de dezembro, suspensa depois desse dia. Era feita pela manhã, no pátio do “Colégio Santa Luzia” para tal fim, cedido por seu diretor. Continuaram esmolas para casos urgentes, para enterros, mortaldas, etc.

As dietas eram entregues em dinheiro, segundo indicação dos clínicos. Os médicos, Drs. Almeida Castro, Soares Júnior, Rafael Fernandes, desinteressadamente, sempre estiveram prontos a acudir os flagelados.

O pagamento do pessoal do trabalho era feito diariamente, entre as 16 e 18 horas, no Colégio. O pessoal trabalhava dividido em turmas de 20 a 30 homens, cada turma dirigida por um chefe. Na hora do pagamento cada chefe fazia a chamada da sua turma, que era então paga por indivíduo.

E assim foram distribuídos os minguidos vinte contos.

Na distribuição de esmolas e pagamentos estava sempre presente um dos membros da comissão, auxiliado pelo Promotor Público, que espontaneamente trabalhava, e pelo Delegado de Polícia. Todos, Dr. Silvério Soares, Capitão Lustosa de Vasconcelos, Jerônimo Rosado e Romão Filgueira foram constantes e desinteressados auxiliares em todos os trabalhos.

Apesar dessa angustiosa situação de Mossoró e de sua flagelada população adventícia, nenhum serviço, mesmo insigni-



**Banco do
Nordeste**
U nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

ficante, foi iniciado, quer pela Inspetoria das Secas, quer pelas “Obras Novas”, durante esse calamitoso ano de 1915.

Abaixo exaramos telegramas relativos a esse fim de ano.

Faltam telegramas e cópias, não encontrados no “arquivo”.

Em dezembro enviamos ao Governador o despacho telegráfico:

“Mossoró agasalha 650 retirantes Catolé, Brejo do Cruz, 264 Souza, 293 Rio do Peixe, 126 Cajazeiras, 26 Pom-
bal, 231 outros municípios Paraíba, em trabalhos, assis-
tência flagelados, além grande número trabalhando sali-
nas, outros serviços particulares.

Abriga, ainda, milhares retirantes outros municípios rio-
grandenses, além flagelados Mossoró, e 200 retirantes
cearenses, elevando total cerca 6.000 flagelados.

Nem a capital, nem qualquer outra cidade Nordeste, ex-
ceção Fortaleza, abrigam igual número. Juiz Direito
Mossoró”.

Depois procuramos a intervenção de Eptácio Pessoa,
com o telegrama de 23 de dezembro:

“Exmo. Senador Eptácio Pessoa. Rio. Além população
adventícia municípios rio-grandenses acham-se famintos
abrigados Mossoró mais de dois mil paraibanos. Implor-
ramos vosso valimento socorrer tristíssimas condições
flagelados, enviar auxílios ou passagens vapores. Felipe
guerra, Presidente Defesa Nordeste”.



**Banco do
Nordeste**



Our business is development

**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Esse telegrama teve resposta embora demorada:

“Felipe Guerra. Prefeito Mossoró. Petrópolis - 14 - Janeiro. Calógeras deu ordem especial Loide passagens. Epi-tácio”.

Tais passagens, porém, não vieram.

Cumprir notar que as estatísticas tentadas para conhecer o número de retirantes e flagelados em Mossoró, a esse tempo, não exprimiam números exatos. Difícil era apanhar todos, espalhados pelos casebres e recantos da cidade e arrabaldes, abarracados nos arredores, à sombra (?) de árvores sem folhas e sem sombras. Muitos se ocultavam julgando que se queria “tirar uma lista para embarque”.

As mulheres, principalmente, não apareciam, por sua quase nudez.

Um viajante para o animal em frente a um casebre, na estrada, e pediu um copo d’água. O homem da casa não estava. “Entre, foi a resposta, na sala tem um pote. Não podemos aparecer. Não temos roupa”.

Fatos como esse não eram isolados nas secas, e parece que ignorados apenas por aqueles que negavam socorros a tão infeliz e abandonada população, merecedora de todo amparo e proteção.

Continuamos o registro de telegramas de dezembro.



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

O nosso negócio é o desenvolvimento

COLEÇÃO **MZ
EM**

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

“Exmo. Presidente Estado (Paraíba). Redação União. Imprensa. Paraíba. Acham-se Mossoró 603 retirantes Catolé, Brejo do Cruz, 264 Souza, 293 Rio Peixe, 126 Cajazeiras, 26 Pombal, 47 Jericó, 231 outros municípios Paraíba, não contando numerosos trabalhando salinas. Entrada cresce diariamente. Rogamos auxiliar esforços junto Governo Federal amparar esses infelizes, que tem sido socorridos aqui, escassos recursos enviados Mossoró, sem distinção procedência, entre ainda maior número flagelados rio-grandenses. Felipe Guerra, Presidente defesa Nordeste”.

Não teve resposta esse despacho. Outro telegrama:

“Exmo. Presidente República. Exmo. Ministro Viação. Rio. Com pesar comunico V. Exa. continua chegada retirantes, regressando outros. Foi recolhida caminho Mossoró criança abandonada, havendo casos morte fome. Tem seguimento de Mossoró para Catolé, sertão paraibano, sacos farinha cinquenta quilos conduzidos dorso humano, preço frete seis mil réis. Imploro socorro aflitiva, desesperada situação. Felipe Guerra. Juiz Direito Mossoró”.

De Mossoró a Catolé são mais de 160 quilômetros.

“Exmo. Governador. Natal. Com auxílios enviados Prefeituras Distrito Federal e Porto Alegre foi concluída e solidificada barragem cidade. Além de outros serviços



**Banco do
Nordeste**



U nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO

COLEÇÃO **MZ** MOSSOROENSE

EM



UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

foi iniciado preparo material barragem Barrocas, feito distribuição necessitados. Com os vinte contos enviados serão continuados alguns desses serviços, fazendo-se ao mesmo tempo distribuição assistência necessitados, que morrem à míngua recursos, e cujo número já alcança talvez seis mil e avoluma-se diariamente, conforme estatística enviaremos. Torna-se tristemente séria e precária situação Mossoró.

“Juiz Direito. Mossoró. Natal 4 dezembro. Fim habilitar-me informar Governo Federal peço dizer quais serviços atacados aí. Chaves. Governador”.

“Exmo. Governador Estado. Natal. Comissão resolveu iniciar serviços aterros cidade, chegar pedra barragem, outros pequenos serviços pela necessidade imperiosa evitar desvio dinheiro compra cimento, outros materiais, que viria desfalcado verba enviada socorro famintos cujo número cresce desmedidamente entrada retirantes mais tristes precárias condições. Serviços iniciados seiscentos homens válidos quase todos retirantes. Há alguma inquietação sobre garantias segurança cidade. Números socorridos mera assistência sob milhar. Juiz Direito Mossoró”.

“Mossoró - 10 - Dezembro. Exmo. Dr. Governador. Comissão resolveu iniciar serviços aterros cidade na impossibilidade atacar barragem pela necessidade imperiosa evitar desvio dinheiro compra materiais, cimento, que viria desfalcado verba enviada socorros famintos cujo número cresce desmesuradamente entrada retirantes nas mais



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

O nosso negócio é o desenvolvimento

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

tristes precárias condições. Ainda ontem entraram 23 famílias, maioria procedência Paraíba. Juiz Direito Mossoró”.

“Mossoró - 21 - Dezembro. Exmo. Governador Natal. Conforme era de esperar houve suspensão chuvas, relâmpagos. Retirantes receosos voltar sertão. Entretanto continuamos auxiliar aqueles que querem voltar. Gastos comissão trabalhos socorros média diária conto duzentos, 731 homens muitos numerosas família, além 1.148 assistidos. Perigosa imediata suspensão, seria muito oportuno iniciar logo proveitoso serviço barragens Inspetoria. Conviria igualmente conseguir Inspetoria Agrícola enviar abundância sementes algodão, pois, havendo regular inverno e algodão conservando preço alto, um só ano, com insignificante auxílio população exausta, será suficiente refazer prejuízos sertão. Juiz Direito Mossoró”.

“Juiz Direito Mossoró. Natal - 22 - dezembro. Avabo receber seguinte despacho:

“Em começo janeiro quando será aberto novo crédito se ca autorizarei outras obras Mossoró, Areia Branca, outros municípios. Abraços. Tavares de Lira. Ferreira Chaves. Governador”.



**Banco do
Nordeste**



U nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO

COLEÇÃO **MZ** **EM** MOSSOROENSE



UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Convém lembrar que até essa data nenhum serviço fora iniciado em Mossoró, quer pela Inspetoria, quer pelas Obras Novas.

“Exmo. Dr. Governador. Natal. Mossoró - 22-12.

Pessoal trabalhos dia 21 atingiu 918 homens. Despesa trabalhos e assistência 1:238\$800. Ainda hoje chegaram famílias retirantes. Juiz Direito”.

“Juiz Direito Mossoró. Natal - 23-12.

Ciente despacho. Ministro não deseja abrir crédito agora por ser fim exercício o que dificulta execução ordens movimento Tesouro, Tribunal Contas; abrirá, porém, começo janeiro, que está bastante próximo. Talvez antes novos créditos sejam atacados serviços barragens submersíveis aí, conforme ainda hoje solicitei.

Atenta por ora escassez recursos pareceria prudente revezar turmas trabalhadores nos serviços em execução, como se está fazendo em Caicó e outros municípios. Assim haveria tempo aguardar novos recursos prometidos. Faltam poucos dias janeiro. Chaves. Governador”.

“Mossoró, 24-12. Exmo. Dr. Governador. Natal.

Ciente vosso telegrama. Difícil revezar turmas trabalhadores salários oitocentos réis, farinha trezentos, feijão quatrocentos. Temos feito possível economia. Promotor Público, Delegado, eu, diariamente fazemos distribuição e pagamentos. Dois primeiros prestam relevantes servi-



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U nosso negócio é o desenvolvimento

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

ços, além bom policiamento Delegado. Restringindo distribuição assistência talvez possamos chegar dia 5 janeiro. Maior diária 5 auxiliares 2\$000. Ontem, 1.031 homens trabalho 1.243 assistidos. Ainda entram retirantes. Ontem distribuição assistência retirada braços flagelada deu à luz; hoje retirada flagelada atacada dores parto. Estado sanitário bom. Juiz Direito Mossoró”.

“Mossoró 23-12. Exmo. Governador. Natal. Ciente comunicação Dr. Lira. Peço permissão afirmar V. Exa. que hipótese inverno, nenhum proveito ficará socorro famintos atual calamidade, impossibilitados então serviços barragens, açudes. Continuando seca, porém, aquelas promessas créditos encontrarão centenas flagelados mortos, milhares famintos socorrer, em vez de homens capazes trabalho proveitoso. Ontem 974 homens trabalho, muitos representando numerosas famílias, além do número superior mil assistidos Mossoró seriamente difíceis embaraçosas condições, com cerca seis mil flagelados, maioria população adventícia. Exmo. Dr. Governador Mossoró”.

“Mossoró 27-12. Exmo. Dr. Governador. Natal. Está havendo fluxo, refluxo retirantes. Temos sido obrigados aconselhar volta retirantes, o que com os pequenos auxílios que podemos fornecer trará grandes sofrimentos infelizes que palmilharão longas estradas região devasta-



**Banco do
Nordeste**



U nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO

COLEÇÃO



MOSSOROENSE



UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

da, sofrimentos que irão à morte pela fome, na pavorosa hipótese continuar a seca.

Entretanto, diante escassez tardios recursos auxílios, diante infeliz, bárbara negação trabalho produtivo capaz socorrer flagelados, somos obrigados arriscar sorte infelizes, que não podemos socorrer, medonha responsabilidade que, com certeza, não poderá atingir V. Exa. nem a nós, que desde abril imploramos, na certeza de que iria suceder o que está sucedendo. Dia 24 serviços 1.040 homens, além 1.177 socorridos. Hoje tomamos medidas apertadas economias. Trabalhos dirigidos gratuita atividade Major Romão Filgueira. Julgo socorros irão até dia 3. Felipe Guerra. Juiz Direito Mossoró”.

“Juiz Direito Mossoró. Natal. 29-12.

Transmiti Ministro Viação notícias vossos últimos despachos. Aguardo providências, cuja urgência tenho encarado. Chaves. Governador”.

“Mossoró 28-12. Exmo. Dr. Governador. Natal.

Mulheres hoje aglomeradas tentaram atacar carro estação estrada de ferro, romperam sacos farinha. Comparecendo delegado Polícia ordem imediatamente restabelecida. Confirmo dois despachos anteriores. Juiz Direito Mossoró”.

“Mossoró 1º/01 - (1916). Exmo. Governador. Natal.

Serviços terminaram ontem com 532 homens, continuando oitenta restos trabalhos poucos dias. Cidade oferece



Banco do Nordeste



FUNDAÇÃO VINGT-UN ROSADO

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U n o s s o n e g ó c i o é o d e s e n v o l v i m e n t o

COLEÇÃO **MZ** **EM** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

triste espetáculo homens, mulheres famintos, andrajosos. Voltam alguns tristíssimas condições para o sertão, o que será um suicídio, hipótese continuar seca. Tempo completamente desanimador. Julgamos dispensado acrescentar palavras. Bem compreendeis situação. Juiz Direito Mossoró”.

“Juiz Direito. Mossoró. Natal – 6-1º.

Telegrafei Ministro Viação encarecendo urgente necessidade novos serviços. (?) Engenheiro Rezende telegrafará Franklin sobre barragens. Ferreira Chaves”.

Convém notar que “novos serviços” – foi um modo de dizer, porquanto nenhum serviço havia ainda em Mossoró, a não ser aqueles em que foram distribuídos os vinte contos.

O “Comércio de Mossoró”, em sua edição de 22 de janeiro de 1916, noticiou:

“Acha-se entre nós o ilustre engenheiro Dr. Guilherme Browne, em comissão do Governo para direção do serviço de barragens submersas do Rio Mossoró, que, construídas sob a direção de Guilherme Borges, não resistiriam ao primeiro ano de inverno”.

Esse pequeno serviço de reparos de barragens, atacada cada barragem uma a uma, dando trabalho apenas a trinta ou quarenta operários, nenhuma influência teve no estado de penúria dos flagelados.



**Banco do
Nordeste**
U nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Os serviços do pequeno açude do Saco tiveram início já em 1916.

É de 26 de janeiro desse ano o telegrama do Ministro da Viação noticiando achar-se de viagem a Comissão encarregada de serviços da estrada de rodagem, dos açudes do Saco e Serra Vermelha.

O Governador Ferreira Chaves era grande partidário de estradas de rodagem. Mais tarde, construindo, pelo Estado, em seu Governo a estrada de Natal a Santa Cruz. Foi o primeiro a se interessar seriamente pelo problema.

Por lei de julho de 1916 o governo municipal de Mossoró estabeleceu prêmio à estrada de rodagem que fosse construída entre Mossoró e Limoeiro, no Ceará. No ano seguinte foi essa estrada inaugurada.

Em 1915 não recebemos com entusiasmo a notícia da construção da estrada de rodagem de Mossoró para o sertão, que chegamos a desconfiar ser “presente de grego”. Pareceu-nos então mais uma tentativa para criar embaraços à estrada de ferro de Mossoró. “Gato esquentado”... E, depois, o automóvel, o caminhão eram ainda desconhecidos no sertão, talvez mesmo no Estado. Parecia-nos que esse meio de transporte não seria suficiente para uma grande safra de algodão, como ainda não é para transporte econômico do sal, a grandes distâncias. Pouco depois fomos levados a reconhecer nosso grande engano. Estávamos errados.

Em dezembro de 1915 recebemos telegrama:



Banco do Nordeste



FUNDAÇÃO VINGT-UN ROSADO

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U nosso negócio é o desenvolvimento

COLEÇÃO **MZ EM** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

“Juiz Direito. Mossoró. Rio - 6- dezembro.

Continuamos trabalhar benefício flagelados, sempre prestigiados boa vontade, esforços Ministro Lira. Pedimos também estrada rodagem Mossoró São Miguel, prevenir hipótese possíveis embaraços realização por conta União estrada ferro.

Juvenal Lamartine. Secretário Câmara”.

Esses embaraços que o despacho julgava “possíveis” já atuavam fortemente no Rio.

Aquela estrada de rodagem foi iniciada. Pouco depois suspensos os serviços, conforme referência que anteriormente já fizemos. Um órgão da imprensa local noticiava em sua edição de 25 de dezembro:

“Anteontem por ocasião de se distribuir o auxílio pelos flagelados caiu um rapaz com ataque... de fome”.

Eram essas as condições dos retirantes, em Mossoró, e dos flagelados do município. Essa anormalidade prolongou-se pelos primeiros meses de 1916.

Desde dezembro de 1915 apareciam os primeiros presságios de inverno, muito conhecidos pelos sertanejos: relâmpagos “para cima”, chuvas pelo Piauí, pelo Crato, chuvas esparsas em alguns pontos do sertão, etc. E por isso alguns retirantes se animavam a regressar a seus sertões. As comissões em Mossoró animavam esse movimento, forneciam meios para tal, como adiante veremos. Entretanto, com a notícia de que em Mossoró havia socorro e “serviço do governo”, chegavam sempre retirantes.



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U nosso negócio é o desenvolvimento

COLEÇÃO **MZ
EM**

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Esse fluxo e refluxo de retirantes é um fato característico, sempre observado nas secas. Os infelizes sertanejos perdem o controle próprio, fustigados pela miséria. Andam às tontas, “para cima e para baixo”, acompanhados sempre pelos sofrimentos.

Podemos adiantar que o ano de 1916 foi de fraco inverno - 422 mm segundo a precipitação pluviométrica de Mossoró.

Houve fracas colheitas e safras pelo sertão. Como sempre acontece nos pequenos invernos, em lugares mais, em lugares menos.

Não estivesse o sertão com sua vida econômica desorganizada, tivesse a população recebido auxílio para encetar trabalhos, melhores resultados teriam aparecido. Segundo dados oficiais a exportação de algodão foi em 1916 de 4.350.489 quilos, contra 5.460.624 em 1915 e 8.674.848 em 1917. A esse tempo a cultura algodoeira estava pouco desenvolvida pelo sertão, no agreste ainda não era ele plantado e muito pouco cultivado nas caatingas.

Em 1915 a altura pluviométrica foi 204 mm, e em 1917 chegou a 1.220. No período de vinte anos, 1907-1926, a maior safra de algodão exportado foi a de 1911, com 14.197.682 quilos, apesar da fraca pluviosidade do ano, que foi 359 mm.

Quanto à produção, a maior safra de algodão verificada no Estado, desde os primórdios de sua cultura algodoeira até o presente foi no ano de 1935 com 30.576.000 quilos. Altura pluviométrica 761,8 mm. Nesse ano só o município de Baixa Verde produziu oito milhões de quilos, número nem antes, nem depois atingido. O município de Mossoró produziu, também, nesse ano,



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U nosso negócio é o desenvolvimento

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

2.600.000 quilos. Já no ano anterior, 1934, o primeiro desses municípios havia produzido 7.200.000 quilos, sendo a altura pluviométrica de 706 milímetros.

Esses dados da produção algodoeira de Baixa Verde e Mossoró foram colhidos do relatório, página 99, que em 1940 fez publicar o Interventor Rafael Fernandes, e também do órgão da imprensa oficial, em sua edição comemorativa do quinto ano de governo do mesmo Interventor.

É de justiça lembrar que aqueles dois anos de grande produção, não alcançada até então, nem depois, foram nos anos de governo do Interventor Mário Câmara.

Os dados pluviométricos de 1930 para trás foram colhidos em Mossoró. Os demais são da Estação Experimental de Cruzeta, cada um relativo a doze meses de cada ano. É natural haver divergência de altura pluviométrica entre localidades. Para tal é bastante que uma “boa chuva” registrada em um pluviômetro não alcance o outro.

Em regra não são muito sensíveis essas diferenças. As observações pluviométricas de Mossoró e de Cruzeta são bem índices gerais das duas regiões do sertão seco do Estado.

Feita essa ligeira digressão sobre produção algodoeira, voltamos ao assunto principal.

O inverno de 1916 manifestou-se duvidosamente, inspirando pouca confiança. Foi expedido o telegrama seguinte, a 15 de janeiro:



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U nosso negócio é o desenvolvimento

COLEÇÃO **MZ
EM**

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

“Exmo. Dr. Governador. Natal.

Continua prolongada suspensão chuvas. Tempo desanimado, chegando novas levas retirantes. Cidade calma. Juiz Direito”.

Alguns que não conhecem o andamento das secas, e pouco refletem sobre a calamidade, entendem, parece, que caindo chuvas está terminada a crise. É uma ilusão. No início da estação chuvosa, ao findar uma seca, a crise torna-se mais apertada e aflitiva. Cessam, então, ou são interrompidos os serviços em que se vinham empregando as atividades. Os retirantes acham-se fora de seus habituais lugares onde trabalhavam. Os patrões rurais com poucos recursos, esgotados, esperam que o inverno se acentue, cautelosos e medrosos. O pequeno lavrador nem sempre encontra semente para suas lavouras, todas consumidas na seca. O transporte no dorso de animais fica paralisado, porquanto as cavalgadas enxáguas pelo trabalho, no verão, alimentadas com pequeno e impróprio racionamento não resistem a chuvas e atoleiros, mesmo insignificantes. Rejeitam as rações, sentem o “cheiro de inverno” e o campo ainda não lhes oferece pastagem suficiente. E por isso os donos os deixam nos campos, para que vagarosamente se refaçam. Era assim ao tempo dos comboios.

Com as primeiras chuvas, após a seca, a salubridade pública tornar-se má. Em Mossoró, na seca de 1915, apesar de todas as desgraças, foi possível conservar de maio a dezembro em boas condições o estado sanitário, quanto a epidemia, com



**Banco do
Nordeste**
U nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

rigorosa limpeza, embora precária em uma cidade sem água, sem serviços sanitários.

O elevado obituário não foi devido a epidemias. Foi ocasionado pela fome, pela miséria, falta de alimentação. A mortalidade infantil foi assustadora. No princípio do inverno apareceram doenças a “febre dos retirantes”, e a mortalidade infantil elevou-se de uma forma dolorosa e cruel.

Por todas essas e outras circunstâncias, aliás conhecidas, inseparáveis do início do inverno, após uma seca, máxime quando, como aconteceu em 1915, a população flagelada foi entregue a cruel e bárbaro abandono, aqueles que em Mossoró se haviam interessado na campanha “pró-flagelados” continuaram a se bater pelo amparo a infelizes nordestinos.

Tanto mais que se havia propagado a notícia de que em Mossoró havia “Trabalho do Governo” e por isso mesmo, iniciadas as chuvas, não cessou logo a entrada de retirantes. Já em março, 1º. de março, foi expedido despacho:

“Exmo. Dr. Governador. Natal.

Continua crise. Situação agravada constante chegada retirantes. Gêneros subiram quarenta por cento devido escassez vapores. Rogamos vossa intervenção sentido alcançar viagens vapores Mossoró, pois falta vapores ocasionará insustentável posição comércio e população região sertaneja. Comissão engenheiros, forçando mesmo necessidades serviços, impossibilitada atender colocação flagelados. Faltando inverno, ausência amplas medidas socorro, sentimentos humanidade obrigam implorar es-



Banco do Nordeste



O nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO

COLEÇÃO

MZ
EM

MOSSOROENSE



UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

mola despovoar sertão, embarque retirantes, evitando assim despovoação região motivada então mortalidade seus habitantes. Juiz Direito Mossoró”.

O Governador, sempre solícito, respondeu logo:

“Juiz Direito. Mossoró. Natal – 2 (março).
Telegrafei Ministro Fazenda, Viação transmitindo justos reclamos vosso despacho. Aliás, tenho freqüentemente insistido essa providência. Ontem mesmo telegrafei Presidente República respeito transporte sal, como publicará hoje edição República. Não cessarei expressar Governo União dolorosa emergências oprimem população exposta inumeráveis sofrimentos. Abraços. Ferreira Chaves. Governador” .

Cumpre ainda lembrar uma circunstância que muito piora a situação do sertão no início do inverno, após a seca. O comércio importador retrai-se logo. Suspende pedidos de gêneros alimentícios, com o fim de esgotar estoques antes do aparecimento de recursos pelo sertão.

O comércio se vinha abastecendo, em falta de produção local, com gêneros importados: farinha, feijão, milho, arroz, açúcar, etc. Isso se reúne a outras circunstâncias já analisadas, para excessivo encarecimento de mercadorias. E a população acha-se depauperada. Até mesmo os abastados são ricos... sem dinheiro.

Bento Praxedes, que era um dos esforçados em benefício dos flagelados por sua atuação individual e como redator chefe



**Banco do
Nordeste**



U nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO

COLEÇÃO

**MZ
EM**

MOSSOROENSE



UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

do “Comércio de Mossoró”, era também o chefe governista local, e aquele que se entendia diretamente com o Ministro Tavares de Lira. Em data de 7 de março expediu o despacho:

“Dr. Tavares Lira. Rio.

Fome continua povo, despeito inverno, falta absoluta meios adquirir sementes. Se fosse possível autorizar juntas compostas juizes, vigários cada localidade distribuição urgente dinheiro compra sementes não perder época plantação, seria obra benemérita muitas bênçãos atrairia governo. Esperar remessas demoradas sementes, chegarão tarde, inoportuno plantio. Situação é tal que apesar inverno sertão, povo continua descer esta cidade, onde trabalham mil homens açude, rodagem, estando nove mil pessoas sem ocupação, vagando ruas, continuando entradas diárias quarenta, cinquenta retirantes. Comerciantes, famílias locais já não podem mais peso esmolas, pediram solicitar V. Exa. passagens famintos, autorização engenheiros auxiliar regressos que quiserem. Só serviço cada localidade evitaria deslocamento população, aglomeração perigosa, fatal uma só cidade, já estando desenvolvendo câmaras de sangue, febres, outras doenças.

Estatística flagelados acusa um terço sertões paraibanos, Catolé, Souza, Jericó, Rio Peixe; grande parte localidades próximas Ceará – Pereiro, União, Russas, Limoeiro, Sabedoria, patriotismo altos poderes República espera



**Banco do
Nordeste**



U nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO

COLEÇÃO

**MZ
EM**

MOSSOROENSE



UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

povo infeliz medidas suavizem tanta lástima, sofrimentos, misérias indescritíveis. Saudações. Bento Praxedes” .

Em 10 de janeiro fora transmitido por doze senhoras de Mossoró o seguinte telegrama:

Exmas. Madame Wenceslau Braz, Urbano Santos, Rui Barbosa, José Bezerra, Alberto Maranhão, Soares Santos, Vicente Piragibe, Macedo Soares, Coelho Neto, Tavares Lira. Rio.

Possuídas intensa dor, presenciando horríveis quadros, excedem forças nossos corações, diante nossos olhos levam patrícios famintos esqueléticos, esfarrapados estacionam ruas e subúrbios esta cidade, sem abrigo, sem pão, sem esperanças, em plena miséria, em prantos, implorando caridade particular, já exausta, apelamos vossos sentimentos humanitários angariades donativos, enviando máxima urgência esta cidade.

Habitantes deste município geralmente pobres impossibilitados continuar fornecer exíguos recursos, serão forçados presenciar morrer fome milhares patrícios caindo suas portas, trazendo aos braços filhinhos enxágües, arquejantes. Poderes públicos esta localidade, comércio, outras associações tem improficuamente recorrido aos poderes superiores sem quase nada obter.

Nossa situação é fremente, pedimos, pelo amor de Deus, não desampareis nosso pedido. Ponde vossos prestimosos serviços causa miseráveis nortistas, trabalhando in-



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U nosso negócio é o desenvolvimento

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

cessantemente, carinhosamente perante vossos esposos, a fim de obter poderes centrais serviço permanente este, outros municípios centro evitar completo êxodo, ruínas, aniquilamento total zona seca, Nordeste Brasileiro. Contamos vossa dedicação favor causa infelizes irmãos”.

O “Mossoroense”, órgão da imprensa local, em sua edição de 8 de abril de 1916, publica o telegrama e mais informações relativas. Vê-se nessa publicação que três senhoras, respondendo a Madame Izaura Rosado, primeira signatária do telegrama, enviaram: Senhora Wenceslau Braz, 20 de janeiro, cinco contos de réis. Madame Tavares de Lira, em igual data, duzentos mil réis. Senhora Gaby Neto, 7 de fevereiro, enviou novecentos e oitenta e sete mil e quinhentos réis. Essa importância total, 6:187\$500, foi distribuída pelos flagelados em pequenos serviços na cidade e reparos em estradas de comboios, em esmolas e assistência a doentes, e até 10 de março, em auxílios para viagem de retorno a 450 famílias de retirantes, com 1.280 pessoas, sendo 725 da Paraíba, 528 do Rio Grande do Norte e 27 do Ceará.

A mesma edição do citado jornal publica um telegrama de Childerico Fernandes e João Correia Fernandes, da firma Fernandes & Cia., de Belém do Pará, enviando a quantia de três contos para os flagelados de Mossoró e quinhentos mil réis para Pau dos Ferros, pela mesma firma angariados.



Banco do Nordeste



FUNDAÇÃO VINGT-UN ROSADO

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U n o s s o n e g ó c i o é o d e s e n v o l v i m e n t o

COLEÇÃO **MZ EM** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

A 3 de março foi expedido o telegrama:

“Exmo. Dr. Governador. Natal.
Ótimas notícias chuvas sertão. Há completa falta sementes algodão. Neste primeiro mês de chuva padecimentos sertanejos, principalmente dos refugiados cidades, assumirão pungente intensidade. Juiz Direito”.

Esse telegrama foi logo respondido a 5:

“Juiz Direito. Mossoró.
Parabéns manifestação chuvas. Aqui também completa falta sementes algodão. Requisitei novamente Ministro Agricultura. Recebendo remeterei urgente. Tesouro dependendo Natal cem mil réis diários assistência flagelados destino Norte, Sul.
Tenho insistente exposto Governo União situação geral Estado. Ferreira Chaves. Governador”.

Logo a 6 do mesmo mês de março foi expedido o seguinte telegrama:

Exmo. Dr. Governador. Natal.
Tempo duvidoso ainda, urgindo assim larga distribuição sementes algodão, feijão, lavouras capazes resultados, mesmo inverno irregular. Receamos sementes americanas. Preferimos nacionais. Aqui miséria pungente, produzindo desilusões, indignação, cruel abandono infelizes



**Banco do
Nordeste**



U nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO

COLEÇÃO



MOSSOROENSE



UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

brasileiros, a quem se nega mais mesquinha assistência. Seria máxima conveniência alcançar autorização Ministro para com isso engenheiros, aqui, destinar pequena parcela verba serviços, em auxílios internar retirantes seus lares. Juiz Direito”.

Em março foram enviados seis contos de réis, pelo Governo Federal, para auxílio aos retirantes que quisessem regressar a seus lares. Foi nomeada para essa distribuição uma comissão composta do Juiz de Direito, Presidente da Intendência e Farmacêutico Jerônimo Rosado.

O “Comércio de Mossoró”, em sua edição de 25 de março, noticiou:

“A comissão que o Exmo. Governador do Estado nomeou para dar as retiradas aos flagelados que quiserem voltar para seus lares tem cumprido esse dever escrupulosa e honradamente”.

O socorro era dado em gêneros alimentícios para a viagem, em dinheiro, e em sementes para plantio, que alguns pediam.

O Governo do Estado mandou, por sua vez, distribuir pelos municípios a quantia de vinte contos de réis para compra de sementes. A Mossoró coube um conto de réis. Um ato de previdente e modesta assistência administrativa, aliás, até então pouco usada, como se deduz de um artigo publicado no jornal oficial de março, pelo Dr. Alberto Maranhão, que o incluiu no volu-



**Banco do
Nordeste**
U nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**
**MZ
EM**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

me da brochura que publicou depois, sob o título de “Na câmara e na Imprensa”. Nesse artigo, obra citada, página 162, lê-se:

“Entre as medidas com que vai o Governo do Estado correspondendo à confiança do povo, destaca-se agora a mais recente, com a emissão especial de vinte contos de réis, em apólices, nobre e patrioticamente tomadas pelo comércio exportador de Natal, para compra e distribuição de sementes de algodão, destinadas ao plantio de inúmeros roçados que esperam a semeadura neste promissor começo de inverno... A corajosa e decisiva providência da emissão para sementes com que o Governador vem de garantir, com o auxílio louvável do comércio de Natal, o plantio do algodão, em uma vasta zona de nossa terra, é um ato que merece a mais grata consagração e aplausos, nas crônicas da época, porque marcará na história do Brasil um exemplo a seguir, e uma demonstração evidente da capacidade prática dos governos em nossa Pátria”.

Na publicação de “Relatórios, Leis e Resoluções” da Intendência de Mossoró, vê-se a lei nº. 21, de 26 de março de 1909, assinada pelo seu então Presidente, Antônio Soares do Couto, que dispõe:

“A Intendência de Mossoró, atendendo às grandes necessidades da população pobre do município, que atualmente não pode adquirir sementes para o plantio, resolve au-



Banco do Nordeste



FUNDAÇÃO VINGT-UN ROSADO

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

O nosso negócio é o desenvolvimento

COLEÇÃO **MZEM** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

torizar ao Presidente para adquiri-las e fornecê-las aos plantadores do Município até a quantia de 800\$, cuja importância correrá por conta da verba – Obras contra os efeitos das Secas”.

As sementes foram distribuídas. E parece que no ano seguinte houve outra distribuição, conforme se vê na citada publicação:

“Resolução nº. 29. Art. 1º.: Fica aprovado o crédito de R\$ 779\$380 despendido com as sementes distribuídas aos agricultores do Município, de ordem do Presidente da Intendência, cuja importância correrá por conta da verba contra Secas, criada pelo orçamento vigente”.

Essa resolução, assinada pelo Vice-Presidente em exercício, tem a data de 1º. De março de 1910.

Não era, portanto, para Mossoró, fato desconhecido a distribuição de sementes pelos necessitados, em anos de crise”.

O Ceará e o Rio Grande do Norte sofreram cruelmente nesse 1915.

A Paraíba foi mais feliz, segundo informa a obra de José Américo, “Paraíba e seus Problemas”, à página 179:

“...Mas os efeitos do cataclismo foram, dessa vez, aliviados por uma série de circunstâncias providenciais. Interveio o prestígio nacional do Dr. Epiácio Pessoa que volvera a militar na política do Estado. À ação dos poderes locais veio, para logo, juntar-se a assistência federal. Fo-



Banco do Nordeste



FUNDAÇÃO VINGT-UN ROSADO

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

O nosso negócio é o desenvolvimento

COLEÇÃO **MZEM** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

ram iniciadas obras de açude e estradas. Esse auxílio indireto evitou maior convergência da população para os Brejos e o litoral, e atalhou outros prejuízos”.

É ainda José Américo de Almeida que informa, à página 273 da citada obra:

“O próprio presidente Wenceslau Braz chegou, na sua mensagem de 1918, a enumerar, entre os serviços de seu governo:

A debelação, ou pelo menos minoração dos efeitos das secas no norte pelo emprego de providências que, se não evitam a reprodução do flagelo, ao menos impedem que ele apareça com a mesma intensidade e efeitos de até bem pouco tempo”!!!

Essa última acentuação é nossa para evitar comentários que poderíamos fazer a essas palavras do corajoso Presidente.

Logo em 1919 veio uma seca, com suas desastrosas conseqüências. Nas 27 instalações pluviométricas então espalhadas pelo sertão do Estado a média da precipitação chuvosa não excedeu a 128mm.

Em 1915 uma das maiores preocupações das classes representativas de Mossoró foi alcançar do Governo da União o ataque e prosseguimento dos trabalhos da Estrada de Ferro em procura do sertão.



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U n o s s o n e g ó c i o é o d e s e n v o l v i m e n t o

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Seria o amparo a milhares de vítimas da seca, um dos maiores benefícios a regiões sempre ameaçadas pela calamidade, e um grande serviço ao progresso do País.

Disso passaremos a tratar mais desenvolvidamente em capítulo especial.



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U nosso negócio é o desenvolvimento

COLEÇÃO **MZ
EM**

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

10 – ESTRADA DE FERRO DE MOSSORÓ

Durante a seca se 1915 houve em Mossoró forte campanha perante o Governo Federal para que fossem prosseguidos os trabalhos da Estrada de Ferro. Seria naquele momento o meio mais condicente e de resultado proveitoso para dar trabalho a uma população que morria de miséria à falta de ocupação. Nada foi possível alcançar.

Já temos dito que o presente trabalho não é propriamente um histórico da seca de 1915. É antes, um registro de documentos relativos ao que então se fez e ocorreu em Mossoró. Entretanto diremos alguma coisa sobre a Estrada de Ferro de Mossoró.

Sua propaganda foi duradoura e tenaz. A cada crise climática recrudescia a luta. Todos aqueles que dela se ocupavam, entre os mais competentes, indicavam o valor e ao alcance da Estrada.

Apenas a estreita politicagem, talvez curta divisão de alguns, criava embaraços. Não faltou mesmo quem chegasse a afirmar que a estrada de Ferro de Mossoró... “era um mito”!

Interesses materiais e, falando mais claro, dinheiro de argentários chegou, no Rio, a interessar órgão da imprensa, contrariando o grande empreendimento. Com palavras de outros, de indiscutível competência, seguiremos em ligeiros traços, fases diversas da velha aspiração, nascida e sustentada em Mossoró, da construção da Estrada.

A “Revista do Clube de Engenharia”, do Rio, em seu número 22 de 1910, publicou o “Parecer sobre a estrada de ferro de Mossoró ao S. Francisco, lido em sessão do Conselho Diretor



**Banco do
Nordeste**



U nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO

COLEÇÃO

**MZ
EM**

MOSSOROENSE



UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

de 23 de Julho de 1910, pelo relator Engenheiro Chrockatt de Sá”. E assim principia o parecer:

“O Intendente Municipal de Mossoró telegrafou ao Clube de Engenharia nos seguintes termos”:

“Pedimos intervir perante o Governo mandar fazer estudo Estrada de Ferro de Mossoró ao S. Francisco autorizado orçamento geral da República. Distância Mossoró Petrolina 660 quilômetros. Salinas Mossoró produzem anualmente aproximadamente novecentos milhões quilogramas sal, podendo ser transportado grande parte abastecer centro, Rio Grande do Norte, Paraíba, Ceará, Pernambuco, Bahia e Minas Gerais, até onde chegarem o São Francisco e seus afluentes navegáveis, todos mencionados permutarão mercadorias Mossoró, que é o atual ponto convergente comercial dos quatro primeiros. Saudamos meritíssima corporação. Jerônimo Rosado, Intendente Municipal”.

“Pelo Exmo. Sr. Dr. Paulo de Frontin, continua o ilustre Engenheiro, fui designado para estudar a questão... Gostosamente aceitei a honrosa incumbência e por tratar-se de um assunto que venho estudando desde 1888, como prova a conferência por mim feita no salão deste Clube”...

E passa a informar o notável parecer:

“A estrada que o povo do sertão dos três Estados do Rio Grande do Norte, da Paraíba e de Pernambuco reclama é



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U nosso negócio é o desenvolvimento

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

a que de Mossoró se dirige ao rio São Francisco, atravessando o coração dos três Estados. Data de 1875 o primeiro “anhelo”. O industrial João Ulrich Graf celebrou em 28 de agosto de 1878, de acordo com a concessão legislativa providencial de 26 do mesmo mês e ano, contrato para a construção da Estrada de Ferro de Mossoró aos limites da Província do Rio Grande do Norte, passando pelos municípios de Apodi e Pau dos Ferros. Por decreto nº. 6.139 de 4 de março de 1876, o Governo Geral concedeu os favores do art. 9º. do Regulamento a que se refere o decreto n. 5.561, de 28 fevereiro de 1874. Não concedeu garantia de juro, porque não foi ela solicitada, por estar convencido o concessionário de que era desnecessária. Não conseguiu organizar a companhia e a concessão foi declarada caduca por decreto n. 8.598, de 17 de junho de 1882. se bem que o industrial Ulrich Graf cogitasse do grande futuro da estrada, de seu prolongamento ao S. Francisco a linha concedida era meramente provincial. Não estava patente sua alta importância. Talvez tivesse conseguido realizar o seu sonho se tivesse dado logo o caráter geral que deveria ter, obtendo do Governo Geral concessão de toda a linha.

“Este insucesso sacrificou os interesses do sertão, protegendo a construção da estrada, até... quem sabe quando? Só em 1888 foi renovada a tentativa. O porto escolhido era Macau, onde, assim como Mossoró, se encontraram importantes salinas.



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

O nosso negócio é o desenvolvimento

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Estudos posteriores demonstraram a maior conveniência em aceitar Mossoró como ponto inicial...

O ilustre deputado pelo Ceará Dr. Frederico Borges, em novembro de 1903, apresentou ao Congresso um projeto de lei autorizando a construção da estrada ligando o litoral do Ceará ao S. Francisco, aceitando o mesmo traçado – Mossoró a Boa Vista.

Mas, coube à ilustre Comissão de Obras Públicas do Senado dar o traçado desta estrada, cuja construção se impõem, de forma definitiva.

Tendo os Senadores Meira e Sá, Ferreira Chaves, Antônio de Souza, Valfredo Leal, Castro Pinto, Tomaz Acioli, Ribeiro Gonçalves, Pedro Borges, Severino Vieira e Gonçalves Ferreira apresentando o projeto de lei autorizando o Governo a construir a Estrada de Ferro de Mossoró ao S. Francisco a Comissão de Obras Públicas, composta dos Senadores Hercílio Luz, Jonatas Pedrosa e Severino Vieira, apresentou um luminoso parecer, em que foi posta em evidência a urgência da construção da estrada projetada, e determinando, com muito critério, o ponto terminal da linha, que seria Petrolina, ficando assim estabelecida a ligação com a rede da viação baiana.”

Até aqui o parecer do Dr. Chrockatt de Sá, que passa a transcrever o citado parecer da Comissão de Obras Públicas do Senado. E transcreve também o projeto, que foi o seguinte:



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

O nosso negócio é o desenvolvimento

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

“O Congresso resolve: Art. 1º. – O Governo da União mandará construir uma estrada de ferro que, partindo do porto de Mossoró, na vila de Areia Branca, atravesse, em linha mais ou menos reta, o Estado do Rio Grande do Norte, nos municípios de Mossoró, Caraúbas, Apodi, Portalegre, Patu, Pau dos Ferros e Luiz Gomes, penetrando no Estado da Paraíba pelos sertões do Rio do Peixe, próximo do Estado do Ceará, e termine no sertão de Pernambuco, à margem do rio S. Francisco. §Único – Para a dita construção abrirá o Governo os créditos necessários. Sala das sessões, 27 de outubro de 1909”.

São do citado parecer do ilustre engenheiro as palavras:

“Se há uma estrada de ferro projetada em nosso país da qual se possa dizer que já encontra preparados poderosos elementos de tráfego, essa estrada é a de Mossoró ao S. Francisco”.

E ainda:

“Ligando-se por Juazeiro à viação baiana, e por Pirapora à Central do Brasil, e por esta à paulista e às estradas de S. Paulo, Rio Grande e *Auxiliaire*, ela permitirá o abastecimento de quase todo o país por via terrestre. E por essa formidável rede, que já não é mais um sonho, mas uma realidade, passará, além do sal, o soldado nortista correndo ao primeiro apelo da pátria. Terá, pois, a estrada de



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

O nosso negócio é o desenvolvimento

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Mossoró a S. Francisco, além do caráter social, do caráter econômico, mais o estratégico”.

Sob esse último aspecto já em 1904 publicávamos:

“...E pondo em direta comunicação os Estados de Leste com a importantíssima artéria fluvial do São Francisco, em futuro próximo à rede de viação férrea representada pela Estrada de Ferro Central do Brasil, a mais importante da América do Sul, representaria também um grande passo para a rede de estradas de ferro estratégicas do Brasil, de tão palpitante e urgente necessidade para a defesa e integridade da Pátria, que possui extensíssimo litoral aberto, sem fortificações e sem Marinha capaz de o proteger, exposta à absorvente co- biça do moderno imperialismo”.

Podemos logo adiantar qual o destino que teve aquele projeto de lei, que ficou conhecido com o nome de “Projeto Meira e Sá”. Ver-se-á como agiam a má vontade e os interesses contrários à Estrada de Ferro de Mossoró. O projeto permaneceu abafado durante anos, e depois, misteriosamente, desapareceu. É incrível, mas é verdade.

Em 1915, mais uma vez erguida tenazmente, em Mosso- ró, a campanha pelo prosseguimento da Estrada, deputados do estado procuraram, no Rio, o projeto. Não foi encontrado. É o que informa o Dr. Alberto Maranhão à página 66 de sua publi- cação “Na Câmara e na Imprensa”:



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U nosso negócio é o desenvolvimento

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

...“há alguns anos, no Senado da República, o eminente representante que foi de minha terra, Dr. Meira e Sá, que hoje é juiz provento na seção Federal do Rio Grande do Norte, apresentou, instruído por um discurso extremado patriotismo, um projeto que, conforme há bem poucos dias, declarou o Sr. Juvenal Lamartine, jaz sepulto ou perdido.”

Não foi propriamente isso a declaração do deputado Lamartine. Esse informou clara e francamente, em discurso publicado na “A República” de 10 de janeiro de 1915:

“Terminando, Sr. Presidente, peço a V. Exa. os bons ofícios da Mesa junto à Comissão de Finanças, para que esta dê seu parecer sobre o projeto do Senado, que autoriza o Governo a construir a estrada de ferro de Mossoró, no Rio Grande do Norte, ao centro da Paraíba. Posso informar à Câmara que esse projeto teve parecer favorável da Comissão de Obras Públicas desta casa, depois disso desapareceu, sendo infrutíferas todas as buscas feitas no arquivo da nossa Secretaria com o fim de encontrá-lo.

“Será possível, continua o ilustre deputado, explicar fatos dessa ordem que vão até o desaparecimento de pareceres por causas diversas de feitiços, urucubacas, caveira de burro ou poderes outros de ato de ocultismo, de mágicas e *poderosas forças ocultas!*” Esse último grifo é nosso.



Banco do Nordeste
O nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO VINGT-UN ROSADO
COLEÇÃO **MZ EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

É de justiça abrir um parêntese para dizer algo sobre J. Ulrich Graf, que lançou a semente da Estrada de Ferro de Mossoró ao S. Francisco. Para tal é bastante recorrer à “Ata Diurna” do conhecido historiógrafo Câmara Cascudo, publicada na “A República” de Natal, de 27 de junho de 1940, e que por sua vez é baseada em dados fornecidos pelo Major Romão Filgueira, respeitoso mossoroense, muito conhecedor de sua terra.

O inglês João Ulrich Graf chegou a Mossoró em 1866. De passagem por Natal examinou o ambiente comercial, vacilou em estabelecer-se nessa cidade ou em Macaíba, cidade próxima, e que era então o empório comercial da região, muito superior à capital. Estabeleceu em Mossoró casa compradora e exportadora de produtos da zona, e ao mesmo tempo importando diretamente fazendas e outras mercadorias estrangeiras. Teve logo grande prosperidade a casa, que supria vasta região sertaneja do Rio Grande do Norte, Paraíba, Ceará.

...“iniciadora de grande comércio de importação e exportação, e que tanto influxo deu ao lugar, sendo devido aos esforços do primeiro Vigário... (Nestor Lima)”.

Viajou, com engenheiros, pelo sertão do Nordeste, chegando à margem do S. Francisco, em Petrolina.

Voltando a Natal, em agosto de 1875, com o então Presidente da Província José Bernardo Galvão Alcoforado, contratou a construção de uma estrada de ferro, a partir de Mossoró aos limites da Província, em direção ao Rio S. Francisco, o que foi homologado por decreto imperial de março de 1876.

A “homologação” da concessão Provincial consistiu no decreto imperial de 4 de março de 1876, referendando por To-



**Banco do
Nordeste**



U nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO

COLEÇÃO
MZ
EM



UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

maz José Coelho de Almeida, Ministro da Agricultura, Comércio e Obras Públicas:

“Atendendo ao que me requereu João Ulrich Graf, concessionário da estrada de ferro da cidade de Mossoró, na Província do Rio Grande do Norte, hei por bem conceder-lhe, ou à Companhia que organizar, para a construção da mesma estrada, os favores declarados nos parágrafos 2º. ao 7º. do art. 9º. do Regulamento a que se refere o Decreto n.º 5.561 de 28 de fevereiro de 1874”.

Voltando a Mossoró, Graf procurou organizar a empresa, fez propaganda, distribuindo impressos, prospectos, etc. Viajou ao Pará, onde faleceu.

Veio logo a seca de 1877, desorganizando, anarquizando a vida dos sertões. Dois ingleses que haviam chegado a Mossoró, em companhia de Graf, retiram-se então.

Um outro seu companheiro, Conrado Meyer, suíço, ficou à frente da casa comercial, que muito prosperou, e durante anos foi o principal estabelecimento comercial da praça.

As notas a que nos temos referido, de Romão Filgueira, não elucidam um ponto: porque razão Graf preferiu Mossoró para fundar sua casa comercial? Mossoró era então desconhecida e insignificante cidade.

Sabe-se, porém, com segurança, o motivo da preferência, devido a publicações do Coronel Francisco Fausto, conhecido e muito consciencioso pesquisador de dados históricos de Mossoró.



**Banco do
Nordeste**



U nosso negócio é o desenvolvimento

**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

O padre Antônio Joaquim Rodrigues foi vigário de Mossoró de 1844 a 1894. Durante esse longo período exerceu com hombridade, elevação e seguro critério salutar, eficiente e honesta influência nos destinos de sua freguesia.

Vingt-un Rosado, em sua publicação “Mossoró”, diz:

“O vigário Rodrigues foi um dos precursores da Estrada de Ferro de Mossoró, aquele grande e nobre ideal que empolgou todo o nosso povo, e que só começaria a ser realizado depois de sua morte. A ele se deve a vinda para Mossoró de Ulrich Graf.”

Já antes o Coronel Francisco Fausto, em sua publicação “Breve notícia sobre a vida do Vigário Joaquim Rodrigues e apontamentos históricos da Freguesia de Mossoró”, havia deixado incontestemente esse fato.

Foi o vigário Deputado Provincial, nos biênios de 1854 a 1857, e depois ainda nos quatro biênios de 1866 a 1873.

Freqüentava a Capital, durante os trabalhos legislativos, mesmo antes de ser Deputado, tratando de interesses de seu município. Muito amigo do Presidente Dr. Olinto Meira, que governou a Província de 30 de julho de 1863 a 21 de agosto de 1866.

Em Natal o vigário Rodrigues encontrou-se com Graf, que procurava onde melhor se poderia estabelecer. Com ele conversou, mostrou-lhe as vantagens de Mossoró, onde desenvolveu o então acanhado comércio da praça, valorizou as peles de caprinos, etc.



**Banco do
Nordeste**



U nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO

COLEÇÃO **MZ** MOSSOROENSE

EM



UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Outras casas de vulto vieram logo a Mossoró, entre as quais uma do Barão de Ibiapaba, do Ceará, tendo como gerente o ilustre e conhecido cearense João Cordeiro.

Uma lei, da Província, de dezembro de 1867, isentou, por três anos, do imposto de 5% sobre exportação para o estrangeiro, os negociantes que se estabelecessem em Mossoró, no prazo de dois anos.

Há interessante episódio na vida do vigário Rodrigues e que merece registro.

Já entrado em anos andou o vigário em trabalhos do seu ministério, fora da sede paroquial. Anoiteceu. Perdeu-se no mato. Espalhou-se a notícia. Pode-se dizer que Mossoró todo se abalou para a caatinga. Foi encontrado o vigário, ferido, arranhado pelos espinhos.

Sua ação benfazeja levou-o até a fazer-se homeopata. Os pobres, principalmente, cheios de confiança, acorriam sempre às doses, gratuitamente fornecidas. Defendendo interesses da Província mais de uma vez teve que chamar à ordem seu colega que, da Província vizinha, tentava alargar jurisdição eclesiástica, invadindo pelo Tibau, uma Paróquia do Rio Grande do Norte.

Muito simples e humilde entre seus paroquianos, nunca teve vaidade ou pruridos de grandeza. Em tempos de enfadonhas e difíceis viagens, chegou a hospedar, em sua casa, cinco Presidentes de Província, que em diferentes épocas, a convite seu, visitaram Mossoró.

Viveu pobre e muito pobremente morreu perto dos 74 anos de idade, embora se considerasse tuberculoso desde a mocidade.



**Banco do
Nordeste**



U n o s s o n e g ó c i o é o d e s e n v o l v i m e n t o



FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO

COLEÇÃO

**MZ
EM**

MOSSOROENSE



UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

É, ainda do “Mossoró”, publicação a que já nos referimos à informação:

“O vigário Antônio Joaquim Rodrigues, embora muito doente, dá o seu integral apoio ao movimento (abolição) de que fora um dos precursores, em Mossoró”.

Muito poderíamos ainda escrever sobre a vida do Padre Antônio Joaquim, talvez o maior benfeitor que Mossoró tem tido. Não seria justo falar de fatos ligados ao desenvolvimento de Mossoró sem algumas palavras sobre o humilde vigário que, durante meio século, beneficiou e eficazmente agiu, sempre em linha reta.

Antes da concessão Graf, houve uma lei provincial de 14 de dezembro de 1870, autorizando o Governo a “contratar com os engenheiros Luiz José da Silva e João Carlos Greenhalgh, ou quem mais vantagens oferecer, a construção de uma estrada de ferro que ligue a cidade de Mossoró ao porto ou ponto de descarga dos navios que entrarem no rio”. Cinco anos depois veio a concessão a Ulrich Graf, de que já falamos.

Na página 227 da “Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, vol. III de julho de 1905, lê-se:

“Em relatório do Dr. Olinto Meira que foi Presidente do Rio Grande do Norte lêem-se estas palavras:

Estrada de Ferro de Mossoró – como um complemento da obra de navegação do rio Mossoró, julguei sempre conveniente melhorar as vias de comunicação dali até



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

O nosso negócio é o desenvolvimento

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

confins da Província. O terreno é quase todo plano, de sorte que já se transita sem grande incômodo, presta-se facilmente e com pequena despesa a esse desiderato. Tendo incumbido o engenheiro Dodt de levantar a planta, organizar o orçamento e apresentar-me um relatório circunstanciado sobre a direção da estrada que projetava, deu-me ele conta dessa comissão no ofício de 9 de maio último, a que se acha anexa a mesma planta.”

Essa planta foi guardada no arquivo da Secretaria do Governo, de onde desapareceu, com outros documentos, do arquivo, ao tempo do litígio entre o Estado e o Ceará.

O advogado desse último apresenta como documento um fac-símile da mesma planta. O Conselheiro Rui Barbosa, advogado do Rio Grande do Norte, em suas razões publicadas, mostra à evidência ser apócrifo e alterado esse fax - símile, reduzindo-o a seu nenhum valor e préstimo. Nenhuma autenticidade. Nem mesmo reproduzida a assinatura do engenheiro.

O Governo Provisório da República por decreto de 22 de setembro de 1890 concedeu a João Pereira da Silva Monteiro, Francisco Lopez Ferraz Sobrinho, Joaquim José Valentim de Almeida e Augusto Severo de Albuquerque Maranhão privilégio para a construção, uso e gozo de uma estrada de ferro, com um metro de bitola, partindo de Areia Branca rumo à Serra de Luiz Gomes, passando por Mossoró, Caraúbas, Apodi, Portalegre, Martins, Pau dos Ferros e Luiz Gomes.

Nenhum andamento tiveram essas diversas concessões. A propaganda, sempre levantada em Mossoró, continuou ativa e



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

vivaz, principalmente durante períodos de seca, quando urgente clamor por socorros e serviços para a população faminta e sem trabalho.

Jerônimo Rosado era o grande animador da luta. Em um desses períodos teve como auxiliar esforçado o conhecido advogado paraibano Antônio Gomes de Arruda Barreto.

Veio, ainda, depois, a lei 297 de 2 de dezembro de 1910, dispondo em seu art. 1º:

“Ficam aprovados os contratos celebrados em 25 de agosto último entre o Governador do Estado e a firma J. Bastos & Cia. Para a construção de duas estradas de ferro de penetração, estabelecimento de navegação de cabotagem nas costas do Estado, armazéns de recolhimento e pontes de desembarque, fundação de colônias agrícolas, pastoris e extrativas, em terras devolutas de propriedade estadual, bem como o adiantamento feito aos mesmos contratos em 1º. de outubro, também último”.

Houve mais uma lei de 1912 prorrogando por 12 meses o prazo estipulado para apresentação dos estudos definitivos da estrada de ferro de Canguaretama a Acari.

Essa firma de tão amplas concessões era constituída por Francisco Sólón, Joaquim Olinto Bastos, Francisco Cascudo e Joaquim Etelvino. O organizador e sempre esforçado foi Francisco Sólón.



**Banco do
Nordeste**



Our business is development



FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO

COLEÇÃO

**MZ
EM**

MOSSOROENSE



UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Ardoroso propagandista e mais ainda homem de ação, esse nome merece destaque. Não tem sido lembrado. Isso, porém, é um tributo pago por sua excessiva modéstia. Empreendedor, corajoso, lutador, quase sempre abria caminhos que a outros entregava antes de auferir proventos. E assim, até morrer septuagenário, viveu lutando e trabalhando, ora milionário, ora pobre-tão, modesto, sofrendo injustiças, cauteloso em ocultar serviços e valimento.

Filho de Caicó, em sua primeira mocidade esteve em Mossoró, então grande centro de comércio, como empregado de uma casa comercial. No desempenho dessas funções, viajava constantemente para o sertão. Por várias vezes esteve em Souza, da Paraíba, representando casas de Mossoró, em liquidações de negócios. Isso no período de 1889, Conheceu bem o valor que representaria uma estrada de ferro de Mossoró a Souza. Tornou-se fervoroso adepto dessa estrada, cuja propaganda desde anos se vinha desenvolvendo.

O Cel. Solon era antes um homem de ação do que de propaganda. Sua atividade era muitas vezes dispersiva e pouco metódica, descurando de seus interesses, valiosos ou não. Pouco atento a minúcias, qualidade negativa ao bom êxito de qualquer empreendimento.

Contam duas anedotas que caracteriza bem seu agir.

Viajando em um barco, passa próximo de um pitoresco sítio de coqueiros, Ficou encantado. Seria uma bela estação de repouso. Procurou comprá-la. Informaram-lhe que o pequeno sítio pertencera a um senhor que o havia dado em pagamento a um “Coronel Francisco Solon de Natal”.



**Banco do
Nordeste**



U nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO

COLEÇÃO

**MZ
EM**

MOSSOROENSE



UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Em uma praia vê um barco ao abandono, capaz de ser restaurado, mediante fáceis reparos. Admira que o proprietário o não aproveite. Procura comprá-lo. Indaga. Verifica que o barco lhe pertence.

Em 1891, retirou-se para o Rio, onde trabalhou pela estrada de Mossoró. Regressou a Mossoró em 1898, como procurador de Francisco Lopes Ferraz, construindo a salina “Marisco”, até terrenos comprados pelo mesmo Ferraz, na “Ilha das Oficinas”, ao Barão de Ibiapaba, onde é hoje Porto Franco, ponto inicial da Estrada de Ferro. Tornou-se agente da “Empresa Sal e Navegação” sendo depois dirigente. Viajava constantemente ao Rio. A fim de facilitar a ação do Governo e aprovação de um projeto apresentado e definido na Câmara de Deputados por Tomaz Cavalcante, obteve Sólón um termo de desistência de qualquer preferência que tivessem Chrockatt de Sá e Nogueira Brandão para a construção da Estrada.

Designado por centros nordestinos, no Rio, em companhia de Luciano Veras, Getúlio Nóbrega e Jader de Andrade, acadêmicos, foi portador de uma mensagem solicitando a construção da Estrada. Por volta de 1905, constituía a “Companhia Comércio e Navegação”, da qual era um dos diretores encarregado de seus negócios no Nordeste, obteve promessa do Dr. Alberto Maranhão de uma concessão que pretendia sobre a estrada. Constituiu depois a referida firma J. Bastos & Cia.

O Presidente do Congresso era então Fabrício Maranhão, irmão do Governador, de voto decisivo e preponderante na administração do Estado. Foi imposta a obrigação de incluir, na concessão a requerer, mais a construção de uma estrada de Can-



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U nosso negócio é o desenvolvimento

COLEÇÃO **MZ
EM**

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

guaretama a Acari. Fabrício Maranhão era residente e grande industrial em Canguaretama.

Por intermédio do Dr. Luiz Simões, residente em Paris, foram entabuladas negociações com Eugene Vasseur, Banque Syndicale Française e outros, para obtenção de um empréstimo hipotecário de dez milhões de francos, a 5%, ouro, mortizáveis em 60 anos, ficando a empresa denominada “Companhia das Estradas de Ferro do Estado do Rio Grande do Norte - Brasil”.

Embarcando para Paris, em março de 1911, a fim de assinar o contrato com os banqueiros, exigiram essas amplas garantias, que submetidas à aprovação do Governo do Estado, foram julgadas inaceitáveis. Fracassou o empréstimo.

Parece que não conseguindo levantar capitais no estrangeiro procurou o Coronel Solon entendimentos com capitalistas nacionais. Foi transferida a concessão a conhecidos capitalistas cearenses que organizaram uma firma – Albuquerque & Cia.

E, felizmente, para Mossoró, pois tratava-se de uma firma de cearenses de nome e prestígio firmados, não faltando a seus componentes capacidade, honestidade, capitais, atividade, competência.

Não temos informações detalhadas sobre essa fase das negociações.

Em sua publicação “Municípios do Rio Grande do Norte”, na Revista do Instituto Histórico e Geográfico, valioso repositório sobre a vida dos municípios, informa Nestor Lima:

“Foi ela construída pela firma Albuquerque & Cia., concessionária do privilégio concedido a J. Bastos &



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U n o s s o n e g ó c i o é o d e s e n v o l v i m e n t o

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Cia. Mediante contrato de 25 de agosto de 1910, aprovado pela lei estadual de 2 de dezembro do mesmo ano”.

Em recente artigo publicado na “A República” de Natal, de 12 de março de 1942, diz o Dr. Alberto Maranhão ter sido ele “o Governador que empreendeu a construção do trecho compreendido no território norte-rio-grandense, concedendo a uma firma idônea a construção e exploração da linha tronco”.

A firma que obteve a concessão em 1910 nada fez. Os serviços foram iniciados em Mossoró, pela firma Albuquerque & Cia. A 31 de agosto de 1912. Festas e muito regozijo da população.

Coube-nos a insigne honra de iniciar os trabalhos, dando a primeira “picaretada”. Proferimos então ligeiras palavras, publicadas depois na imprensa local – “Comércio de Mossoró” – de 15 de setembro do mesmo ano, e que assim terminaram:

“Honrado pelo convite do Senhor João Marinho, o digno moço, o inteligente e operoso iniciador desta futura via férrea, para inaugurar o serviço de terras, dirijovos estas palavras em obediência às ordens do quartel general da propaganda que se irradia deste município, para dizer-vos que estão inaugurados os trabalhos da Estrada de Ferro de Mossoró a Barriguda”.



**Banco do
Nordeste**



O nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO

COLEÇÃO
MZ
EM



UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Barriguda, ponto terminal da concessão, era então um povoado na fronteira com o vizinho estado do Sul. Hoje é cidade e município, com a denominação de Alexandria.

Ainda na campanha de 1910, pouco depois do parecer lido pelo Engenheiro Chrockatt de Sá, como vimos, a 23 de julho desse ano, o conhecido diário do Rio “O País” publicou um artigo sobre a Estrada de Ferro de Mossoró ao S. Francisco, no qual se lê:

“Escreve-nos o Capitão de Fragata Colatino Marquês de Souza”:

“Teve lugar na última sessão do Clube de Engenharia, convocada expressamente para que o Exmo. Sr. Engenheiro Dr. Chrockatt de Sá lesse o seu relatório sobre os estudos feitos para o traçado da estrada acima dita, a plena confirmação do plano que há cerca de dois anos organizamos, a fim de facilitar as comunicações, não só de todo o Brasil como de toda a América do Sul com a Europa, cuja travessia se faria então em cinco dias entre os portos de Natal e Lisboa”.

Depois de várias considerações sobre a ligação de remotos sertões ao litoral, ao S. Francisco e sobre o porto de Natal, diz a referida carta que se entendeu com seu amigo Almirante Teotônio, filho do Rio Grande do Norte, apresentando-lhe o seu projeto. O Dr. Melo Matos foi procurado então. E muito atarefado e preocupado esse parlamentar com as lutas de sua candidatura ao Senado não pode tratar do assunto, como prometera, e por sua vez “entregou os papéis que lhe apresentamos com os



Banco do Nordeste
O nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO

COLEÇÃO
MZ
EM

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

mapas que os acompanhavam ao Deputado pelo Rio Grande do Norte Dr. Eloi de Souza para estudá-lo e fazê-lo vingar”.

...“Mas, agora, parece que o projeto se realiza; não por nós, mas por intermédio de outro engenheiro mais capaz”.

Há esse tempo foi expedido de Mossoró o seguinte telegrama:

“Mossoró, 23 de outubro de 1910.

Exmo. Presidente República, Exmo. Ministro Viação, Manoel Acrísio. Tm3. População Mossoró nós representada apelando sentimentos patrióticos, comprovados intuitos grandes melhoramentos, iniciativa humanitária adoção medidas salvadoras Estados flagelados seca, que preocupam louvável solicitude vosso governo, pede vosso eficaz patrocínio sentido concessão requerida Engenheiro Chrockatt de Sá, relativa Estrada de Ferro Mossoró S. Francisco. Antônio Couto, Presidente Intendência; Felipe Guerra, Juiz Direito; Bento Praxedes, Promotor Público; M. F. Montes & Cia., representantes Comércio; Tertuliano Fernandes & Cia., representantes industriais salineiros; redação “Comércio”, Redação “Mossoroense”; Dr. Francisco Pinheiro de Almeida Castro; Farmacêutico Jerônimo Rosado”.

Na mesma data foi expedido outro, quase idêntico a Pinheiro Machado. E ainda outro:



Banco do Nordeste



FUNDAÇÃO VINGT-UN ROSADO

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U nosso negócio é o desenvolvimento

COLEÇÃO **MZ EM** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

“Manoel Acrísio, Antônio Oliveira. Casa Forte. Rio. Convém mostrar Chrockatt duas cópias telegramas endereçadas Casa Forte. Brevemente lhes remeterá mensagens Hermes, Sodrê. Rosado”.

Nessa época a colônia Norte-Rio-Grandense, no Rio, principalmente os estudantes eram propugnadores esforçados da Estrada de Ferro, e representantes do trabalho que partia de Mossoró. Por isso, alguns telegramas e mensagens a autoridade, imprensa etc. eram endereçadas para Casa Forte, onde recebidos pelo conhecido velho Sant’Ana que aí funcionava, eram entregues aos estudantes, que em comissão levavam pessoalmente ao destino.

Em sua edição de 25 de agosto de 1912 o “Comércio de Mossoró” publicou o telegrama transmitido do Rio a Bento Praxedes pelo Coronel Miguel Faustino do Monte, em data de 24:

“A nossa bancada convidou a colônia Norte-Rio-Grandense para uma grande reunião em que temos de agir sobre a via férrea de Mossoró S. Francisco”.

E logo a 26 veio outro telegrama noticiando resultado da reunião:

“Reunião resultou apresentar emenda orçamento Viação autorizando Governo entrar acordo concessionários estrada estadual sentido prolongar a Mossoró – Barriguda até entroncar rede cearense. Isto se fará favor de Deus. Pode garantir amigos sertanejos. Miguel Monte”.



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U nosso negócio é o desenvolvimento

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Esse último despacho veio na edição de 8 de setembro. E nessa mesma edição foi publicado o seguinte telegrama enviado do Rio ao governador Alberto Maranhão:

“Rio 20. Aceite cordiais parabéns realização seu ideal, construção estrada Mossoró, cuja comissão construtora seguiu dez corrente iniciar trabalhos dentro prazo contrato. Sigo amanhã “Astúrias”, devendo chegar aí 27, confiado seu valioso apoio esse grande melhoramento de que V. Exa. Foi alma. Afetuoso abraços. Vicente Sabóia”.

Volvamos aos trabalhos da estrada pela firma Albuquerque & Cia., cujos serviços de terra foram iniciados em 31 de agosto de 1912, como acima dissemos.

Salvo engano, foi o conhecido e conceituado profissional Dr. Henrique Novais o primeiro engenheiro à testa dos trabalhos. Retirando-se, por doença, foi substituído por Dr. Rufino Franklin.

O primeiro trem, em experiência, chegou a Mossoró a 7 de fevereiro de 1915. Recebido com muita festa pela população, música, discursos, etc. À frente, na máquina, vinha um velho, humilde, muito conhecido e respeitado por todos, e que com os seus noventa e cinco anos de idade, simbolizava a ancianidade da aspiração que se realizava. Ereto e sorridente empunhava uma bandeira nacional.

A inauguração oficial desse primeiro trecho da Estrada de Porto Franco, do município de Areia Branca a Mossoró, com 38 quilômetros, teve lugar a 19 de março desse ano de 1915. Foi



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U n o s s o n e g ó c i o é o d e s e n v o l v i m e n t o

COLEÇÃO **MEMÓRIAS** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

um dia de festas e regozijo para Mossoró. Bandeira, arcos, festões engalanavam a cidade. Os quatro carros, que formavam a composição do trem, repletos de famílias do vizinho município, foram recebidos pelo mundo oficial e pela população da cidade, reunidos na estação.

O Governador do Estado fez-se representar. Bento Praxedes, indicado, fez a declaração de inauguração. Não faltaram discursos, orando Raul Caldas, representando a mocidade escolar; Raimundo Rubira, em nome do município de Areia Branca; João Leite, pela “União Caixeiral” representando a mocidade do comércio; Tércio Rosado Maia, representando o comércio e a indústria. Discursou agradecendo as manifestações em nome da firma construtora Albuquerque & Cia. o ilustre cearense, engenheiro Dr. João Tomé.

Houve missa campal. Distribuída uma poliantéia. Da inauguração lavrou-se ata, assinada por numerosos dos que a ela compareceram. À noite realizou-se o banquete, oferecido pela Intendência Municipal à firma Albuquerque & Cia, e ao engenheiro e auxiliares da construção, sendo o oferecimento feito pelo Tenente-Coronel Cunha da Mota, presidente. O Dr. João Tomé, discursando, agradeceu.

Bento Praxedes levantou o brinde de honra ao Governador Ferreira Chaves e ao Ministro da Viação Tavares de Lira. Ainda falaram Eliseu Viana, por delegação dos dois órgãos da imprensa local e o Dr. Sales Martins. À noite, baile oferecido pela firma construtora à Sociedade mossoroense. No dia seguinte seguiu para o Rio o Dr. João Tomé, que viera para assistir a inauguração.



**Banco do
Nordeste**



U nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO

COLEÇÃO

**MZ
EM**

MOSSOROENSE



UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Logo nesse primeiro ano, a Estrada prestou relevantes serviços, transportando gêneros que, de Mossoró, eram pelo comércio, distribuídos para os sertões deste Estado e dos vizinhos. Basta lembrar que no segundo semestre do ano desembarcaram em Areia Branca cento e três mil sacos de farinha de mandioca.

Cheia de flagelados a cidade de Mossoró, onde, como vimos na primeira parte desta publicação, os primeiros insignificantes e ridículos trabalhos oficiais chegaram já em 1916. Sofrendo fome e miséria o sertanejo, vitimado pela seca.

O Governo da União é autorizado por verbas orçamentárias a dar serviços às vítimas da calamidade, entre os quais nomeadamente a construção de estradas de ferro que, como ninguém ignora, é o empreendimento mais capaz de fornecer trabalho e ocupação ao maior número de operários, e um dos mais proveitosos e de ação permanente quer na luta contra as secas, quer para o progresso da região.

O Governo da União, como temos examinado na primeira parte deste histórico, na seca de 1915, nada fez em favor dos flagelados do Rio Grande do Norte. Apesar disso, nesse ano foi ativada a campanha pela Estrada de Ferro de Mossoró. E todos, muito confiantes no bom êxito, não só pela justíssima aspiração de salvar uma população faminta, como pelo comprovado valor e alcance econômico da Estrada, para todo o Nordeste das secas, como também para o Rio Grande do Norte, por se achar ocupando o Ministério da Viação, com muito prestígio no Governo, o Dr. Tavares de Lira, ilustre e acatado filho do Estado.



**Banco do
Nordeste**



U nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO

COLEÇÃO
MZ
EM



UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Não era, porém, esse o mais apto para quebrar lanças pelo progresso do pequeno Estado, educado na política de seu ilustre sogro. O senador Pedro Velho, na fase republicana, o político de maior prestígio, no Estado, enquanto viveu, foi o organizador de sua vida política.

Não era, porém, muito preocupado com o progresso do Estado. Há, mesmo, uma frase sua que denota bem a orientação do administrador. Discursando em manifestação pública, doutrinou a seus correligionários: “Façam o progresso, que eu manterei a ordem”.

Essa frase foi considerada uma sentença merecedora de artigos admirativos de seus partidários. E assim, confessadamente desinteressada, a ação governamental pouco fazia pelo progresso geral, entregue a sertanejos, em regra honestos, baldos de recursos, vítimas de secas, e, absolutamente, destituídos de uma visão de conjunto.

A presente publicação não visa, porém, a analisar essa política do Estado, e sim tratar da campanha a favor da Estrada de Ferro em 1915. O chefe Pedro Velho já era então morto. O continuado de sua política era seu genro, Dr. Tavares de Lira, pois o Governador Ferreira Chaves era o “chefe interno”.

O chefe Tavares de Lira, então prestigiado Ministro de Wenceslau Braz, podia ter prestado relevantes serviços ao Estado, que se debatia em crise penosa de seca. Não prestou os esperados serviços. Por mais uma vez, em estudos sobre seu sogro, admiradamente lembrava aquela frase.

Na primeira parte desta publicação já analisamos quanto foi vergonhosamente mesquinha a ação do Governo Federal



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

O nosso negócio é o desenvolvimento

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

para com o Rio Grande do norte, ou melhor, para com os três Estados do Nordeste, então vitimados por mais uma seca.

Quis-se disfarçar essa desumanidade alegando despesas e aperturas trazidas, então, pela “Grande Guerra”. Entretanto, informa Barbosa Lima Sobrinho, em sua publicação “O Problema da Imprensa” à página 150:

“Através de informação, que me merece confiança, soube que o Governo do senhor Wenceslau Braz dependeu cinquenta e cinco mil contos com a imprensa”.

Na “República Velha” nenhum Governo chegou perto dessa vultuosa quantia. Campos Sales querendo evitar campanha contra sua política econômica, então necessária, mas capaz de levantar celeuma oposicionista, foi muito acusado de subvencionar a imprensa para amaciá-la. Ele mesmo isso confessa e explica. Apenas “protesta quanto ao total das despesas que não subiu a seis ou oito mil contos, como apregoaram, mas apenas a mil contos”. Talvez nessa última cifra se exagere a diminuição, segundo informa o citado Barbosa Lima Sobrinho.

Volvamos, porém, à Estrada de Ferro de Mossoró, que, como vimos, principiou a trafegar nesse ano de 1915, entre Porto Franco, no município de Areia Branca, e Mossoró. Era o seu prolongamento a medida pleiteada, então, como acima já foi dito, para dar trabalho às vítimas da seca.

Nesse ano de 1915 houve chuvas muito irregulares em todo o sertão seco; a altura pluviométrica em Mossoró não foi



**Banco do
Nordeste**
U nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**
**MZ
EM**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

além de 204 mm; São Sebastião, 97; Martins, 93; Serra Negra, 53; etc. Dados oficiais.

O Governo foi armado com um crédito de cinquenta mil contos de réis para serviços e socorros ao Nordeste, vitimado então por devastadora seca. Entre esses serviços a lei incluía expressamente serviços e prolongamento de estradas de ferro, federais e estaduais, conforme vimos em capítulo anterior, de acordo com informações colhidas no relatório do Dr. Aarão Reis.

A Estrada de Ferro de Mossoró, de concessão estadual, trafegava prosperamente, em pequeno percurso de 38 quilômetros. Nenhuma obra d'arte. Modesto material rodante. Fácilmo seria uma desapropriação, uma compra, uma encampação sob auspício do Estado, tanto mais quanto a Câmara de Deputados chegou, em declaração assinada por mais de oitenta deputados, a interpretar a lei, no sentido de autorizar o Governo a agir no caso. Tudo foi de balde.

Levantou-se intransponível barreira, invencível empecilho, verdadeiro tabu, contra a inclusão da Estrada em obras para dar trabalho aos que morriam à míngua; havia uma concessão estadual... nada seria possível fazer...

Esse mesmo Governo que sem autorização de lei despendeu cinquenta e cinco mil conto de réis em propaganda sua pela Imprensa, quedou-se em sua teimosia pingando mesquinhas verbas para trabalhos no Nordeste. Os concessionários da Estrada de Ferro chegaram até a propor gratuita cessão do seu privilégio. É o que se desprende do seguinte telegrama:



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

O nosso negócio é o desenvolvimento

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

“Natal – 16 – dezembro. Juiz de Direito. Mossoró. Ciente vosso telegrama continuo insistindo Governo Federal situação aí. Governo prometeu sementes requisitei. Deputado Lamartine comunica bancada Câmara apresentou orçamento emenda aprovada por unanimidade, autorizando concessão prolongamento sem ônus União estrada Mossoró, até interior Paraíba. Acrescenta Relator Senado promete sustentar emenda. Chaves, Governador”.

O tabu, porém, continuou. Anteriormente havíamos recebido o telegrama de novembro:

“Rio – 25- Juiz Direito – Mossoró. Ocupei anteontem tribuna Câmara descrevendo situação Nordeste, defendendo produção algodão, indicando construção Estrada Mossoró como principal obra contra as secas. Ontem Comissão Finanças assinou projeto autorizando Governo gastar até cinqüenta mil contos obras contra secas, inclusive estradas rodagem, prolongamento estradas de ferro federais, estaduais. Rogo comunicar Fernandes Congresso aumentou impostos sobre álcool, fumo, sal, fósforo. Quanto *stock* Congresso resolverá depois. J. Lamartine. Secretário Câmara”.

O Ministro da Viação, conhecendo a péssima impressão de permanecer em quase completo abandono o Nordeste flagelado em 1915, e especialmente o Rio Grande do Norte, que tinha



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

O nosso negócio é o desenvolvimento

COLEÇÃO MZ EM MOSSOROENSE

www.colecaomossoroense.org.br

um seu ilustre filho ocupando uma Pasta, tentava se defender. E assim, já em 1916, telegrafava:

“Oficial. Coronel Bento Praxedes. Mossoró – Rio, 13 janeiro 1916. Rogo ler comunicação oficial sobre Estrada Mossoró publicada há dias jornais aqui, e transmitida por telegrama Governador, que estou informado mandou transcrever República. Por ela se verifica que Governo não pode agir sem autorização legislativa, que Câmara não deu, nem na lei sobre auxílios Estados flagelados, nem aprovando projeto mesa que ali se acha. Acredito e confio que aqueles mesmos que injustamente me julgam hoje, reconhecerão mais tarde que jamais deixei procurar servir incondicionalmente minha terra. Por aviso de ontem solicitei Ministério Fazenda distribuição créditos estrada rodagem até Alexandria, açude Saco, Serra Vermelha, além vários outros serviços em diversos pontos Estado. Peço transmitir Dr. Guerra Mota outros signatários último telegrama me foi dirigido. Afetuosas saudações. Tavares de Lira. M. Viação”.

Convém lembrar que a estrada para Alexandria e o açude Serra Vermelha, apenas iniciados, tiveram os serviços suspensos e extintos.

Em dezembro desse ano, 1915, surge em um diário carioca uma série de artigos contra a Estrada de Ferro de Mossoró, assinados por Gil Vidal. Esse era o pseudônimo de um deputado baiano – Leão Veloso – que parece entendeu que como advoga-



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

do de interesses alheios bem desempenhava o seu mandato dificultando o progresso de um Estado pequenos, pobre, desprotegido, vitimado pelas secas. Esse nome não era de um desconhecido, e que ainda agora tem elevada cotação na alta administração da República. Escrevemos estas linhas em novembro de 1944.

Um forte propugnador da Estrada de Ferro telegrafou, do Rio, a 4 de dezembro de 1915:

“Felipe Guerra. Mossoró.

Deputado Leão Veloso, redator Correio Manhã, sob pseudônimo Gil Vidal, provavelmente orientado por falsos interesses arrendatários Central, escreve contra construção Mossoró dizendo não passar de uma linha local sem nenhum interesse para a região das secas. Necessário telegrafar daí Gil Vidal, redação Correio Manhã, mostrando improcedência suas apreciações, pedindo secundar esforços tantos batalhadores patriótico ideal”.

Pouco depois outro telegrama:

“Dr. Felipe Guerra. Mossoró. 7 de dezembro.

Inimigos Mossoró continuam inglória campanha açulados ganância interesses subalternos Proenças. Veloso repete hoje ataques chamando obra evidente inoportunidade. Convém telegrafar deputado Barbosa Lima, ardente



**Banco do
Nordeste**



U nosso negócio é o desenvolvimento

**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

partidário Mossoró, dela tem tratado Câmara, pedindo desfazer campanha inspirada por interesses subalternos”.

Esses Proenças eram os felizes arrendatários da Central do Rio Grande do Norte, e que durante longos anos arrastaram a construção dessa Estrada, conseguindo afinal uma rescisão de contrato, com indenização, salvo engano, de quarenta mil contos. Tiveram mesmo a coragem de afirmar que Natal, a 60 léguas de Apodi, e não Mossoró, a 15 léguas, era o porto indicado para essa região de Apodi.

Veio outro telegrama:

“Dr. Juiz direito. Mossoró. Rio, 6-12-15.

Correio Manhã atacou construção Estrada para Mossoró, fundamento essa Estrada prejudicaria Central. Alberto respondeu pela imprensa e tribuna. Continuamos pugnar construção esse melhoramento reputamos grande alcance para zona seca. Projeto 50 mil contos será sancionado hoje ou amanhã. Lamartine. Secretário Câmara”.

A 09/12 veio mais telegrama:

“Of. Presidente Intendência. Mossoró.

Bancada continua esforçando-se obter nossa desejada Estrada Mossoró. Outros melhoramentos urgentes não implicam exclusão nosso empenho esta ou outra qualquer forma obter linha férrea. Senado aprovou emenda apresentada bancada Câmara. Lamartine. Secretário Câmara”.



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U nosso negócio é o desenvolvimento

COLEÇÃO **MZ
EM**

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

A 11/12, o telegrama:

“Natal – Dr. Felipe. Mossoró.

Antes receber último despacho tinha telegrafado Representantes para apresentarem projeto ou emenda orçamento autorizando construção Mossoró. Telegrafei Lira encarrecendo essa providência como mais adequada momento, e indicando outras como açude Saco... Cordiais Saudações. Ferreira Chaves. Governador”.

Expedidos ainda em dezembro, vários telegramas que passamos a transcrever:

“Mossoró 4-12 – Jornal Comércio, País, Gazeta Notícias, Imparcial, Correio Manhã, Época, Noite, Notícia, Jornal Brasil, Rio.

Acha-se em Mossoró 2.425 flagelados do município, 2.200 flagelados outros municípios Estado, 1.324 diferentes municípios Paraíba, Ceará, Pernambuco, Piauí.

Número crescendo diariamente. Mossoró ponto convergência comercial grande zona diversos Estados Nordeste. Urge amparar população moribunda fome com trabalho valor prolongamento sertões Estrada de Ferro Mossoró. Trabalhos socorros oficiais sertão, quase impossibilitados falta transporte, já ocasionando vítimas transporte materiais dorso flagelados. Recorremos vosso amparo. Assinado: Presidente Defesa Nordeste Felipe Guerra, Rosado, S. Gurgel, Vicente Mota & Cia., Delfino Freire,



Banco do Nordeste



FUNDAÇÃO VINGT-UN ROSADO

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U n o s s o n e g ó c i o é o d e s e n v o l v i m e n t o

COLEÇÃO **MZEM** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Camilo Figueiredo & Cia., Tertuliano Fernandes & Cia.,
M. F. do Monte & Cia., João Escóssia R. Mossoroense”.

Outro:

“Mossoró – 4-12. Dr. Meira e Sá. Natal.
Gil Vidal Correio Manhã ataca Estrada Mossoró dizendo
não passar linha local, sem interesse regional. Pedimos
socorro vossa autoridade, competência telegrafar sentido
destruir falsas informações. Felipe Guerra”.

Ainda na mesma data, foi expedido telegrama ao Presidente
da República, e mais o seguinte, pelos referidos signatários:

“Gil Vidal. Correio da Manhã. Rio.
Pedimos permissão para protestar contra as informações
absolutamente falsas vos foram ministradas relações Es-
trada de Ferro Mossoró. Essa linha é máximo interesse
Nordeste seco. Vosso saudoso Pai quando Presidente
Província visitou Mossoró, já reconheceu sua necessida-
de. Ampararam essa opinião Clube Engenharia, parecer
eminentes Engenheiros nacionais e estrangeiros, entre
outros Chrockatt de Sá, Mateus Brandão, Roderic Cran-
dall, Graf, luminoso parecer Comissão Senado Federal,
senadores Hercílio Luz, Jonatas Pedrosa, Severino Viei-
ra. Seu grande valor provado evidentemente brilhante
trabalhos Drs. Meira e Sá, Juvenal Lamartine, Alberto
Maranhão. Mossoró sempre foi ponto convergência fla-



Banco do Nordeste



FUNDAÇÃO VINGT-UN ROSADO

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

O nosso negócio é o desenvolvimento

COLEÇÃO **MZEM** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

gelados secas. E empório comercial zona sertaneja Rio Grande do Norte, Paraíba e Ceará. É o porto do Norte maior exportador de algodão para o Rio e Pernambuco. Esperamos do espírito justiça Gil Vidal que auxiliará a vencedora campanha semi-secular a favor da Estrada Mossoró, única informação publicada contra máxima utilidade, interesse região seca”.

Ainda um telegrama, em dezembro:

“Dr. Amaro Cavalcante, Jornal Comércio, Correio Manhã, Gil Vidal, Noite, Eco, Gazeta Notícias, Jornal Brasil, Rua, Notícia. Rio.

Situação flagelados aflitíssima. Estabelecido franco transporte Mossoró sertões sobre dorso humano. Tem seguido sacos farinha Mossoró Catolé 150 quilômetros sertão paraibano, pesando 50 quilos, conduzidos cabeça, dorsos humanos, frete seis mil réis. Apelamos vosso patriotismo, humanidade conseguir Estrada de Ferro Mossoró sertões, dando serviços proveitosos calamidade atual, solução definitiva futuras crises transporte região. Felipe Guerra, Presidente Defesa Nordeste”.

Outro telegrama, sob a mesma assinatura:

“Ministro Viação, Deputados Alberto Maranhão, Juvenal Lamartine, José Augusto, Senador Antônio Souza. Rio.



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U n o s s o n e g ó c i o é o d e s e n v o l v i m e n t o

COLEÇÃO **MZ
EM**

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Rogamos esclarecer opinião sobre falsas informações Gil Vidal, Correio da Manhã, Estrada de Ferro Mossoró”.

Antes desse último, havia sido expedido o telegrama:

“Senador Antônio Souza, Deputados Juvenal Lamartine, Alberto Maranhão, José Augusto. Rio. Confiamos esforços representação Estado benefício vítimas calamidade que toma proporções assombrosas. Famintos sertões duplicam população Mossoró, onde entra ininterrupta corrente míseros retirantes. Só largo serviço qual Estrada Ferro Mossoró sertão poderá abrigar população extensa região. Nenhum serviço oficial iniciado até agora. Pequeno recurso vinte contos iludirá fome outra semana. Não sendo possível obter trabalho capaz minorar desgraças é forçoso, urgente, recorrer grande desgraça expatriação, evacuar Estado, desterrando patricios, urgindo então esse dever humanidade. Felipe Guerra. Rosado”.

Em dezembro, aos órgãos imprensa carioca acima citados, o telegrama:

“Mal informados órgãos imprensa atacam Estrada Ferro Mossoró, cuja construção obteve unânime parecer Clube Engenharia, autorizado projeto Câmara, com oitenta assinaturas deputados, parecer unânime Comissão Senado. Na aguda crise atual seria melhor benefício salvação mi-



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U n o s s o n e g ó c i o é o d e s e n v o l v i m e n t o

COLEÇÃO **MEMÓRIAS** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

lhares vidas, dando trabalho flagelados, acarretando futuro grandes compensações sacrifício União. Crandall, cientista americano, explorou todo sertão Nordeste, recomendou Inspetoria Secas, conclusão relatório, reconheça necessidade construção via férrea Mossoró como chave desenvolvimento sertão Rio Grande, Paraíba. Mesmo cientista comparando construção várias estradas calcula possível construção Mossoró vinte e cinco contos quilômetro, ausência quase completa obras d'arte. Rogamos vosso amparo mitigar miséria flagelados famintos, promovendo Governo enviar serviços ou expatriação larga escala”.

O Dr. Barbosa Lima mais de uma vez se manifestava a favor da Estrada de Mossoró. Por isso lhe foi endereçado o telegrama, de Mossoró:

“Deputado Barbosa Lima. Rio.

Mais uma vez infelizes patrícios vítimas secas pedem socorro vosso patriotismo mitigar cruéis sofrimentos. Mossoró está atualmente população duplicada por flagelados deste outros Estados. Até agora nenhum recurso oficial chegou, além vinte contos, insuficientíssimos amparar milhares famintos. Estrada Ferro Mossoró cujas vantagens conheceis, só agora contestadas por quem nada conhece respeito, tendo Câmara apresentado projeto construção oitenta assinaturas deputados seria máxima oportunidade momento dando trabalho maior relevância am-



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U nosso negócio é o desenvolvimento

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

para futuras calamidades toda região. População Estado indignada empresa Estrada Ferro Central cujos trabalhos longos anos arrastam injustificáveis, constantes mudanças traçados, motivando já abandono serviços custo superior três mil contos, ocasionando imprensa diária Capital Estado denunciar qualificados crimes contra Tesouro Público, sistemática bárbara exploração operário.

Rogamos vossa moralizadora palavra reclamar inquérito denúncia crimes diariamente apontados, durante meses, conceituado órgão imprensa Natal, que assumiu responsabilidade denúncias. Grande desgraça avassala sertões. Populações famintas invadem Mossoró, que sofre angustiosa crise.

Deveres humanidade impõem enviar socorros trabalho ou expatriação larga escala. Felipe Guerra, Presidente Defesa Nordeste. Bento Praxedes, Vice; Tércio Rosado, Secretário; Rufino Caldas, Tesoureiro”.

Para Mossoró, durante o ano 1915, não vieram auxílios do Governo; vinham, porém, boas promessas. Assim foi recebido telegrama do correspondente do “Comércio de Mossoró”:

“Rio 8 – junho – amanhã entrará na Câmara mensagem Presidente da República pedido crédito para socorrer população flagelada dos Estados do Norte. Posso adiantar que será votada autorização para o Governo emitir títulos que habilitem a atender despesas com a construção estrada de ferro, em cujo número será contemplada a de Mos-



Banco do Nordeste



FUNDAÇÃO VINGT-UN ROSADO

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U nosso negócio é o desenvolvimento

COLEÇÃO **MZ EM** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

soró, a fim de poder continuar até Souza, Estado da Paraíba”.

Na edição de 12 de junho desse mesmo 1915, o “Comércio de Mossoró” publicava:

“O nosso chefe Cel. Bento Praxedes teve o seguinte telegrama do nosso esforçado representante D. Juvenal Lamartine, Digno Secretário da Câmara de Deputados:

“Rio 9.

Pelo “Tupy” que parte no dia 12 seguirá a comissão de engenheiros que vai fazer estudos definitivos até Alexandria, da Estrada de Ferro de Mossoró”.

E logo abaixo:

“A propósito da vinda da comissão de engenheiros e desenvolvimento que toma a Estrada de Ferro de Mossoró, o Exmo. Dr. Ferreira Chaves telegrafou parabéns ao nosso chefe Cel. Bento Praxedes”.

Daquele primeiro crédito vieram para serviços em Mossoró, nesse ano, vinte contos de réis! ...

Mais um telegrama:



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U nosso negócio é o desenvolvimento

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

“Mossoró – 6-1º.

Exmo. Dr. Governador. Natal. Situação cada vez mais crítica. Houve hoje necessidade pequena Força aqui destacada assistir desembarque gêneros Estrada de Ferro. Urge providenciar trabalho proveitoso.

Mais uma vez imploramos trabalhos Estrada Ferro, proveitoso presente e futuro. Inexplicável essa indiferença beneficiar região, amparando famintos. Juiz de Direito”.

Recorremos, afinal, à autoridade mais competente e idônea no assunto: o Clube de Engenharia, do Rio. Essa nobre corporação, sempre ao lado das causas relacionadas com o progresso nacional, atendeu-nos prontamente da maneira mais cabal, generosa e eficiente:

Em sessão de 19 de janeiro de 1916, no Clube de Engenharia, o conhecido profissional de engenharia César Campos leu o seu “estudo e parecer” sobre a Estrada de Mossoró. Não diremos que é um “parecer luminoso” porque não queremos empregar esse qualificativo ao admirável trabalho, pois essa expressão tem sido ultimamente usada para amparar trabalhos, verdadeiras xaropadas, merecedoras da cesta de papéis.

O trabalho do engenheiro César Campos é completo, sólido, brilhante, quer na forma, quer na substância. Não sendo possível, para não alongar demais este modesto trabalho, transcrever todo o estudo do Dr. César Campos, transcrevemos alguns trechos.

Principia o ilustre engenheiro:



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

O nosso negócio é o desenvolvimento

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

www.colecaomossoroense.org.br

Recebeu o Clube de Engenharia este telegrama:

“Mossoró, 11 de dezembro de 1915. Clube de Engenharia, Avenida Central, 124.

Essa ilustre corporação bem conhece os brilhantes pareceres dos engenheiros Chrockatt de Sá, Pereira da Silva, Mateus Brandão e Roderic Crandall relativos à Estrada de Ferro de Mossoró. Todo o Nordeste sabe o patriótico e humanitário esforço da engenharia nacional pela solução do problema das secas. A “Defesa do Nordeste” roga mais uma vez o precioso auxílio do Clube de Engenharia perante o Exmo. Sr. Presidente da República a fim de conseguir a imediata construção da Estrada de Ferro de Mossoró, o que será um amparo aos flagelados que lutam com a assoladora crise que devasta os nossos sertões. A Diretoria da “Defesa do Nordeste”: Felipe Guerra, Tércio Rosado, Bento Praxedes, Rufino Caldas”.

Sr. Presidente: V. Exa. Deu-me o estudo de uma causa, não simples apreciação de uma estrada de ferro. É justa essa causa, tem cabimento essa estrada de ferro? A causa, pelo coração e sentimentos fraternais e humanitários, é santa. A Estrada vê-lo-eis dos erros ou acertos da minha exposição.

Parece que os deuses do Olimpo, os santos do nosso credo e os curupiras dos antigos silvícolas da região se uniram em tácito e incompreensível acordo contra os seus habitantes e a execução dessa estrada de ferro...



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U nosso negócio é o desenvolvimento

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Direis que não tem padrinhos. Tem, tem-nos tido e dos melhores: povo, comércio, juízes, altos representantes da Nação, projetos, leis. Tudo de balde. Outros foram os seus autores e propugnadores os interessados por uma causa tão justa e de bastos argumentos a seu favor, e tê-la-iam abandonado, convencidos de que caaporas e pajés adversos os perseguem, com as secas, a que não querem esse remédio, nem fomento à riqueza local. Mas ele não. Primeiro tem fé e esperanças em Deus; depois, para a caridade, sabem do prolóquio que água mole em pedra dura tanto dá até que fura, e por último viram que a semente que ficou no sarcófago de Ramsés II, dois mil anos detidos, medrou plantada e se fez pé de trigo, e floriu e deu fruto.

Já enche um pedaço de estante a literatura dessa estrada. João Ulrich Graf, Dr. Felipe Guerra, Mateus Brandão, Chrockatt de Sá, Pereira da Silva, Roderic Crandall, Ralph Soper, Tavares de Lira... representações a cuja frente vem governadores, juízes, sacerdotes, comerciantes, discursos na Câmara e no Senado: Meira e Sá, Tomaz Cavalcante, Studart, Lauro Sodré... e na imprensa: Correio as Manhã, Tribuna, O País...

Eu não acabaria de citá-los. E não somente patricios. Os engenheiros Ralph Soper e Roderic Crandall não se limitaram a fazer a geografia e a geologia deste nordeste brasileiro: um chama de “página épica da América do Sul” a vida daquele povo... E ainda o primeiro diz, a pág. 59 da Publ. nº. 20 da Inspetoria das Secas: “Poder-se-ia escre-



**Banco do
Nordeste**



U nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO

COLEÇÃO
MZ
EM



UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

ver um volume inteiro sobre a necessidade e benefício a tirar-se de uma Estrada de Ferro de Mossoró para o interior”.

E a gente pergunta: Mas, que há? Eu citei o Dr. Tavares de Lira. Esse é o Ministro da Viação e Obras Públicas atual. Nunca tiveram aqueles povos padrinhos tão em posição de atendê-los. É a principal esperança daquelas gentes no seu padecer e necessidades. Nele que justificou esta causa em público, no seu livro “O Rio Grande do Norte” tem toda aquela sofredora população os olhos postos, e espera, certo de que o honrado senhor Ministro não desmentirá o sr. Dr. Augusto Tavares de Lira”.

Nessa altura passa o Dr. César Campos a render um preito de saudade e de admiração ao Dr. Chrockatt de Sá, citando longos trechos da conferência desse grande engenheiro, realizados anos antes, no Clube de Engenharia, e à qual nos referimos nas presentes linhas. Continua o ilustre engenheiro.

“Seria longo acompanhar Chrockatt de Sá *pari passu* no historiar as tentativas de construção dessa estrada desde J. Ulrich Graf; lembrar que esse projeto vem já consignado no próprio plano geral de aviação organizado pela Câmara dos Deputados, com ponto terminal, aliás, bem mais longínquo, e que assim está ela no mapa organizado para a Exposição de 1908; recordar o projeto apresentado à Câmara dos senhores Deputados pelo Dr. Frederico Borges, e trazer por fim o projeto de lei apresentado pe-



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U nosso negócio é o desenvolvimento

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

los Senadores Meira e Sá, que o justificou em sessão de 7 de outubro de 1909, Ferreira Chaves, Antônio de Souza, Walfredo Leal, Castro Pinto, Tomaz Acioli, Ribeira Gonçalves, Pedro Borges, Severino Vieira e Gonçalves Ferreira, de autorização ao Governo para construir a Estrada de Ferro de Mossoró ao rio São Francisco.

Esse projeto mereceu da Comissão de Obras Públicas um parecer não só de aprovação, mais ainda de aplauso. Justificava a idéia e a considerava de urgente execução, não só por causa das secas, economia de vidas ativas e laboriosas que se procuram como ouro no estrangeiro, como por amor da civilização, por sua utilidade para manutenção e incremento da produção, e ainda por seu ponto de partida, o Porto de Mossoró, que é denominado de Porto Franco, e terminou pelo seguinte projeto de lei”...

Vem transcrito, no estudo a que nos vamos referindo, o projeto de 23-12-1909 assinado por Hercílio Luz, Jônatas Pedrosa, relator, Severino Vieira.

Passa depois a fazer estudo detalhado da barra de Mossoró e do movimento de seu porto: no último ano analisado, 1915, o porto fora freqüentado por navios à vela e vapores com 94.430 toneladas.

Refere-se ainda dados fornecidos por publicação de Crandall relativos a percursos e distâncias que seriam encontradas no desenvolvimento da estrada, e diz:



**Banco do
Nordeste**



U nosso negócio é o desenvolvimento

**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

“A natureza moldou esta região e internou a linha da costa uma para a outra”.

Em ligeira referência sobre a Estrada de Ferro Central do Rio Grande consigna que o custo quilométrico dessa foi, segundo dados oficiais, em um último trecho, em 1913, orçamento aprovado, de 151 contos. E diz:

“É assustador tal custo, quando sabemos que o custo médio quilométrico da Central do Brasil regula 140 contos, com todas as suas grandes obras de arte, seus túneis, as serras do Mar, de Ouro Branco e Mantiqueira, atravessadas com a bitola de 1,60 m em grandíssima extensão”.

Depois de prolongado exame das prováveis condições econômicas do tráfego da discutida Estrada, sob dados e documentos fornecidos por Crandall, continua César Campos.

“Seja-me lícito também recorrer ao livro do Dr. Felipe Guerra. É um tesouro e uma mina de argumentos e informações sobre este assunto... Permita-me ainda transcrever para aqui um dos desabafos da “Seca contra as Secas”.

“O bode e o burro, que se entrarmos na apreciação da proteção divina que, queremos crer vela pela humanidade, são, nas crises, os maiores auxiliares do sertanejo. O bode para fornecer alimentação com a carne e com o leite, e dinheiro com a pele; o burro forte, sóbrio, resistente



**Banco do
Nordeste**



U nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO

COLEÇÃO

**MZ
EM**

MOSSOROENSE



UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

para o transporte. O bode e o burro tem dado mais vida ao sertão, tem amparado mais nas calamidades do que todos os maus governos que tem abandonado aos próprios recursos as populações sofredoras das últimas secas”.

Passa em seguida o ilustre engenheiro a examinar as razões de que se serviu então o Governo para negar-se à construção da Estrada: falta de autorização legislativa. E continua:

“Nenhuma estrada de ferro teve, ainda, parece-me, tamanho concurso de aprovações competentes e cabais. Até nas altas regiões e postos governativos tem tido fervorosos apologistas, e não poucos. Só admira é que não esteja executada já”.

– Ninguém de boa fé pode pôr em dúvida a necessidade da construção. E ela se fará mais hoje, mais amanhã – são palavras do livro do Dr. Tavares de Lira, atual Ministro da Viação. E eu afirmarei, pedindo licença a S. Exa. Para resumir a aspiração que ressumbra de todo o seu livro, e dele resulta, no que se refere a esta estrada, não só a necessidade, mas a urgência e cabimento agora, até como fonte de remuneração a capitais...

E já agora direis que, economicamente, é um crime de lesão-Brasil não se ter construído ainda, mormente quando tanta outra sem renda se há executado. Se nos tempos normais assim é, cresce de ponto a sua necessidade quando a seca flagela aquele pedaço do Brasil,



**Banco do
Nordeste**



U nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO

COLEÇÃO
MZ
EM



UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

que é dos que então, como acontece agora, mais sofrem. A sua construção irá dar o amparo digno e honrado trabalho aqueles brasileiros...

Aí está a lei 3.041 de 9 de dezembro de 1915...

Nem será obstáculo a existência ali de um traço inicial de 38 quilômetros de estrada de ferro; que o não foi, em tempo, ao prolongamento da Bahia ao Juazeiro e agora da Sorocabana com Baurú e a Itapura a Corumbá, e tantas outras.

Longe disso! É um auxílio, incentivo econômico que está a diminuir a despesa da construção e no tráfego, e a mostrar na boa renda que auferir, quão vantajosa será a sua continuação. De um lado há a possibilidade de um acordo, tanto mais fácil quanto os seus frutuários são interessados pela construção do prolongamento que os beneficiará largamente, e pelo desenvolvimento da região e fomento dos seus negócios. De outro, se por um desses casos que só se pode chamar de aberração, não se chegar a um razoável e convincente ajuste, há o tráfego mútuo e a mútua circulação do material que reduz a despesa, e que se estabelecerão por força do interesse e conveniência dos frutuários do trecho existente.

Há, porém, mais alguma coisa. Li há pouco no “Jornal do Comércio”, de 31 de dezembro, uma “vária” com exposição do Gabinete do senhor Ministro da Viação. Não compreendendo eu que a existência de um co-



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

O nosso negócio é o desenvolvimento

COLEÇÃO **MZ
EM**

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

meço de 38 quilômetros em tráfego de concessão Estadual poderia embaraçar, e menos porque seria preciso encapá-lo, que o não é, - e que o fosse! – ao concessionário, para que o Governo Federal, usando da lei 3.041, de 9 de dezembro de 1915, letra D, possa construir o prolongamento autorizado na lei, cheguei por indagações ao conhecimento de que há uma concessão estadual desse prolongamento. A lei que cito diz:

É o Poder executivo autorizado a abrir os créditos extraordinários que forem necessários até a importância de 50:000:000\$000: *a, b, c, d* – para obras de utilidade pública nas zonas assoladas pelas secas, ou onde forem localizados os que da mesma se retirarem, em consequência do flagelo, *incluindo-se nessas obras as estradas de rodagem e de ferro e prolongamento de vias férreas, já existentes na mencionadas regiões, e que mais urgentes parecem ao Governo, para eficácia da proteção às vítimas da calamidade*”. (O grifo acima é do parecer).

E depois soube que daquela concessão estadual há uma parte de estudos feitos, e outra, se não me engano, de reconhecimento praticado. Tanto melhor, Sr. Presidente! Tanto melhor para os nossos fins. Parte do trabalho está feito e adiantado. É só adquiri-los, e adquiri-lo é já fazer estrada de ferro...

Esse trecho é de concessão estadual. Que obsta? Criaria embaraços, opor-se-ia o Governo local ao desenvolvimento e riqueza do seu Estado? Não cabe tal hipó-



**Banco do
Nordeste**



U nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO

COLEÇÃO
MZ
EM



UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

tese nem em cérebro de governantes, nem em coração de Brasileiros...

Perdoe-me o honrado Sr. Ministro o ousio com que me abalanço na defesa que V. Exa. Me incumbiu, senhor Presidente. Perdoe-me o senhor Ministro se apela para a reconsideração do seu despacho, a fim de melhor servi-lo, e ao Exmo. Sr. Dr. Tavares de Lira, autor do livro “O Rio Grande do Norte”, servindo aos flagelados desse Estado...

A invocação da mensagem de 22 de novembro, em data de 21 de dezembro, dá valor de vigência, nessa data, a toda argumentação nela produzida...

Na mensagem o Governo dirigiu-se ao Congresso pedindo mais amplas autorizações; e teve-as em satisfação do que solicitou, tão amplas quanto possível...

Julgo, à vista desta alinhavada exposição que a Estrada de Ferro de Mossoró a Souza tem todo os elementos para a sua construção: lei, renda de capital e oportunidade.

Em seguida, o parecer exara vários *considerandos* entre ao quais:

...”que no momento atual a sua construção será um dos melhores, mais eficazes, produtivos e honrosos meios de auxílio à população daquela zona flagelada, não só do Rio Grande do Norte como dos Estados vizinhos, fornecendo trabalho e evitando a ociosidade forçada, ao mesmo tempo que poupando milhares de vidas que cumpre à



**Banco do
Nordeste**



O nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO

COLEÇÃO **MZ** **EM** MOSSOROENSE



UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Nação resguardar e proteger; que, demais, as condições técnicas são as mais favoráveis ao traçado, tanto em direção como em declive suave, como ainda na desnecessidade de obras de arte de grande monta, seja em passagem de rios, seja em subidas de serra, que não tem, e permite raios amplos de curva e escavação de pedreiras;... que enfim são unânimes todos os competentes no Brasil, não só em aprovar como em aplaudir a construção dessa estrada...

Julga o Conselho Diretor do Clube de Engenharia não só útil como remuneradora, necessária e urgente a construção da Estrada de Ferro de Mossoró, e conveniente o estudo do seu porto logo que seja possível; e não duvida em aconselhá-los aos Poderes Públicos.

“Em vez de irmos a S. Exa. O honrado Ministro da Viação, a pedir que receba os nossos votos de súplica e de justiça, por essa estrada e por essa flagelada região, vamos ao Exmo. Sr. Dr. Augusto Tavares de Lira, autor do livro “O Rio Grande do Norte” e pedir-lhe que, como sabedor mais consciente das condições dessa estrada e dos povos daquela terra, e para completar os propósitos de sua obra, para tirar do papel, e dar-lhe vida e prática, leve a sua bondade e patriotismo a nos chefiar em comissão a S. Exa. O Sr. Presidente para obter o tão provado e almejado benefício dessa estrada à terra que ele tanto preza e tão bem soube apadrinhar com verdades. Que nos apadrinhe também para convenceremos o Exmo. Sr. Dr. Wenceslau Braz, como Presidente da República, com a



**Banco do
Nordeste**



O nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO

COLEÇÃO **MZ** **EM** MOSSOROENSE



UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

lei, com a economia, com os cálculos sobre dados oficiais e tocando-lhe ainda o coração, se preciso for, de que é momento de construir-se a Estrada de Ferro de Mossoró, senão só para acudir dignamente ao flagelado da fome de Brasileiros, e incrementar, desenvolver e dar trabalho e animação, mas também comprovada fonte de renda para o Tesouro Nacional. E S. Exa. O Sr. Dr. Wenceslau Braz, que nele deposita a sua confiança política e particular, se moverá com certeza a um ato que todo o Brasil aplaudirá. E S. Exa. Que é filho daquela terra de justiça e de lei... não há de deixar na História do Brasil, e nas páginas de seu governo que, tendo a lei, o progresso e renda certa, os gritos de dor e torturas da fome, e clamor por essa estrada, pudesse limitar-se a ouvir daquela região, quedo e impassivo o brado: “Ave, Caesar, morituri te salutant”.

Esse estudo completo, sobre a Estrada de Ferro de Mossoró, teve todas as conclusões aprovadas, na mesma sessão, e acha-se publicado na revista “Brasil-Ferro-Carril” de 31 de janeiro de 1916.

Durante o Governo Wenceslau Braz, a Estrada de Ferro continuou a trafegar em trabalhos.

Em 1918, não podendo empossar-se, por doente, o Presidente eleito, assumiu a Presidência a 15 de novembro o Vice-Presidente Delfim Moreira, cargo que exerceu até julho de 1919, quando tomou posse o novo Presidente eleito.



**Banco do
Nordeste**
U nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Diz o conhecido historiador Veiga Cabral:

“Foi proveitosa para o Brasil a interinidade do Dr. Delfim Moreira, que deixou a Presidência coberta de aplausos pelo critério e honradez com que soube dirigir os destinos da Nação”.

Todos sabemos que esses conceitos exprimem a verdade. Interessou-se pelo Nordeste, fez benefícios ao Rio Grande do Norte, entre os quais trabalhos proveitosos entre Mossoró e S. Sebastião, para prolongamento da Estrada de Ferro. Esses serviços, naturalmente sob entendimentos com a Empresa concessionária, foram realizados com honestidade e proveito, sob a direção do competente engenheiro Werneck. E assim a sadia orientação do Governo Delfim Moreira, firmado nas mesmas leis e autorização existentes no Governo Wenceslau Braz, encetou os trabalhos que esse último, desumano e de má vontade para o Nordeste e em particular contra Mossoró, negou-se a realizar sob fúteis pretextos, esquecendo o imperioso dever de salvar vidas de uma calamidade.

Veio o Governo de Epitácio Pessoa. Informa Dr. Nestor Lima em sua valiosa publicação, já citada, “Municípios do Rio Grande do Norte” a propósito da Estrada de Ferro:

“... Senador Meira e Sá defendeu-a em “Estudos Econômicos” e na tribuna do Senado Federal propugnando para que fosse ela encampada pelo Governo Federal.



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

Our business is development

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Felipe Guerra também trabalhou tenazmente pela sua objetivação. Fê-lo o Governo Epitácio para não consentir no seu prosseguimento”.

Podemos transcrever o que dissemos em nossa publicação de 1927:

“No Governo do Vice-Presidente da República foi iniciado o seguimento da estrada no trecho entre Mossoró e s. Sebastião. Muito adiantados os serviços, sob muito honesta e criteriosa administração, como já vimos, veio o período das grandes obras contra as secas; e quando nós todos exultávamos pelo andamento dessa obra, tão essencial ao Nordeste, pois interessa a regiões de outros Estados, veio ordem de paralisação dos serviços, que se ficaram deteriorando, durante anos, sendo afinal reiniciados no atual período presidencial, há dois anos”.

Aquela paralisação de serviços e venda de restos de materiais, em leilão, quando se tratava de obras contra as secas, e conforme informa o relatório da citada comissão de exame, se chegou a construir, em outro Estado, estrada de rodagem inútil, a duzentos contos de réis o quilômetro, indicando bem o descaso e pouca atenção que se tem dado ao tão falado problema do Nordeste...

No Ceará foram projetados 465 quilômetros de estradas de ferro; na Paraíba, 486; no Rio Grande do Norte, “zero”.



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U nosso negócio é o desenvolvimento

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

O relatório da comissão informa:

“No Rio Grande do Norte não foi construído quilômetro algum de estrada de ferro. É entretanto digno de estudos o prolongamento da Estrada de Ferro de Mossoró, com um trecho do leito de cerca de 40 quilômetros, já construído e abandonado, em direção ao centro do sertão produtor de algodão”.

E não foi esse o malefício único que o Governo Epiácio Pessoa fez ao rio Grande do Norte.

A Estrada de ferro Central teve os serviços paralisados. Toneladas de trilhos, locomotivas, etc. foram retirados para outros Estados. Nem um litro, sequer, d’água ficou armazenado em açudes, em represas. A única ligação marítima entre Natal e Mossoró foi acabada, evitando que os vapores que escalavam em Natal, de viagem para o Norte, tocassem em Mossoró. A grande região do Estado, dependente do porto de Mossoró, não teve um metro de estrada de rodagem e favorecer essa ligação.

Sobre o porto de Natal assim se expressa o Dr. Morais Barros:

“Estava o serviço mal estudado, mal aparelhado e moroso”.

E na dependência da conclusão do porto da Paraíba, sendo assim, conforme acrescenta o mesmo Dr. Morais Barros, “muito provável que cais, canal e Baixinha fiquem para as calendas gregas”.



**Banco do
Nordeste**
U nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**
**COLEÇÃO
MZ
EM**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

As estradas de rodagem, então construídas, não foram terminadas; nenhuma teve suas pequenas obras d'arte, para complemento.

Ainda em sua mensagem governamental de 1937, informa Dr. Rafael Fernandes:

“É contestadora a situação do sistema de estradas de rodagem que possuímos, em comparação com o que, generosamente, tem feito a União no Ceará e na Paraíba, para só citar nossos vizinhos. Nesses dois Estados existem ótimas e muitas estradas de rodagem que lhes estão dando vigor e propulsão econômica. No Rio Grande do Norte nada se fez. A chamada estrada tronco do Nordeste, que vem sendo construída pela Inspetoria de Obras Contra as Secas, atravessa pelo centro do Estado os municípios de Parelhas, Acari, Currais Novos, Santana do Matos, Angicos, Açu e Mossoró, não tem finalidade econômica de realce para nosso desenvolvimento. Ainda não está, contudo, nem terminada”.

A comissão Rondon, Morais Barros, Simões Lopes, informa em telegrama do Ceará:

“De estrada de ferro foram construídos e entregues ao tráfego mais de sessenta quilômetros...
A despesa feita é de vinte e um mil contos, a qual se acrescentam outras com aquisição de trilhos, locomotivas e material rolante, no valor de trinta e sete mil contos”.



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U nosso negócio é o desenvolvimento

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Já vimos que o Rio Grande do Norte não foi aquinhado com um metro sequer de estrada de ferro, nem mesmo em simples estudos.

Das vacas gordas, que vieram para o Nordeste, no Governo Epitácio, foram atirados ao Rio Grande do Norte raros ossos magros, já despojados de carne. Sendo, aliás, o Estado mais duramente vitimado pelas secas.

Não podemos assim nos enfileirar entre aqueles que atiram loas ao “Grande Presidente”. Tratando-se do Rio Grande do Norte.

Depois, no Governo Artur Bernardes, informa o Dr. José Augusto em sua mensagem governamental de 1926:

“...junto ao Governo Federal trabalhei no sentido de ver reencetadas as grandes obras de que tanto necessita a nossa terra, tendo a fortuna de ver continuado os serviços de duas delas de maior importância, a Estrada de Ferro de Mossoró e a Central do Rio Grande do Norte...

...o egrégio brasileiro, Sr. Dr. Artur da Silva Bernardes, prestes a terminar o seu mandato, não se tem descurado um só instante dos interesses do Rio Grande do Norte”.

Parece-nos que este último conceito é um tanto exagerado.

No Governo Artur Bernardes foi inaugurado o trecho de Mossoró a S. Sebastião, com 42 Km. No Governo Washington Luiz inaugurou-se o trecho S. Sebastião a Caraúbas, com 43 Km, a 30 de setembro de 1929.



Banco do Nordeste



FUNDAÇÃO VINGT-UN ROSADO

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

Our business is development

COLEÇÃO **MZEM** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Nos primeiros anos da “República Nova” nada se fez. Nem mesmo na seca de 1930 a 33, para dar trabalho aos flagelados, o que não aconteceu aos vizinhos Estados, mais felizes, que nesse período tiveram trabalhos em sua viação férrea.

Sete anos depois, a 30 de setembro de 1936, foi inaugurado o trecho Caraúbas a Patú, com 37 Km. Um ano depois era inaugurado o trecho de 18 quilômetros, entre Patú e Almino Afonso. Em seguida o pequeno trecho até Mombaça.

Veio depois a guerra, tudo embaraçando, dificultando. Entretanto os trabalhos têm morosamente continuado. Na “República Nova” Herculino Cascardo foi o Interventor que mais se interessou pela Estrada de Ferro, tendo conseguido crédito para o seu prosseguimento. O interventor Mario Câmara conseguiu toneladas de trilhos para a Estrada. Ao chegar o vapor em Areia Branca veio ordem para ir descarregar em João Pessoa! Por causa da enérgica intervenção do Dr. Mário Câmara e dedicada atuação da Gerência da Estrada, os trilhos foram descarregados em Areia Branca e imediatamente transportados para a ponta dos trilhos, então em Caraúbas.

Ao Ministro José Américo não se pode resgatar o título de benemérito, conquistado por sua ação durante a referida seca. Salvou dezenas de milhares de brasileiros ameaçados de morrer famintos, e deu eficiente impulso e sadia orientação aos trabalhos da IFOCS.

O Rio Grande do Norte lhe é devedor pelo amparo a sua população flagelada, e pela rápida construção do seu maior açude – o Itans.



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U n o s s o n e g ó c i o é o d e s e n v o l v i m e n t o

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

É preciso lembrar que sem a clara visão social dos problemas nacionais do Presidente Getúlio Vargas, o seu Ministro quase nada poderia realizar.

Podemos mesmo apresentar um caso concreto indicado a presteza e boa vontade do Ministro em socorrer a população flagelada.

Em janeiro de 1931 andamos pelo sertão e vimos que a miséria já era pungente. De volta a Natal estivemos em Mossoró de onde telegrafamos ao ilustre Ministro expondo a situação. Logo no dia seguinte tivemos resposta.

“Desembargador Felipe Guerra. Mossoró. Rio 2-2-31.
Vou entender-me hoje mesmo Chefe Governo remessa recurso Rio Grande do Norte. José Américo de Almeida, Ministro Viação”.

Logo depois, em Natal, para onde havíamos seguido, segundo telegrama:

“Felipe Guerra. Natal. Rio 8.
Tendo obtido crédito especial dois mil contos atacar obras Nordeste peço ilustre amigo que acaba chegar Sertão esse Estado indicar zonas mais assoladas seca. José Américo de Almeida, Ministro Viação”.

Respondemos informando ser difícil indicar zonas mais assoladas. Todo sertão igualmente necessitado de socorro. Entretanto podia adiantar que Caraúbas estava sem água para uso



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U n o s s o n e g ó c i o é o d e s e n v o l v i m e n t o

COLEÇÃO **MZ
EM**

MOSSOROENSE
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

doméstico, e Lajes estava se abastecendo, com dificuldade, de água potável com mais de cento e quarenta quilômetros, por via férrea.

Veio outro telegrama:

“Dr. Felipe Guerra. Natal. Rio 11-2°.

Resposta telegrama seis corrente, senhor Ministro manda comunicar logo serão enviados novos recursos esse Estado serão atacados serviços elevação altura barragem e sangradouro, barragem submersível Caraúbas, bem assim conclusão aterro até estação Estrada de Ferro a fim de facilitar tomada d’águas locomotivas empregando flagelados esses serviços. Joaquim Távora, Secretário Ministro Viação”.

Não tardou muito também ordem para transporte d’água pela Estrada de Ferro, a fim de ser distribuída em Lajes, pela população pobre.

Entretanto o exagerado regionalismo leva-o a ser virtualmente adversário da Estrada de Ferro de Mossoró. Parece que julga preferível a uma grande zona do sertão paraibano ser obrigada ao escoamento dos produtos pelo porto da Capital, onerando-se com fretes em longo percurso em vez de consentir nesse escoamento por um porto que traria ao produtor grande economia, pela sensível diferença de percurso, economias que diretamente iriam incrementar a riqueza particular, o bem-estar da população e o desenvolvimento geral do Estado.



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

O nosso negócio é o desenvolvimento

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

No Governo Epitácio Pessoa, já vimos acima, foram suspensos os trabalhos da Estrada de Ferro Central do Rio Grande do Norte, e os trabalhos da Estrada de Ferro de Mossoró não foram apenas suspensos: foram extintos.

E o Ministro José Américo fica alarmado porque no período seguinte houve uma suspensão de trabalhos da Estrada de Alagoa Grande ao Ceará e escreve:

“Os trabalhos de todo o traçado avançaram satisfatoriamente, mas o tráfego, num grande trecho, estabeleceu ligação com o Ceará, insulando essa porção do Estado do nosso intercâmbio comercial. E do mesmo passo a Estrada de Mossoró endireita para o nosso território, como outro elemento de absorção da riqueza de além Serra”. (Obra citada, página 568).

E à página 632 ainda escreve a propósito dessa paralisação:

“E em vez desse meio de reivindicação do território afastado, para o giro de idéias e o intercâmbio comercial agrava-se o insulamento: avança nesse sentido a via férrea de Mossoró, como um fator de dispersão”.

Pobre Estrada de Ferro de Mossoró!

Com setenta anos de luta – escrevemos em 1945 – ainda não conseguiu duzentos quilômetros de tráfego, e com seus serviços extintos no Governo Epitácio vai alarmar o senhor José Américo com o seu avanço sobre o sertão paraibano, que aliás



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U n o s s o n e g ó c i o é o d e s e n v o l v i m e n t o

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

só teria a lucrar, pelo encurtamento de distâncias, sem prejuízo para a economia do próspero Estado.

Alguns, simbolizando a luta contra as secas, tem dito que é preciso evitar que as águas dos sertões corram para o mar.

O benemérito Ministro, com seu grande amor a seu Estado, diz à página 351 do seu precioso livro citado que:

“A Paraíba quer apenas deter as águas copiosas do seu sertão, que todas se escoam com a riqueza subtraída a terra, pela ação química e mecânica das chuvas, para as várzeas rio-grandenses”.

Parece que o exagerado regionalismo do senhor José Américo deixou-lhes laivos de prevenção contra o pequeno e desprotegido Rio Grande do Norte. Entretanto não condenamos de modo formal esse regionalismo.

O descaso que os grandes próceres da política rio-grandense tiveram pelo progresso do pequeno Estado ocasionou isso que se vê. Os vizinhos ao Norte e ao Sul lançaram sua viação férrea em estratégico cerco pelas proximidades das fronteiras do Estado arrebatando mercados naturais. Se as campanhas pela Estrada de Ferro de Mossoró tivessem surtido efeito, suas pontas de trilho estariam em Petrolina, caminhando embora apenas nove quilômetros por ano.

E desse surto que originou o grande empório comercial que é Campina Grande teria Mossoró participado em vantajosa proporção. Não traria a Estrada insulamento a vizinhos. Estaria ligada a uma imensa rede de transportes, incrementando o inter-



Banco do Nordeste



U nosso negócio é o desenvolvimento

**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

**COLEÇÃO
M
EM**

BRASIL

**UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL**

www.colecaomossoroense.org.br

câmbio comercial e protegendo contra as secas vastas regiões dos Estados do Nordeste.

E a Estrada de Ferro Central estaria em Caicó.

Estamos pagando a nossa incúria, da qual ainda não estamos curados. Não adianta, porém, “chorar por leite derramado”.

Informa Dr. Rafael Fernandes, em sua mensagem, que no quinquênio 1934-1938 a Estrada de Ferro Central apresentou um déficit de 815:619\$000. No mesmo período a Mossoró deu um saldo pouco superior a dois mil contos.

Nessa referida mensagem 1938-39 informa o mesmo Interventor que Souza, próspera cidade paraibana, ficará ligada a três portos: Souza a Fortaleza, 570 Km; Souza a Cabedelo, via Alagoa Grande, 466; a Porto Franco, pela E. F. Mossoró, 280.

E acrescenta:

“Esse último percurso, sendo efetivamente tão mais curto, é, felizmente, o que apresenta melhores condições técnicas”.

A ligação de Mossoró ao S. Francisco, por uma via férrea de percurso relativamente curto, é a mais indicada e a mais proveitosa estrada de penetração para proteger o Nordeste da seca. Por quê?

Por qual motivo a pequena e esquecida cidade de Natal teve na guerra tão decisiva e eficaz influência, como “trampolim da vitória” para a terrível luta no continente africano?



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U nosso negócio é o desenvolvimento

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

A posição geográfica do litoral do Rio Grande do Norte responde cabalmente a essas duas interrogações. E essa não mudará. Mesmo que contra ela se conjuguem interesses regionais e pessoais.

FONTE: 11º Livro das Secas. Vingt-un Rosado e América Rosado (seleção e organização). Coleção Mossoroense - Volume CCCV – 1985.



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

O nosso negócio é o desenvolvimento

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

*Homenagem Especial a Otto de Brito Guerra,
que reuniu a notável contribuição do grande Fe-
lipe Guerra a este 17º Livro das secas.*

Natal, 29 de dezembro de 1987.

Meu caro Vingt-un
Mossoró

Desde que recebi seu pedido, encarecendo material para a elaboração de mais livros sobre o nosso Nordeste seco, dediquei-me a reunir artigos de imprensa do meu pai, escritos em Mossoró, grande parte, entre 1911 e 1917 e publicados no jornal de Bento Praxedes, “Comércio de Mossoró”.

Eles estão colados no que foi uma “miscelânea” do meu pai, hoje se desmanchando o papel. Dei-me ao trabalho, que me foi muito grato, de copiar esse material, grande parte publicada sem a sua assinatura, mas que está autenticado como sendo dele, por sua anotação à tinta, nas páginas da coletânea: Ph. Guerra.

Quem conhece o estilo de Felipe Guerra e o seu constante interesse pelo Nordeste e seu problema não tem dificuldade em reconhecer que são realmente de sua autoria.

A tônica realmente é a mesma dos seus livros e outros escritos, ocupando-se com autoridade e clareza dos nossos cruciais problemas. É interessante verificar como uma parte da história de Mossoró está intercalada nesses artigos e a sua palavra de alerta quanto à seca de 1915, que logo anunciou.



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U n o s s o n e g ó c i o é o d e s e n v o l v i m e n t o

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Vão também 3 séries de artigos mais recentes, nos quais, pelo jornal de Natal, “A República”, se ocupou do papel do Nordeste como colono nacional merecedor de mais atenção do Governo, e os dois outros versando problemas ligados ao Agreste, em sua relação com a seca e o sertão.

Mesmo saudando Washington Luiz na Escola Doméstica, não deixou de lado a tônica do Nordeste em seu discurso.

Enfim, é um complemento muito eloqüente dos escritos outros livros já editados.

Cordialmente, Otto Guerra.

P.S. Vai também uma “Memória do Dr. Eloi de Souza”, muito interessante.



Banco do Nordeste



U nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO

COLEÇÃO

MZ

EM

MOSSOROENSE



UM PAÍS DE TODOS

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Colonos Nacionais (1º)

Ultimamente, pelo Sul, vai despertando alguma atenção a chegada de trabalhadores do Nordeste que, abandonado seu querido sertão, procuram emprego para suas atividades.

Ninguém ignora que ao tempo da borracha valorizada, nos áureos tempos da Amazônia, essa emigração se fazia em larga escala para o extremo Norte. Levas e mais levas de sertanejos do Ceará, do Rio Grande do Norte e da Paraíba seguiam para a exploração da borracha. Segundo dados oficiais, retirou-se do Rio Grande do Norte, no período de 1895 a 1910, um total de 53.837 “retirantes”, na expressiva linguagem regional. E convém lembrar que, antes daquele período, maior número de retirantes havia deixado o Estado. A mais vultuosa retirada foi durante a seca de 1877 a 1879. Nessa, não havia escolha: os infelizes sertanejos retiraram-se sem destino; a desgraça despejava-os dos lares. Qualquer lugar servia: Brejos da Paraíba, Pernambuco, sertões do Piauí, praias, Norte, Sul.

Retiravam-se até para onde, embora em plena seca, constava haver serviços públicos, como Fortaleza e Mossoró.

Aglomerados nessas cidades morriam à míngua e ao abandono, pois os ilusórios socorros públicos poucos lhes podiam valer.

Durante mês inteiro, a média diária do obituário em Fortaleza foi ao número de quinhentos. Mossoró, então pequena cidade de população, em anos normais, pouco acima de dois mil habitantes, foi teatro de lúgubres cenas. Para dar uma pálida idéia do que ali houve, basta transcrever um pequeno trecho do



**Banco do
Nordeste**



U n o s s o n e g ó c i o é o d e s e n v o l v i m e n t o



FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO

COLEÇÃO **MZ** **EM** MOSSOROENSE



UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

relatório do então Presidente da Província, ilustre e benemérito paulista, Dr. Rodrigo Lobato:

“Mossoró foi, nesta Província, o teatro das mais tristes cenas da miséria. A nudez, a fome, as epidemias ceifavam grande número de vidas e iam abrindo espaço aos recém-chegados. De janeiro de 1878 até agora (27 de outubro de 1870) foram sepultados no cemitério público daquela cidade, conforme a relação de óbitos organizados pelo respectivo e muito dignos vigário, 31 mil vidas, podendo sem perigo de erro calcular-se em cinco mil o número dos que foram enterrados fora do cemitério, pela impossibilidade de enterrar-se os cadáveres dos que morriam nos abarracamentos situados a alguma distância da cidade”.

Convém notar que esses números não se referem ao obituário do primeiro ano de seca, 1877, nem aos dois últimos meses do seu último ano, 79, meses que ofereceram as mais elevadas cifras da calamitosa época. Não é portanto exagero computar o número de mortos, em Mossoró, durante os três anos da seca que analisamos em quarenta mil.

Os três anos da seca não devastaram somente a pequena cidade de Mossoró. Todas as demais cidades, vilas e povoações, todos os recantos da Província foram atingidos pelo flagelo. É assim permitido calcular, sem pessimismo, que, durante os três anos de seca, tenha a Província sofrido o desfalque total de oitenta mil habitantes, mortos sob a calamidade.

Não existem dados para avaliar o número daqueles que então debandaram – é o termo – da Província; é permitido, porém, calcular, cálculo moderado, que durante os três anos esse número se tenha elevado a trinta mil.



Banco do Nordeste



FUNDAÇÃO VINGT-UN ROSADO

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U nosso negócio é o desenvolvimento

COLEÇÃO **MZEM** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Sob os dados e as considerações expostas, é fácil de ver que o Rio Grande do Norte sofre em sua população, entre mortos e debandado, um prejuízo de cento e dez mil habitantes.

Depois da seca de 77, muitas outras têm afligido o Nordeste, embora com efeitos menos destruidores, devidos principalmente a um período contínuo menos prolongado. Entre esses anos, secos uns, escassos de inverno outros, estão colocados: 1882, 1885-86, 1888-89, 1890-91, 1892, 1896, 1898, 1900, 1902 a 1904, 1907, 1911, 1916, 1919; pode-se ainda, entre os anos escassos, contar a série de 1905 a 1909. Em todos esses anos apontados, a altura pluviométrica, observada em Mossoró, foi inferior aquela colhida em o ano findo de 1928. Temos lido acres recriminações ao Dr. Palhano de Jesus, por haver declarado, em documento oficial, que em 1928 não houve seca, e sim um ano escasso, um “repiquete”.

Nesse ano, os rios correram, açudes encheram ou tomaram água, houve regular safra de algodão, em muitos municípios se fizeram colheitas de legumes e cereais, não houve prejuízo em gados, por falta de pastagem.

No ano de seca, nada disso ocorre. O ano foi de inverno escasso, irregular, principalmente; alguns municípios ficaram quase sem chuvas. Nada houve, porém, que lembrasse os tétricos quadros das secas.

Entretanto, neste último ano, houve uma corrente imigratória, não muito vultuosa. Por que?

É o que iremos examinar.

“A República” de 24 de março de 1929.



**Banco do
Nordeste**
U nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Colonos Nacionais (2º)

Depois da “seca grande” de 77 a 79, seguiram-se aqueles já apontados no capítulo anterior e que reproduziram, em maior ou menor escala, as inevitáveis desgraças da calamidade. Estabeleceu-se, então, franca e contínua corrente imigratória para a região amazônica. Com a crise da borracha, decresceu o número daqueles que procuravam a Amazônia.

Isso não significa, porém, que tenha diminuído a retirada. O sertanejo, acossado na seca por extrema necessidade, retira-se. Muitas vezes não sabe, não indaga para onde; acolhe-se a lugares que se debatem sob a mesma calamidade que atirou a caminho. Age como o indivíduo que, ao submergir-se, se agarra a outro nas mesmas condições vítima do desastre. Faltando as chuvas, falha a produção, não há trabalho para o operário rural; o criador vê a extinção do rebanho, à falta de pastagem e aguadas.

Nas secas e repiquetes subseqüentes a 1877-79, não foi, com certeza, inferior a oitenta mil o número de pessoas que se retiraram do Rio Grande do Norte, elevado assim a cento e dez mil o total dos que deixaram o Estado, a contar de 77.

E o desfalque da população ocasionado pelo obituário, sempre elevadíssimo, nessas crises? Basta lembrar que, nas grandes cidades do país, nos centros mais adiantados e prósperos, a mortalidade infantil atinge a cifras desoladoras e aflitivas. Imagine-se então a mortalidade infantil em plena seca! Não há leite, mesmo para aqueles que o poderiam comprar.



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U nosso negócio é o desenvolvimento

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

O aleitamento materno torna-se impossível; o depauperado organismo das mães, que não se podem alimentar, mal lhes permite subsistir. Quando se retiram, conduzem os filhos, ao desamparo, pelo escaldante pó das estradas, sob 40 a 50 graus de soalheira. E as epidemias completam a ação destruidora, matando crianças e adultos, que haviam resistido à fome, à miséria. Não há exagero nesse quadro, muito conhecido de quem se tem encontrado no teatro dos acontecimentos.

Moderadamente, pode-se calcular que nos cinqüenta anos decorridos depois da seca de 77-79 extinguiram-se no Estado cem mil vidas humanas, direta ou indiretamente, vitimadas pela calamidade.

Reunindo os números calculados, chega-se à conclusão de que o pequeno Estado do Rio Grande do Norte tem perdido, entre mortos, retirado e debandado, a contar de 1877, duzentos e noventa mil (290.000) habitantes.

Qual outro, fora do Nordeste, que tenha lutado com fenômenos tais, tão contrários e seus vitais interesses? O Ceará, relativamente a seu território e à sua população, não tem sofrido menor, nem maior desfalque em sua população; a Paraíba não fica distanciada nos mesmos sofrimentos. São esses três Estados do Nordeste as grandes vítimas das secas.

E a sua população tem decrescido, como seria de esperar, nessa região, fornecedora de avultada corrente imigratória, sustentada por aqueles que conseguem resistir aos flagelados? Não.

Os recenseamentos, as estatísticas, afirmam que o aumento da população dos Estados do Nordeste se avanta ao de muitos outros.



**Banco do
Nordeste**
U nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Recenseamento efetuado em 1871 dá para o Rio Grande do Norte a população de 217.991 habitantes, entre os quais 417 estrangeiros. Vieram depois grandes e pequenas secas veio à debandada, estabeleceu-se corrente imigratória, veio o elevado obituário das calamidades, fatores de despovoamento. Apesar disso, segundo o recenseamento de 1920, a população do Rio Grande do Norte elevava-se a 537.135 habitantes, entre os quais 327 estrangeiros e 416 de nacionalidade ignorada.

Esse número de habitantes dá para o Estado a densidade de sua população igual a 10,2 para quilômetro quadrado, superior à de doze Estados da União, entre os quais Minas, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, citando apenas alguns Estados do Sul.

O crescimento médio da população do Brasil, por mil habitantes, no período de 1900 a 1920 foi, segundo dados publicados pela Diretoria Geral de Estatística, igual a 29,4.

O Rio Grande do Norte sobrepujou a essa média geral, pois a sua elevou-se a 34,8, superior à de onze Estados e à do Distrito Federal, que teve a média do crescimento de sua população igual a 26,6.

Não é ocioso lembrar que o Rio Grande do Norte nunca teve corrente imigratória; pelo contrário, mantém sempre apreciável corrente imigratória, conforme ficou analisado.

“A República” de 28 de março de 1929.



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

Our business is development

COLEÇÃO **MEM** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Colonos Nacionais (3º)

De acordo com os dados até agora examinados, relativos ao crescimento da população nacional, pode-se afirmar: o Brasil possui, dentro de suas fronteiras, uma única região capaz de fornecer colonos aos demais estados, sem se despovoar, alcançando lugar muito honroso e saliente, ante o progredir geral da República. Essa região, que representa apenas 3,03 da área total do país, é o Nordeste das secas, isto é, Rio Grande do Norte, Ceará e Paraíba.

A prova deste fato está feita: todos quantos olham para o assunto o podem atestar. O Recenseamento de 1920 mostra que a população da Amazônia, Pará, Amazonas e Acre, é computada em 1.395.758 nacionais, 42.440 estrangeiros e 769 de nacionalidade ignorada.

Dessa população nacional, pelo menos a terça parte, isto é, 465.250 são filhos do Nordeste seco, Ceará, Rio Grande do Norte e Paraíba. Esse número seria, talvez, duplicado se não fosse a elevada mortalidade que dizimava esses colonizadores.

Os Nordestinos, vítimas das secas, deixavam o seu sertão seco e árido, famintos e depauperados; ficavam, ao chegar, no mais cruel abandono; mais abandonados do que rezes nos pastos, sob vigilância de zelosos vaqueiros. Sem pequeno intervalo para descanso e adaptação, sem assistência, seguiam a desbravar seringais, internavam-se sob a mata virgem, dentro d'água, atolados em pântanos, igarapés, lamaçais... Morriam aos milhares.



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U nosso negócio é o desenvolvimento

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Tratando dessa colonização, já publicamos: “Na Amazônia, era o Rio Grande do Norte ignorado; não se conheciam rio-grandenses, nem paraibanos; todos eram cearenses, expedidos pela mesma desgraça.

E essa população do Nordeste subiu os grandes rios até as nascentes, desbravou as matas; margem de rios e sombrios de florestas ficaram assinalados por ossadas humanas... Defende o Amapá, coloniza além das fronteiras da Pátria e com a máxima energia, que não escapou à visão nobre e ao patriotismo de Rio Branco, não consentiu que seu trabalho, nessa terra conquistada à Natureza, fosse aumentar o patrimônio de outro povo; colocou-o sob o pavilhão nacional”.

Segundo dados fornecidos pela Diretoria de Estatística, o Estado que, no período de 1900 a 1920 teve maior aumento de população foi o Pará, que teve o crescimento médio anual, por mil habitantes, igual a 41,1. São Paulo, apesar da imigração estrangeira, alcançou 36,2.

Ninguém ignora que esse grande crescimento da população do Pará foi devido à entrada dos Nordestinos. Assim, os Nordestinos tem conseguido esse assombro: em sua terra sustentam luta contra as secas; e o que tem realizado em serviço de açudagem, “acusa já um trabalho formidável, se o compararmos com o trabalho oficial, no mesmo período, conforme afirmou o ilustre engenheiro Dr. Raimundo Pereira da Silva, em relatório oficial. Essa luta “durante os últimos 200 anos constitui uma das páginas épicas da América do Sul”, no dizer do geólogo Ralph Sopper.



**Banco do
Nordeste**



U nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO

COLEÇÃO
MZ
EM



UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Tem os Nordestinos conseguido manter o crescimento da população, em sua região das secas, superior ao de muitos Estados, igual aos que mais se avantajam em relativo aumento de população. E isso apesar das centenas de milhares – esse número já excede já excedente de milhão – de pessoas que morrem, vitimadas por flagelos repetidos e constantes.

Tem ainda os Nordestinos, com seu esforço, desajudados, conseguido domar e desbravar a temerosa região dos grandes rios e das impenetráveis e vastas florestas, o “inferno verde” da bacia amazônica.

Mais. Tem os Nordestinos alcançado elevar o crescimento da população, nessa região, que desbravaram, acima daquele realizado em todos os demais Estados da União, sem excluir os Estados que recebem fortes correntes de colonos estrangeiros. Aquela colonização realizada pelos Nordestinos nada tem pesado aos cofres públicos e não levavam esses emigrados das secas, à região colonizada, a lepra, o tracoma, comunismo, bolchevismo e outras semelhantes desgraças, com sacrifício aos cofres públicos, importadas para o país, juntamente com a valiosa e necessária colonização estrangeira.

Como ninguém ignora, foram ainda os Nordestinos que desbravaram, colonizaram o Acre, trazendo para a grande pátria uma área de território valioso, superior à de alguns dos Estados. Tudo isso, sem possível contestação, tem realizado o Nordeste. São fatos que já podem figurar na história do desenvolvimento econômico do país e constituem páginas muito honrosas para a história da nacionalidade.



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U nosso negócio é o desenvolvimento

COLEÇÃO **MZ
EM**

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Além desses feitos apontados, e que se salientam, ainda se pode alegar ser o Nordeste a região que, relativamente, maior número oferece de voluntários para as forças armadas da Nação; e por todos os Estados se expandem, quer como humildes trabalhadores, quer ocupando posições salientes. Não há muito, faleceu o ilustre Presidente do Superior Tribunal de Justiça de São Paulo, um digno paraibano e três dignos filhos do Rio Grande do Norte tinham, muito merecidamente, assento no Superior Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul, sendo um deles o seu Presidente.

Não nos move, ao escrever estas linhas, estreito e estéril regionalismo. Não se pode deixar de crer que qualquer região brasileira seja capaz de fazer o que o Nordeste tem feito; o que é certo, porém, é que, excluídos os tempos heróicos das bandeiras paulistas, nenhuma realizou, em matéria de desbravamento, de expansão, de povoamento, de conquista, aquilo que o Nordeste tem realizado.

Entretanto, ainda se discute sobre a “indolência” e “incapacidade” dos Nordestinos! Daí as presentes linhas, lembradas do que já publicamos: “Nós, brasileiros do Nordeste, temos obrigação de opor a verdade dos fatos a infundadas acusações e falseadas observações, venham elas referendadas por nomes desconhecimento, ou por nomes de retumbância”.

“A República”, 04/04/1929.



**Banco do
Nordeste**
U nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Colonos Nacionais (4º)

Não é possível admitir dúvidas, já não é permitido discutir sobre a necessidade que o Brasil tem de colonizar, povoar o seu vastíssimo território.

Esse imperioso reclamo tem levado os dirigentes do país a sacrificar vultuosas somas de dinheiro, sofrendo até injustificadas desconfianças e prevenções de governos estrangeiros. Durante longos anos, predominou o regime de porta escancarada a todos os indesejáveis, doentes, perigosos, inválidos, inadaptáveis, expelidos de terras estrangeiras. Esse pessoal era aqui recebido sob as mesmas garantias e proteção dispensadas ao colono útil e valioso, que tanto tem concorrido para o desenvolvimento da economia nacional.

Ao passo que assim se procedia, deixava-se que incalculável número de brasileiros morressem vitimados pelas secas.

De 1820 a 1912 entraram no Brasil, segundo Relatório do Ministério da Agricultura, 3.146.300 estrangeiros. Talvez não tenha sido, nesse período, muito inferior o número de nordestinos mortos, vitimados pelas secas.

Atualmente avoluma-se o número de estrangeiro que, mesmo espontaneamente, procuram as terras brasileiras. É, sem dúvida, um acontecimento auspicioso. Entretanto, esse fato impõe, imperiosamente, a urgente necessidade do aumento da população nacional, melhorando o seu bem-estar, a sua robustez física, elevando a sua cultura.



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U n o s s o n e g ó c i o é o d e s e n v o l v i m e n t o

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Os brasileiros, mais do que qualquer outro povo recebe fraternalmente, sem preconceitos e sem prevenções a todos que de fora chegam. Necessário é que todos os nacionais, a grande massa popular, principalmente das indústrias e dos campos, se tornem capazes de assimilar. Ninguém ignora que algumas correntes de imigrantes anelam viver no Brasil separadas dos brasileiros, aos quais, orgulhosa e factualmente, consideram inferiores; procuram conservar usos e costumes, a nacionalidade própria e até a própria língua; seus governos de origem auxiliam nesse sentido.

O Brasil deve continuar a ser Brasil, com sua Nação brasileira, com seus superiores ideais, repelindo, abafando, apagando velhos ódios, preconceitos de raças, de crenças, caducas ou modernas veleidades de predomínio, de opressão, de anarquia, de subversão.

Os superiores interesses humanos exigem que o Brasil conserve a integridade física, e sua personalidade própria.

Para conseguir tal desideratum, não é certamente de sã política o abandono dos nacionais. Um, dois ou três milhões de brasileiros do Nordeste, que as secas tem extinguido, quantos habitantes teriam acrescido à população nacional?!

Em 1909, já lá vão vinte anos, sobre o assunto publicamos, em relação ao Nordeste: “É um viveiro de população, que forçosamente extravasará sempre”. E os fatos não desmentiram essa asserção.

E ainda acrescentávamos na mesma publicação: “Imaginemos o grau de adiantamento que já teria alcançado a grande região amazônica se essa população do Norte seco que lá exerceu



Banco do Nordeste
U nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO VINGT-UN ROSADO

COLEÇÃO **MZEM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

sua atividade e consome suas energias, fosse portadora de uma sólida e sadia instrução, apta à organização de trabalho metódico e inteligente?! Se há, pois, população a que deva ser prestado o máximo auxílio para erguer-se é essa do Norte seco, pois sua ação tende cada vez mais a dilatar-se por extensas regiões, talvez metade do solo pátrio”.

E em 1903, inaugurando um instituto de ensino, havíamos dito: “É preciso preparar o espírito desses futuros dominadores para que levem, com a energia dos seus braços, o ideal de levantamento de uma pátria brasileira”.

Não temos motivos para renegar tudo isso que então afirmamos.

E como é que se tem permitido que essa região das secas permaneça em um quase abandono?

São Paulo, o grande Estado do Sul, tem recebido grandes favores e desvelos da União; a sua produção goza de especial proteção. É preciso, porém reconhecer que o espírito empreendedor e progressista dos paulistas tem colocado o Estado nas condições de ser o amparo da balança comercial do país e o mais forte sustentáculo do crédito nacional.

E o Nordeste seco? É também uma porção da pátria que oferece uma relevante especialidade e valioso auxílio à economia nacional; conservar a sua população, que tem o crescimento superior ou igual à de quase todos os demais Estados; e desbravar a mais extensa e bravia região do país.

Ceará, Rio Grande do Norte e Paraíba, isto é, 3,03% da área do território nacional, forneceram centenas de milhares de



**Banco do
Nordeste**
U nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

desbravadores do Pará, Amazonas e Acre, isto é, quase 40% do território pátrio.

É digna de auxílio e amparo essa pequena região, mártir das secas, que se apresenta com tão valiosas credenciais. Infelizmente, o Nordeste é ainda pouco conhecido no país e, por isso mesmo injustamente julgado.

“A República”, 7 de abril de 1929.



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U nosso negócio é o desenvolvimento

COLEÇÃO **MEM** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Colonos Nacionais (5º)

O Nordeste, ou melhor, o Nordestino é ainda pouco conhecido. Não são raros os conceitos falseados em publicações, mesmo oficiais, sobre a região e sobre seus habitantes.

Não há muitos anos, um relatório oficial, assinado por sábios e patriotas, aconselhou, como medida necessária, a introdução de colonos, mesmo asiáticos ou africanos, que localizados nas melhores terras da região, poderiam ensinar aos Nordestinos, inaptos para os trabalhos da lavoura por irrigação!...

Não há espaço para citar opiniões justas, favoráveis aos Nordestinos. Entre essas, poderíamos citar as dos ilustres brasileiros Crockat de Sá, R. Pereira da Silva e outros que tem sido luminares da engenharia nacional. Dr. Washington Luiz, o benemérito Presidente da República, com sua conhecida sinceridade, assim se exprimiu ao passar pelo Estado: “Não posso, em vista do que presenciei, deixar de congratular-me com o povo norte-rio-grandense pelas suas ótimas disposições morais e o seu incontestável progresso material”.

O ilustre engenheiro norte-americano Dr. Roderic Crandall assim se exprime: “em verdade pode-se dizer que o nortista é muito melhor cidadão e um homem mais valioso para o país do que a espécie de imigrantes que para ele tem vindo. Os nortistas, todos conhecidos como Cearenses, são notáveis por sua energia, habilidade, faculdade de resistência e atividade, quando há alguma coisa a fazer. São, realmente, gente de muito melhor qualidade do que são comumente considerados. Embora rudes e pouco



**Banco do
Nordeste**
U nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

civilizados, é verdade, em todos eles encontra-se o estofo com que se fazem os bons e úteis cidadãos para o país”.

O Dr. Horácio Small afirma: “A população da parte nordeste do Brasil precisa de muito auxílio. E por auxílio entendem-se não somente as coisas materiais, como os poços e açudes, para supri-la de água, mas também a instrução (...) A prova de que esse povo está ansioso para aprender tem-se em algumas de suas escolas. Se bem que não tenha as mesmas facilidades que os residentes nas grandes cidades, ele faz o mais que lhe é possível”.

Em relatório apresentado ao Departamento de Comércio de Washington se lê: “entre os melhores trabalhadores encontrados na bacia do Amazonas está o imigrante do Ceará. Persistente, ambicioso e árduo, o cearense é comparável ao trabalhador americano nos Estados Unidos”.

Um engenheiro de São Paulo, que esteve empregado nas “grandes obras contra as secas” publicou uma brochura, parece que com o fim único de deprimir o Nordeste e os Nordestinos, tais os doestos contra eles assacados, foi obrigado a confessar: “Entretanto, é o homem inteligente e perspicaz, assimila-se com facilidade e preteza admirável. ... Durante as grandes construções de açudagem, ora paralisadas, patenteavam-se hábeis operários e mesmo amantes do trabalho. Chegavam os “cassacos” em levas, “brabos”, completamente alheados ao serviço; empregávamos-nos neste ou naquele trabalho, se maquinismos naturalmente que nunca haviam visto anteriormente, em poucos meses assenhoraavam-se do seu manejo e substituíam os mestres. Em poucos meses fazíamos-os motoristas, mecânicos, pedreiros, carpinteiros,



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U n o s s o n e g ó c i o é o d e s e n v o l v i m e n t o

COLEÇÃO **MZ
EM**

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

ferreiros, escriturários, se sabiam ler, etc.; enfim, fazíamos-los o operário necessário na ocasião”.

O Nordeste, sua vida, lutas, trabalhos são poucos conhecidos no país. Ainda agora se vê em recente e brilhante reforma de ensino, levada a efeito em um dos Estados do Sul, o programa oficial de ensino de geografia, nas escolas, sobre produtos principais de cada Estado: café, em São Paulo, cacau na Bahia, borracha no Pará, sal de Mossoró no Ceará, etc.

As salinas do Rio Grande do Norte concorrem com cerca de quarenta mil contos de réis de imposto federal nos últimos doze anos. E as salinas de Mossoró, no Rio Grande do Norte, foram as que maior quantidade de sal produziram. O sal das salinas do Estado já está reconhecido, proclamado e aceito pela experimentação e por exames rigorosamente procedidos por técnicos competentes, como produto de superior qualidade, mesmo em confronto com o melhor sal estrangeiro.

A cidade de Mossoró, a mais populosa do estado, depois da Capital, à margem do rio Mossoró, que não banha território cearense, nunca foi disputada, com suas salinas, pelo Ceará, nem mesmo quando esse contestava a posse de uma pequena nesga de terra no litoral rio-grandense. Entretanto, em programa oficial de ensino ainda se fala de “Mossoró no Ceará”. Seria o mesmo que o programa de ensino para escolas, no Rio Grande do Norte, incluir “Juiz de Fora, no Rio de Janeiro”.

É preciso que os brasileiros conheçam o Brasil. A não ser assim, haverá sempre injustiças e delas tem sido o Nordeste muito vitimado.

“A República”, 11 de abril de 1929.



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U nosso negócio é o desenvolvimento

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Colonos Nacionais (6º)

O Nordeste necessita de urgente e eficaz auxílio. Não é somente obra de humanidade evitar a morte, por calamidade, de milhões de brasileiros. Os mais elevados interesses políticos e econômicos do Brasil reclamam aquele eficiente auxílio.

Não se pense que, extintas as devastações das secas, por obras de irrigação, estradas, ensino, etc., deixe o Nordeste de fornecer colonos a todos os recantos do Brasil. Seria um engano esse modo de ver.

Remediadas as devastações das secas, ficaria a região em condições muito superiores e vantajosas para o espantoso crescimento de sua população. Se, no período de 1900 a 1920 o Nordeste, Ceará, Rio grande do Norte e Paraíba, teve a média do crescimento de sua população elevada a 30,7 sobre mil habitantes, superior à do Distrito Federal e à do Estado do Rio, respectivamente 26,6 e 26,9 e isso apesar das secas, imagine-se qual teria sido a média alcançada, se essa população estivesse indene das calamidades; É de notar que, nesse período, o Nordeste sofreu, além de repiquetes, várias secas, entre as quais as de 1900, 1915, 1919, sendo essa segunda muito devastadora, podendo acrescentar os anos de 1902 e 1904, quase secos.

Isso quer dizer que, nesses anos, morreram muitas vítimas das secas e numerosos foram os que deixaram a região. Em 1915, no porto de Fortaleza, embarcaram 39.313 “flagelados”; desses, com destino ao Sul, 8.511.



**Banco do
Nordeste**



U nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO

COLEÇÃO

**MZ
EM**

MOSSOROENSE



UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Nós, do Nordeste, nos revoltamos, indignados, contra aqueles que aconselham como medida salvadora e necessária contra as secas à retirada de seus filhos. Deixar que elevado número de nordestinos perecesse à fome e à miséria e auxiliar e fomentar o êxodo, a retirada dos que conseguem sobreviver, embora enfraquecidos, depauperados, é o que não se pode tolerar. É uma desumanidade contra desprotegidos patrícios e gravíssimos atentado à economia e prosperidade da região.

Os Estados do Nordeste não devem admitir que indivíduos de outros Estados venham agenciar e contratar levas de trabalhadores. Em regra, esses indivíduos são pessoas que ignoram o que seja contrato; são especuladores que procuram, apenas, ganhar algum dinheiro à custa de incautos e desprotegidos sertanejos.

Ultimamente, publicaram os jornais que um “representante do Nordeste” havia procurado um dos governos do sul para entendimento sobre colocação de trabalhadores. É falso. O Rio Grande do Norte e pensamos que nenhum Estado do Nordeste deu credenciais a tal representante oficioso e ignorado.

O Nordeste não quer nem pode consentir o despovoamento pela imigração de seus valorosos filhos. Quer e procura, apenas, que, pelos auxílios prestados à região, se lhes evitem os grandes sofrimentos e a elevada mortalidade, sob o constante flagelo das secas; se lhes eleve o grau de cultura; se lhes robusteça o organismo, por eficientes medidas de saneamento; que se lhes ensinem a técnica e proveitosos métodos de trabalho.

Feito isso, que afinal não seria mais do que o êxito da campanha contra as secas, a região terá desassombradamente



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U nosso negócio é o desenvolvimento

COLEÇÃO **MEM** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

garantido seu desenvolvimento, sua prosperidade econômica e o crescimento da população atingirão incalculáveis cifra. Esse aumento da população produzirá forçoso extravasamento, que fornecerá centenas de milhares de colonos nacionais, válidos e eficientes, tão necessários ao grande e despovoado Brasil.

Não se desprenda dessas considerações que julgamos achar-se o Nordeste superpovoado. Não. Infelizmente ainda se acha “superflagelado” pelas secas e nefastas conseqüências.

O Rio Grande do Norte comporta folgadoamente o duplo ou triplo da atual população. É certo que em algumas regiões do sertão seco do Estado, das mais populosas, já se nota alguma escassez de terrenos para a agricultura e criação. Entretanto, na região úmida do Estado ainda existem vales férteis, relativamente grandes trechos de ótimas terras em relativo abandono. Parece-nos que o impaludismo tem sido uma das causas desse pouco animador estacionamento.

Os sertanejos da região seca do Estado, que tem sido os heróicos lutadores contra o impaludismo da Amazônia, já procuraram “descer para o Agreste”. O atual Presidente Juvenal Lamarque, com o seu elevado descortino administrativo pelo desenvolvimento econômico do Estado, já encararam o problema, procurando sanear os vales, desenvolver a agricultura nessa fértil região, que já considerou a “zona agrícola” do Estado, sob restrições à indústria pastoril que aí se possa fomentar.

Saneados e aproveitados os vales úmidos do litoral, incrementando o seu aproveitamento, terá o Estado avantajado passo para sua vida econômica.



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U n o s s o n e g ó c i o é o d e s e n v o l v i m e n t o

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Açúcar, farinha, cereais e outros gêneros deixarão de ser importados; e nas secas terá o seu celeiro abastecido dentro do próprio Estado.

É preciso que desapareça chocante anomalia: oferecer o sertão seco maior produção agrícola do que o agreste úmido.

“A República”, abril de 1929.



**Banco do
Nordeste**



U nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO

COLEÇÃO
MZ
EM



UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Colonos Nacionais (7º)

O Nordeste sabe que é possível evitar os efeitos desastrosos das secas. E para tal se empenha e esforça, pelo valioso auxílio da União, certo de que nenhum Estado tem conseguido a solução, ou simples encaminhamento para solução de seus magnos problemas sem esse munificente amparo.

Sabe, porém, que não é possível evitar fatalidades climáticas. Essas têm trazido à população, entre outras características, uma notada inclinação a aventuras migratórias.

Durante as crises, durante as grandes crises principalmente, falta trabalho à população. O Estado, então depauperado, nada pode fazer. A União ainda não conseguiu em nenhuma crise amparar mais do que insignificante número desses “sem trabalho”; e não sabemos se seria possível fornecer trabalho a centenas e centenas de milhares de pessoas, espalhadas em extensa região incapaz de produzir, então carecedora até d’água para as mais urgentes necessidades. Só medida preventiva que facultem a irrigação, por meio de grande, média e pequena açudagem e transporte fácil, poderão evitar os grandes desastres das secas.

Enquanto perdurar a falta de tais medidas, a mortalidade da população e a imigração de “flagelados” virão a cada seca. E mais de uma vez se repetirá a triste cena do êxodo de infelizes brasileiros, depauperados, famintos, andrajosos, ao abandono.

Hoje, já é necessário dar atenção a novos fatores, estimulantes da imigração. Causas que podem passar despercebidas vão influenciando sobre o modo de agir e de sentir do sertanejo.



Banco do Nordeste



FUNDAÇÃO VINGT-UN ROSADO

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U nosso negócio é o desenvolvimento

COLEÇÃO **MEM** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

A crescente facilidade de comunicações, a valorização dos produtos, a elevação do salário, o alteamento, embora ainda modesto, do nível de conhecimento e cultura, a pequena trégua de alguns anos sem a repetição da seca, a aspiração à melhor conforto, tudo isso vem concorrendo para modificar a índole do nordestino.

Tende a desaparecer o tipo do sertanejo estóico e fatalista, deixando-se morrer à fome em sua pobre casa, só abandonada sob extrema necessidade de tomar, enxágüe e combalido, o caminho da retirada.

O nordestino já não imigra somente sob o látigo das secas. Imigra na esperança de melhorar suas condições de vida, esperança que muitas vezes se transforma em triste desilusão. A essa imigração ainda deve o Estado criar embaraços, principalmente com o desenvolvimento da produção e pela organização do trabalho, que ainda encontra vasto e promissor terreno nos vales úmidos do Agreste. Felizmente nesse sentido se orienta a administração do Estado.

Os nordestinos que imigram são colonos nacionais e não estrangeiros, isto é, procurando trabalho e colocação dentro de sua própria pátria, não podem gozar dos favores, da assistência, da colhida, dos benefícios que os regulamentos brasileiros garantem aos colonos estrangeiros. Não podem ter a proteção de que necessitam, porque não são estrangeiros.

Onde chegam ficam ao abandono. Logo que chegam, não se lhes dão agasalho e trabalho; há, porém, pressa em se lhes expedir diploma de inaptos, incapazes, indolentes, a esses des-



**Banco do
Nordeste**



U nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO

COLEÇÃO

**MZ
EM**

MOSSOROENSE



UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

bravadores de 40 % da área do território nacional. É o que ainda agora se vê pela imprensa do Sul.

Aparecem desconfianças, acusações e, felizmente, defesas. Notícias de São Paulo, de 20 de fevereiro, informam: “O Cobate” revela hoje o estado desesperador de 400 famílias do Nordeste do Brasil que migraram para este Estado em consequência do flagelo da seca. Atendendo a contratos propostos pela Companhia Brasileira de Viação e Colonização, a cuja frente se acha o senhor Geraldo Rocha, uma leva de nordestinos veio a São Paulo, dirigira-se para o interior, com a esperança de encontrar abrigo e colocação na zona do extremo Noroeste paulista. A longa e estafante viagem constituiu, porém, uma tremenda desilusão para aquela tão brava quanto infeliz gente patricia: lá estão os imigrantes ao abandono, ao desabrigo, entregues à fome e a todas as vicissitudes decorrentes de tão angustiosa situação. Isso se passa no longínquo Presidente Prudente da Alta Sorocabana”.

Essas 400 famílias não são do Rio Grande do Norte, talvez não sejam do Ceará nem da Paraíba. Os nordestinos desses três Estados estão habituados a afrontar todas as desgraças. Parece-nos que são de algum Estado onde as secas incidem mais atenuadas. Em todo caso são infelizes patrícios que abandonaram seus lares, talvez sob a enganadora promessas de trabalho e colocação na lavoura paulista, mediante vantajosa remuneração. Foram, porém, atirados a longínquos e ermos sertões para desbravar a região, porque ao colono estrangeiro, em geral, falta capacidade para tão árdua e perigosa empresa.

O trabalhador nacional, o “imprestável” trabalhador nacional, seja do Norte, do Sul ou do Nordeste, é quase sempre o



**Banco do
Nordeste**
U nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

“batedor”. E a poderosa empresa que deu algum dinheiro a ganhar a qualquer agenciador, deixou os emigrados “ao abandono, ao desabrigo, a fome”.

“A República” de 18 de abril de 1929.



**Banco do
Nordeste**



U nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO

COLEÇÃO

**MZ
EM**

MOSSOROENSE



UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Colonos Nacionais (8º)

Lemos a seguinte notícia, publicada em jornal de São Paulo: “A colonização dos Nortistas está crescendo neste Estado, dia a dia. Várias são as fazendas de café que estão utilizando os serviços dos filhos do Norte. O senhor Fábio Camargo, presidente da Liga Agrícola Brasileira, entretanto, falando ao “Diário de S. Paulo diz que a fama dos Nortistas não é das melhores como trabalhadores, que eles só dão despesas. Acostumados a um método de vida que lhes dá algumas horas de vida a sol descoberto, eles, uma vez nas nossas fazendas pouco produzem. Acham excessivo o tempo de trabalho e cansam-se facilmente. Depois, eles vêm absolutamente sem recursos, nem roupa trazem, e só depois do segundo ano é que eles se integram no regime de trabalho de nossa lavoura. Aí, então, diga-se com justiça, compensam com sua atividade a moleza inicial. O colono Nortista não é ambicioso, nada econômico, pelo contrário, desperdiça em festas e futilidade o que ganha no trabalho.

Acho que o italiano é o colono ideal para a lavoura. Tem melhor método de criação, é ambicioso e muito trabalhador, vindo sempre preparado com roupas e utensílios necessários ao início de sua vida de trabalho, onde a idéia principal é a economia.

Essas palavras do senhor Fábio Camargo Aranha já foram comentadas, muito criteriosamente, por um jovem rio-grandense, Dr. Antônio Bento, em publicação na a REPÚBLICA de Natal. De pleno acordo com o talentoso patricio; “antes que seja deferida uma ofensiva contra o nosso colono devem os governos do



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U nosso negócio é o desenvolvimento

COLEÇÃO **MEM** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Nordeste cuidar de prender aqui o nosso proletário rural, absolutamente desprotegido. De fazer tudo para fixá-lo a terra”. Entretanto, é preciso reconhecer que a imigração dos Nordestinos é uma fatalidade que não pode ser desviada. Urge tomar medidas para que não seja ela danosa aos interesses do Estado e à sorte dos imigrados.

Entre essas medidas, a principal é a extinção das secas, de seus ruinosos efeitos, evitando a mortandade, pelo flagelo, de centenas de milhares de patrícios. Feito isto e elevados o grau de robustez pelo saneamento e o grau de cultura pelo ensino e preparo técnico, terá o Estado multiplicado a sua população e o Brasil poderá contar com um “viveiro” de gente, capaz de fornecer colonos nacionais, fortes, resistentes, destemerosos e então aptos a enfrentar qualquer competição que, aliás, mesmo incultos, já vantajosamente suportam.

O ilustre presidente da Liga Agrícola Brasileira foi muito injusto em sua apreciação sobre o colono do Nordeste, afirmando que “eles uma vez nas nossas fazendas pouco produzem”.

O que nos permite esse atrevimento de classificar de injustas essas palavras do senhor Camargo Aranha é um testemunho autorizado e insuspeito, pois é a opinião do ilustre presidente da Liga Agrícola Brasileira de S. Paulo, o mesmo senhor Camargo Aranha, quando depõe que uma vez integrado ao regime da lavoura paulista, o colono nordestino compensa com sua atividade “a moleza inicial”. Não há melhor elogio. Um operário que, uma vez afeito a um trabalho, para ele desconhecido, desenvolve atividade capaz de compensar as falhas iniciais de adaptação, é certamente um operário de valor.



**Banco do
Nordeste**



U n o s s o n e g ó c i o é o d e s e n v o l v i m e n t o



FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO

COLEÇÃO

**MZ
EM**

MOSSOROENSE



UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Julgamos que atualmente em alguns centros da lavoura paulista, o Nordestino sente-se mais estranho e deslocado do que o colono italiano ao chegar, entre os numerosos patrícios, já afeitos ao trabalho.

O sertanejo do Nordeste nunca sentiu frio, em sua terra, acostumado a soalheiras de quarenta graus; nunca viu garoa; não sabe o que é geada; nunca viu 24 horas de chuva consecutiva. O sertanejo do Nordeste seco nunca teve uma peça de lã para seu vestuário, para seu uso; não sabe o que é baeta. Tudo isso é coisa conhecida pelo colono italiano e nessas condições se acha aquele mais deslocado em São Paulo do que o colono italiano, nos centros agrícolas explorados por italianos. Para que melhor recomendação para esse operário rural do que saber que sua atividade compensa a pouca atividade manifestada durante o período de adaptação?

O senhor Camargo Aranha entende que o colono ideal para a lavoura paulista é o italiano. Talvez tenha razão. Parece-nos, porém, que o colono ideal para o Brasil é o nacional.

Pode-se apresentar o conhecido exemplo do Japão, que sem “ideal” colono estrangeiro, cuidando somente dos nacionais, conseguiu elevar o pequeno país, vítima constante de calamidades, ao nível das nações mais poderosas e cultas do mundo, apesar de ser um pouco condenado pelos sábios, por pertencer a uma raça incapaz de progredir.

O “Diário de São Paulo” publicou uma entrevista concedida pelo senhor Antônio Alves de Lima, na qual ainda se fazem referências e antiquados preconceitos de raça e se afirma: “Nossos irmãos do Norte, que lá vivem completamente desamparados



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

e à lei da natureza, chegam em lastimável estado. Doentes e fracos. Corroídos pelo amarelão, maleita, etc”.

Pelo menos em relação ao sertão do Rio Grande do Norte e é a parte do Estado que mais imigrantes fornece, é falso tal depoimento. Para assim falar, basta citar a opinião do Dr. Belisário Pena, que por sua competência e integridade moral, fartamente conhecidas, dispensa qualquer referência que se lhe possa fazer. Basta o nome.

Esse benemérito brasileiro, em declaração à imprensa, deixou dito que, no Brasil por ele percorrido, encontrou duas partes indenes de impaludismo e verminose, devido a causas opostas: a região fria do Rio Grande do Sul e a região quente e seca do Seridó, no Rio Grande do Norte.

Todo o demais sertão quente seco do Estado oferece as mesmas condições térmicas do Seridó. É de supor, portanto, que esse sertão quente e seco, todo, não percorrido pelo Dr. Belizário Pena, não ofereça condições de salubridade muito diversas daquela observada no Seridó. Não são “corroídos pelo amarelão, maleitas, etc” esses sertanejos.

“A República” de 21 de abril de 1929.



**Banco do
Nordeste**



U nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO

COLEÇÃO

**MZ
EM**

MOSSOROENSE



UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Colonos Nacionais (9º)

É possível opor a injustas invectivas ao colono nortista a valiosíssima opinião do Dr. F. Ferreira Ramos, presidente da Sociedade Paulista de Agricultura, conhecida em entrevista ao “Diário de São Paulo”.

O Dr. Ferreira Ramos fala sob pessoal conhecimento de causa. Diz que ainda não trabalhou com cearenses e sim com colonos de outros Estados do Norte. “Os bons são, em geral, dedicados, sofredores, resistentes, estando sempre muito ansiosos para voltarem ao seu torrão querido. Temos visto muitos deles trabalharem aos domingos e dias santificados e mesmo à sua terra, onde deixaram mulher e filhos”.

Como é diferente essa afirmação daquela do senhor Carmargo Aranha. “Acham excessivo o tempo de trabalho e cansam-se facilmente”.

“Tenho tido em minha fazenda muitos nortistas e sempre obtive com eles muito bons resultados”, afirma ainda o ilustre Dr. F. Ferreira Ramos que informa, também, que em regra os Nortistas tem “um acentuado espírito de patriotismo, sendo defensores de tudo o que nos diz respeito”.

E são esses brasileiros, “defensores de tudo o que nos diz respeito”, pode-se dizer, espontâneos e desinteressados patriotas, que se atiram ao trabalho dentro da pátria ficam ao abandono, sofrem misérias, fome, desespero, injúrias!...



**Banco do
Nordeste**



U n o s s o n e g ó c i o é o d e s e n v o l v i m e n t o



FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO

COLEÇÃO

**MZ
EM**

MOSSOROENSE



UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Conclui o Dr. Ferreira Ramos: “Pode dizer no seu jornal que eu sou pelos nortistas”. Não há necessidade de testemunho mais valioso e autorizado.

Para evitar juízos sobre o nordestino é preciso estudar, conhecer o meio em que nasceu e em que se desenvolveu. É um perigo julgá-los por ligeiras leituras de jornais e mais perigoso pela literatura de contos e romances que, em geral, criam um Nordeste fantástico e deturpado, com uma psicologia inverossímil, falseada, absurda, atribuída ao pobre sertanejo.

É necessário conhecer a tragédia das secas, a luta contra eles sustentada, o “trabalho formidável” já realizado no Rio Grande do Norte, por exemplo, que já conta cerca de mil açudes particulares. É conveniente saber o desesperado esforço que, nas secas, tem conseguido em rios do estado retirar da superfície do seu leito camada de areia de um metro de espessura para descobrir superfície úmida que adubada, receberá a semente.

É indispensável conhecer essa “página épica” da América do sul. É mister o sobre humano esforço que os nordestinos de-pauperados e expulsos pelas secas, desenvolvem fora do seu tor-rão. Levando a efeito obras de desbravamento, de colonização e de conquista, que teriam custado rios de dinheiro, se tentadas pelos governos. É forçoso ter bem presentes estes fatos da vida nacional.

Esse povo não merece “ficar ao abandono nas grandes ca-lamidades, como naufragos que devam ser sacrificados à salva-ção do maior número... a pátria não se acha em estado de uma nau desconjuntada, batida pelos temporais, a ponto de ser preciso



**Banco do
Nordeste**



U n o s s o n e g ó c i o é o d e s e n v o l v i m e n t o



FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO

COLEÇÃO

MZ
EM

MOSSOROENSE



UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

alijar porção de passageiros e tripulantes”. Já em 1904 escreviamos estas palavras, em improfícuo apelo aos poderes públicos.

As obras de irrigação são aquelas especialmente reclamadas pelo Nordeste. As demais, de que a região necessita, entram no plano geral para o desenvolvimento do país.

O interesse da grande pátria não permite cultivar estreitas idéias de regionalismo. Todos os brasileiros por ela se esforçam, todos são dignos dela. Entretanto, não é felizmente fácil de verem-se obrigatórias atiradas contra brasileiros de outros Estados; são comuns e constantes contra os Nordestinos.

Por que são os mais indignos? Não. Os fatos provam o contrário. Porque são os mais infelizes, os mais sofredores, os mais martirizados por calamidades.

E por isso, “nós, brasileiros do Nordeste, temos obrigação de opor a verdade dos fatos a infundadas acusações e falseadas observações, venham elas referendadas por nomes desconhecidos ou por nomes de retumbância”.



**Banco do
Nordeste**



U nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO

COLEÇÃO
M
EM



UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

As Secas (1º)

Felipe Guerra

Não é demasiado repetir: ou em obediência a imperiosa disposição constitucional, que sempre se manifesta, ou no próprio interesse material da República, ou, finalmente, pela absoluta necessidade moral que a nossa Pátria sente, de não perder os foros, já ganhos, de adiantada civilização, não é possível, nas crises tremendas que flagelam esta zona seca, deixar morrer à fome e ao abandono centenas de milhares de seus filhos.

Não hão de faltar, para honra nossa, elevados sentimentos para lembrar que, se no regime monárquico o Brasil não estava em condições de deixar uma sua Província morrer a fome, no regime democrático não pode deixar ao abandono, à fome, um dos seus Estados.

Nas crises, pois, a União não deixará de sacrificar grandes somas de recursos.

É justamente a ocasião menos asada para tirar proveitos desse sacrifício nacional.

A urgência da necessidade a atender, a intensidade dos desastres e dos sofrimentos, as condições difíceis originadas fatalmente pelo flagelo, a desorganização de todos os serviços, tudo isso forma um complexo de circunstâncias que forçosamente impossibilitam metódico e útil aproveitamento dos meios empregados contra a calamidade.

É então impossível trabalhar proveitosamente com as populações famintas.



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**
**COLEÇÃO
MZ
EM**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

É fatal: qualquer que seja o tino, a probidade, o método empregado durante a calamidade para socorrer as vítimas, mediante trabalhos públicos, esses serão 80% menos proveitosos do que se fossem realizados em épocas normais.

Não é nas crises que se pode oferecer luta aos efeitos das secas. É em épocas normais que se pode aparelhar a zona vitimada com elementos capazes de nulificar os efeitos do flagelo.

Todas estas palavras que se ficam foram por nós publicadas a vinte e cinco anos. O momento atual não desmente os conceitos nelas emitidos.

Nada adiantariam recriminações e censurar pelo muito pouco que se fez para evitar ou minorar os efeitos calamitosos das secas. Ninguém poderia ter dúvidas sobre sua reprodução. Todos os que prestam atenção às secas do Nordeste esperavam a presente calamidade. Não porque pudessem adivinhar, não porque determinassem o ano preciso. Simplesmente porque as grandes secas reproduzem-se duas vezes por século e, portanto, quanto mais uma seca registrada se distancia de uma época, mais próxima vai ficando a manifestação de outra.

E assim mais de uma vez já nos temos externado.

Chegou, infelizmente, o que nós do Nordeste temíamos e devíamos esperar.

Aí está mais uma “seca grande”. O que caracteriza as grandes secas é, em primeiro lugar, a sua intensidade e sucessão contínua por mais de um ano, em segundo lugar a sua generalidade, abrangendo longo trecho do território. Em um só ano de calamidade, os prejuízos são grandes, o sofrimento é cruel; se a



**Banco do
Nordeste**
U nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

crise vai a mais de um ano, a degradação é completa, a ruína é total.

Se a zona flagelada é pouco extensa, os que se deslocam encontram fácil agasalho onde possam passar a tormenta; se extensa, as grandes levas de retirantes erram ao desabrigo.

Deixamos tais considerações.

O momento exige o concurso e esforço de todos.

A União, o Estado, o Município, os particulares são chamados a agir para enfrentar sofrimentos e desgraças que poderão trazer fundos abalados à vida e à economia da Nação.

Urge desde logo debelar o pânico que tenta empolgar a população sob o açoite da seca. Ninguém ignora os desastrosos efeitos do pânico, que tanto podem agravar a situação. Para evitar o pânico não é preciso encobrir a gravidade do mal. É necessário incutir coragem, ânimo à população para enfrentar o perigo, para o sofrimento mesmo. É indispensável levar a todos a convicção de que não serão abandonados. Terão amparo. Sob este aspecto, a viagem do Ministro José Américo à região das secas foi do máximo proveito. Além de benefícios outros que deixou, trouxe, por atos positivos, convicção ao Nordeste de que não será abandonado à sua desgraça.

“A República” de 12 de maio de 1932.



**Banco do
Nordeste**



U nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO

COLEÇÃO **MZ** MOSSOROENSE



UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

As Secas (2º)

Felipe Guerra

A população do nordeste acha-se abalada. Os sofrimentos que sobre ela pesam e a certeza de que não diminuirão, pelo menos antes de um ano, tendem a quebrantar as mais robustas energias. É preciso conservar firme, elevada, fortalecida, a moral dos lutadores, dos que padecem, até mesmo das vítimas.

Na grande guerra que enlutou o mundo foram atrozes os sofrimentos. Os mais feros meios de destruição levaram à morte milhões de criaturas válidas, moças, cheias de vida, em número superior a toda a população do Nordeste. As populações civis não escaparam aos padecimentos. Rações foram reduzidas à metade. Estradas encheram-se com “retirantes”, ao frio, ao gelo. E as nações todas sacrificaram futuras gerações, não recuando ante prevista ruína, contanto que fosse incentivada a matança. Não é exigir muito que o Brasil faça algum sacrifício para salvar centenas de milhares de seus filhos.

Nas loucas e horripilantes carnificinas a que se dá o nome de guerra, há paixões, falseados ideais anestesiando dores, impondo sacrifícios. E na calamidade da seca o que há, além do instinto de conservação, para alentar os ânimos?! Analisando este aspecto da seca, publicamos, há trinta anos:

“A coragem, o heroísmo que se desenvolvem sob mortífero fogo de um campo de combate, encarando a morte entre uma chuva de ferro e de aço, nada é, em relação à coragem, ao heroísmo estóico preciosos para afrontar a morte, a miséria, a desola-



**Banco do
Nordeste**



U nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO

COLEÇÃO

MZ

EM

MOSSOROENSE



UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

ção, sob a combinação da penúria, da esterilidade, da aridez, da estagnação de toda fonte de vida e de todo estímulo de ação. Em um termo as cenas de glória, a sagrada imagem da Pátria, lembrando o culto do dever e, como negar? – a própria carnificina acordando a ferocidade humana; em outro, temos a angústia, a dor, o desespero procurando vencer todos os estímulos”.

Urgem vir em socorro dessa população para que, em sua miséria, conheça que não é abandonada, que é amparada em seu sofrimento.

Felizmente, os primeiros passos nesse sentido estão sendo dados, com decisão e coragem. Que não haja descontinuidade. Qualquer paralisação viria agravar a miséria.

Não é só questão de humanitarismo, de sentimentalismo. O amparo à população do Nordeste diz respeito a vitais interesses econômicos e sociais da União.

Nação nenhuma abandona os seus “sem trabalho”. Esses sofrem a crise em meios mais ou menos prósperos, à míngua de procura. Os “sem trabalho” do Nordeste defrontam um meio de penúria, onde há impossibilidade de trabalho, de produção. O problema é de mais difícil solução, mais complicado. Tudo escasseia na região. Em alguns lugares, nem água se encontra. Gêneros de primeira necessidade não há.

A propósito, intercalamos aqui uma observação.

Na presente seca, ao iniciar-se a estação que deveria ser de inverno, todos os rios tiveram água. Isso não tem acontecido em outras secas, aliás de caráter menos grave, menos generalizadas.



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U n o s s o n e g ó c i o é o d e s e n v o l v i m e n t o

COLEÇÃO **MEMÓRIAS** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Houve “ramas”, bem principiadas pastagens, que embora não tenham alcançado regular desenvolvimento, chegaram em alguns pontos para refazer e melhorar os rebanhos. Conhecendo agora os criadores que essa insuficiente pastagem dentro de pouco tempo estará extinta, não sendo possível manter o gado até virem novos recursos, tratam de aproveitar, vendendo as rezes a preços vis. E não há compradores. Proprietários oferecem a meias um certo número de rezes a quem as queira tratar. Não encontram quem assim as aceite. Em alguns lugares já estão usando “farinha de carne”. Reduzem a carne de sol, depois de esturricada ao fogo, a massa que é então usada como sucedâneo da farinha.

Seria de grande alcance para o momento ensinar ao fazendeiro qualquer meio a seu alcance para conservação e preparo da carne. O método da “carne de sol” não convém. Presta-se apenas para conservar por poucos dias.

Daria ótimos resultados o sistema do “charque”, empregado em pequena escala pelo fazendeiro, por algum industrial. Seria um meio de valorizar o gado, atualmente depreciadíssimo no sertão e de preparar futuro abastecimento. Infelizmente, no Nordeste, onde primeiro se fez “carne do Ceará”, em Açu, Macau, Mossoró, Aracati, já não se sabe preparar a carne de charque.

“A República”, de 17 de maio de 1932.



Banco do Nordeste



FUNDAÇÃO VINGT-UN ROSADO

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

O nosso negócio é o desenvolvimento

COLEÇÃO **MZEM** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

As Secas (3º)

Felipe Guerra

Em ligeiro trabalho que há alguns anos escrevemos, a pedido, para um congresso econômico, deixamos as seguintes conclusões:

1ª. – É urgente incrementar, por todos os meios possíveis, a açudagem, grande, média, pequena, na região seca do Estado;

2ª. – Urge evitar o despovoamento do Estado, o que será conseguido pela açudagem da região seca e pelo encaminhamento do trabalhador rural para a região úmida, Agreste do Estado, uma vez que nas secas a “retirada” ainda não pode ser evitada;

3ª. – Sendo o Agreste do Estado capaz de produzir todos os gêneros de primeira necessidade exigidos pelo consumo da população, indispensável é não só para a vida econômica do Estado, como também para providência contra as secas, incrementar e desenvolver a produção dessa região, que assim poderá suprir as deficiências de produtos da parte seca, sempre que tal deficiência se apresentar.

Já há trinta anos publicávamos: “É preciso aproximar o sertão do agreste. O encorajamento à pequena lavoura dos férteis vales do Agreste diminuirá, forçosamente, a emigração para o extremo Norte, que prepara o despovoamento do Estado”.

O momento exige aplicação, execução de providências imediatas para proteger a população. Tudo o que for conducente a tal fim deve ser tentado. Seria, entretanto, do máximo alcance encaminhar os serviços a realizar visando dois proveitos:



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U nosso negócio é o desenvolvimento

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Amparar os “sem trabalho”, isto é, mais de dois terços da população do sertão seco, apta para o trabalho. Levar a efeito obras que representem medidas contra as secas. Trabalhos que concorram para dotar a região de meios que possam melhorar, ampliar recursos contra futuras calamidades. O momento exige medidas prontas, urgentes. As opiniões dividem-se entre três principais medidas: 1. Promover o embarque, a retirada para outros Estados; 2. Estabelecer, organizar serviços em todas as localidades onde o número de necessitados exigir; 3. Encaminhar o maior número possível dos necessitados para os vales úmidos do Estado.

Examinemos ligeiramente as medidas acima, sob o nosso ponto de vista.

Sempre nos temos manifestado contra o embarque de retirantes durante a crise de seca. Ninguém ignora o rápido crescimento da população do Nordeste. Apesar das secas, da imigração e da falta de assistência sanitária, o aumento da população do Rio Grande do Norte no período de 1900 a 1920 foi igual a 29.4 por mil habitantes. Em igual período, o Distrito Federal teve o aumento de 26.6. São dados da Diretoria Geral de Estatística. É por isso que já temos publicado que o Nordeste é um viveiro de gente. A sua população extravasará sempre.

Cuidada, amparada, educada, saneada que fosse essa população, evitada a elevada mortalidade produzida pelas secas, teria o Brasil no Nordeste um poderoso núcleo de colonizadores e de trabalhadores para todas as necessidades do país.

A imigração dos nordestinos é uma fatalidade oriunda das especiais condições da região. Mas essa imigração só poderá ser



**Banco do
Nordeste**



U nosso negócio é o desenvolvimento

**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

proveitosa ao país e ao próprio imigrante quando realizada em condições normais, espontaneamente. É por isso que discordamos em absoluto do embarque, durante as crises, de levas de famintos e de pauperados para outros Estados.

Esses que assim se retiram ou serão abandonados ao chegar, como sempre tem acontecido, em passadas secas, ou serão eficazmente auxiliados pelos governos, dando-se lhes amparo, como se dá ao colono estrangeiro. No primeiro caso, é uma desumanidade, um crime contra os interesses econômicos da nacionalidade. Na segunda hipótese seria despender grandes somas de dinheiro que, aplicadas em manter a população em seus lares, concorreriam para normalizar a vida e a economia da região nordestina, pela construção e incremento de obras e trabalhos capazes de atenuar, talvez extinguir desastrosos efeitos de futuras secas.

No momento atual, o governo do Estado não tem procurado fomentar, aconselhar o embarque de retirantes. Tem facultado passagens aos que as procuram provando que no ponto a que se destinam tem família, parentes, amigos colocados, que os convidam e aos que já conhecem o Estado que procuram.

São medidas atualmente aconselhadas. Animar, incrementar o embarque dos retirantes seria gravíssimo erro. Dificultar o embarque àqueles que sabem para onde vão, que desejam ir, que ao chegar não ficarão ao abandono seria iníquo.

O Governo está agindo com prudência e critério.

“A República”, 20 de maio de 1932.



**Banco do
Nordeste**
U nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MEM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

As Secas (4º)

Felipe Guerra

Em 1929 escrevíamos para um congresso econômico: “Hoje, mais do que outrora, tem o Nordeste necessidade de fixar sua população, tanto quanto possível. Tendem a desaparecer os encantamentos de algumas regiões do país que atraíam correntes imigratórias em busca de rápida e ilusória fortuna. Quer ao Norte, quer ao Sul, a vida econômica se vai normalizando, a todos oferecendo as mesmas facilidades, os mesmos embaraços, os mesmos tropeços, onde todos poderão vencer, ou ser vencidos, conforme aptidão e esforços individual.

No tempo em que a borracha valia ouro, os nordestinos corriam para a Amazônia pela ilusão de ganho abundante e farto. Os que não morriam eram tão atrozmente explorados que se sentiam felizes quando podiam voltar. E quase todos voltavam doentes.

Hoje, nem mais a borracha promete riquezas.

Não é fácil explicar a nós, do Nordeste, porque a extensa região do extremo Norte, terra fabulosamente fértil, onde nada há capaz de estancar ou interromper sua fertilidade, possa sofrer uma crise como essa que há anos vem padecendo. Ainda agora vemos uma entrevista concedida aos jornais do Rio pelo Dr. Gentil Norberto: “A miséria e a fome invadem os lares, enquanto os centros de trabalho vão sendo abandonados”. Isso em relação ao Acre. No Pará e no Amazonas a crise é também angustiosa. Em particular quanto ao Rio Grande do Norte pode-se indagar o que



Banco do Nordeste
U nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO VINGT-UN ROSADO
ME
EM

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

tem lucrado com enviar seus filhos para o Norte. Ver-se-á que nada tem lucrado.

A lepra tem sido disseminada no Nordeste por aqueles que regressam do Norte, que é hoje um dos mais perigosos focos do terrível mal. No “Jornal do Brasil” de 29 de abril do corrente ano lê-se: “Divulgando informações e algarismos de conhecido leprólogo, foi aqui dito haver na capital do Pará cem mil infelizes atacados da moléstia de Hansen”. Essa informação foi logo contestada por exagerada pelo inventor Magalhães Barata.

Opiniões de conhecedores do assunto afirmam que na Capital do Pará há a média de um leproso para cada habitação. O Maranhão, segundo estudos estatísticos que temos lido, terá dentro de alguns anos toda a sua população atacada de lepra, se medidas urgentes e eficazes não forem tomadas. E o impaludismo e beribéri das regiões pantanosas do Norte? Um dos mais sérios problemas de São Paulo é a luta contra a lepra que ataca a sua população.

Nas condições expostas, é um mal, é uma desumanidade favorecer, facultar o embarque de levas de retirantes famintos, depauperados, com o organismo sem resistência, aberto à receptividade de moléstias, incapazes de qualquer ação para a sua defesa sanitária. Tolera-se, porque é quase impossível evitar, que nas crises se favoreçam embarques principalmente daqueles que se seguem a determinado ponto, onde possam encontrar agasalho de parentes, de amigos que os convidam. O embarque como metódica medida contra as secas, nunca.

Os desastres ocasionados pelas secas são terríveis quanto imediatos. Exigem urgentes providências. Não vindo essas logo,



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U n o s s o n e g ó c i o é o d e s e n v o l v i m e n t o

COLEÇÃO **MZ
EM**

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

como invariavelmente tem acontecido, em passadas secas, a calamidade assume trágicas proporções.

Conservar a população em seus lugares, dar-lhe trabalho evitando a retirada seria providência tão proveitosa quanto eficaz para minorar, senão evitar, os males ocasionados pela calamidade. Economicamente, a crise produzida pela seca não é mais do que a consequência da falta de trabalho, mais do que duplamente agravada pela falta, pela impossibilidade de produção a que fica condenada a região vitimada.

O açude, a irrigação da parte seca do estado traz fertilidade ao solo mesmo no ano em que não for favorecido pela regularidade das chuvas. O açude é o prolongamento do inverno nos anos normais. É um inverno nos anos de seca.

O açude localiza a população e com essa localização vem o desenvolvimento de um núcleo de habitantes, o que, por sua vez, traz a escola.

Em o ano findo, segundo dados publicados pela imprensa, o açude de Cruzeta serviu de amparo e abrigo a mais de seis mil pessoas. Convém notar que esse açude, no município de Acari, ainda não está aparelhado com as necessárias obras complementares para irrigação, que permitiriam muito maior desenvolvimento de suas utilidades.

Vinte açudes com a capacidade desse, abrigariam a cento e vinte mil pessoas, pelo menos. Não são necessários comentários sobre esses dados, que nada tem de fantástico e sobre o valimento que teriam esses açudes nas aperturas do momento atual.

No presente ano, todos os rios correram. Algumas deram boas cheias. Se as águas desses rios e de seus riachos afluentes



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

tivessem ficado representadas nesses açudes desejados, muito diversas seriam as atuais condições do sertão seco.

Não é necessário perder palavras em acentuar o valimento da açudagem. O nosso intuito, com estes modestos artigos é tratar

de medidas aplicáveis a minorar os efeitos da presente calamidade.

“A República” 22 de maio de 1932.



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U nosso negócio é o desenvolvimento

COLEÇÃO **MEM** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

As Secas (5º)

Felipe Guerra

Não há necessidade de insistir sobre o valor do açude na economia do Nordeste. A irrigação do solo é o único meio de evitar sua esterilidade durante a seca, transformando-o em fonte de trabalho e de produção.

Não há muitos anos, todos os produtos da cana consumidos no sertão seco do Estado eram fornecidos pelos Brejos paraibanos e pelo Cariri do Ceará. Hoje, grande parte desse consumo é suprido pelo sertão. Segundo estatística apurada em 1926 pela Inspetoria Agrícola existiam em doze municípios do sertão seco do Estado 320 engenhos, maiores e menores, para beneficiamento da cana, movidos uns a força mecânica, outros a tração animal, quase todos localizados em açudes.

Se a irrigação, a açudagem, são essenciais para a luta contra as secas, claro é que no sertão seco devem ser de preferência atacados os serviços necessários a multiplicar tais obras. E essas obras a realizar só poderão ser proveitosas e úteis se vantajosamente localizadas. Para elas devem ser encaminhados todos os recursos que, para o sertão, sejam destinados a socorrer os “sem trabalhos”.

É essa a grande dificuldade que sempre aparece nas crises. Quantias que poderiam em épocas normais ser aplicadas unicamente em obras proveitosas são, nas crises, fragmentadas em pequenas parcelas para trabalhos de insignificante vantagem. E de outro modo não poderia ser. Não são amplos os recursos que



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U n o s s o n e g ó c i o é o d e s e n v o l v i m e n t o

COLEÇÃO **MZ
EM**

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

permitiriam serviços valiosos por toda parte. Não há trabalhos organizados. A desgraça é geral, o infortúnio estende-se a todo o sertão. Todos clamam. É urgente acudir. Todos pedem trabalho. E assim vão pequenas quantias que nem sempre são empregadas em obras de grande utilidade. Na orientação do Governo? Não. Exigências do momento.

No momento atual, não fossem esses pequenos recursos esparsos, minorando um pouco sofrimentos dos necessitados, as estradas estariam cheias de retirantes, morrendo ao abandono.

Nas secas, o necessitado retira-se forçosamente. Nem sempre sabe para onde, não reflete, ignora se vai melhorar ou piorar sua situação. Retira-se. Não pode permanecer em casa. Não tem alimento para um dia. Não há onde possa ganhar um tostão. Não há quem o possa valer.

Retira-se. Em uma passada seca já nos disse um pobre homem: “Seu doto”, gente é bicho duro de morrer de fome! O senhor não imagina a fome que eu tenho passado com esse meu povo! “Razão tinha o pobre sertanejo. Só ele, curtindo pela fome, podia bem saber o que é fome”.

Um médico avalia bem quanto sofre um doente a quem socorre. Mas esse médico não padece com a dor. Só o padecente conhece bem a intensidade do sofrimento.

Organizem-se os serviços para que se possa tirar o máximo proveito das quantias a despender, construindo obras proveitosas à região, prevenindo futuras calamidades. Mas enquanto esses serviços não estiverem organizados, humanidade, pelos mais elevados interesses da nacionalidade, não seja abandonada a grande valiosa população do Nordeste.



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U n o s s o n e g ó c i o é o d e s e n v o l v i m e n t o

COLEÇÃO **MZ
EM**

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Parece que não haverá abandono. Não tem havido na presente calamidade. No grande infortúnio que agora se abate sobre a região, teve o Nordeste o desafogo de contar com o Ministro José Américo superintendendo serviços e socorros, sem se abater mesmo ante o trágico desastre que o prendeu ao leito, sob dores físicas e morais.

No Estado, o Dr. Antônio de Souza tem secundado, dentro das possibilidades, a ação do Governo Central.

Entretanto, ainda estamos ao começo do período agudo da crise. Já são incalculáveis os sofrimentos, que irão sempre crescendo, se medidas urgentes e eficazes não forem empregadas, com decisão e coragem.

Entre essas medidas para acudir aos atuais sem trabalho avulta o aproveitamento dos vales úmidos do Estado, a colonização do Agreste, como alvitram alguns. Examinemos.

Antes fazemos uma ratificação de dados que publicamos sobre o aumento da população do Rio Grande do Norte, relativa ao período de 1900 a 1920, segundo a diretoria Geral de estatística. Nesse período, por mil habitantes, este Estado teve o aumento, em média anual, de 34,8. O aumento do Distrito Federal foi, no mesmo período, de 26,6.

“A República”, 24 de maio de 1932.



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

O nosso negócio é o desenvolvimento

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

As Secas (6º)

Felipe Guerra

O Agreste está muito longe de representar para o Rio Grande do Norte e para a economia geral do Nordeste aquilo que para o Ceará e a Paraíba e para a vida econômica da região representam o Cariri e os Brejos. Entretanto, no Agreste, assim como nos Brejos não há secas.

Anos de inverno fraco, tardio, irregular, perturbando a vida econômica. Seca, propriamente, não.

Em 1915, de triste memória para os sertanejos, o pluviômetro indicou em Mossoró e Natal, respectivamente, 241 mm e 1.076 mm. Esses dois pontos podem ser tomados como índice para a região seca e para a região chuvosa.

Na parte úmida há ótimas terras para produção agrícola, sobressaindo o vale do Ceará Mirim, a respeito do qual se tem repetido ser o “coração de ouro” da região.

Entretanto, já vimos que ainda em 1929 o coração de pedra e o coração de sal concorreram para o orçamento do Estado com impostos de valor aproximado a seis mil contos de réis, pagos pela exportação de algodão e sal, ao passo que o imposto de exportação do açúcar não atingiu a quarenta e três contos.

Pode-se dizer que em todo o Agreste o coco e a mandioca produzem de modo a causar inveja às melhores terras sertanejas. E esses dois produtos não exigem dessecação de vales. Sua exportação é nenhuma.



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U nosso negócio é o desenvolvimento

COLEÇÃO **MZ
EM**

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

É certo que as melhores terras do Agreste são os seus vales úmidos, que produzem bem qualquer cultura a eles levada. E por isso a grande necessidade de serem drenados, saneados, a fim de que possam patentear a fertilidade do solo e oferecer garantias à saúde dos que os exploram e neles trabalham. É a velha questão do dessecamento dos vales úmidos do Agreste. Já em 1909, no governo do Dr. Alberto Maranhão houve um decreto a respeito. O Dr. Elói de Souza tem tratado, desde anos, no Congresso e pela imprensa, do dessecamento dos vales úmidos do litoral, com proficiência, conhecedor que é da região. Apesar disso os vales continuam alagados, encharcados e conseqüentes insalubres e não aproveitados.

Opina o Dr. Elói de Souza que a insalubridade dos vales produziu o quase abandono em que se acham. Parece-nos, porém, que essa insalubridade não foi a causa e sim uma conseqüência do abandono. Devida a várias causas, entre as quais a falta de braço dos escravos, a crise que afetou a indústria açucareira, cultura única a que rotineiramente viviam apegados os senhores de engenhos, diminuiu gradativamente a cultura dos vales, que aos poucos foram sendo abandonadas. Descuidados ficaram os trabalhos necessários ao escoamento das águas, até então zelosamente mantidos. Findas as moagens, os senhores de engenhos empregavam sempre turmas de escravos e trabalhadores na limpeza do vale, das “levadas”, na desobstrução do rio. As águas corriam livremente. Não havia encharcamento.

Cumprir notar que isso a que se dá o nome de “rio” não merece tal nome, se não nas proximidades da sua embocadura, sob influência das marés, ou então durante a estação invernos,



**Banco do
Nordeste**
U nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

quando avolumam suas águas. Nos meses da estiagem normal os rios do Agreste não são mais do que pequenas vertentes, sem profundidade.

Fácil é conservá-las limpas, relativamente fácil é canalizá-las. A falta de limpeza dos rios trouxe o crescimento de ervas, prendendo detritos, acumulando terras, ocasionando aterros. Pressas assim as águas, à falta de livre escoamento, transbordavam para os terrenos marginais dos vales, baixos, em muitos lugares, quase ao mesmo nível do rio, que ano a ano era aterrado. Veio o charco que, todos sabem, produz a insalubridade. Esses dois fatores conjugados trouxeram o não aproveitamento dos vales. Fez-se o charco por causa do abandono dos serviços de escoamento.

Desobstruídos e saneados que fossem esses vales, toda essa população que tem imigrado poderia encontrar trabalho e agasalho em sua exploração agrícola. Esses “sem trabalho” que abandonam os campos e procuram as cidades achariam emprego a suas costumeiras atividades.

Em vez de seguirem a povoar as margens, também não saneadas, dos rios do Maranhão e da Amazônia, ficariam povoando as margens dos rios do Agreste.

“A República”, 29 de maio de 1932.



**Banco do
Nordeste**



U nosso negócio é o desenvolvimento

**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

As Secas (7º)

Felipe Guerra

Localizar aqueles que agora, na presente seca, procuram, querem, tem necessidade de imigrar e o maior número possível daqueles que não encontram trabalho, seria a medida mais racional e mais proveitosa para o momento.

Dar trabalho e meios de subsistência, pelo menos durante a crise aqueles que não encontram emprego de sua atividade e que por essa falta sofrem fome e toda sorte de privações, evitar a retirada para fora do Estado de pessoal válido, tão necessário à sua vida econômica e, mais ainda, preparar para breves dias um aumento de produção a concorrer para o abastecimento do mercado, tão desfalcado pela sobrevinda esterilidade, seria o meio mais eficaz, mais racional, mais conducente a debelar a crise.

E ainda traria a grande vantagem de diminuir encargos aos cofres públicos.

Seria mais do que “ouro sobre azul”. Tudo isso seria conseguido pela localização no Agreste chuvoso, em seus vales úmidos, desses numerosos “sem trabalho” que estão imigrando e esmolando pelas cidades.

Essa providência tão intuitiva, tão eficaz e proveitosa é tão fácil de ser levada a efeito, de ser realizada... em um simples artigo de jornal, em uma ligeira palestra cumulada de acrimônias e censuras... quanto difícil e embaraçosa de ser executada com a urgência exigida.



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U n o s s o n e g ó c i o é o d e s e n v o l v i m e n t o

COLEÇÃO **MEM** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Não seria possível atirar, de repente, milhares de necessitados a margens dos vales úmidos, encharcados, insalubres, completamente desabrigados, ao relento, às chuvas, aos mosquitos, ao impaludismo. E é preciso não esquecer que os vales úmidos são terrenos de propriedade particular. A sua colonização como fator de máxima importância para a economia geral do Estado é medida que se impõe.

É cabível acusar passados governos que tal medida não realizaram. Essa censura, porém, no momento atual não localizaria a um só retirante, se quer, nem encheria a barriga a uma família.

É preciso encarar o problema que se oferece no momento. Os vales pertencem a particulares. É necessário entendimento com esses. Os rios estão entupidos, é urgente desobstruí-los.

As valas, as valetas, as levadas já desapareceram. Devem ser novamente construídas para encaminhar as águas. Os vales apresentam focos de mosquitos, portadores de febres, de impaludismo. É indispensável saneá-los. Os terrenos acham-se cobertos de vegetação daninha. Não é possível plantar sem destruí-la. Não há abrigos para os que se determinarem à cultura dos vales. Tem de ser construídos. Não há pontos de abastecimento para os que se localizarem mais afastados dos povoados. Convém estabelecer esse abastecimento.

Está-se ainda no início de junho, que é, talvez, o mês mais chuvoso do agreste. É muito provável que os rios tragam alguma cheia, maior ou menor, que embora passageira se encontrar completo o serviço de desobstrução, nenhum prejuízo ocasionando à lavoura da cana, pode destruir incipiente lavoura de mandioca, feijão, milho, batata. Convém evitar esse fracasso.



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U n o s s o n e g ó c i o é o d e s e n v o l v i m e n t o

COLEÇÃO **MZ
EM**

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Ninguém pode realizar quer o trabalho de preparo dos vales, quer o seu cultivo sem a necessária ferramenta. É indispensável adquiri-la inicialmente. Não existe no mercado. É imprescindível organizar serviços sanitários, assistência médica. Tem de ser loteadas, divididas, distribuídas às terras. É exigido melhorar ou abrir caminhos, estradas, vias de comunicação para os vales.

Tudo isso são medidas urgentes para levar a efeito a sábia e econômica providência de localizar os sem trabalho em serviço imediatamente remunerador e produtivo.

Há trinta anos já lembrávamos a necessidade de aproximar o sertão do agreste e de incrementar a pequena lavoura dos vales úmidos. Se apontarmos aquelas dificuldades não foi com intuítos pessimistas nem para criar embaraços.

Apenas quisemos, como nos é possível, esclarecer o problema, mostrando essas dificuldades de momento. Injustas e desarrazoadas são as acusações que se façam a quem quer que seja, porque ainda não se realizou aquilo que de sopetão não pode ser realizado sem grande risco de sacrificar elevado número de vidas e comprometer o êxito do próprio empreendimento. O que tem sido possível fazer está iniciado.

O governo do Estado auxiliado, amparado eficazmente pela boa vontade e sã orientação do ministro José Américo, age dentro das possibilidades. O ministro, dirigente e fator benemérito da campanha em benefício do Nordeste, encontrará todos a postos, secundando seus esforços.

Não nos iludamos. Desorganização da vida e da economia da região, sofrimentos, aumento de mortalidade são conseqüências fatais da seca do Nordeste, ainda desaparelhado de meios



**Banco do
Nordeste**
U nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

para contra ela lutar. Confiemos, porém, que providências continuarão e virão, tendentes a reduzir ao mínimo possível, mesmo no atual momento, aqueles males que a todos afligem.

O aproveitamento dos vales úmidos do Agreste é, para o Rio Grande do Norte, no atual instante, uma das medidas mais indicadas.

“A República”, 4 de junho de 1932.



**Banco do
Nordeste**



U nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO

COLEÇÃO
MEMÓRIAS
MOSSOROENSE



UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

As Secas (8º)

Felipe Guerra

Colonizar os vales úmidos do Nordeste cultivá-los, fazê-los produzir agora, na presente crise, principalmente, é medida tão aconselhável quanto urgente.

No tema anterior, fizemos referência a dificuldade e embaraços a vencer preliminarmente. É muito complexo o aproveitamento desses vales. Há uma causa que dificulta sua cultura metódica e intensiva. É o regime das águas, quer nos anos normais, quer nos anos de copiosas chuvas, quer em invernos fracos. Não estão regularizadas as suas águas.

E por isso é sempre precária e duvidosa sua produção. Só é permitido plantar nos meses de estiagem. Plantada a cana no verão, ou nesse tempo preparada a soca, adquire um certo desenvolvimento que lhe dá capacidade para resistir às alagações dos rios, com as enchentes de inverno.

Quando as águas das enchentes não se escoam logo, ou porque são duradouras essas enchentes, ou porque encontram obstruídos os canais de escoamentos, é sempre prejudicada, às vezes totalmente, ou em maior ou menor escala a esperada safra. São muito constantes esses prejuízos.

Pensamos mesmo que essa não regularização das águas é a causa primordial do pouco desenvolvimento e progresso da agricultura dos vales do Agreste, que não oferece o desejado melhoramento. Esse problema de regularização das águas é muito complicado e custoso. Dele não se pode tratar agora. Contenta-



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U n o s s o n e g ó c i o é o d e s e n v o l v i m e n t o

COLEÇÃO **MZ
EM**

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

mo-nos, para o momento, sem apressar e auxiliar o enxugamento dos vales, abrindo caminho para rápida passagem das águas.

Na época da estiagem, escoada as águas, prestam-se os vales com muita vantagem a plantações de feijão, milho, batatas, mandiocas, etc. Essa lavoura deve ser plantada e colhida nos meses de verão. Não só as enchentes dos rios podem prejudicar. Ninguém ignora que, em terreno baixo e úmido, basta a alagação de uma chuva para causar prejuízos.

Alguns agricultores da cana aproveitam o espaço entre as carreiras e colhem excelentes produções dessa lavoura auxiliar.

Não conhecemos bem os vales úmidos do agreste. Ignoramos se são adequados ao plantio do arroz, de tão vantajosos resultados econômicos. Não é cultivado esse cereal.

De qualquer forma é necessário, desde já, como e quando possível, ir empregando, localizando os atuais “sem trabalho” nos serviços de preparo e adaptação de área dos vales para generalizado plantio, que só poderá ser levado a efeito em agosto. A lavoura dos vales é plantação de “vazante”, excetuado, como vimos, a exploração da cana, uma vez que suas águas não estão regularizadas.

As plantações de agosto principiarão a dar resultados de outubro para novembro. Em janeiro e fevereiro estarão completas as colheitas. Quanto mais cedo principiar o plantio melhor será. É possível, talvez, iniciar logo o plantio em alguns terrenos mais elevados, mais adequados ou mesmo à margem dos vales.

Não se pense em localizar agora nos vales do agreste senão uma parte relativamente pequena desses “sem trabalho” que reclamam auxílios, principalmente do sertão seco. Não há terras



Banco do Nordeste
O nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO VINGT-UN ROSADO

COLEÇÃO **MZEM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

preparadas para tal. A propriedade é particular. Não é possível a compra de extensas áreas. Os proprietários que oferecem, gratuitamente, ou por arrendamento, terras para localização dos imigrantes, entregarão aquelas ainda não desbravadas, aquelas de mais trabalhosa adaptação. Não entregarão a parte que cultivam e donde tiram a sua subsistência.

E essas terras que tem permanecido não aproveitadas, ao abandono, devido ao encharcamento, são as menos salubres. Os “sem trabalho” vem, em sua maioria, do sertão seco. Não são aclimatados ao Agreste. Cuidadosamente é indispensável para proteger a vida e a saúde desses que procuram trabalho, sob pena de conseqüências desastrosas, e de sacrifício de elevado número de vidas.

As margens dos rios do Maranhão e da Amazônia não são com certeza menos insalubres e doentias do que os nossos vales úmidos. Sob esse aspecto de insalubridade são muito mais perigosas. O que acontece? Os nordestinos que para eles imigram lá adoecem, morrem em grande maioria, voltam os que podem, com a saúde sacrificada, pequena percentagem consegue localizar-se com vantagem.

Agora mesmo lemos um artigo de Sales Filho sobre interesses nacionais, afirmando que no Pará a natalidade está sendo inferior à natalidade, “graças ao impaludismo”. É isso o que convém evitar. Um Estado pequeno, pobre, com sua população sempre desfalcada pelas secas e pela imigração, tem como precípua dever cuidar da vida e da saúde de seus habitantes.

É um dever de humanidade, que atende aos mais imperiosos interesses econômicos. Desenrolava-se a produção dos vales



**Banco do
Nordeste**



U n o s s o n e g ó c i o é o d e s e n v o l v i m e n t o



FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE



UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

úmidos, dando remunerador trabalho aos que não encontram atualmente em seus lares.

Nada disso será conseguido sem o necessário cuidado pela vida e pela saúde do operário, fator do empreendimento.

“A República”, 7 de junho de 1932.



**Banco do
Nordeste**



U nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO

COLEÇÃO
MZ
EM



UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

As Secas (9º)

Felipe Guerra

Temos examinado as vantagens que razoavelmente é permitido esperar do encaminhamento dos atuais “sem trabalho” para a agricultura do Agreste e de seus vales úmidos, mostrando também as dificuldades a vencer preliminarmente para o bom êxito da empresa.

Apesar dos embaraços que não permitem fazer tudo, muito se pode realizar. E o momento é o mais oportuno, uma vez que não tem faltado auxílio do Governo, impulsionado pelo benemérito Ministro José Américo.

Ao desenvolvimento da agricultura do Agreste prende-se a debatida questão do “cerco do Agreste”.

Embora não seja conveniente tratar agora mais essa dificuldade a embaraçar a já por si complicada empresa de localização de retirantes. É, entretanto, oportuno dar-lhe a devida atenção.

Aqueles que estão encarregados dos trabalhos agrícolas nos vales devem examinar as respectivas condições locais, afim de que possam fornecer esclarecimentos para uma prática solução dessa medida, por uns recomendada e por outros condenada.

Em 1927 o Congresso do Estado legislou a respeito. Em o ano próximo findo o comandante Herculino Cascado, com sua atenção sempre seriamente voltada aos interesses do Estado, nomeou uma comissão para regulamentar a lei. Fazemos parte dessa Comissão, que nunca chegou a reunir-se. Dois de seus membros seguiram para o Rio. Outro reside no interior. Pouco conhecendo



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U nosso negócio é o desenvolvimento

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

os vales úmidos, nada queremos fazer isoladamente. E afinal fomos obrigados a concordar com o ilustre administrador: parece que nomear uma Comissão é um meio prático e eficaz para dilatar um trabalho.

Não é possível tomar essa expressão “cerco do Agreste” em sua literal significação de colocar o Agreste dentro de cercas. Muito difícil e dispendiosa seria a construção dessa muralha chinesa e muito mais ainda a sua vigilância e conservação.

Não é admissível também vedar a exploração da pecuária no Agreste úmido, onde poderá melhor ser organizada do que no sertão seco. O cerco do Agreste tem por fim proteger, baratear e fomentar a agricultura, principalmente a pequena lavoura, evitando incursão de gados e conseqüentes depredações e ao mesmo tempo libertar o pequeno proprietário ou simples plantador do pesado encargo de cercas, que tanto dificulta e encarece a produção, sendo para muitos uma despesa proibitiva, tal o seu relativo custo.

Parece-nos que há dois alvitre para resolver o problema. Delimitar e cercar cada município a sua parte destinada à agricultura, deixando a outra parte destinada a criação. Ou, então, o que parece mais razoável, só permitir a criação de gados em campos ou partes cercadas. As fazendas têm suas terras demarcadas ou de limites confusos, em campos abertos. Não é justo que um proprietário queira criar seus gados em pastos de vizinhos.

Não é tão dificultoso resolver a questão. No Seridó, onde não há facilidade para a construção de cercas, cria-se, planta-se nos invernos e cultivam-se vazantes nos estio.

Sábria, previdente e vantajosa é essa medida de dar emprego aos atuais sem trabalho incentivando a lavoura, ainda pos-



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

Um nosso negócio é o desenvolvimento

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

sível, no Agreste. E além do mais preparar colheitas que, no fim do ano, trarão produtos ao mercado.

Não é, porém permitido pensar que suspender trabalhos no sertão seco, principalmente serviços relativos a açudagem, pois esses significam libertar a região dos males produzidos pelas secas.

Não seria possível tentar, no momento, deslocar a população sertaneja para os vales úmidos. Seria completa desorganização da vida do Estado. Seria profundo golpe na mais vultuosa e mais valorizada produção algodoeira.

Esses que estão sendo colocados na lavoura do Agreste são, em grande maioria, retirantes dos municípios próximos do Agreste, ou mesmo dessa região. Quase todos os retirantes vindos do alto sertão destinam-se a embarque. E muitos têm embarcado. Receiam o impaludismo do Agreste. Embarcam para o Norte, onde vão encontrar trabalhos, quando encontram, em regiões mais insalubres e mais paludosas que o mais doentio vale do Agreste. E nessa ignorância abandonam o Estado e vão sofrer o que aqui não sofreriam. Aqui o impaludismo os amedronta. Procuram, inconscientemente, o impaludismo, o beribéri e a lepra do Norte e do Sul.

Atualmente, encontram também a miséria decorrente da crise que assoberba o Norte e da qual o Sul não está imune.

“A República”, 12 de junho de 1932.

OBSERVAÇÃO – No papel onde estava colado este arito, escreveu Felipe Guerra: “Interrompidos com a entrada do novo Interventor, Bertino Dutra”.



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U n o s s o n e g ó c i o é o d e s e n v o l v i m e n t o

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

O Cerco do Agreste (1º)

Felipe Guerra

NOTA – Estes artigos, segundo anotações do próprio autor, foram escritos a pedido do Interventor Federal no Rio Grande do Norte, comandante Herculino Cascardo e publicados no jornal A República, de 5 a 15 de dezembro de 1931. Cascardo pediu-os para “provocar discussões...” que não ocorreram. O autor declara em suas notas: “Confesso que não sou muito conhecedor da vida rural do Agreste”.

A lei nº. 675 de 1927, além das várias disposições que encerra, está tudo em seu art. 1º. : “O Estado, mediante acordo com as municipalidades, destinará à agricultura uma faixa de terras do litoral que abrange todos os vales úmidos do Estado, dentro da qual não será permitido criar qualquer espécie de gado, senão preso em cercados ou na corda”.

É a velha e debatida questão da delimitação de zonas de criar e de zonas de plantar. Desde os tempos coloniais se encontra vestígio de discussão a respeito, segundo ouvi de estudioso da nossa história.

O senhor Comandante Herculino Cascardo nomeou uma Comissão para regulamentar essa lei de 1927. Faço parte dessa Comissão. Dos meus companheiros designados para essa incumbência o agrônomo Amaro Silva e os proprietários, grandes criadores e



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U n o s s o n e g ó c i o é o d e s e n v o l v i m e n t o

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

agricultores, senhores Fernando Pedrosa e João Câmara, certamente mais competentes do que eu espero segura orientação.

Seria, entretanto, muito proveitoso que os interessados diretamente nas medidas a adotar elucidassem a Comissão, mostrando vantagens ou desvantagens, indicando os meios mais práticos e eficientes de levar a efeito as procuradas garantias e facilidades para mais fácil aproveitamento dos férteis e úmidos vales do agreste.

Para um Estado que ora por outra fica com a maior parte do seu solo estéril à falta de inverno, de umidade, de irrigação, é da máxima importância, de grande alcance econômico o aproveitamento daquela parte capaz de produzir ao abrigo das investidas das secas.

Os vales úmidos do Agreste poderiam ser para o Rio Grande do Norte aquilo que os Brejos da Paraíba são para esse Estado: abundante e seguro celeiro. Seria um meio de evitar que nos períodos de crise sertaneja grande quantias, relativamente grandes, fossem retiradas da economia do Estado para abastecimento de gêneros de primeira necessidade, comprados em mercados fora de suas fronteiras. E é triste reconhecer que mesmo em épocas normais a população é abastecida por mercados externos.

Os vales úmidos do Estado, a sua região chuvosa, poderiam abastecer de farinha não só os mercados internos como também manter apreciável exportação. Entretanto, mais da metade desse gênero de tão largo consumo é importado de outros Estados, até para a própria região do Agreste, a principiar pela Capital. Como explicar fato dessa ordem, tão aberrante das normas econômicas? É preciso lembrar a frase do caboclo: “Pran-



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U n o s s o n e g ó c i o é o d e s e n v o l v i m e n t o

COLEÇÃO **MZ
EM**

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

tando... dá”. É isso. A grande região do Estado das mais propícias para o cultivo da mandioca não é aproveitada.

O mesmo é possível dizer em relação ao feijão, ao milho, ao arroz. Urge incrementar, despertar a exploração agrícola nesta região privilegiada do Estado, tão privilegiada em relação à zona seca, quanto mal aproveitada.

Diz-se, argumenta-se que a criação de gado, nessa região úmida, é um grande entrave ao desenvolvimento da sua vida agrícola. Os criadores querem ter seus gados em suas terras em campos livres. No gozo de um direito seu, de usar livremente de sua propriedade, o abastado criador solta seus gados. O pequeno proprietário, o pequeno agricultor não pode plantar sem uma segura proteção de cercas, que impeça destruições de sua lavoura por gados alheios. Essas cercas, sua segurança e conservação pesam em excesso sobre o custo dos produtos agrícolas. Daí as dificuldades, os desânimos, os embaraços para a pequena agricultura, que constitui o trabalho a que se dedica e do qual vive grande população. E as terras vão sendo entregues ao abandono, a produção restringe-se quase que exclusivamente ao que é necessário ao consumo individual.

Desses fatos analisados surge naturalmente a idéia de proteção a essa agricultura, diminuindo-lhe pesados encargos, levando-lhe necessária proteção, para que possa ela se expandir. E o cerco do Agreste, o cerco dos vales úmidos apresenta-se a muitos como uma medida urgente, inadiável, para incrementar a agricultura. Outros contestam a eficiência dessa medida, a sua exequibilidade.

Em outro ou outros pequenos artigos tratarei do assunto.



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

O nosso negócio é o desenvolvimento

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

O Cerco do Agreste (2º)

Felipe Guerra

Parece-me que esta expressão “Cerco do Agreste” não pode ser tomada ao pé da letra. Não se deve pensar em cercar o Agreste. Basta um olhar no mapa do Estado para conhecer que seria uma extravagante tentativa lançar uma cerca a principiar, talvez, de Touros, em seguimento por Ceará Mirim, Macaíba, S. José Ares, Goianinha, Pedro Velho, à margem do Guaju. Não. Não haveria mesmo necessidade de tal medida.

O necessário é evitar a livre permanência de gados nos vales úmidos destinados à lavoura. Não só de gados criados nesses vales, como também dos que criados fora, possam neles entrar livremente.

É sabido que ao tempo da estação chuvosa o gado procura, ou é levado para o “mato” e para o sertão. Ao tempo da estiagem, principalmente nos anos de escassa pastagem, volta espontaneamente para os vales, onde procura o alimento que lhe falta. Fica avisado a essa vida. Só dificilmente será “desavisado”.

A criação de gados nos vales úmidos é devida principalmente às maiores vantagens oferecidas por essa indústria sobre a indústria da lavoura. É de esperar que o desenvolvimento dessa, oferecendo melhores vantagens econômicas pelo seu aperfeiçoamento e por sua metódica exploração restrinja a criação, ou pelo menos obrigue os proprietários a diminuir a área de suas terras destinadas aos gados, dando-lhes pastos cercados. Não é problema fácil de resolver só por leis coercitivas.



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U n o s s o n e g ó c i o é o d e s e n v o l v i m e n t o

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

As leis são facilmente aceitas e executadas quando vão ao encontro de aspirações e de necessidades da população. Tem a vencer grandes embaraços em caso contrário.

No Estado temos exemplos. Na região do Seridó, os únicos vales úmidos são os leitos dos seus rios, onde na estiagem são cultivadas as vazantes. Os proprietários tinham suas vazantes sob cercas parciais, muitos queriam ter algumas rezes soltas nesses pequenos cercos para aproveitamento final das mesmas vazantes e engorda para o açougue. Isso era muito prejudicial ao cultivo das vazantes. As cercas tinham de ser renovadas anualmente, destruídas que eram no inverno pelas enchentes dos rios. Gados invadiam lavouras e causavam danos entre os vazanteiros. Alguns principiaram a construir as cercas pela margem alta dos rios, pelos “altos” aonde não chegavam as enchentes. Evitavam soltar animais nas vazantes, afastando assim motivos para questões e desavenças.

Evidenciaram-se as vantagens dessas medidas. O exemplo frutificou, generalizou-se. Ficaram alguns recalcitrantes, mais apegados ao seu ponto de vista, mais egoísta, talvez. Vieram então as municipalidades com suas posturas, obrigando o “cerco do rio”.

Ninguém ignora que a região do Seridó, a menos favorecida no Estado, por condições naturais de prosperidade. Não tem matas, não tem ervas, nem lagoas, nem vales úmidos, não possui carnaubais, nem várzeas de aluvião. Faltam-lhe até gerais de macambira e de “espinhos” para auxílio a forragens nos tempos de seca. Entretanto e talvez por isso mesmo, é onde o trabalho está mais bem organizado, onde o espírito da coletividade em



**Banco do
Nordeste**
U nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

proveito dos interesses regionais melhor aparece e se manifesta no Estado. Por que não imitar tão salutar exemplo?

O Seridó, ao seu modo, se tem organizado. Não tem esperado que o Governo vá cercar suas terras agrícolas, prender os gados, irrigar o solo, conservar estradas. Tem feito tudo isso, tanto quanto o permitem minguados recursos, sempre dificultados pelas repetidas secas.

É necessário imitar o Seridó, marchando em seu próprio interesse, em auxílio ao Governo. Ninguém desconhece que a grande classe produtora, que é aquela que moureja na vida rural tem vivido muito e muito ao abandono. Indispensável é que ela se organize e cuide do seu interesse.

É de esperar, tudo indica, que a “República Nova” melhore esse inexplicável abandono a que tem sido entregue a população rural. E para tal se faz necessária uma atuação direta e eficaz sobre a direção dos municípios. É um dos primeiros passos a dar.

Felizmente, o Governo do Estado bem conhece essa face do problema e a ele dá a devida atenção.



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U nosso negócio é o desenvolvimento

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

O Cerco do Agreste (3º)

Felipe Guerra

Trouxe anteriormente o exemplo do Seridó procurando organizar sua difícil vida econômica, sem esperar por disposições de leis, às vezes impraticáveis. Fato muito conhecido no Estado, não escapou à observação do ilustre geólogo norte-americano Dr. Roderic Crandall. “Do que vimos, diz o Dr. Crandall, em sua publicação “Geografia, Geologia, Suprimento d’água, Transportes e Açudagem”, do que vimos no sertão setentrional, o distrito do Seridó está a alguns respeito muito adiante do resto da região, sendo os fazendeiros excepcionalmente adiantados e empreendedores”.

Isto foi escrito em 1910. É possível que alguns municípios outros tenham melhorado suas condições econômicas. O esforço coletivo pelo interesse geral, que afinal de contas é e deve ser o mais nobre e elevado interesse individual, permanece estacionário.

O esforço individual é tanto mais obstinado quanto mais estreito. É uma força poderosa que muitas vezes deve ser acatada. O meio de vencê-la é alargar-lhe a visão. Ao interesse individual prende-se a questão dos latifúndios, tão malsinados por muitos.

A respeito se publicaram umas considerações no periódico “A República” sobre o aproveitamento dos vales abandonados dignas de atenção. Recebi ainda agora uma carta do Sr. Prefeito do município de Pedro Velho tratando do assunto e mere-



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U n o s s o n e g ó c i o é o d e s e n v o l v i m e n t o

COLEÇÃO **MEM** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

cedora de ser publicada. São veementes e generalizadas as acusações aos latifúndios que dizem dificultar o desenvolvimento da produção nacional.

Não sei se tais encrespações são plenamente verdadeiras. Em particular, quanto ao Rio Grande do Norte, parece-me que atribuir a latifúndios o atraso de sua agricultura é procurar uma desculpa para mascarar causas outras deprimentes de ação de governantes e governados. Faz lembrar um indivíduo caloteiro contumaz a despende seus ganhos com ostentações e divertimentos, desculpando-se ante os credores com alegações de dificuldades financeiras.

Não se cuida da agricultura. Longos anos de abandono têm entorpecido a vitalidade das populações rurais. A verminose, as endemias triunfaram com seu poder devastador. E querem atirar grande parte dos efeitos desses males ao latifúndio! Os latifúndios, não. Os municípios permaneceram durante longos anos ao completo e vergonhoso abandono de seus dirigentes. Dominava a politicagem analfabeta e malsã de mandantes locais, arvorados em chefes políticos. Seria injustiça desconhecer exceções. Onde essas se manifestavam, os resultados não se faziam esperar.

São conhecidas no Estado essas louváveis exceções. Pode-se mesmo citar, de relance, Parelhas que a boa vontade de um velho, aliás, de pouca cultura, transformou em curtos anos de pequeno povoado em vila, em município, em próspera cidade.

No sertão seco a propriedade territorial acha-se muito fragmentada. Já são raros os possuidores de léguas de terras. E essas ainda não estão valorizadas. Ainda no ano próximo findo,



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U nosso negócio é o desenvolvimento

COLEÇÃO **MZ
EM**

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

possuindo eu uma pequena nesga de terra no vale do rio Apodi, com meia légua para cada lado, procurei dela me desfazer. Não por venda. Por doação. Sobre ela não havia questões, nem embaraços. Favorável a sua situação. Afinal encontrei depois de procurar, um filho do meu compadre vendedor, que me fez o favor de aceitar. São assim os latifúndios sertanejos.

A maior parte das rusgas e questões sobre terras são motivadas mais por caprichos e amor próprio do que por interesses materiais.

No Agreste, que não conheço bem, diz-se que há latifúndios dificultando o desenvolvimento do cultivo das terras de úmidas e férteis vales. Como tudo é relativo, é permitido falar em grande propriedade neste pequeno Estado. Alguns de seus municípios são menores do que grandes propriedades particulares em outros Estados. Quero, porém, aceitar que existam latifúndios no Agreste. Deles irei me ocupar.

Ligeiramente já fiz ver que julgo insignificante o mal produzido pelos “pequenos latifúndios” no desenvolvimento agrícola do Estado. No sertão seco, o grande embaraço não só à agricultura, como a outras indústrias é a seca, são os maus invernos, a falta de irrigação. No Agreste há várias causas atuando no mesmo sentido, criando dificuldades. Entre essas causas figura, não se pode negar, a ação de alguns grandes proprietários, relativamente grandes, que não souberam ou não puderam explorar suas terras.



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U nosso negócio é o desenvolvimento

COLEÇÃO **MZ
EM**

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

O Cerco do Agreste (4º)

Felipe Guerra

Muitas ficaram improdutivas e o que é pior, apesar de férteis e prósperos agrícolas, transformou-se em pantanais, centros irradiadores de impaludismo, de opilação, de todos os males oriundos de regiões pantanosas. E a miséria e a insalubridade não se fizeram esperar. Muitas vezes, um pequeno serviço de desobstrução de pequena corrente, uma simples limpeza anual de “levadas” seria bastante para evitar o pântano e inutilizar a propriedade. Não se cuidam dessa singela medida para escoamento das águas. E o mal se agravou ano a ano.

Gritou-se, esperou-se pela ação do Poder Público. Ora, esse tem a obrigação de cuidar dos interesses gerais. Não se deve esperar, porém, que vá anualmente limpar as levadas de todos os vales úmidos do agreste.

Se for permitido censurar o Poder Público por descuido na desobstrução dos vales, com certeza não merece louvores o descuido, a incúria dos proprietários, interessados mais diretamente no saneamento e na produtividade das suas terras. Unissem-se os proprietários para tais empreendimentos, com certeza tudo seria conseguido. Em vez de união dá-se o isolamento de esforços e muitas vezes injustificados caprichos, que não podem ter outra explicação além da ignorância e estreiteza de espírito daqueles que delas se armam.

Um ilustre amigo que tem estudado o problema me informou que um dos vales não distantes desta Capital, um senhor



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U nosso negócio é o desenvolvimento

COLEÇÃO **MZ
EM**

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

de engenho, além de sua propriedade que explorava, possuía uma outra pequena, separada pelas terras de um vizinho. Estando o senhor de engenho com suas terras plantadas de canas, limpou suas levadas e convidou o seu vizinho a fazer o mesmo. Este respondeu que não fazia tal serviço, nem consentira que o outro fizesse. A despesa total para os dois iria a trezentos mil réis, que o senhor de engenho se propôs a pagar. Nada conseguiu. Veio a enchente. Destruiu a safra esperada, calculada em quatro mil sacos. O engenho ficou inativo esse ano.

Dois anos depois, o vizinho, com suas terras plantadas, procurou o senhor de engenho com uma proposta igual aquela que este anteriormente fizera. O senhor de engenho lembrou então ao vizinho o prejuízo que dois anos antes sofrera por sua causa. Deu a mesma resposta: não limparia suas valetas, nem consentiria que outro fizesse tal serviço. Resultado: veio o inverno e ambos tiveram prejuízos totais.

Pergunto eu: com pessoal que tem uma mentalidade assim acanhada o que é possível esperar? Isso que se vê. Engenhos abandonados, ruínas, miséria, pântanos, endemias. Se aqueles mais interessados deixam que sem trabalho seja aniquilado caprichosamente, o que é dado esperar?

Esse fato narrado afirmou-me o ilustre informante ser verdadeiro, por mais incrível que pareça.

Essa diminuição foi naturalmente, imposta pelo cultivo do algodão.

Será permitido esperar que o aperfeiçoamento e a extensão da cultura agrícola na região do Agreste traga a diminuição da indústria da criação, como tem acontecido nos Brejos da Pa-



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U n o s s o n e g ó c i o é o d e s e n v o l v i m e n t o

COLEÇÃO **MZEM** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

raíba e em Pernambuco? Convém notar que mesmo no Agreste, a pecuária ainda se acha pouco desenvolvida e muito pouco aperfeiçoada. É razoável criar-lhe embaraços? Parece que não. O que é necessário, o que é essencial é evitar que os criadores possam embaraçar, dificultar a expansão agrícola, tanto mais quanto é de suas pequenas plantações que vivem uma grande população pobre, desprotegida, digna e carecedora de amparo e proteção. Como se vê, a questão do cerco do Agreste é complexa e de solução difícil. Entretanto, já há uma lei a respeito, e enquanto não for derogada tem de ser cumprida, depois de regulamentada.

No caso de um cerco geral, o que parece inexecutável, qual seria o melhor traçado para a passagem do cerco em cada município, tendo em vista a ligação ao cerco dos municípios limítrofes? Será preferível cercar isoladamente a zona agrícola de cada município, sem atenção ao cerco de outros municípios?

Qual a extensão desse cerco geral e a desses cercos parciais? Haverá vantagens para a agricultura dos municípios em incluir-se no cerco outras terras próprias para lavoura, além dos vales úmidos, ou será preferível cercar somente esses, entregando o resto para a criação?

Será melhor proibir, de uma vez, a criação de gados em campos abertos no Agreste úmido e nos municípios limítrofes?

Convém obrigar os proprietários de terras aptas para a lavoura no Agreste úmido, a destinar parte de sua propriedade para exploração de lavoura? Essa obrigação poderia ser imposta, indiretamente, por meio de taxas especiais. É certo que a propriedade é, em toda a sua plenitude, garantida até pela Constitui-



**Banco do
Nordeste**
U nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

ção. Mas, essa plenitude sofre tantas restrições e vexames legais...

O cerco do Agreste deve ser encarado, principalmente, pelos resultados práticos que possam vir.

Os vales úmidos do Estado, a sua região chuvosa, poderiam abastecer de farinha não só os mercados internos, como também manter apreciável exportação. Entretanto, mais da metade desse gênero de tão largo consumo é importado de outros Estados, até para a própria região do Agreste, a principiar pela Capital. Como explicar fato dessa ordem, tão aberrante das normas econômicas? É preciso lembrar a frase do caboclo: “Prantando... dá”. É isso. A grande região do Estado das mais propícias para o cultivo da mandioca não é aproveitada.

O mesmo é possível dizer em relação.

Se nem sempre assim acontece, é em todo caso muito comum a falta de união, ausência de esforço solidário e conjugado entre os proprietários para trabalhos que a todos beneficiem.

Sei que há vales que reclamam serviços mais vultuosos, talvez fora das possibilidades dos proprietários. Esses serviços tornaram-se, porém, assim grandes, porque os pequenos e constantes trabalhos de desobstrução foram durante anos abandonados. A continuidade metódica e constante dos trabalhos reclamados, relativamente de pouca monta, teria evitado a obstrução dos rios, ou pelo menos facilitado qualquer obra mais completa.



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U nosso negócio é o desenvolvimento

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

O Cerco do Agreste (5º)

Felipe Guerra

Os vales úmidos, quando transformados em pastagens, pelo não escoamento das águas na estação chuvosa, inúteis para a lavoura, agravando a insalubridade da região, tem sido aos poucos entregues ao abandono. Já foram centros de produção; hoje poucos produzem.

Não é o cerco desses vales a única, nem mesmo a essencial medida a tomar para que possa prosperar a sua cultura.

Há também vales e terrenos, não pantanosos, aptos para a exploração agrícola, e que não são regularmente aproveitados. Os pequenos lavradores fazem pequenos cercados para evitar danificações por gados alheios. As despesas exigidas por essas cercas dificultam a cultura dos terrenos agrícolas. Alguns proprietários dispendo de terras e de recursos para sua exploração destinam seus cercados para a criação de gado. E aqueles que vivem de sua pequena lavoura vão plantar no “tabuleiro”, no “mato”, onde a podem fazer com facilidades maiores e menores gastos. Entretanto, mesmo assim, é necessário cercar esses pequenos “roçados”, porque há gados soltos, pastando livremente.

Como evitar tais inconvenientes? É aconselhável proibir a exploração da pecuária nessa região, que poderia ser destinada exclusivamente à lavoura? A pecuária é também indústria merecedora de proteção e amparo, que lhe permite desenvolvimento, aperfeiçoamento. Destinar somente o sertão seco para a pecuária? Não parece muito acertado. E os proprietários dessas terras



**Banco do
Nordeste**



U nosso negócio é o desenvolvimento



COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE



UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

agrícolas podem ser compelidos e arrendá-las, usar delas, a explorá-las somente para lavouras?

Nos períodos de seca, de invernos insuficientes, é principalmente a região do Agreste que abastece os mercados quando necessitam de gado para o corte. No sertão seco, com o desenvolvimento da cultura do algodão, a criação de caprinos muito tem diminuído. Não houve lei obrigando a cerca, nem delimitando zonas para criação de caprinos, nem proibindo a exploração dessa indústria.

Discurso do Dr. Felipe Guerra, então presidente da Liga do Ensino do Rio Grande do Norte, saudando o senador Washington Luís no jantar oferecido a sua Exa. na Escola Doméstica de Natal, publicado “A República” a 11.8.1926.

Exmo. Sr. Dr. Washington Luís

A Liga do Ensino, os professores e alunas da Escola Doméstica de Natal agradecem a presença de V. Exa. nesta casa.

Minha palavra é obscura e sem atavios, aliás inúteis dirigindo-me com respeito a V. Exa. que sabe observar, que não se limita a julgar pela superfície.

Espírito elevado, sentimentos nobres, inteligência culta, estadista experimentado, essa excursão, rápida embora, pelos Estados da grande pátria, reafirmou certamente a segurança que tem V. Exa., que todos temos, nos grandiosos destinos da República do Cruzeiro.

Quase nove milhões de quilômetros quadrados de superfície; quase oito mil quilômetros de litoral; clima ao qual se a-



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U n o s s o n e g ó c i o é o d e s e n v o l v i m e n t o

COLEÇÃO **MZ
EM**

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

daptam todas as espécies úteis da flora e da fauna, além de inúmeras nativas; possuindo, em colossais proporções, todos os minerais, do carvão aos mais preciosos; mantendo em seu solo as maiores reservas florestais; banhado por majestosas torrentes de suas bacias fluviais, aptas à navegação, capazes de fornecer, em proporções máximas, energia para grandes e pequenas indústrias, tudo isso, ao mais desatento golpe de vista, se descortina dentro dos limites da grande República da América do Sul.

Como descrever, então, dos destinos desta Pátria?! O que lhe falta? O homem?! Ah! Não.

Esse precioso fator ela o tem, pois é povoada por milhões de brasileiros que a impulsionam, que a defendem. Raros povos têm dado provas de energia quanto os brasileiros.

Desde os tempos coloniais, pequenos núcleos de população souberam defender sua terra, contra nações que não queriam acreditar em tamanha audácia.

Os Estados Unidos da América do Norte e as repúblicas do continente, de colonização espanhola, cresceram sob a proteção e tutela das respectivas metrópoles e no momento oportuno fizeram sua independência. E o Brasil?! Teve de sustentar lutas sangrentas defendendo o território contra ingleses, contra franceses, contra holandeses, contra espanhóis e afinal lutar contra Portugal, fazendo sua emancipação política. Insignificantes, pelo número, grupos de bandeirantes traçam limites e remotas fronteiras da Pátria, deixando marcos tão solidamente cravados, que dois séculos depois ainda permitem sejam vitoriosamente defendidos, em honrosas e pacíficas lutas, contra a França, contra a Inglaterra, contra a Bolívia, contra o Peru, contra a Argentina.



Banco do Nordeste



U nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO VINGT-UN ROSADO

COLEÇÃO MZ EM



UM PAÍS DE TODOS GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Como não confiar nesse povo, que já possui, no continente sul americano, a maior frota para seu comércio marítimo, a mais importante e prolongada estrada de ferro, o porto mais bem construído e aparelhado; sendo um só dos seus Estados o regulador do comércio mundial do café?!

Aí está o Rio de Janeiro de Rodrigues Alves, de Pereira Passos. Aí está o Brasil médico de Osvaldo Cruz, com seus abnegados discípulos, na grande cruzada do saneamento e robustecimento da raça. Aí a capital paulista. Aí a maior expansão industrial da América do Sul.

Como descrever desse povo que pela palavra de um seu filho, em memorável assembléia e a contra gosto dos orgulhosos adoradores da força, faz ouvir a voz do direito; que, o primeiro, lança em sua lei básica o estatuto do arbitramento?! Tenhamos confiança: o Brasil tem avançado e avançará.

Não progride como o Japão, como a Inglaterra, como a França; e isso porque não é povoado por japoneses, por ingleses nem franceses. Progredirá como Brasil, porque sua população é brasileira, com seus ideais, com suas características.

Sem ódios, sem preconceitos, sem ambições nefastas, acolhe em seu seio todos os povos, todas as raças, que aqui procuram trabalho, riqueza, bem-estar, sossego e liberdade. Não me devo alongar.

Exmo. Sr. Dr. Washington Luís:

O Rio Grande do Norte, pequeno e pobre, tem tomado parte em todos os feitos de nossa história.

Em 1663, ameaçada de extermínio a Bahia, centro da Colônia, 800 índios das margens do Potengi varam os sertões e



**Banco do
Nordeste**



U nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO

COLEÇÃO
M
EM



UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

acodem a instante e angustioso pedido de socorro, guiados pelos Padres, grandes apóstolos da fé, de energia e coragem da nossa raça. Na guerra holandesa, Felipe Camarão, o Caxias colonial e selvagem, bate-se de Sergipe e Bahia ao Maranhão, pela integridade da Colônia.

Nas lutas pela liberdade, frei Miguelinho, e André de Albuquerque derramaram seu nobre e generoso sangue. Na guerra do Paraguai, os voluntários do Rio Grande do Norte cumprem heroicamente os seus deveres; e no dizer de Taunay, um filho das praias de Touros salva, com sua firmeza, energia e inteligência, sem deixar troféus, os destroços da heróica e sofredora coluna da retirada da Laguna.

Augusto Severo ergue a bandeira nacional sobre a capital da França e morre pelo sonho de Bartolomeu de Gusmão, tornando realidade por Santos Dumont.

Novos bandeirantes, ditando as fronteiras da Pátria, 60.000 riograndenses tem lutado nas matas do extremo Norte; e numerosos estiveram enfileirados na defesa do Acre.

Na indústria, aí temos o algodão, o melhor do mundo, na opinião de competentes técnicos e que no último quinquênio deu em exportação média anual de 28.600 contos; aí estão as salinas, capazes de fornecer sal aos 400 milhões de chineses, na frase do conhecido engenheiro norte-americano Roderic Crandall; e com desenvolvida exploração, que causou admiração a conhecido e ilustre engenheiro Dr. Pires do Rio, que chegou a declarar-se, em 1916, surpreso de encontrar no Rio Grande do Norte indústria tão bem organizada e pujante, sem intervenção do capital estrangeiro. E não é fora de propósito notar que nunca um só



Banco do Nordeste



U nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO VINGT-UN ROSADO

COLEÇÃO

MZ

EM

MOSSOROENSE



GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

estrangeiro, sequer, esteve enfileirado entre operários das salinas, nem da indústria algodoeira.

Este pequeno Estado é, ainda, aquele mais cruelmente flagelado pelas secas. De uma conferência realizada em 1919, no Clube de Engenharia, pelo Dr. Mário Moura Brasil, vemos que a região seca do Ceará é 80% de sua superfície, sendo a chuvosa igual a 20%, a Paraíba tem 85% seca e 15% chuvosa; o Rio Grande do Norte aquele que primeiro encarou e sustentou a luta contra as secas; mais de mil açudes particulares são o resultado dessa ingente tarefa.

Felizmente, V. Exa. não teve ante seus olhos o trágico espetáculo das secas. Nas longas estiagens que martirizam a população, V. Exa. não teria visto uma gota d'água à superfície do solo; e posso afirmar que esses campos pedregosos, cobertos de penhasco e crestados pelo Sol, V. Exa. teriam encontrado tão desnudos de pastagens quanto o piso desta sala onde estamos.

O problema das secas, de tão clara solução, tem levado a erros de visão espíritos dos mais elevados.

Aí está o genial André Rebouças aconselhando, na crise de 1877, amparar a população cearense com alambiques para destilar água; aí está o sábio Pereira Reis aconselhando couraças de ferro e aço os açudes sertanejo; aí está o espírito culto, o talento admirável de Cincinato Braga lembrando estabelecer a vida nômade para a população, que em cada crise se abrigaria, com seus rebanhos, e suas serras, nenhuma das quais, no Estado, está imune das secas; aí está o nobre e patriótico anelo de Eptácio Pessoa, aflito como o clínico que tratasse valiosos recursos



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U n o s s o n e g ó c i o é o d e s e n v o l v i m e n t o

COLEÇÃO **MZ
EM**

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

financeiros, que localizados em cada Estado, em obras sucessivas, fartos resultados teriam produzido.

O aspecto econômico e social do problema das secas não é diferente do problema que aflige por toda parte a classe produtora e a classe operária: a falta de trabalho.

Em qualquer centro, nada faltando, dispondo, como nas grandes capitais, de todas as facilidades para a vida, se, durante dois ou três meses faltar o trabalho, a crise se manifesta: a miséria, a fome, o saque. No Nordeste das secas é o que se dá. Durante o ano inteiro, havendo seca, o operário não encontra trabalho, ainda mesmo que se ofereça por seu sustento individual; não só o operário: o patrão não pode trabalhar para produzir.

Só a irrigação do solo poderá permitir o trabalho e só a facilidade de transportes permitirá o desenvolvimento e progresso da região.

Exmo. Sr. Dr. Washington Luís:

Sinto-me envergonhado de tanto ter abusado da paciência de V. Exa. Está sob os seus olhos a Escola Doméstica de Natal, criada por iniciativa de Henrique Castriciano e inaugurada a 1º de setembro de 1914. Não é de estranhar que tenha sido o Rio Grande do Norte o primeiro Estado a criar um Instituto dessa ordem. Foi aqui onde nasceu Nísia Floresta, “a mais notável mulher de letras que o Brasil tem produzido, quer pela amplitude da visão, quer pela suavidade do estilo”, na frase de Oliveira Lima e autora de numerosas obras, entre as quais “Conselhos à minha filha”, mandada traduzir para o italiano, por um bispo, que a fez adotar nas escolas de sua diocese.



**Banco do
Nordeste**



U nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO

COLEÇÃO



MOSSOROENSE



UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Ainda estamos longe de conseguir a sua completa organização para levá-la à sua inteira finalidade, que não é formar literatos e artistas e sim fortificar, instruir, educar e preparar o espírito da mulher para que, no lar ou fora dele, saiba guiar-se nos caminhos da vida, exercendo também a salutar e benéfica influência que, direta ou indiretamente, tanto se faz sentir na vida social.

Não têm sido pequenas as dificuldades a vencer. Entretanto, ainda nesta hora, nos sentimos fortalecidos e amparados pela presença de V. Exa., do Exmo. Governador do Estado, felizmente hoje guia dos destinos do Rio Grande do Norte, sempre solícito e pressuroso em prestar-nos eficaz valimento; pela presença do exmo. Bispo de Nazaret e de tão seleta e ilustre assistência.

Nessa campanha pela educação há sempre presente o nosso esforço, o ideal de, cada vez mais, abraçar os brasileiros, inculcando-lhes fé, confiança e amor à grande Pátria, cujos destinos, em breves dias, a V. Exa. serão confiados.

A Escola Doméstica de Natal saúda o futuro Presidente do Brasil.



**Banco do
Nordeste**
U nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Queima de Macambira

Felipe Guerra

Queixam-se os proprietários e os fazendeiros que os tiradores de macambira devastam os campos e destroem os matos com o seu processo de tirar macambira pondo fogo nos gerais.

Os macambirreiros, por seu lado, dizem que a tiragem de macambira pelo processo do fogo é vantajosa porque onde se pôs fogo no geral os rebentos da macambira brotam mais belos e compactos.

Mas isso é um engano ou um logro que eles querem impingir aos proprietários para continuarem a ter a facilidade de tirar a macambira queimada, que lhes é mais cômodo e menos trabalhoso do que tirar crua.

É um engano ou um logro, dizemos nós, porque o que se vê é que a macambira, que outrora estava nas proximidades desta cidade, já agora se vai buscar a distâncias de 2, 3 e mais léguas e pelo processo bárbaro de destruição pelo fogo tende a desaparecer, ou ficar a uma longitude fora do alcance de uma viagem.

A macambira, de que viviam centenas de famílias pobres, e que é a principal forragem para as vacas leiteiras aqui e para os bois de carros, deve merecer todo o cuidado e proteção da parte daqueles que tiram dela meios de vida e de sustento.

São os pobres, os tiradores de macambira, que mais se devem empenhar e interessar para que não se extinga esse cactus que tão útil lhes é.



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U n o s s o n e g ó c i o é o d e s e n v o l v i m e n t o

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

E o meio melhor e mais seguro que tem para proteger a sua protetora macambira e evitar a queima, o fogo aos gerais, poupando assim os rebentos que ainda não servem e evitando a destruição completa, como a experiência tem demonstrado relativamente aos antigos e belos gerais de macambira que existem perto desta cidade.

A sociedade “Defesa do Nordeste”, na sua missão de propaganda e ensinamentos de tudo que é útil, publicou avulsos aconselhando a não queimar a macambira e comparando a loucura dos que o fazem a quem arrombasse um açude para aguar sua vazante.

O resultado seria ficar sem água para a vazante e para as demais serventias.

Ou acabamos com os fogos em macambiras, ou arriscamos a ficar sem esse meio de vida para gente e para os gados.

As autoridades estão dispostas a agir para acabar com a queima de macambira em terras deste município. Um processo já foi mesmo instaurado contra queimadores que vão responder pelo crime de incêndio aos matos e fogo nos campos de criação.

Independente, porém, disto, está no interesse dos próprios tiradores de macambira utilizarem-se desse recurso que a natureza lhes deu, sem procurarem destruí-la de uma vez, e acabarem com ela, como se fosse uma planta nociva e prejudicial que se devesse acabar.

A patriótica macambira, a humanitária macambira é digna de todo nosso respeito, atenções e cuidados.

Os pobres devem zelar, interessar-se por ela.
Comércio de Mossoró...



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U n o s s o n e g ó c i o é o d e s e n v o l v i m e n t o

COLEÇÃO **MZ
EM**

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Ensino Municipal

Remetendo o projeto do Regulamento do Ensino Municipal que lhe foi pedido para confeccionar, o ilustre Dr. Felipe Guerra fê-lo acompanhar do seguinte ofício:

Mossoró, 20 de julho de 1911.

Exmo. Sr. Francisco Isódio de Souza.
D. D. Presidente de Intendência Municipal.

Vosso digno antecessor, que tanto se esforçou pelo ensino, antes de deixar o governo do Município encarregou-me de apresentar uma regulamentação ao ensino primário, envolvendo mesmo bases para uma reforma.

Por vós foi renovado o mesmo pedido que reputo ordem, pois que a ninguém é dado desobedecer quando seu concurso é reclamado em auxílio do ensino popular. Devo confessar que o desânimo de abordar o assunto foi a principal causa da demora de desobrigar-me da honrosa incumbência.

Além de desconhecer por completo os princípios da Pedagogia, outras dificuldades são patentes. Os recursos dos orçamentos Municipais são exíguos em relação aos serviços a atender.

Dois caminhos se ofereciam: reduzir o número de escolas, atendendo principalmente à sua perfeição e à competência dos professores, sendo assim necessários maiores recursos para



**Banco do
Nordeste**



U nosso negócio é o desenvolvimento

**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

organização das escolas e para contratar professores que aqui dificilmente serão encontrados; ou então atender principalmente ao maior número de escolas, disseminando-as pela cidade, pelos dois pequenos “povoados” do município e pelos núcleos da população rural.

O primeiro oferece a grande vantagem de aperfeiçoar o ensino entregando-o a mãos competentes. Seriam criadas, talvez, três escolas capazes todas de fornecer instrução a 150 educandos.

Só pequena parte da população escolar do município poderia aproveitar e essa naturalmente seria a dos povoados. A população rural ficaria privada do mais rudimentar ensino primário. Ela que em sua maioria luta com dificuldade até para vestir o educando que tem de freqüentar a escola.

O segundo caminho, embora ofereça menos perfeição, em todo caso tira do analfabetismo grande massa da população que de outra forma não poderia receber os mais rudimentares e indispensáveis conhecimentos de primeiras letras.

Opinei pela disseminação de escolas como, aliás, vossa inteligente e criteriosamente administração já tem executado.

Em o mês findo a matrícula nas 16 escolas municipais e subvencionadas elevou-se a 550 alunos; e bem saberia que esse número ainda não representa a metade da população escolar do município.

Não seria possível ao Governo Municipal retirar seu apoio à grande maioria desses educandos. Pobres patrícios, espalhados nas chapadas e nas várzeas do município, ocupados em



**Banco do
Nordeste**



U n o s s o n e g ó c i o é o d e s e n v o l v i m e n t o



FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO

COLEÇÃO

**MZ
EM**

MOSSOROENSE



UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

difícil vida, merecem que se lhes facultem meios para educação primária de seus filhos.

Se esse ensino ainda não pode ser perfeito, seja, contudo ministrado como for possível. Esforcemo-nos nós, os interessados, para aperfeiçoá-lo. O Governo do Estado, em boa hora e com patriótico esforço, iniciou e faz seguir a reforma do ensino primário, criando Grupos escolares dirigidos por pessoal competente.

Na capital do Estado acaba de ser organizada uma “Liga do Ensino”, que já recebeu votos de solidariedade dos mossoroenses.

Aproveitamos esses melhores núcleos de instrução para melhorar o ensino primário do município.

Ficai certo de que esse amor que o atual Governo municipal tem manifestado pela instrução do município, é a maior glória que poderá desejar.

Qualquer que seja o serviço municipal levado a efeito em um período governamental, nenhum poderá ser igualado a esse de tirar do analfabetismo uma inteira população.

Mossoró já conta o seu glorioso 30 de setembro em que deu o exemplo de abolir a escravidão.

Por que não encetar uma campanha não menos árdua, não menos gloriosa, para dar o exemplo da abolição do analfabetismo?

Nutro esperanças de ver em breves anos estabelecido o ensino obrigatório da população escolar do Município.

Urge dar esse fecundo exemplo de civilização e de humanidade.



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U nosso negócio é o desenvolvimento

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Para iniciar a campanha é preciso logo organizar a estatística da população escolar.

Obedecendo aos intuitos expostos foi organizada a regulamentação do ensino primário do município. Está muito longe de ser perfeita; falta-lhe método, é incompleta. Repugna-me copiar aparatoso programa para ser exarado no papel, certo de sua não execução.

Procurei agir dos modestos recursos do município, olhando o meio dentro do qual a modesta reforma terá de ser executada.

Entretanto, confio que melhoraremos a instrução Primária do município, contando para esse fim com a boa vontade dos ilustres membros da corporação que dignamente presidis.

Uma população de analfabetos não saberá tirar proveito de qualquer melhoramento com que se veja aquinhoadá; será sempre elemento negativo, tudo embaraçando e tudo dificultando. Essa é uma incontestável verdade que deve sempre ser lembrada a fim de evitar desilusões e naufrágios dos mais belos tentames.

Desobrigando-se hoje da honrosa incumbência, enviando o esboço junto, espero vê-lo convenientemente emendado e melhorado pelo Conselho Municipal, transformando em lei a regulamentação do Ensino Primário do Município.

Saudações

Felipe Néri de Brito Guerra

Comércio de Mossoró, 6 de agosto de 1911.



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U nosso negócio é o desenvolvimento

COLEÇÃO **ME** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Sem Formas (A propósito de um pacto de coronéis)

Felipe Guerra

Sem formas serão as curtas linhas que nestas colunas aparecerão para benefício dos leitores... refratares ao sono. Não há programa nem promessa. Se não há forma, como traçar moldes? Hoje principiemos, mesmo sem sair de casa.

Em o último número deste jornal lemos de uma correspondente do Martins: “Por carta do centro do Ceará, soubemos que na nova vila do Juazeiro houve uma reunião política, a que compareceram 17 chefes locais da zona carirense, na qual assinaram um convênio de nenhum deles daquela data em diante proteger cangaceiro, seja qual for o motivo e que a ata, depois das respectivas cópias, foi enviada ao Presidente do Estado”.

Eis aí um convênio original! Vários chefes – os graúdos da terra – reúnem-se em sessão solene e declararam que se até aquela data eram coniventes com o crime não querem mais sê-lo! Sim, porque afinal de contas, apesar da duvidosa redação dos 4º art. 21 do Cód. Penal, é corrente em matéria criminal que dar asilo a criminoso é uma forma de cumplicidade.

Não há quem ignore a tal proteção a cangaceiros, é infelizmente um fato muito comum.

Em regra geral, os protetores de cangaceiros são também dotados de instintos criminosos. É excepcional ver-se um homem de consciência pura e com certo grau de cultura capaz de compreender o papel de homem civilizado, descer a asilar cri-



**Banco do
Nordeste**



O nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO

COLEÇÃO
MZ
EM



UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

minosos. Muitas vezes os que protegem criminosos os fazem por necessidade: sua consciência mostra-lhes que não tem uma vida das mais puras...

Procuram então a sociedade e a garantia dos cangaceiros para fazer calar a opinião pública e conserva-a em respeito.

E infelizmente essa espécie de feudalismo obsoleto e anacrônico, naquilo que ele tinha de pior, predominou, por longos anos, nos sertões brasileiros e ainda não está extinto. Nem sempre a politicagem é alheia a essa baixez de firmar seu predomínio sobre o “bacamarte do sicário”, conforme a frase consagrada, que, aliás, hoje já não exprime a verdade, porque nos mais recônditos sertões os cangaceiros já são peritos no manejo das modernas armas de repetição.

O Rio Grande do Norte é um dos Estados da União em que menos predomina a influência do cangaceiro, quer na politicagem, quer nas outras relações da vida das localidades.

A índole do povo é boa e ordeira.

E, além disso, nesse ponto, o Senador Pedro Velho exerceu muito salutar influência. O ilustre norte-rio-grandense, que bem compreendia o seu tempo, rindo estrepitosamente, entre satisfeito e zombeteiro, a um seu chefe local que lhe apresentasse uma eleição perfeita e acabada uma semana antes do dia da votação, era, porém frio e fechado com aquele amigo que as crônicas apontavam como “dado à ferocidade”, conforme sua expressão.

O atual governador, Dr. Alberto Maranhão, é também um espírito bastante elevado e culto: repugna-lhe o pessoal do cangaço e procura eliminá-lo do Estado. Infelizmente, ainda é



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U nosso negócio é o desenvolvimento

COLEÇÃO **MEM** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

possível encontrar espíritos refratários à civilização em sua marcha para o bem. Mas esses mesmos já sentem acanhamento de sua conduta e procuram justificá-la por uma suposta necessidade de defesa, esquecidos de que a proteção ao criminoso não poderá nunca trazer sossego, defesa e garantia a uma sociedade. E a prova disso diariamente é dada: nos lugares em que os criminosos são protegidos, as lutas, o assassinato, o banditismo são fatos da vida comum.

Querer firmar um indivíduo suas importância, sua ascensão, seu prestígio, sobre a proteção de um grupo maior ou menor de valentões, de criminosos célebres, de cangaceiros, é ter uma noção muito falseada e muito mesquinha do que seja dignidade humana.

Não é possível saber ao certo se aquele que diz proteger cangaceiros é mesmo protetor ou se ele é protegido pelos tais.

O sertão cearense precisa bem de um pacto como aquele dos 17; e se cada chefe vendesse os rifles aplicando o valor realizado em benefício das escolas, a nobre terra cearense teria muito que lucrar.

O sertão do Rio Grande do Norte ainda é bastante atrasado; mas julgamos não estar mais em condições de gerar um Juazeiro.

Louvados sejam os 17 beneméritos chefes da fértil zona do Cariri. Continuam eles dando o belo exemplo de civilização e de humanidade, expurgando o forte sertão cearense dessa hedionda praga de criminosos, começando a justiça por casa.

Comércio de Mossoró, 19 de novembro de 1911.



Banco do Nordeste
U nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO VINGT-UN ROSADO

COLEÇÃO **MZEM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Charque... Salgado

Felipe Guerra

Se ainda fosse possível alguma dúvida sobre o pouco caso com que alguns deputados à Câmara Federal encaram os interesses nacionais, aí estaria o recente projeto de lei isentando de impostos o sal de Cadiz, para arredar qualquer sombra de dúvida. Proteger a indústria do charque nacional a custa da indústria de conservas e de doces nacionais isentando de impostos o açúcar estrangeiro.

O charque, essa carne velha e bolorenta que tanto corre para envenenar e estragar os possantes estômagos da grande população brasileira que explora a borracha, no Norte, já é escandalosamente protegido com o imposto de 320 reis para cada quilo, lançado sobre o charque do Rio da Prata.

Isso quer dizer que o trabalhador nacional paga 4\$600 por arroba de charque, somente em benefício das charqueadas do Rio Grande do Sul, em um país em que a indústria pastoril pode e precisa ser desenvolvida em todos os Estados.

Encarecer a carne, esse alimento mais necessário ao homem do trabalho material e mais ao alcance da população pobre, em benefício de uma indústria restrita a um Estado é realmente um contra-senso, que só encontra a explicação no pouco caso que aos legisladores merece a população nacional. Apesar disso, ainda há um espírito bastante desorientado para propor a liquidação da indústria salineira, com o fim de diminuir, talvez, de



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U nosso negócio é o desenvolvimento

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

um dez reis a despesa exigida para o preparo de cinco quilos de charque.

Não há quem ignore, salvo algum representante da Nação, que as salinas do Rio Grande do Norte, para não falar nas de outros Estados, estão preparadas para fornecer sal ao consumo de uma população dez vezes superior à atual população do Brasil e por preços ínfimos; e tanto isso é incontestável que em o ano findo as salinas de Mossoró, sem o menor abalo a seus grandes depósitos, exportam sal que produziu para a União, taxa de consumo, 1.393:864\$928 produzindo essa venda para os salineiros proprietários a renda bruta de 348:455\$230 o que significa um imposto de 400% sobre o valor do produto, nas salinas, além dos impostos do Estado e do Município! E é uma indústria assim ferozmente tributada que se quer sacrificar em benefício de uma indústria brutalmente protegida contra o interesse de dezenove vigésimos da população do país!

Aparece o pretexto de ser o sal nacional imprestável para o charque. Mas esse pretexto é caviloso: os fatos o têm provado e os mais competentes exames e análises têm mostrado a superioridade do sal do Rio Grande do Norte. É chamado ainda em favor do monstruoso projeto o argumento do monopólio sobre o sal, em execução no Rio Grande do Norte.

Realmente esse argumento é digno do projeto. Primeiramente, se há monopólio neste Estado, não existe ele no Rio de Janeiro, na Bahia, em Sergipe, em Pernambuco, na Paraíba, no Ceará, no Piauí, no Maranhão. Em segundo lugar, se o monopólio é uma mal e encarece o sal, não será protegendo a indústria



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U nosso negócio é o desenvolvimento

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

do charque que o sal será remediado, nem se é esse o meio de baratear o sal consumido pela população nacional.

Se esta precisa de sal barato, não será a proteção ao charque que conseguirá esse objetivo; e se é preciso baratear o charque em benefício da população nacional, não será diminuindo dez reis em quilo de charque que tal será alcançado, mas sim extinguindo o exorbitante acréscimo de 320 reis sobre cada quilo de charque criado unicamente para proteger essa indústria.

Os Estados pequenos não merecem proteção? O Rio Grande do Sul rico, próspero e poderoso é direta e indiretamente um dos mais protegidos da União. Basta lembrar que talvez mais da metade do orçamento da guerra lá é distribuído e lá circula incrementando seu progresso.

O ilustre deputado pelo Piauí, Dr. Joaquim Cruz, assim expressou-se sobre o projeto em questão: “Quer que lhe diga? Médico, eu sou até pela abolição, se possível fosse, dessa carne, já de si indigesta, que chega podre ao Norte, esse charque rio-grandense, que tantas coisas reclama constantemente. Prova do mau alimento que é o charque está na exportação do Rio da Prata. Quais os países que importam de lá charque? O Brasil 80%, Cuba e Antilhas 20%. Como se vê, apenas o Brasil e alguns países pequeníssimos da América... Depois o preço. O preço da carne seca é tão exorbitante que se o povo soubesse desse imposto proibitivo de 320 reis sobre o quilo de charque estrangeiro, somente porque temos um produto similar que atende apenas a 30% do consumo...”

Ora, eis aí, “o sal nacional é suficiente para o décuplo da população; próspera em vários Estados; está ameaçado de ruína



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U n o s s o n e g ó c i o é o d e s e n v o l v i m e n t o

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

por proteção a uma indústria já excessivamente protegida de um só Estado, em detrimento de todos os consumidores...

Essa idéia com certeza não merecerá a aceitação da maioria do Congresso; é injustificável.

Comércio de Mossoró, 26 de novembro de 1911.



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

O nosso negócio é o desenvolvimento

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Uma Epizootia Conhecida

Felipe Guerra

O presente inverno, abundante em chuvas, trazendo mesmo enchentes, será catalogado entre os grandes invernos sertanejos.

Os pluviômetros já acusam registro superior a 1000 milímetros, será talvez superior ao de 1899, o último inverno que também excedeu aquele número. Entretanto, não tem sido próspero como o já citado de 99. As cheias dos rios e dos riachos ocasionaram o arrombamento de muitos açudes, a destruição de muitos “roçados” e o excesso de aguaceiros repetidos “abrejando” as lavouras, trouxe como resultado pequenas colheitas principalmente nas plantações de milho.

A criação, por sua parte, por enquanto neste município de Mossoró principalmente, sofre as conseqüências de epizootias que se desenvolvem. Pode-se dizer que todo o gado vacum de Mossoró está doente.

Tem havido prejuízos relativamente grandes. O fornecimento de leite para o consumo da cidade é mais do que insuficiente. Não sabemos de uma crise igual, em época de inverno. Torna-se até além de insuficiente, perigoso, principalmente para as crianças, o leite atualmente.

Pensamos que essa “doença” é o conhecido “mal triste”. É sabido que o “carrapato” é o transmissor do mal.

Raras são as rezes que agora não são portadoras desse parasita, que além de inocular o “mal triste”, produz com suas



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U nosso negócio é o desenvolvimento

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

dentadas pequenas feridas onde as moscas depositam germens que dão lugar a bicheiras. Tal é presentemente o estado do “gado” em Mossoró.

Para combater o mal só há um meio reconhecido e aprovado pela experiência e pelo estudo dos competentes: a guerra contra o carrapato. Uns aconselham lavatórios com limão, com creolina, com querosene, etc; outros aconselham remédios internos.

Hoje, nos centros onde a indústria pastoril é exercida com critério, emprega-se um banho geral a rês com o “Sarnol”, que é relativamente barato. Em algumas províncias da República Argentina, onde o “mal triste” devastara o bovino, os banhos a sarnol são obrigatórios e não depende mais do cuidado do fazendeiro, este é obrigado a banhar o “gado”. Em alguns dos nossos Estados do Sul já é muito empregado esse banho.

Aqui, ainda não o conhecemos.

Em um artigo publicado pelo Dr. Eduardo Contrim, em o “Boletim da Lavoura”, de Dezembro findo, lemos: “A guerra continua e constante aos carrapatos, fazendo banhar os animais em solução carrapaticida, tem sido o único meio com o qual vejo diminuído até quase desaparecido por completo, a “tristeza” dos meus rebanhos. Com um ano de aplicação seguida de banhos de sarnol triple, na proporção de 1 para 100 d’água, repetidos no intervalo de 20 a 25 dias, o carrapato quase desapareceu de minha propriedade de Campo Bello, até então assolada de uma forma verdadeiramente desanimadora”. Diz mais o mesmo articulista que esse seu método empregado trouxe também a extinção de outra moléstia a diarréia dos bezerros.



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

U nosso negócio é o desenvolvimento

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

www.colecaomossoroense.org.br

A indústria pastoril em nossos sertões atrasadíssima como se acha, desconhece esses meios de luta contra as apizootias; e – o que é pior – desconfia deles, julgando impossível a sua aplicação em nosso meio.

Essas desconfianças são, em parte, grande, filhas da cegueira que acompanha a rotina; e em parte por causa do problema das secas que continua de pé.

A seca dizimando irremediavelmente a criação, não permite o estabelecimento de uma fazenda dotada de todos os necessários aperfeiçoamentos.

Unimos esforços contra as secas, pois; ,as é necessário, é indispensável que também abramos luta, criteriosa, de acordo com os recursos compatíveis com o meio, contra o atraso na nossa indústria pastoril.

Comércio de Mossoró, 2 de junho de 1912.



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U nosso negócio é o desenvolvimento

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Morrinha

Felipe Guerra

Quem diria que depois de um inverno tão copioso como foi o deste ano, aparecessem tantos inconvenientes para a lavoura e para a criação como está sucedendo?

Está verificando que o solo dos nossos sertões não comporta, sem dano, os grandes invernos. Além dos arrombamentos de açudes, a lavoura não dá bem e aparece doença nos grados.

Convém antes os invernos médios, sendo mesmo preferíveis os pequenos invernos criadores às grandes inundações prejudiciais.

Este ano, com o rigoroso inverno que tivemos, foram prejudicadas as colheitas de milho e de feijão, que não deram tão abundantemente quanto era de esperar. Até a lavoura do algodão foi prejudicada, aparecendo moléstia que diminui a importância da safra.

O carrapato, o mal triste está atacando os gados em larga escala e o quarto inchado tem dizimado os bezerras.

A princípio era só neste município de Mossoró, isto mesmo na parte norte. Morriam vacas de leite; bois de carro morriam. Agora o mal se alastrou por todo o município e tem invadido o sertão.

As vacas paridas, o gado solteiro cobre-se de carrapato, definham e morrem.

Criadores há que já contam grandes prejuízos. E o mal continua, desenvolvendo-se por toda parte e tomando maiores proporções, ameaçando de maiores perdas. Alguns criadores, em



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U nosso negócio é o desenvolvimento

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

desespero de causa, lembrem-se de tocar fogo no pasto. Mas isto é um novo mal, aumentando e agravando ainda mais as consequências da morrinha.

Quer dizer que o gado que escapar da doença morrerá de fome, destruído o pasto pelo fogo. É como se costuma dizer – escapou da doença e morreu da cura. E de mais, o fogo nos pastos não acaba com a doença dos gados. A morrinha é um mal no sangue, que só a aplicação de remédios acertados pode combater.

O fogo não poderá ser confinado com o bambural que há; incendiarão casas, cercados, engenhos, destruindo outras propriedades.

Em artigo, já chamamos atenção dos interessados para o perigo do fogo nos pastos, este ano, e para o mal daí resultante.

A endemia dos gados não é uma só, nem só um os seus sintomas, de modo que se pudesse expor com precisão de minúcias a certeza de êxito na compreensão. Só um veterinário, especialista em tratamento de moléstias dos gados, vendo-as ele próprio, poderá indicar os remédios que salvem a indústria pastoril das enormes perdas de que está ameaçada.

Em vez de fogo nos pastos, que será a morte dos rebanhos, os fazendeiros se unam e mandem vir um médico especialista em doenças dos animais para os ensinar a tratar dos seus gados doentes. A medida é urgente e deve ser tomada já, para evitar maiores prejuízos. A solicitação pode ser dirigida à benemérita Sociedade Nacional de Agricultura, do Rio, ou ao patriota Governador Dr. Alberto Maranhão, que os auxiliará nessa providência salvadora da indústria pastoril do Estado.

Comércio de Mossoró, 21 de julho de 1912.



**Banco do
Nordeste**



U nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO

COLEÇÃO
MZ
EM



UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

A Doença do Gado

Felipe Guerra

Em outro artigo ocupamo-nos do “mal” que no presente ano tem atacado o bovino neste município de Mossoró. Rezes morrem apresentando sintomas de vítimas pelo “carbúnculo”; outras apresentam sintomas de “mal triste”.

O que é exato é que, segundo informações dignas de fé, já atinge a 280 o número de “bois mansos” mortos pelo mal, neste município, no presente ano. Isso tem aumentado as dificuldades de transportes, de que se resseente o comércio, que está lançando mão dos comboios do sertão, empregando-os em transportes da cidade para o porto e deste para a cidade.

Contra o “mal triste” não há um específico seguro; banhos no gado com o “Sarnol” é aconselhado como preventivo de confiança. Como preventivo contra o carbúnculo o Instituto de Manguinhos, no Rio, fornece uma vacina que dá excelentes resultados.

Como preventivo contra o “quarto inchado”, que é reconhecido no Sul sob o nome de “carbúnculo sintomático”, ou “peste da manqueira”, o mesmo Instituto fornece uma vacina de muito fácil aplicação, com uma seringa apropriada, ou em falta desta com uma seringa de Pravaz, que se encontra nas farmácias.

A Sociedade Nacional de Agricultura, do Rio, também fornece em qualquer quantidade essa vacina ao preço de 500 reis cada dose.



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U nosso negócio é o desenvolvimento

COLEÇÃO **MZ
EM**

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Convém que os criadores se previnam com esses remédios para evitar grandes prejuízos de que estão todos ameaçados.

Queimar os pastos, como está se fazendo, é um absurdo, um crime que reclama severa punição. É um remédio louco, do qual só a ignorância ou a perversidade poderão lançar mão.

A devastação das matas é um atentado contra a vida do sertão seco; a queimada dos pastos é um ato de bárbara imprevidência. No sertão seco é indispensável armazenar forragens; como queimá-las? É preciso enérgica ação de todos contra esse vandalismo de queimar os campos, que está sendo posto em prática.

Consta-nos que este Estado, no tocante à indústria pastoreira, está protegido por uma Inspetoria a cargo de um veterinário, com sede na capital do Ceará. Entretanto, essa repartição federal até agora não é se quer conhecida no Rio Grande do Norte. Não há notícia de sua ação.

Lutemos nós contra os males que nos prejudicam. Sejamos criadores adiantados e por economia de cem mil reis em remédios não nos arrisquemos a perder um conto de reis em valor de gados mortos.

Comércio de Mossoró, 28 de julho de 1912.



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

O nosso negócio é o desenvolvimento

COLEÇÃO **MZEM** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Indolência Sertaneja

Felipe Guerra

Infeliz o sertanejo, principalmente o sertanejo do Nordeste seco! Não lhe basta a seca, que o reduz à miséria, que lhe rouba os filhos, que o atira escravizado, com o espírito nostálgico, para desconhecidas e inóspitas regiões onde será vítima da cruel ganância dos homens e da fera hospitalidade de uma natureza indomada.

Não lhe basta o sacrifício de trazer e manter para a Federação unidades que defende sob os mais rudes e perigosos embates. Tudo isso é pouco. É preciso que o insulto, o estigma de preguiçoso venha culpá-lo da sua própria infelicidade. Preguiçoso o sertanejo?! Preguiçoso esse produtor, que depois de repetidas tentativas em cada ano consegue entregar à riqueza e ao consumo público abundante fruto de seu trabalho? Preguiçoso esse destemido lutador, que consegue levar aos portos, com os mais primitivos meios de transporte, milhares e milhares de toneladas de mercadorias?

Preguiçoso esse resistente trabalhador que moureja dez horas por dias sob temperatura que sobe a cinquenta graus ao sol?! Preguiçoso esse que salva seus gados das garras das secas, quando parece que só um milagre fará brotar água e encontrar pastagens?! Indolente esse que, desde anos, cultiva a seco e qual garimpeiro atrás de diamante revolve e remove areias do rio para lançar as sementes?



**Banco do
Nordeste**



U nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO

COLEÇÃO
MZ
EM



UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Só por falsa e ligeira observação do viver do sertanejo poderá este ser considerado preguiçoso.

São duas horas de tarde; o sol requeima; aquele pobre homem descansa em sua rede, sob a protetora sombra de sua choupana. É indolente por isso? Mas se o tempo é de penúria é preciso saber que esse homem ergueu-se as duas ou três horas da madrugada e foi procurar alimentação para sua família e para uma ou duas vezes que tenta salvar. Voltou ao meio dia e, faminto, depois de uma caminhada de quatro léguas. Agora mesmo, antes das três horas, logo que principie a correr alguma aragem, irá tratar da aguada e, de volta, dará rama à sua pouca criação miúda. Às seis horas da tarde esse “preguiçoso” faminto estará com onze ou doze horas de trabalho.

O tempo é próspero? Em pleno meio dia, aquelas redes armadas sob frondosa oiticica! Esses “preguiçosos” que aí descansam ergueram-se as quatro da madrugada, tomaram café e, depois de rude trabalho de carregar o comboio, colocaram-se em marcha até as dez.

Renovaram o trabalho de arriar o comboio, arrumaram os fardos, pear os animais consertaram as cangalhas e as cargas que sofreram algum desarranjo; prepararam a comida; e a uma hora do dia principiarão a mesma labuta para a viagem da tarde: caminharão até as seis horas, jantarão as sete da noite e estarão com doze horas de rude trabalho a cerca de quarenta e cinco quilômetros de marcha; e isso renovar-se á durante dez, quinze, vinte dias, só nessa viagem de ida e volta.

É tempo de inverno? O sertanejo multiplica sua atividade. Antes de o sol nascer já terminou o trabalho do curral; já os



**Banco do
Nordeste**



Our business is development



FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO

COLEÇÃO **MZ
EM**



UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

potes de leite entram em casa. Segue para o “roçado”, donde vem às nove horas para almoçar. Antes do almoço dá ligeira vista pela criação miúda; volta imediatamente ao roçado; vem para casa à uma hora; janta e antes das três está de novo em sua lavoura, até as seis, quando vem revistar o recolhimento das vacas ao curral.

É preciso cuidar das bicheiras dos gados; ter o cavalari sob vistas, erguer as cercas que as cheias dos riachos deitaram abaixo.

O pequeno lavrador pobre tem que trabalhar uns dias da semana assalariados para manter-se e outros dias tem que trabalhar em sua própria lavoura.

São três horas e aquele vaqueiro descansa em sua casa. Esse desde seis horas da manhã seguiu para o campo.

Admira como não morreu estrepado em algum pau na carreira que deu atrás da rê; não sabe porque não foi fulminado por insolação.

Acaba de chegar; aquela rê que está no curral foi pego a casco de cavalo; jantou agora; antes das quatro irá dar um ligeiro campo para procurar um cavalo em que terá de campear amanhã. Muitas vezes volta para casa à noite.

Indolente esse povo? Não. Inculto, sem método de trabalho, descuidoso; preguiçoso não! Nas grandes cidades a vagabundagem é em alta percentagem: no sertão essa percentagem é muito menor.

A mulher sertaneja, qual quer que seja a sua posição, trabalha diária, ininterruptamente, constantemente. Trabalha mais



**Banco do
Nordeste**
U nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

do que deve trabalhar, trabalha acima de suas forças. Essa não descansa.

Preguiçoso esse povo?! É uma injustiça tal afirmação. Trabalha dez a doze horas por dia, sem conforto, sem o estímulo de um lucro imediato, certo de que metade do seu gênero será para o comerciante, para o fisco, para os transportes. O sertanejo das secas trabalha sempre ciente de que grande parte do seu esforço será neutralizada pelos verões, pelas pragas, pelas epizootias, pelas inundações.

É urgente ensinar esse povo a empregar sua atividade sob métodos racionais, proveitosos e aperfeiçoados. A infelicidade não reclama insultos, pede auxílios.

Preguiçoso, não! Inculto e desamparado.

Comércio de Mossoró, 28 de julho de 1912.



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

O nosso negócio é o desenvolvimento

COLEÇÃO **MZ
EM**

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

A Mossoró – Barriguda

(Palavras proferidas pelo Dr. Felipe Guerra ao inaugurar os trabalhos de E. de Ferro de Mossoró a Barriguda, em 31 de agosto de 1912).

Exmas. Senhoras

Meus Senhores

Sr. Representante da Empresa Construtora da Estrada de Ferro de Mossoró a Barriguda

Dirigindo-vos algumas palavras nesta ocasião em que são iniciados os trabalhos da construção da E. de Ferro de Mossoró, sou obrigado a prender vossa atenção em curtos momentos que imploro a vossa complacência.

Nesta hora matinal aqui jubiloso congregamo-nos para assistir o começo da realidade de um prolongado sonho. Sonho?! Não. Não é sonho a visão clara e nítida de acontecimentos futuros que embora encobertos em longínquos horizontes são buscados com tanta segurança como o porto, um abrigo é demandado por calmo e ciente marinheiro que em pleno oceano, por entre alterosos vagalhões só enxerga à vastidão das águas, certo e confiante, porém de que a alvissareira hora da chegada aproxima-se dia a dia, hora a hora, minuto. Só a imprevista fatalidade de um destino cruel poderia embargar-lhe a marcha! O mar encapela-se, o tufão eriça de montanhas a superfície das águas, o leme range sob férreas correntes, mas a viagem prosse-



**Banco do
Nordeste**



U nosso negócio é o desenvolvimento

**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

gue e o porto lá está sob a indicação da agulha. Os recifes são contornados, os bancos são evitados, os escolhos são desviados: a marcha prossegue e o porto lá está.

Exmas Senhoras

Meus Senhores:

Cada povo também norteia para o seu destino, cada povo também ciente ou instintivamente tem seu caminho a seguir.

E segue com segurança. Perante essa marcha até mesmo a fatalidade dos cruéis acontecimentos é impotente. Ondas encafeladas que as paixões refervem são transpostas, traiçoeiros escolhos que o egoísmo opõe são contornados, abafadas calmarias que o indiferentismo produz são transformadas em propícios ventos pelo forte e vivificante bafejo que acompanha a ridente esperança daqueles que não se desalentam, daqueles que tem fé em seus destinos, daqueles que não tendo o porto sob o seu órgão visual, sabem contudo que ele lá está, que ele será alcançado!

Exmas. Senhoras

Meus Senhores:

A viagem tem sido longa! Os mares têm sido tormentosos, os embaraços múltiplos. Hoje já a nossa vista encontra um ponto em que possa descansar: Iniciou-se os trabalhos da Estrada de Ferro de Mossoró a Barriguda. Tenhamos fé, tenhamos esperanças de que esse primeiro golpe de vista abrirá novos horizontes que pelas dilatadas vasas de nossas várzeas nos levarão a contemplar os bravios sertões de praga das secas até o grande rio que banhando cinco Estados brasileiros, desde séculos, pela



**Banco do
Nordeste**
U nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

portentosa voz de Paulo Afonso ecoa no coração da Pátria lembrando-lhe a grandeza dos seus destinos.

Exmas. Senhoras

Meus Senhores:

A estrada de Ferro Mossoró e Barriguda é o primeiro passo na conquista desse ideal.

A campanha tem sido árdua, os combates muitos. Tememos citar nomes, medroso de descuidos. Não devemos, porém, calar os obreiros do período da propaganda J. U. Graf, Croakt de Sá, Antônio Gomes, na sua curta residência nesta cidade. Esses são os mortos que infelizmente não podem compartilhar as nossas alegrias.

Entre os vivos, da propaganda, podemos citar Jerônimo Rosado, incansável obreiro da frente, irmãos Oliveira, Romão Filgueira, distribuindo sempre a boa nova, Escóssia, Bento Praxedes na imprensa local e nas bem confeccionadas mensagens e telegramas dirigidos.

É preciso destacar Roderic Crandall, o amigo do Norte seco, salientar a ação, a propaganda do Meira e Sá, o proveitoso esforço de Eloy de Souza a ação profícua de Francisco Tertuliano, Francisco Sólon, Miguel Faustino do Monte, Ferreira Chaves; no Governo do Município Filgueira Filho, Antônio Couto, Francisco Izódio e seus dignos auxiliares. A longa lista juntamos com reconhecimento e justiça o nome de Alberto Maranhão que com patriotismo impulsionando a sua terra nos está dando a estrada em começo tão belo e promissor.

Exmas. Senhoras

Meus Senhores:



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U nosso negócio é o desenvolvimento

COLEÇÃO **MZ
EM**

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Não mais abusarei da vossa paciência.

Mossoró sente hoje a alegria daqueles que batalham pelo bem. Não é o egoísmo que o faz exultar. É a lembrança de que os sofrimentos dos nossos patrícios, vítimas das secas, serão diminuídos, que suas lágrimas serão estancadas, que seus lares não serão despovoados.

E a nós alegra-nos a esperança e fortalece-nos a fé de que os paralelos de ferro que demandarem os ressequidos dos sertões, transportarão os produtos que braço a braço, em ingente luta contra as secas, o sertanejo saberá arrancar do seu solo, então irrigado.

Exmas. Senhoras

Meus Senhores:

Honrado pelo convite do Sr. João Marinho, o digno moço, o inteligente e operoso iniciador desta futura via férrea, para inaugurar o serviço de terras, dirijo-vos estas palavras em obediência às ordens do quartel general da propaganda que se irradia deste Município para dizer-vos que estão inaugurados os trabalhos da Estrada de Ferro de Mossoró à Barriguda.



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U nosso negócio é o desenvolvimento

COLEÇÃO **MZ
EM**

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Sem Formas (Festa de Santa Luzia)

Felipe Guerra

Está chegando a festa da Padroeira, Santa Luzia. Esse fato que em outras localidades desperta desusada animação, aqui nesta cidade pouca alteração traz a seus hábitos da vida comum.

Quem desconhece a movimentação, a alegria, a expansão de contentamento que nas cidades e vilas sertanejas traz “a festa” do santo orago da freguesia? De mistura com as novenas vêm os bailes, vem o Cosmorama, que já vai sendo substituído pelos cinemas, realizam-se os casamentos e os batizados aprazados para “festa”, as cavallhadas, já em desuso, os jogos, etc.

Quantos namoros iniciados em uma novena atravessam o ano em suspiros e olhadelas, transformando-se em casamento na outra “festa”?

Aqui a festa pouco destoa das outras épocas do ano. Por que? Será porque a civilizada Mossoró julgue ser matutismo expandir-se nos dias consagrados à veneração de sua Santa Padroeira?

Mas em todas as cidades, mesmo nas mais civilizadas, a população católica não se envergonha de prestigiar, por todos os meios, a sua festa religiosa. Em nossa terra temos vários exemplos. Quem ignora os fulgores da festa de N. S. de Nazaré, em Belém, a festa das Neves, na Paraíba, a do Senhor do Bom Fim, na Bahia, da Penha, no Rio?



**Banco do
Nordeste**
U nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MEM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Em Mossoró, várias causas concorrem para a falta de animação da sua festa. A vida exclusivamente comercial da cidade é uma delas. Mossoró é uma casa comercial de patrões que se entreolham como concorrentes e de empregados amigos e camaradas. E patrões e empregados trabalham sem descanso, todo o ano, todo dia, toda hora.

Não há lugar, no Estado, onde a população mais trabalha. O empregado do comércio aqui trabalha normalmente quatorze horas por dia; e o patrão não trabalha uma hora a menos. Passar quatorze horas diariamente sem sentar-se senão em ligeiros momentos de refeição, vendendo, encaixotando, pregando, pesando sob uma temperatura que vai a cinquenta graus centígrados ao sol e trinta e cinco à sombra não é brincadeira! A preocupação é o comércio. Ao chegar uma pessoa a um escritório encontra em vários lugares, em letras bem visíveis, o mandado de despejo nessas palavras: “Não temos tempo para palestras”, “só temos tempo para negócios comerciais”, etc.

Ganhe-se dinheiro, façam-se negócios, perca-se embora a saúde; não é isso, positivamente, o que se diz, mas de fato é o que muitas vezes se dá. Não é uma cidade assim educada que poderá dar brilho a festas.

É um mal esse grande labor? Não; é honroso certamente. E é difícil remediar esse estado de coisas, porquanto o comércio aqui depende das entradas e dos fregueses que diariamente acorrem do sertão e essa freguesia precisa e quer ser despachada logo: não pode haver demora e se uma casa não quiser despachar, aí estão dez que com diligência acodem. Se todas fecharem as portas para descansos, a freguesia afugentar-se-á.



**Banco do
Nordeste**



O nosso negócio é o desenvolvimento

**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

O Comércio de transportes terrestres em costa de animais, caríssimo, não admite demoras; qualquer delonga, a perda de um dia, na cidade, traz acréscimo de despesas e de embarços que os fretes não suportam.

Entretanto, a Santa tem de ser festejada; o comércio exige uma vista penetrante; sem olhos não há vista. E a Santa superintende os órgãos visuais. O comércio precisa de vistas de... raios X.

É necessário ler e enxergar o freguês até por dentro, para conhecer-lhe as intenções boas ou más. É indispensável até enxergar a futura cara do freguês em presença de... um cadáver. Festejemos, pois a Santa como for possível, do melhor modo.

Mas...por Deus, tenhamos cuidado com os balões e fogos. Com os balões principalmente.

A cidade tem grandes depósitos de algodão, de querosene, de álcool. Nos arredores há casas de gente pobre, cobertas de palhas e esses casebres têm o valor para seu dono igual a um palácio para os ricos. E depois, nossos campos estão ressequidos; um balão é capaz de incendiar o pasto, a caatinga.

Nós somos da terra das secas. Não conhecemos ainda a cara do ano vindouro.

Entre nós, o balão é um fogo perigosíssimo. Se fossemos autoridade policial proibiríamos os balões. Talvez não encontrasse o balão um Juiz que lhe garantisse o direito de atear incêndios.

Comércio de Mossoró, 3 de dezembro de 1912.



Banco do Nordeste



FUNDAÇÃO VINGT-UN ROSADO

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

O nosso negócio é o desenvolvimento

COLEÇÃO **MZEM** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

O Inverno

Felipe Guerra

A presente estação das chuvas principiou cedo e tem continuado copiosa. O mês de fevereiro, principalmente, foi de muita chuva, excepcionalmente chuvoso. Segundo dados pluviométricos já publicados, de 1898 até agora foi esta a altura de chuvas em fevereiro recolhida: 1898 = 000; 1899 = 220; 1900 = 130; 1908 = 73; 1909 = 91; 1910 = 135; 1911 = 29; 1912 = 281.

Esses números exprimem milímetros e as observações foram nesta cidade de Mossoró. Isso significa que nestes últimos anos não houve um fevereiro tão chuvoso como o deste ano.

Para o sertão a altura das chuvas recolhidas em pluviômetro ainda indica maior quantidade. Assim, no Brejo do Apodi o pluviômetro acusou, em fevereiro 308mm.

Em janeiro do ano corrente, nesta cidade, o pluviômetro registrou 69mm. Esse número foi excedido no período de 15 anos que confrontamos, em janeiro de 1899 que marcou 180; 1908, que registrou 106 e 1911 com 71.

Março do corrente ano registrou 155 mm, excedido por 1899, que marcou 317; março de 1901 marcou 167 e março de 1910 chegou a 166.

Como se vê desses dados, o atual inverno promete elevar-se à categoria dos “bons invernos”. Houve em fevereiro, principalmente para o sertão, grandes aguaceiros que ocasionaram o arrombamento de vários açudes particulares. Talvez o número desses açudes arrombados já alcance, no sertão deste



**Banco do
Nordeste**



U nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE



UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Estado, a soma de 40; aproximadamente 4% dos açudes sertanejos.

Não é elevada a percentagem acima; em todo caso, representa um sensível prejuízo. Todos conhecem as devastações produzidas pelas águas ao romper as paredes de uma represa. Os prósperos “sítios” plantados sob os frescos do açude ficam transformados em fundas e estéreis escavações pedregosas. Um trabalho inteligente e constante em poucos anos refaz o estrago.

O sertanejo deve ter o máximo cuidado na construção do seu açude e nunca descuidar da sua conservação. Qualquer descuido pode trazer funestas conseqüências. Um açude nunca estará suficientemente “seguro” se a sua conservação não for constante.

O “sangradouro” é também a principal válvula de segurança para um açude.

Por sólida e bem construída que seja uma barragem de terra, se o sangradouro for insuficiente o açude estará sempre em perigo, principalmente se esse açude estiver “abaixo” de outros do mesmo curso d’água.

Os grandes aguaceiros, as chuvas “memoráveis” que algumas vezes vão além das previsões, não deixam dúvidas sobre a sorte de um açude com sangradouro estreito. O sangradouro de um açude de terra deve ser sempre regulado pelo curso d’água, pelo riacho que deita para o açude; deve ter a capacidade para despejar o duplo da água que o riacho em suas cheias médias despeja no açude. E se houver açudes acima, é prudente ainda maior capacidade de vazão d’água.



**Banco do
Nordeste**
U nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

É preciso lembrar que um açude ao cabo de alguns anos está com sua capacidade diminuída por causa das terras que se acumulam em sua bacia. Nessas condições, a parede que foi calculada para sua construção já está insuficiente e o proprietário não tem a cautela de elevá-la: então só uma largueza do sangradouro poderá evitar o desastre.

O sertanejo que já é um bom prático na construção de seus açudes precisa dar a máxima atenção às lições da experiência. O arrombamento de um açude é um prejuízo grande. Convém todo esforço e a máxima atenção para evitá-lo.

Os desastres que infelizmente têm ocorrido no presente ano devem ficar como fatos a observar, tirando deles as “lições de coisas”.

Comércio de Mossoró, 14 de abril de 1914.



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U nosso negócio é o desenvolvimento

COLEÇÃO **MZ
EM**

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

A Instrução em Mossoró

O “Comércio de Mossoró”, edição de 29 de agosto de 1914, publicou o seguinte:

“Com a modéstia que o caracteriza, mas que mal encobre o mérito que o distingue, escreve o ilustre Dr. Felipe Guerra”:

Sr. Redator.

Em o nº 526 do “Comércio de Mossoró, que com patriotismo e brilho dirige, leio um do correspondente de Natal, transcrevendo trechos de um “editorial” da “A República”, em que esse jornal, no qual se pode dizer colabora a elite intelectual do Estado, faz honrosas e generosas referências a meu humilde nome a propósito do desenvolvimento escolar e de educação.

Vim residir nesta cidade à convite do então diretor do Colégio “Santa Luzia”, vigário Pedro Paulino, como professor e auxiliar do Colégio.

Esforcei-me para tomar conta das aulas primárias, pois continuo a entender que a nossa população precisa principalmente de uma regular educação escolar para garantir o êxito do ensino profissional e prático que reclama, a fim de preparar gerações capazes de, por um trabalho inteligente e metódico, melhor aproveitar e utilizar a natural bondade e a energia latente do nosso povo.

Nosso tempo já havia acentuado movimento a favor do ensino, não só por parte da população como dos poderes municipais, então sob a presidência do coronel A. Secundes Filgueira.



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U n o s s o n e g ó c i o é o d e s e n v o l v i m e n t o

COLEÇÃO **MZ
EM**

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Sempre procurei encaminhar essa boa vontade para o ensino primário, principalmente.

Veio depois à administração do coronel A. Soares do Couto. Essa com a ativa boa vontade do seu Presidente, com a infatigável atividade de Jerônimo Rosado e com a escrupulosa guarda das rendas pelo coronel Vicente da Mota, atendeu com cuidado a metodização da gestão municipal, organizou serviços, aumentou escolas, e prontamente deu todas as facilidades, todos os recursos para a instalação do Grupo Escolar.

O Coronel Mota chegou a ameaçar a Intendência com uma revolução, se fosse suprimida uma escola municipal.

Organizado o Grupo com professores não diplomados, teve-me nos primeiros meses quase diariamente em suas aulas, como um auxiliar voluntário e extra-regulamentar.

Pode-se dizer que o desenvolvimento do ensino primário principiou nessa administração.

Seguiu-se novo Governo Municipal, sob a presidência de Francisco Isódio.

Essa administração deu atenção ao ensino primário, aumentou o número de escolas, e por um regulamento que me encarregou de organizar metodizou o ensino subvencionado de escolas particulares.

Foi nessa administração que a matrícula e a frequência das escolas primárias alcançaram número até hoje não alcançado; apesar de ter no último ano despendido soma relativamente avultada com serviços de policiamento obrigados pela “salvação” que tantos males trouxe ao Estado.



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U nosso negócio é o desenvolvimento

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

A atual administração municipal suprimiu a subvenção a várias escolas particulares, conservando as municipais. E isso sob fundamento de pouca competência em alguns professores, e por dificuldades financeiras.

Entretanto, embora o ensino esteja longe de ser perfeito, é o único que o Município atualmente pode dar; e a população que habita os lugarejos do Município não pode enviar meninos ao Grupo ou às escolas da cidade, sendo, portanto indispensável manter as escolas subvencionadas, pois de qualquer forma é o primeiro passo a dar para infundir na população o horror pelo analfabetismo.

Tenho promessa formal do Presidente do Governo Municipal de que em Janeiro continuará com a subvenção às escolas particulares.

É o maior serviço que a Municipalidade poderá continuar a prestar; desenvolver o ensino primário, melhorando-o como for possível; é o mais duradouro, cujos efeitos se estendem às vindouras gerações.

As municipalidades são pobres. Nada de embelezamentos ou de fitas deixando de lado o ensino primário.

Gastar dinheiro parco do município sem aplicação rigorosamente útil ao bem comum é atentar contra a propriedade pública, o que é mais grave do que atentar contra a propriedade particular, porque em vez de ferir o direito de um, fere o direito de muitos.

Felizmente as administrações municipais estão certas disso, e com esse respeito assim se vão conduzindo.



**Banco do
Nordeste**



U n o s s o n e g ó c i o é o d e s e n v o l v i m e n t o



FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO

COLEÇÃO

**MZ
EM**

MOSSOROENSE



UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Em Mossoró sua população está interessada pelo ensino. Sua direção política, sua direção administrativa, obedece a esse sentir.

O atual diretor do Grupo Escolar, o atual diretor do colégio “Santa Luzia” e a diretora do colégio “Sagrado Coração de Maria” são desvelados pela educação escolar.

Os dois órgãos da imprensa local não poupam esforços e vivem com suas colunas francas em matéria de instrução.

A minha ação não é, pois, mais do que uma adaptação ao meio.

Saudações

Felipe Guerra.



**Banco do
Nordeste**



U n o s s o n e g ó c i o é o d e s e n v o l v i m e n t o



FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO

COLEÇÃO
MZ
EM



UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

A Estrada de Ferro e os Suprimentos d'água

Felipe Guerra

Avizinha-se o dia em que será inaugurado definitiva e oficialmente o trecho da estrada de ferro entre Oficinas e Mossoró. Não é preciso mais dizer que este fato é promissor a uma extensa região sertaneja e quanto urge que essa estrada, a mais vigorosamente indicada e exigida pelas condições topográficas e climatéricas da região das secas, encontram amparo, esforço e boa vontade da parte dos poderes públicos e dos particulares para seu prosseguimento.

As 200 milhas que meiam entre Natal e Fortaleza representam a maior extensão do litoral brasileiro sem uma estrada de ferro para o interior e sem um curso d'água navegável. Essa falta não só de rios navegáveis como, mesmo, de qualquer outra corrente d'água perene, não é observada em qualquer outra parte do litoral é característica da zona das secas.

E por isso seria da máxima conveniência que em todo contrato para construção de estrada de ferro nessa região seca, viessem cláusulas exigindo o aproveitamento das localidades apropriadas para a construção de açudes. Trechos existem em que mesmo independente de obrigações resultantes de contratos, isso seria de grande interesse da empresa interessada no desenvolvimento da via férrea, até mesmo evitar escoadouros d'água em seus aterros. Esse primeiro trecho de Oficinas a Mossoró este nestas últimas condições.



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U n o s s o n e g ó c i o é o d e s e n v o l v i m e n t o

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Não há um só curso d'água que exija pontes. Há pequenas baixadas, pequenos riachos que descem de arenosas caatingas e tabuleiros, que dificilmente deixam água passando mesmo dez ou mais meses sem água. Somente correm nos bons invernos.

Assim, com qualquer acréscimo de serviço para solidificar e garantir os aterros nesses pontos de baixadas estariam dispensados os bueiros. E as vantagens que daí decorrem?! Todos sabem que entre nós os anos são precedidos de anos de invernos abundantes; de sorte que antes da seca seriam as baixadas marginais da via férrea supridas com águas em depósitos. Essas águas, mesmo depois de desaparecidas da superfície do solo forneceriam suprimentos para cacimbas, poços, não só tornando mais abundante o lençol d'água subterrânea, como também melhorando a qualidade dessa água.

Quem desconhece a lei da “reprodução das águas”, formulada por Felipe, afirmando que os terrenos regados abundantemente na primavera representam o papel de reservatórios e que as águas neles armazenadas na época da fartura escapam-se, surdem, reproduz-se no momento da penúria nos terrenos situados nos planos inferiores, em qualidade igual ou maior? E isso é fato muito conhecido dos sertanejos; todos conhecem o poder fertilizante das “revências” dos açudes e de suas filtrações.

Acontece muitas vezes que um riacho qualquer não oferece água no subsolo, capaz de alimentar cacimbas nos período de seca; depois construção de um açude esse riacho deixa de ser “seco”, isto é, o subsolo do seu leito, à jusante, fornece daí em



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U n o s s o n e g ó c i o é o d e s e n v o l v i m e n t o

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

diante suprimimento d'água para cacimbas, mesmo depois do desaparecimento da água represada no açude.

Não é fácil o suprimimento d'água para as necessidades da estrada de ferro nesse primeiro trecho que se vai inaugurar. O poço tubular que se está perfurando e que já se acha com 150 metros de profundidade é de resultados ainda duvidosos; e convém lembrar que o sertão está com meia dúzia de anos de invernos muito abundantes. Logo que vier uma série de anos secos ou mesmo de invernos curtos e fracos, as dificuldades de suprimimento d'água serão muito maior.

Convém, pois, por todos os meios encarar e evitar essas futuras e certas dificuldades de aguadas. Acreditamos que a experiência levará, dentro em breve, à abolição de bueiros no trecho da Estrada de Ferro de Mossoró a Oficinas. Será de máximo interesse à empresa, de grande utilidade à população ribeirinha, e como medida geral, entrará no plano de combatividade e luta contra as secas.

Comércio de Mossoró, 6 de março de 1915.



**Banco do
Nordeste**



U nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO

COLEÇÃO
MZ
EM



UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Inimigo à Vista

Felipe Guerra

Não é tempo ainda de perder as últimas esperanças de inverno, no presente ano. Não é tempo de alarmar a população, nem devemos incutir temores e desânimos ante o espetáculo de uma seca. Já é oportuno, entretanto, como nunca deixa de ser, despertar a atenção de todos para, sob o toque de sentido, acompanhar o inimigo que se mostra e que já iniciou mesmo seus ataques contra a indústria pastoril.

É possível, e são os nossos mais ardentes votos, que chuvas mais ou menos regulares ainda venham apagar a triste perspectiva que o momento atual. Entretanto, os sofrimentos já estão iniciados. A desvalorização da maior riqueza do sertão, a indústria pastoril, já atingiu elevada percentagem. Em alguns municípios tem morrido grande quantidade de gado e quer chova já, quer não, o prejuízo será grande, ainda mesmo na primeira e favorável hipótese.

Nesta praça foi oferecida agora uma partida de gado do valor mínimo de dez contos de réis, por quatro contos.

Se desgraçadamente continuar a falta de chuvas, é preciso que todos se encham de coragem para encarar as coisas como elas são, preparando-se para a luta, luta desesperada mas necessária, para a conservação de todos. Convém ter sempre presente: o desânimo não traz chuvas; o desânimo não salva os gados, não produz lavouras, não melhora em nada a situação.



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

O nosso negócio é o desenvolvimento

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

É preciso com ânimo enérgico e corajoso vencer dificuldades e sofrimentos; com fraqueza e acabrunhamento de ânimo em nada serão diminuídos os males. Unamo-nos todos para a luta; cada um por todos, todos por um. As circunstâncias mais críticas que forem aparecendo irão indicando os remédios e os meios de ação. É essencial procurar conservar a população sem deslocar-se. Sair para onde? Por toda parte, atualmente, os males são grandes e o povo sofre. No extremo Norte a miséria é grande; no Sul também são precárias as condições da população. É preciso, pois, que todos permaneçam nos seus lugares, onde a população válida poderá trabalhar, sem abandono do lar, ainda mesmo que as circunstâncias obriguem a sortidas temporárias.

Como medidas gerais e preliminares existem três principais que se impõe desde já: a máxima garantia à segurança pública e individual; a vacinação; animar fomentar por todos os meios o completo e total aproveitamento da zona fértil do Estado não sujeita a secas. Essas três medidas serão os primeiros passos a dar. Dispensamos aconselhar o aproveitamento de todos os terrenos de açudes, de lagoas e de rios do sertão porque sabemos que o sertanejo tem esse cuidado. Convém é não proteger esse aproveitamento, sob receio de possíveis prejuízos ocasionados por chuvas que temporariamente possam vir; é mais prudente arriscar-se a prejuízos com essas chuvas do que ver sem aproveitamento terrenos capazes de produzir e não utilizados logo.

Quanto à segurança pública, e individual pode se registrar que tem sido cuidadosamente atendida pela atual administração do Estado. O digno Governador do Estado e o zeloso



**Banco do
Nordeste**



U nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO

COLEÇÃO
MEMÓRIAS
MOSSOROENSE



UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Chefe de Polícia tem feito ao Estado esse máximo serviço. Entretanto, convém notar que o vizinho do Norte, vitimado por calamitosa “salvação”, acha-se com sua população faminta e anarquizada.

Que todos os particulares prestem mão forte ao Poder Público; nada de contemporizar com criminosos.

Quanto à vacinação, é urgente que para todos os municípios seja estabelecido esse serviço. Nas secas, a varíola não poupa vítimas e a instabilidade da população favorece extraordinariamente a sua propagação. Todas as municipalidades, por si ou por intermédio do Governo do Estado, devem premunir-se de boa linfa vacínica, empregando esforços para sua conveniente aplicação.

Quanto ao aproveitamento da zona fértil do Estado, o Agreste, é uma medida que se impõe também urgentemente. O agreste convenientemente cultivado é bastante para fornecer gêneros ao Estado. Para que comprar gêneros fora se no Estado é possível produzi-los? E nas circunstâncias atuais, quando quase todos os Estados embarçam ou proíbem a exportação de gêneros de primeira necessidade, a cultura no agreste impõe-se como medida de salvação.

O agreste não sofre secas. Em 1904, quando o sertão sofreu uma das últimas “pequenas secas” e a sua altura pluviométrica alcançou 280 mm, o pluviômetro no agreste acusou 1265 mm.

São essas as primeiras considerações que nos ocorre lembrar, ao capacitar-nos de uma seca no presente ano. Não é nosso intuito alarmar a população. Temos ainda esperança de



**Banco do
Nordeste**
U nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

ver no presente ano, se não a completa regularidade da estação, ao menos o aparecimento de chuvas que venham melhorar suas condições. Em todo caso, convém dar a máxima atenção ao momento.

A crise européia em quase nada afetaria a vida sertaneja, se tivéssemos invernos regulares; a nossa crise, a única e temerosa, é a seca. Quer chova, quer faça sol, unamo-nos para debelá-la.

Comércio de Mossoró, 31 de março de 1915.



Banco do Nordeste



FUNDAÇÃO VINGT-UN ROSADO

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U nosso negócio é o desenvolvimento

COLEÇÃO **MEZEM** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Seca!

Felipe Guerra

Já não pode mais haver dúvidas sobre o inverno do presente ano: será nenhum ou quase nenhum. Se em maio houver alguns dias de chuvas, como sucedeu no fim de março para abril, o inverno será quase nenhum.

Se não houver essa repetição será nenhum, pois os recursos iniciados pelas chuvas até agora caídas serão anulados, desaparecerão.

Quer em uma hipótese, quer noutra, a produção agrícola será nula, absolutamente nula, não se podendo contar com produção agrícola do inverno no presente ano. Se realizar-se a hipótese de mais alguns dias chuvosos, os gados que se estavam acabando e que foram socorridos com recursos criados pelas primeiras chuvas, só irão sofrer as conseqüências da seca no fim do ano. Se não vierem mais alguns dias de chuvas, os gados não escaparão.

Quanto à gente, é preciso que a população se conserve calma, prudente, enérgica. O desânimo, o atropelo, o pânico, só podem piorar a sorte de todos. Se o perigo é grande, grande deve ser a coragem, a prudência.

Convém lembrar que se de dezembro a abril do presente, 150 dias, pode ser calculada a média diária do prejuízo do gado grosso no Estado em 400 unidades, ou 60 mil cabeças nos cinco meses, na Europa, em oito meses de guerra tem morrido mais de



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U nosso negócio é o desenvolvimento

COLEÇÃO **MZ
EM**

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

um milhão de combatentes, o que dá média superior a 4 mil homens diariamente para cada um dos 240 dias!

Não é, pois, a mais desgraçada a nossa situação. É de esperar que, apesar da nunca imaginada crise econômica a que a imprevidência e a ganância dos homens arrastaram nossa Pátria, o governo, quer da União, quer do Estado, cada qual conforme seus recursos e sua esfera de ação, venha em socorro em tão angustioso momento.

Os jornais do Rio se preocupam dos meios para socorrer o Nordeste seco. Já foi lembrada a medida mais desastrada: a retirada da população para regiões nacionais ao abrigo das secas. Felizmente, um representante deste Estado, Dr. Alberto Maranhão apressou-se em combater também pela imprensa aquele pensar. Realmente seria uma medida cruel, ingrata, desumana. Seria uma medida contrária à Constituição da República que determina que “a União prestará socorros ao Estado que, em caso de calamidade pública, o solicitar”.

Não há interpretação possível para enxergar socorro a um Estado despovoar-lhe o solo. Seria também uma medida antieconômica.

A população do Rio Grande do Norte, do Ceará e da Paraíba poderá ser calculada em dois milhões de habitantes. Aceitemos que quinhentos mil indivíduos desses três Estados precisem de socorro. Esse limite é uma hipótese excessivamente lisonjeira. Aceitemos ainda que esses “retirantes”, como trabalhadores nacionais possam ser transportados e localizados com a despesa de duzentos mil réis para cada um. (O imigrante estrangeiro custa um conto de réis ao governo).



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U n o s s o n e g ó c i o é o d e s e n v o l v i m e n t o

COLEÇÃO **MZ
EM**

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Aqueles quinhentos mil retirantes custariam ao governo cem mil contos; e é uma grande região nacional que abriga povo tão digno como o que mais o for, sofreria o sacrifício de ficar desfalcada em sua população válida, que é a primeira que se retira.

Ora, aquela soma é mais do que suficiente para amparar em um ano de completa seca e vida da população dos três Estados, sem deslocá-la e por um metódico e honesto trabalho pondo de uma vez toda a região ao abrigo de desastrosa consequência de futuras secas.

Isto é o que todos enxergam, todos sabem, todos conhecem; e desde muito está provado e discutido. Entretanto em geral, os homens públicos, sempre que se encara um problema nacional, parece ser a primeira vez que o assunto lhe cai sob as vistas.

A seca, ou mais grave ou menos grave, aí está; tenhamos coragem e procurem todos, poderes públicos e indivíduos particulares, evitar, diminuir, atenuar as funestíssimas consequências da calamidade.

Somos partidários do trabalho em cada Município, como meio de evitar a retirada da população, que está verificado ter sido causa da grande mortandade que houve na seca de 77 a 79.

Publicado no “Comércio de Mossoró”, 1 de maio de 1915.



**Banco do
Nordeste**



U nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO

COLEÇÃO

**MZ
EM**

MOSSOROENSE



UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

O Despovoamento

Felipe Guerra

Lendo o “Correio do Seridó”, nº 278, em um local, noticiando a passagem por aquele importante centro do Estado, do ilustre Dr. Eugênio Brandão, Chefe de Inspetoria de Obras contra as Secas, na Seção da Paraíba e Rio Grande do Norte, ficamos sabendo que o ilustre engenheiro é partidário do despovoamento do Estado.

Julga o Dr. Brandão “que a única solução patriótica e de alcance econômico seria o despovoamento, promovido pelo governo, localizando a população nas terras agrícolas do Sul ou em Mato Grosso”.

Em algumas palavras que no mês passado aqui escrevemos sobre a presente seca, deixamos dito que essa medida do despovoamento, por ser a mais disparatada, talvez fosse a preferida.

Parece que não houve engano nessa previsão, pois estamos vendo o pensamento daquele a quem está incumbida, no Estado, a direção dos trabalhos que tem por fim o emprego de medidas contra as secas. Estamos certos de que o ilustre engenheiro sabe bem que a missão de “Inspetoria” não é “modificar as condições climáticas da zona, que continuará como sempre a ser flagelada pelas secas”. Essas modificações todos julgam problemáticas, apesar de ser possível esperá-la, após longos anos de metódico, inteligente e perseverante trabalho, conforme a opinião de competentes cientistas.



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U nosso negócio é o desenvolvimento

COLEÇÃO **MZ
EM**

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

O que nós, os sertanejos das secas sabemos é que a multiplicação de açudes particulares, a criação de três ou quatro grandes reservatórios d'água, a facilidade de transportes, o aperfeiçoamento da cultura do solo e da indústria pastoril, todos esse fatores agindo contra as secas, são suficientes para anular os efeitos das secas.

Estamos mesmo tentados a dizer que uma metódica, racional e instrução ministrada ao sertanejo, que os ensine a agir e a aproveitar o fruto do trabalho, conscientemente, é suficiente para eliminar os efeitos da seca. Nós, que conhecemos o valor do sertanejo, estamos certos disso, não temos a menor dúvida.

O problema das secas do Nordeste brasileiro é o mais simples possível, pois já está delineado pelo exemplo, levado a fatos positivos por outras nações, que nunca tiveram a disparatada lembrança de despovoar uma região em proveito de outras. Diga a França, que tanto sacrifícios tem feito na Algéria; vejamos a França, a Inglaterra, como tem procedido em relação ao Egito, à Índia e que por isso mesmo, ainda agora, na grande desgraça européia, estão contando com o auxílio desses povos para a defesa de sua dignidade e de seus interesses. Diga a Itália, que contando com os ricos e imensos territórios da América do Sul para extravasamento da sua população, cuja vinda é procurada e desejada, sem nada lhe custar, está, entretanto derramando rios de dinheiro para a conquista da Tripolitânia.

E é preciso notar que, mesmo sob o aspecto da esterilidade climática, a região da Algéria e da Tunísia oferece uma média pluviométrica de 200 mm, quando o Nordeste brasileiro



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

dá uma média de 400 mm. Observe-se que o Noroeste estéril dos Estados Unidos da América do Norte lá está vitorioso.

Despovoar o Nordeste seco? Seria um disparate e uma ingratidão. Esse despovoamento custaria rios de dinheiro, sacrificaria uma elevada percentagem de vidas desses expatriados e aniquilaria uma região que tem dado uma população tão digna da pátria brasileira.

Não se aflijam os despovoadores do Nordeste para levar essa população a colonizar outras regiões do país. Ela mesma irá espontaneamente. As regiões mais inóspitas estão sendo dominadas por esses bravos dos sertões secos.

O Pará, o Amazonas, o Acre, o próprio Mato Grosso estão sendo colonizados, desbravados e habitados por dezenas e centenas de milhares desses mesmos sertanejos das secas. Não fossem os sertanejos das secas, o Acre não seria brasileiro.

Nós pensamos justamente de modo oposto aos despovoadores do Nordeste: é esta região nacional que merece o máximo zelo e atenção por parte do Poder Público, como fornecedora da população a mais resistente para desbravar outras regiões inabitadas do país.

As condições de sua população devem ser melhoradas em todos os sentidos, pois representa um viveiro de colonizadores que, independente da expatriação forçada, tem fornecido, fornece e fornecerá os batedores dos mais ínvios sertões brasileiros.

Não é preciso sacrificar os interesses nacionais para colocar essa digna e forte população ao abrigo das secas que ora



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U nosso negócio é o desenvolvimento

COLEÇÃO **MZ
EM**

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

por outra, rudemente e barbaramente a desfalcam, em grande escala, ainda hoje como antigamente.

Talvez seja possível afirmar que se for aplicada, honestamente, na luta contra as secas do Nordeste quantia igual a despendida com a construção da Estrada de Ferro do Acre às fronteiras boliviana, os efeitos das secas serão anulados.

Convém notar que a palavra – honestamente – acima empregada refere-se não somente à probidade individual, como também à probidade científica, capaz de trabalhar ciente e conscientemente.

O ilustre Dr. Souza Brandão, de quem temos as mais liсонjeiras referências, dada por distintos colegas seus, está, segundo manifestou em Caicó, empenhado em uma luta na qual se julga de antemão vencido.

Representa um chefe desalentado que aconselha a retirada. É preciso que os combatentes e interessados o encorajem com a certeza da vitória.

Se falar em despovoamento é, em tese, um disparate, aconselhá-lo no momento atual seria uma loucura. Atualmente onde buscar transporte para um número nunca inferior a quinhentos mil indivíduos? Será conveniente examinar a que soma se elevaria à quantia a despende. Felizmente, não chegaremos a esse extremo de despovoamento do sertão. Tenhamos fé, confiança e trabalhemos; venceremos ao final. O sertão do Rio Grande do Norte não ficará despovoado.

Comércio de Mossoró, 15 de maio de 1915.



Banco do Nordeste



U nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO VINGT-UN ROSADO

COLEÇÃO MZEM



UM PAÍS DE TODOS GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Estrada de Ferro de Mossoró

Felipe Guerra

No número anterior desta folha, publicamos o telegrama do nosso esforçado representante na Câmara dos Deputados, Dr. Juvenal Lamartine, dando-nos a grata notícia de haver o coronel Vicente Sabóia largamente conferenciado com o Exmo. Sr. Presidente da República sobre o prolongamento da Estrada de Ferro de Mossoró para Souza, importante centro do Estado da Paraíba.

Não podia ser agradável esta notícia. No momento atual, sob a funda crise uma seca que de hora a hora e deixa ver o acúmulo de desgraças que se precipitam sobre a população, o esforço do Cel. Vicente Sabóia, apoiado pela nossa representação, pelo Sr. Ministro da Viação e pelo Exmo. Governador do Estado vem ao encontro de uma urgente necessidade atual, capaz de salvar milhares de vidas.

Dizemos mais, esse esforço, guiado pela enérgica vontade de homem de ação forte e resoluto que é o Cel. Vicente Sabóia, vem satisfazer antiga, elevada e nobre aspiração de Mossoró, qual a de trabalhar por sua prosperidade pelo engrandecimento do Estado e pelo progresso de uma grande zona que compreende o sertão de três Estados, cruelmente paralisada por carência de transportes, que nas secas se eleva a absoluta impossibilidade de locomoção.

Pensamos não haver mais necessidade de insistir sobre a superioridade e vantagens do traçado da Estrada de Ferro de



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U nosso negócio é o desenvolvimento

COLEÇÃO **MZ
EM**

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Mossoró em demanda dos sertões, comparativamente a qualquer outro traçado que se possa fantasiar.

Isso já está discutido e povoado à evidência, por distintos profissionais e por todos os que tem ocupado do assunto. E independente de qualquer parecer, uma simples inspeção ocular à carta geográfica de Estados o prova com a máxima clareza.

Entretanto, ainda lembraremos que o Dr. Roderic Crandall, o ilustre cientista americano que tratou do Nordeste brasileiro, que percorreu todo como abalizado profissional e que também o conheceu e estudou a zona e a sua população tanto que nenhum outro não o faria melhor quem fosse nela nascido e criado, tratando de transportes e viação férrea dá as seguintes distâncias de diferentes traçados: de Cajazeiras a Recife – 700 quilômetros; de Cajazeiras a Paraíba – 525 quilômetros; de Cajazeiras a Mossoró – 310.

Sabemos que Cajazeiras é uma das mais importantes cidades da Paraíba, hoje sede de um Bispado, em pleno sertão, próxima aos limites do Ceará e que distante de Souza cerca de oito léguas; portanto, aquelas distâncias pouco diferem das de Souza.

Sabemos também que de Cajazeiras a Natal a distância é superior aos 525 quilômetros de Cajazeiras a Paraíba.

Bastam estes simples dados para mostrar as vantagens do traçado de Mossoró, que diminui uma distância superior a 200 quilômetros. Estrada de Ferro que em vez de procurar os traçados naturais, ligando as menores distâncias, procura forçar ligações em distâncias maiores a vencer, representa aquilo que o benemérito Dr. Meira e Sá teve a franqueza de proclamar no



**Banco do
Nordeste**
U nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Senado, onde com tanto brilho e competência honraram uma cadeira representando este Estado: “um verdadeiro presente grego e a maior das opressões a pretexto de benefício”.

Isto disse o ilustre ex-Senador ao apresentar o projeto da Estrada de Ferro de Mossoró ao S. Francisco. Não é mais de discutir as vantagens e futuro a esperar da Estrada de Ferro de Mossoró. O que é essencial atualmente é que todo Mossoró, toda zona sertaneja a ser beneficiada pela estrada venha em auxílio da empresa construtora. Sabemos ao certo que a firma Albuquerque & Cia procura levantar pequeno capital para iniciar desde já os estudos do prolongamento da Estrada. É indispensável que o comércio desta Praça, unido em um só pensamento, corra em auxílio dessa necessidade. Não é preciso sacrifício. Aquilo que um só não poderia realizar sem esforços, muitos o farão facilmente.

O comércio desta praça é o mais diretamente interessado no desenvolvimento da Estrada que fará sua prosperidade e o engrandecimento de toda zona. E por quem esperar se não quiser agir? Quem supõe virá defender seus interesses, amparar suas conveniências?

A competência, honestidade e atividade da Empresa Construtora aí estão parentes sem deixar dúvidas. É preciso que mal entendido e pequeno interesse, que receios filhos de atrasado espírito rotineiro não venham sacrificar interesses maiores, as mais vitais necessidades de Mossoró.

Se não agirmos com prontidão... então não falemos em melhoramentos, em progresso, em adiantamento e esperemos com a cega bealtude chinesa ou muçulmana que outras localida-



**Banco do
Nordeste**



U nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO

COLEÇÃO

**MZ
EM**

MOSSOROENSE



UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

des mais protegidas, mais felizes, mais diligentes, venham a triunfar na luta de interesses, desviando e arrastando o nosso comércio, deixando Mossoró vencido, entregue ao cansado e estéril negócio de bodegas.

Cinqüenta anos de esforços e de lutas espreitam no momento presente a ação do comércio desta Praça, que por mal entendido retraimento não poderá deixar sem amparo o apelo que lhe é feito. Cinqüenta anos de lutas e de esforços clamam o auxílio do ilustre Ministro da Viação, digno filho do Estado. Meio século de esforços espera eficaz amparo, já provado, da patriótica Representação do Estado e do benemérito Governador. Sofredora população das secas espera e confia no alto patrocínio do Exmo. Presidente da República.

Não devemos esperar que outros se interessem por Mossoró, mais do que o próprio Mossoró. A este, representado por seu alto comércio, cabe ser o primeiro a tomar a frente, em decisivo momento, no desfecho da luta desde longos anos iniciada e galhardamente sustentada.

Comércio de Mossoró, 22 de maio de 1915.



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

O nosso negócio é o desenvolvimento

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Defesa do Nordeste

A Sociedade “Defesa do Nordeste”, no desenvolvimento que lhe é traçado por seus estatutos, julga-se por legítima representante, obrigada a tratar, ligeiramente embora, e em linguagem ao alcance de todos, de um assunto de máxima importância para este município, para o Estado, para a região. Referimo-nos ao bárbaro e selvagem costume de lançar fogo aos campos, devastando a vegetação que cobre caatingas e tabuleiros.

Não discutiremos sobre a maior ou menor influência que essa devastação possa ter sobre as secas que infelicitam o Nordeste. Diz-se mesmo que uma região que devasta suas matas comete um verdadeiro suicídio: mata-se com suas mãos porque chegará afinal a extinguir suas fontes e seus cursos d’água. Mata-se porque aniquila sua riqueza florestal, ficando privada de madeiras e de todos os produtos naturais das florestas. Mata-se porque o seu clima tornar-se-á dia a dia mais incompatível com a vida animal principalmente com a vida do homem.

Entre nós, por mais rude que seja uma inteligência é fácil observar que se forem queimadas as madeiras dos campos será difícil em curto espaço de tempo qualquer trabalho de construção.

Essa grande dificuldade já se faz sentir em toda a região, principalmente no alto sertão, onde não existe a carnaúba. É fácil notar que “donde se tira e não se bota em pouco tempo se esgota”. Um terreno completamente limpo, sem árvores, ao receber as torrenciais chuvas sertanejas, fica logo cheia de regos



**Banco do
Nordeste**
U nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

ode barrocas, porque as terras são arrastadas pelas águas, ficando muitas vezes os terrenos imprestáveis, com suas pedreiras descobertas.

Entre nós os melhores invernos para a criação e para a lavoura são aqueles que principiam com chuvas finas e isso porque o solo cobre-se logo de vegetação que segura e protege contra as grandes chuvas a melhor terra e as sementes. Se aquelas encontram o solo limpo, desnudo, arrastam terras, sementes, ficando grandes trechos formando verdadeiros “descalvados”. As árvores com suas folhas que caem, com suas madeiras, com suas raízes, seguram e protegem a terra; e além disso fazem com que as águas, correndo mais vagarosamente, fiquem mais tempo infiltrando-se no solo e refrescando as terras.

Não estraguemos as nossas árvores. Por mais miserável que seja um indivíduo, se plantar uma árvore já não foi um ente inútil, pois prestou valioso serviço. Em um clima seco, quente, sujeito a secas e a fortes ventos como é o nosso, é um grande pecado tocar fogo nos campos. Queima as pastagens, mata a caça, destrói as abelhas, acaba as madeiras e torna o sertão cada vez mais árido, mais arenoso e mais sujeito às secas.

Nos municípios como este de Mossoró, em que espontaneamente e em abundância medra a macambira, ainda maior é o perigo de fogo nos campos. Ninguém ignora que em Mossoró, desde anos, a macambira fornece orna renda à população pobre não inferior a um conto de reis mensalmente. A macambira é um tesouro que devia ser cultivado, plantado com cuidado e carinho. É a melhor e a mais resistente forragem para os gados nas secas. Se aquela renda é em Mossoró fornecida pela macambira para



Banco do Nordeste
U nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO VINGT-UN ROSADO
ME EM MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

gados, é preciso lembrar que populações mais pobres em outros municípios dela também fazem uso para alimentação própria, dela sustentem-se nas secas, sendo mesmo em algumas localidades a farinha e a massa objeto de valioso comércio nas feiras. A queima da macambira, se facilita alguma coisa a sua “tirada”, traz tantos inconvenientes que só um espírito cego e bronco poderá lançar mão desse meio.

Quem já se lembrou de arrombar o seu açude para plantar vazantes. Se queimar um “geral” de macambira facilita um pouco apanhá-la, traz também graves inconvenientes que não compensam aquela diminuição de serviços. Estraga e acaba a macambira; esteriliza o campo, porque queima a sua “terra vegetal (húmus) a mais própria para a vegetação, mais da metade das macambiras não são aproveitadas por não se acharem ainda desenvolvidas.

O fogo não escolhe; queima e estraga tudo. E do “geral” passa para a caatinga, para os pastos, para os cercados, causando grandes males e prejuízos. E os “gerais” queimados prejudicam a criação, já matando as rezes novas que se engasgam – o que é comum – com as folhas queimadas, já entretendo o gado que aí fica dias e dias procurando alimentação, que não encontra mais.

É preciso que todos se esforcem para acabar com esses maus e estúpidos costumes de queimadas e de fogos nos campos.

Quem souber ou tiver notícia de algum fogo nos pastos nas caatingas, nas macambiras, deve sem perda de tempo vir denunciar o seu autor perante qualquer autoridade policial. De forma nenhuma se deve permitir que indivíduos ignorantes, maus ou perversos toquem fogo nos campos, seja qual for o pre-



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U n o s s o n e g ó c i o é o d e s e n v o l v i m e n t o

COLEÇÃO **MZ
EM**

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

texto. É um crime que o Código castiga com três anos de prisão tocar fogo nas matas ou florestas pertencentes a terceiros ou à Nação e quem o fez fica além disso sujeito a pagar o prejuízo que causou a outrem e mais uma multa de 20% sobre o dano causado. E mais: qualquer pessoa por descuido – imprevidência negligência ou imperícia – for causa de qualquer incêndio ou fogo nos campos, ficará sujeito até seis meses de prisão e a multa de 20% do dano causado, além de prejuízos outros a pagar. Se uma pessoa fizer em suas terras uma coivara, um roçado e daí pegar o fogo nos campos, nos pastos, ainda assim está sujeito a essas penas. E se tocar fogo em uma casa ficará sujeito até seis anos de prisão.

É preciso que ninguém tenha pena desses que andam tocando fogo nos campos, nas matas; é um mal grave que toca a todos, capaz de prejudicar até nos campos, nas matas, nas mactambiras. São perversos ou descuidados. Todo rigor com eles. As autoridades devem cumprir rigorosamente seus deveres, punindo esses criminosos.

O fogo nos campos, nos pastos, nas matas é um mal grave que toca a todos, capaz de prejudicar até aquelas gerações que ainda não nasceram e que virão adiante encontrar uma terra devastada. Castigue-se sem dó esses malfeitores; faça-lhes conhecer quanto é criminoso e maléfico esse grande abuso de incêndios e de queimadas.

Quem não quiser ouvir o conselho amigo que aqui damos, seja dentro da lei castigado sem contemplação.

Comércio de Mossoró de julho de 1915. Distribuído em avulsos pelo sertão.



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U nosso negócio é o desenvolvimento

COLEÇÃO **MZ
EM**

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Defesa do Nordeste

MENSAGEM dirigida ao Sr. Presidente do Estado da Paraíba, Exmo. Dr. João Pereira de Castro Pinto

Noticiam jornais que o Governo do Estado que V. Exa. dignamente preside, proibiu a saída de gêneros alimentícios para fora das fronteiras da Paraíba.

O Estado do Rio Grande do Norte intimamente ligado ao Estado da Paraíba, com o qual em algumas localidades possui divisas ainda confusas, mantém e sempre manteve com o mesmo os mais estreitos laços de interesses e de amizade e pode-se mesmo dizer de parentesco, tal o entrelaçamento de famílias oriunda dessas duas circunscrições territoriais da República.

Irmãos nos sofrimentos, quando açoitados pelas secas, não podem ser violentamente separados sem graves prejuízos para ambos.

A Paraíba, mais favorecida com seus fertilíssimos “Brejos” do que o Rio Grande do Norte, com o seu “Agreste” pouco aproveitado, tem o seu melhor freguês no sertão seco do Rio Grande do Norte.

Esse leva aos “Brejos” produtos baratos ao alcance da população pobre, principalmente carne seca e o peixe seco da desenvolvida açudagem do sertão rio-grandense. Em troca, fornece-lhe o “Brejo” fumo, aguardente, café e nas secas principalmente rapadura e farinha.



Banco do Nordeste



FUNDAÇÃO VINGT-UN ROSADO

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U nosso negócio é o desenvolvimento

COLEÇÃO **MZEM** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Sabe V. Exa. melhor do que ninguém que a produção dos “Brejos” é superior ao consumo da população paraibana, que nas agudas crises de seca é pelo mesmos abastecida e isso principalmente grande parte da população do sertão seco da Paraíba não pode então chegar com seus meios de transporte aos “Brejos”.

Sabe V. Exa. que da importante cidade de Cajazeiras em pleno sertão seco da Paraíba, da cidade de Souza, do Piancó, às cidades de Bananeiras e de Areia, nos “Brejos”, há distâncias a percorrer variando de 50 a 70 léguas. Nessas condições, é quase impossível ao sertão paraibano, nas agudas crises de seca, o abastecimento de gêneros importados em percurso de ida e volta superior a 100 léguas, por caminhos absolutamente falhos de forragens e de aguadas difíceis e nos quais nem sempre é possível garantir a segurança individual.

Entretanto, grande parte do sertão seco do Rio Grande do Norte, a sua adiantada zona do Seridó, acha-se relativamente próxima aos “Brejos” paraibanos. Basta notar que da cidade do Acari, sertão do Seridó, às cidades de Bananeiras e de Areia, “Brejo” paraibano, há uma distância não superior a 35 léguas. E esse sertão rio-grandense que mais estreitos laços comerciais mantém com o “Brejo” paraibano.

Impossibilitar esse comércio em calamitosa crise nenhum proveito traz. Os “Brejos” ficarão sem o melhor freguês para a exportação de seus produtos que forçosamente serão alcançados por desvalorizações e ficarão privados de abundante abastecimento que lhes é levado, barateando e melhorando a alimentação da classe desprotegida, que por seu trabalho aumenta e barateia a mesma produção dos “Brejos”.



**Banco do
Nordeste**



U nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO

COLEÇÃO
MZ
EM



UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Pelo lado econômico é, pois, contraproducente a proibição do comércio entre os “Brejos” paraibanos e o sertão rio-grandense.

Encarado o fato pelo lado moral ainda mais grave resultam os inconvenientes da medida. Porções de territórios paraibanos limitam-se com o Rio Grande do Norte e acham-se com suas fronteiras em distâncias inferiores a 26 léguas desta cidade de Mossoró.

Em todas as secas e ainda na presente, os municípios de Pau dos Ferros, Martins, Patú, Apodi, Caraúbas, Açu, Mossoró, no Rio Grande do Norte são invadidos por infelizes retirantes do Rio do Peixe, Sousa, Brejo do Cruz, Catolé, da Paraíba, que depois abrigam-se a esta cidade de Mossoró, onde procuram trabalho e recursos contra a calamidade

Posso afirmar a V. Exa. que nunca houve quem se lembrasse de indagar da procedência daqueles infelizes patrícios para a prestação de auxílios e socorros, quer fornecidos pelos poderes públicos, quer por iniciativa da caridade particular. E ainda é grato poder afirmar que tal procedimento será mantido, qualquer que seja a conduta de outros Estados.

A sociedade que tenho a honra de representar, recentemente fundada nesta cidade, sob a denominação “Defesa do Nordeste”, firmemente agirá em prol de todas as vítimas das secas do Nordeste brasileiro. Na crise presente já se acham abrigados sob a proteção de vazantes e nas caatingas daqueles municípios rio-grandenses, não é infelizes patrícios da Paraíba, como também manadas de gados de municípios paraibanos.



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U nosso negócio é o desenvolvimento

COLEÇÃO **MZ
EM**

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Esta cidade de Mossoró é ponto natural e necessário para mercado de gêneros de importação indispensáveis a grande sertão paraibano. Facilitar e melhorar essas naturais indicações era concorrer para o desenvolvimento da região nas estações normais; dificultá-las, contrariá-las, será atrofiar aquele desenvolvimento e nas crises de secas duplicar o sofrimento da população.

É pois o caso de repetir a conhecida frase do estadista argentino: “Tudo nos une e nada nos separa”.

Em vista do exposto e de muitos outros motivos que melhor conhece o esclarecido espírito de V. Exa. respeitosamente imploro a suspensão de qualquer medida que dificulta a saída de gêneros de primeira necessidade dos “Brejos” paraibanos para o Nordeste ou, não sendo possível essa medida geral, ao menos seja aberto o comércio dos “Brejos” aos comboios terrestres em animais que se destinem aos sertões atingidos pelas secas, pois, bem sabe V. Exa., essa medida favorece a população que agora mais sofre e não abre lugar a abusos de especulação comercial.

Confiando que ao espírito ponderado de V. Exa. e aos sentimentos humanitários não será inútil o apelo que como representante da sociedade “Defesa do Nordeste” acabo de fazer, subscrevo-me esperançoso, aguardando com satisfação as ordens de V. Exa.

Mossoró, 16-julho-1915.

Felipe Neri de Brito Guerra P. da “Defesa do Nordeste”

Publicado no “Comércio de Mossoró” de 24-julho-1915.



**Banco do
Nordeste**



U n o s s o n e g ó c i o é o d e s e n v o l v i m e n t o



FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO

COLEÇÃO
MZ
EM

MOSSOROENSE



UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Caminho Encetado

Não há quem desconheça as grandes dificuldades a vencer para lutar contra a rotina, contra esse pendor que as sociedades atrasadas sentem para criar uma atmosfera de desconfianças e de suspeitas, de receios na aceitação de qualquer medida tendente a reformar costumes.

Não é o respeito e o acatamento que os espíritos bem formados guardam às tradições do passado capazes de evitar a desorganização e a dissolução da sociedade. É simplesmente o apego filho da inércia, da ignorância incapaz de aperfeiçoar e de levar avante reformas impostas pela marcha natural da evolução dos povos e que o estudo, a observação e a experiência indicam necessárias.

O cooperativismo entre as nações cultas já é uma realidade desde anos, dando brilhantes resultados práticos, melhorando as condições de todos e principalmente do desprotegido operariado da lavoura e da indústria, essa grande e poderosa força que sustenta todo o organismo social com tal passividade que aqueles que à custa dela vivem têm a ilusão de serem as mais importantes peças do mecanismo social.

Essa ilusão fortalecida e sustentada a todo transe por aqueles que dela auferem vantagem de parasitas, ocasiona isso que se vê sempre: a numerosa classe dos que trabalham obtém somente as migalhas que sobram daqueles que se banqueteiam.

É indispensável, pois, que essa coorte esquecida, entregue aos mais árduos labores, se prepare para ocupar o lugar que



Banco do Nordeste



U nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO

COLEÇÃO **MZ** MOSSOROENSE



UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

sua importante, sua máxima função de criadora e de criadora da riqueza lhe garante, sob os mais sólidos princípios de direito e de justiça.

Não é, porém, tomando vindictas sobre o passado, do qual o presente não pode ser responsável, não é desabafando ódios acumulados que será conseguido aquele digno e elevado preparo. E sim pelo trabalho dignificado, pela instrução, pela educação, pela economia.

O cooperativismo visa tudo isso: a metodização do trabalho, a instrução, a educação, a economia, a arregimentação de esforços.

O cooperativismo, em mais ou menos remoto futuro, substituirá o próprio Estado, pois em última análise o estado não é, ou melhor, não deve ser mais do que uma poderosa cooperação de forças tendentes a um mesmo fim: o bem-estar social encaminhando a progressiva evolução humana seu ideal de perfeição.

Estamos entretanto ainda tão longe desse sonho que é preciso apenas encarar o cooperativismo como ele se apresenta em seus primeiros passos: um movimento seguro e prático para amparar, aperfeiçoar e desenvolver o trabalho e para proteção do trabalhador.

É por isso que nos alegamos por ver em Mossoró iniciado o cooperativismo, nas preparações que é possível esperar nesse primeiro período de ação.

Tércio Rosado, resolutamente, com a paixão que os nobres espíritos dedicam às boas idéias, encetou, o primeiro no Rio Grande do Norte, a propaganda pela imprensa, pela palavra e o



**Banco do
Nordeste**
U nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

que é mais importante, por atos positivos, a fundação de sociedades cooperativas em suas múltiplas e variadas formas.

Procura pela ação forte e fecunda dessas instituições lançar as bases para inteligente, metódica e proveitosa organização do trabalho sob todos os aspectos reclamados para a solução dos inadiáveis problemas que precisam ser encarados resolutamente para evitar o aniquilamento de que se acha ameaçada esta região: o ensino, a instrução, a irrigação, a lavoura, sem esquecer a sorte rio operário e do trabalhador. Se esses que assim agem não encontrarem auxílios e estímulos dos próprios interessados, teriam então de ver seus esforços neutralizados.

Felizmente Mossoró em nada se poupa para conservar as gloriosas tradições que a sua curta história já registra. Continuemos, trabalhemos para levar avante essa útil e humanitária jornada.

Comércio de Mossoró, 21 de agosto de 1915.



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U nosso negócio é o desenvolvimento

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

A Defesa do Nordeste

A fundação dessa Sociedade foi por toda parte recebida de maneira mais auspiciosa. Ainda que o quiséssemos, não seria possível transcrever valiosas opiniões que, quer pela imprensa, quer em cartas, têm sido endereçadas sempre com palavras de aplauso e de encorajamento à mesma Sociedade.

Pedidos para inclusão entre os sócios efetivos de vários pontos do Estado já foram enviados. Generosos donativos têm sido remetidos.

A “A Imprensa”, digno e valoroso diário que se publica na Capital do Estado, externou-se dizendo ser esta Sociedade a mais importante de quantas têm sido fundadas neste Estado. Realmente assim é para quem compreendo bem os intuitos da Sociedade.

Desde séculos, esta região das secas é presa dos mais atrozes sofrimentos, desde séculos seu desenvolvimento é entravado pelas secas, esse minotauro que lhe devora as energias; os passos de avanço dados para o progresso da região periodicamente são obrigados a recuo mas recuo feito sob os maiores abalos, sob as maiores perdas.

Entretanto, lutadores mais ou menos isolados têm aparecido, faltando porém a arregimentação de todos para os grandes e proveitosos golpes.

Em vez de uma ação forte, constante, essa, espera-se que o problema seja resolvido por esforços individuais ou pela ação do Poder Público. Este último, que realmente é obrigado a inter-



**Banco do
Nordeste**



U nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO

COLEÇÃO
MEMÓRIAS



UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

vir, nunca o fará com interesse igual aqueles que são vítimas da calamidade.

É preciso encarar as coisas como elas apresentam-se: o Poder Público já deveria ter dado solução ao problema; é do seu restrito dever e do seu máximo interesse; mas não o resolveu, nem resolverá por si só.

O dinheiro da Nação, que é tão prodigamente esbanjado no Sul é com zelo usurário aferrolhado para o Nordeste.

O Rio Grande do Norte sempre deu saldo para os cofres da União. Desde 1895 a 1909 as despesas ordinárias e extraordinárias feitas pelos cofres federais para o Estado orçaram em 20.069.166\$389. No mesmo período a Receita Federal elevou-se a 30.494.298\$520. Isso mostra um saldo total de 10.424.532\$131 ou ainda um saldo anual, no período de 694.968\$808.

O Nordeste é tão infeliz, a região seca principalmente, que quando alguma coisa é alcançada em seu benefício, essa pequena coisa é desviada de seus fins.

Em 1913 a inspetoria de obras contra as Secas absorveu com a verba “pessoal” 6.759.216\$610; as obras no mesmo ano custaram 1.434.000\$000.

Com dificuldade e após anos de luta foi conseguida uma Estrada de Ferro em busca do Seridó. Desde anos essa obra arrasta-se vagarosamente e o que é pior, fazendo serviços, deixando obras imprestáveis e explorando o trabalhador barbaramente, conforme tudo tem sido denunciado claramente pela imprensa, na Capital e sem que uma Comissão Especial venha, como se faz na Central do Brasil, verificar o que há de verdade nessas



**Banco do
Nordeste**



O nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO

COLEÇÃO
MZ
EM



UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

acusações que denunciam qualificados crimes e extorsões contra o Erário Nacional.

Serviços de custo de quatro mil contos de réis têm sido abandonados, conforme consta em documento oficial firmado pela Intendência Municipal do Açú.

A estrada de Ferro de Mossoró, tão brilhantemente patrocinada por Meira e Sá no Senado, por Eloi de Souza e Juvenal Lamartine na Câmara, discutida à evidência pela insuspeita e alta competência de Roderic Crandall, ainda está à margem e teve apenas início, sem a menor intervenção da União, graças à energia de Vicente Sabóia, à iniciativa de Francisco Solon e ao inspirado e benemérito ato de Alberto Maranhão.

O pesado empréstimo externo que onera o Estado foi todo consumido sem que um real fosse aplicado na zona das secas do Estado, a qual, com seus produtos que se escoam por Mossoró e Macau e com o produto das salinas destes portos é que, quase só, apesar da crise, esta sustentando o crédito do Estado o fazendo face, com suas rendas, às aperturas do presente. Nestas condições, o que fazer? Graças aos incriveis esforços e à honestidade da equilibrada administração do Governador Ferreiro Chaves e ao sacrifício que todos fazem, o Estado se vai mantendo. A sã e resoluta ação moralizadora do Governo do Estado tom equilibrado a monstruosa praga do banditismo que dos Estados vizinhos fazia irrupção no Rio Grande do Norte e inoculava em populações ordeiras o vírus mais pernicioso contra o trabalho produtor.

É tempo de trabalhar cada um e todos para minorar e extinguir o grande mal: o desastre das secas. Em vez de perder



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U nosso negócio é o desenvolvimento

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

precioso tempo em anatematizar aos outros, juntemo-nos e trabalhemos.

Não é possível moralizar uma sociedade se o indivíduo não moraliza a pessoa. Não é possível objetivar uma idéia, conservando-se ante ela indiferente.

Devemos nós, que habitamos esta região das secas aguardar que na velhice sejamos desalojados dos nossos ares, despojados dos nossos haveres? Devemos legar aos nossos filhos a miséria, a incerteza, os sofrimentos, todas as desgraças que acompanham as secas? Não é possível que tão desalentador pensar constitua o objetivo dos esforços de uma geração. Então, sem desfalecimentos, sem ilusões, conhecendo todas as dificuldades, mas sem a covardia do egoísmo ou da fraqueza, sem ódios, unamos esforços para debelar o inimigo que a todos oprime.

Em vez de malsinar aqueles que não nos socorrem, socorramo-nos a nós mesmos. São estes os fins da “Defesa do Nordeste” – formar poderosa cooperação de forças contra as secas, organizar na região todos os serviços direta ou indiretamente necessários para debelar os desastres da calamidade.

É uma poderosa cooperativa que estende sua proteção a todos os habitantes da região.

Comércio de Mossoró, 16 de outubro de 1915.



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U n o s s o n e g ó c i o é o d e s e n v o l v i m e n t o

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Obras Contra as Secas

Dos cinco mil contos de crédito especial para obras de socorro contra as secas abono pelo decreto número 11641 de 15 de julho do corrente ano, autorizado pela lei número 2974 da mesma data, foi feita uma primeira distribuição tocando quinhentos contos ao Estado do Rio Grande do Norte, destinados às aplicações seguintes, conforme consta do Diário Oficial de 7 setembro: cem contos postos à disposição do engenheiro chefe do Distrito Telegráfico, para construção e prolongamento de linhas em que sejam aproveitados os serviços dos flagelados; cinquenta contos à disposição do engenheiro chefe da fiscalização isolada da Estrada de Forro Central do Rio Grande do Norte para serem aplicados na desobstrução de canais de Ceará Mirim, aumentado depois de quarenta contos mais completando o total do noventa contos; cento e cinquenta contos à disposição do engenheiro da Inspetoria de Obras contra as Secas, Flávio Ribeiro de Castro, para as obras dos açudes “Arapuá”, “Pessoa” e “25 de março”; cem contos à disposição do engenheiro Roberto Miller, também da Inspetoria, para a estrada de rodagem de Macau a Açú e finalmente cem contos já agora reduzidos a sessenta deduzidos os quarenta aumentados para o Ceará Mirim, à disposição do Chefe do 2º Distrito da Inspetoria, para obras a serem autorizadas pelo Ministério da Viação e Obras Públicas.

Feita esta distribuição, reconheceu-se a necessidade de construção das barragens submersas do rio Mossoró e, para esse serviço, foi designado pelo senhor Ministro da Viação o enge-



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

nheiro Flávio Ribeiro de Castro, ficando sem efeito a sua primitiva designação para as obras dos açudes Arapuá, Passos e 25 de março, na Comarca de Pau dos Ferros.

Chegando porém esse profissional a Natal aí verificou que só após nova distribuição de verba, onde fossem expressamente contempladas as barragens do rio Mossoró, poderiam ser as mesmas atacadas, pelo que telegrafou para o Rio pedindo as necessárias providências.

Para evitar a perda do tempo que demanda essa nova distribuição de verba, resolveu o senhor Ministro atacar primeiramente as obras dos três açudes da Comarca de Pau dos Ferros, para onde seguiram os profissionais que transitaram por esta cidade. Suportem os flagelados mais uns setenta dias de fome à espera dessa nova distribuição de verba em um país burocrático como o nosso, em que uma simples Portaria da Repartição Pública prolonga o martírio de brasileiros por dias indeterminados!!

E não se diga nada, antes agradeça-se aos deuses terem tocado os corações dos homens de tanta piedade pelos míseros famintos.

Comércio de Mossoró, 30 de outubro de 1915.



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U n o s s o n e g ó c i o é o d e s e n v o l v i m e n t o

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Estrada de Ferro de Mossoró I

Sobre esta estrada de ferro, cujo valor e importância não há mais necessidade de insistir, pode-se dizer que tem esvoaçado um fluido mau a estorvar o seu andamento, todas as vezes que em momento decisivo o seu completo triunfo tem de aparecer.

Se fossemos supersticiosos, poderíamos ver nesse fato uma tenaz “urucubaca” a perseguir a região das secas. A não aceitar essa explicação não é fácil encontrar outra.

Agora mesmo aparecem fatos pouco explicáveis. O digno representante deste Estado, Dr. Alberto Maranhão, que tanto se tem esforçado pela estrada e a cuja boa vontade e patriotismo devemos o pequeno trecho que trafega entre Mossoró e Areia Branca, escreveu aos jornais do Rio longa e minuciosa carta, da qual transcrevemos o seguinte trecho:

“Já agora me cumpre dar mais completas explicações à atitude da bancada do Rio Grande do Norte na Câmara que teve a iniciativa da declaração de voto em que 112 deputados disseram que a construção de qualquer trecho de prolongamento na E. de Ferro de Mossoró seria lícita e legal, empregando-se nesse serviço – maior ou menor, conforme a intensidade e a duração do flagelo da seca da região – a parte do dinheiro que tiver de receber Mossoró na partilha criteriosa e inteligente com que o cauteloso e honesto governo do digno republicano e patriota, atual presidente do Brasil, vai aplicar os recursos necessários



**Banco do
Nordeste**



U nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO

COLEÇÃO

**MZ
EM**

MOSSOROENSE



UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

para atenuar o grande mal que já produziu tão profundos prejuízos na terra sertaneja”.

Vê-se daí que 112 deputados que fizeram a lei dos cinquenta mil contos para socorros e trabalhos contra as secas achavam “legal e lícito” a construção da estrada por conta da referida verba. Não pode haver interpretação mais autêntica do que essa: os legisladores interpretaram sua própria lei.

Entretanto, vemos na “A República” de 4 do corrente o seguinte extenso telegrama:

“Rio 4 – Os jornais publicaram o seguinte”. Escrevem-nos do gabinete do Sr. M. da Viação: “Na exposição de motivos que acompanhou a mensagem presidencial do 22 de novembro último, dizia o Sr. Ministro da Viação: do Rio Grande do Norte foi pedido a construção do prolongamento da estrada do Mossoró, pertencente a uma empresa particular e de concessão estadual. O pedido não pode porém ser atendido porque para isto seria preciso encampar o trecho já em tráfego, entrar em acordo com os contratantes e dispor de créditos, além de que a lei de 17 de julho do ano passado revogou, em relação a estradas e portos, todas as autorizações anteriores, que do presente é indispensável que constem de lei especial e uma emenda que neste particular foi em tempo sugerida na Câmara dos Deputados não logrou aprovação. Em relação a rede cearense o caso diferente. Em 1º lugar trata de estradas federais administradas pelo governo e cujas despesas correm por conta de saldos existentes no Banco do Brasil e provenientes do empréstimo especial para a construção daquela rede. Tomando conhecimento da citada mensagem do Sr. Presidente da República, a comissão de finanças da Câ-



**Banco do
Nordeste**



U nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO

COLEÇÃO

**MZ
EM**

MOSSOROENSE



UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

para dos Srs. deputados apresentou, projeto em cujo artigo 1º foi incluído o seguinte parágrafo (no artigo autorizava-se o poder executivo a construir estradas de ferro e rodagem na zona flagelada pela seca) quando tais estradas de rodagem ou vias férreas foram objeto de concessões estaduais, o Governo entrará em acordo com o do Estado interessado para o fim de tornar bem claro o direito da União aos trechos por esta construídos e que poderão ser arrendados às empresas exploradoras dos trechos porventura já atualmente em tráfego das mesmas linhas.”

Esse parágrafo do art. 1º vinha evidentemente remover as dificuldades de ordem legal existentes para o prolongamento da estrada de Mossoró a que o Sr. Ministro da Viação se referiu em sua exposição e para cuja construção havia os embarços que indicara. O Senado não deu seu consentimento a esse parágrafo e a emenda que o mandou suprimir foi aprovada pela Câmara dos Srs. Deputados. A declaração de votos ali feita não podia invalidar o voto expresso do Congresso e o elemento histórico da lei exclui quaisquer dúvidas na sua interpretação. A estrada de Mossoró é de concessão do Estado pertencente a uma empresa particular. Sendo que para prolongá-la seria preciso encampar e trafegar o 1º trecho ou entrar em acordo prévio com essa empresa e para isso não existe autorização. O governo está, pois, impedido de agir embora a opinião pessoal do Sr. Ministro da Viação sobre a conveniência, utilidade e vantagens da construção da referida estrada que pleiteou sempre coma representação do Rio Grande do Norte quando teve a honra de fazer parte do Congresso seja conhecida e constante até de um trabalho que publicou há três anos.



Banco do Nordeste



U nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO VINGT-UN ROSADO

COLEÇÃO MZEM MOSSOROENSE



www.colecaomossoroense.org.br

Todos nós sabemos que o titular da Pasta da Viação e o ilustre Riograndense Dr. Tavares de Lyra, que tanto honra o Estado que lhe deve numerosos e grandes serviços.

Ainda mais: o ilustre sertanejo riograndense Dr. Juvenal Lamartine que com tanto valor e competência representa o Estado declarou em seu discurso que vemos publicado na “A República” de 10 do corrente:

“Terminando, Sr. Presidente, peço a V. Exa. os bons officios da Mesa junto a Comissão de Finanças para que esta dê seu parecer sobre o projeto do Senado, que autoriza o Governo a construir a estrada de ferro de Mossoró, no Rio Grande do Norte, ao centro da Paraíba. Posso informar à Câmara que esse projeto obteve parecer favorável da Comissão de obras Públicas desta casa, depois disso, desapareceu, sendo infrutíferas todas as buscas feitas no arquivo da nossa secretaria com o fim de encontrá-lo.

Será possível explicar fatos dessa ordem que vão até ao desaparecimento de pareceres por causas diversas do feitiço, urucubaca, caveira de burro ou poderes outros de artes de ocultismo, de mágicas e poderosas forças ocultas?

Mossoró é uma cidade chave, de extenso comércio sertanejo, destinada a um grande desenvolvimento obrigado pelas naturais vantagens que oferece.

Basta notar que de Souza, importante cidade paraibana são cerca de quinhentos e quarenta quilômetros, de Souza a Natal são cerca de quatrocentos e vinte quilômetros. E assim é para quase todo sertão riograndense, paraibano, cearense em uma grande zona.



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U nosso negócio é o desenvolvimento

COLEÇÃO **MZ
EM**

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Porque há uma concessão de estrada de ferro não se poderá mais falar em estrada de ferro? De Santos a S. Paulo há uma estrada de ferro explorada por uma companhia inglesa.

Por esse motivo ficaria a capital paulista condenada a não poder mais falar em seu desenvolvimento ferroviário para o centro?

Não entendemos, confessamos nossa curteza de vistas. Decididamente só por artes de forças ocultas a estrada de ferro de Mossoró tem sido entravada.

“Comércio de Mossoró” de 25 de janeiro de 1916.



**Banco do
Nordeste**



U nosso negócio é o desenvolvimento

**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Estrada de Ferro de Mossoró II

Em nosso último artigo, tratando dessa futura Estrada de Ferro, deixamos dito que só por artes de fluidos maus se poderiam explicar os entraves que à última hora apareceram contra a construção da mesma estrada. Parece-nos também que poderosas forças circulantes pela imprensa do Rio tomam parte na campanha.

Vemos no conceituado órgão “O país” nº 11.376, da Capital Federal, em um artigo da primeira página: “A própria estrada de Mossoró mereceria um sacrifício da União se esta já não estivesse empenhada na construção da Central do Rio Grande do Norte, que satisfaz aos mesmos intuitos que àquela atribui aquele deputado, com a vantagem de levar o benefício do seu tráfego a quase toda a região assolada e não somente a uma zona muito restrita como é a que poderá ser servida pela estrada de Mossoró.

O nosso reparo encerra portanto uma simples questão de preferência entre as duas referidas estradas de ferro: uma que já é da União e que já custa a esta soma avultada, e a outra propriedade particular, que com a sua construção virá prejudicar diretamente a primeira, transformando-a em fonte perene de despesas para o erário público”.

O deputado a que se refere o artigo é o Dr. Alberto Maranhão.

Pela simples leitura do trecho acima, vê-se que nenhum valor encerra, suas afirmações são inexatas e incoerentes. As-



**Banco do
Nordeste**



U n o s s o n e g ó c i o é o d e s e n v o l v i m e n t o



FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO

COLEÇÃO **MZ** **EM** MOSSOROENSE



UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

sim, diz que a Estrada de Ferro Central satisfaz aos mesmos intuitos que a do Mossoró, com a vantagem de levar o benefício do seu tráfego a quase toda a região assolada e não somente a uma região muito restrita, como é a que poderá ser servida pela estrada de Mossoró.

E logo adiante diz que a construção da estrada de ferro de Mossoró virá prejudicar diretamente a Central, transformando-a em fonte perene de despesa para o erário público.

Agora perguntamos nós: como afirma o artigo que a estrada de Mossoró, ao contrário da Central, só servirá a uma região muito restrita e, ao mesmo tempo, com força para transformar a Central em “fonte perene de despesas para o erário público?”

Se a Estrada de Ferro de Mossoró serve a uma região muito restrita não poderá ter aquela força.

Os argumentos que pela imprensa do Rio são empregados contra a estrada de Mossoró são todos daquela força. Entretanto, a verdade é outra bem diversa. O que todos sabemos, o que todos os profissionais têm afirmado, aquilo que inabalavelmente, insofismavelmente repousa nas condições topográficas da região, é que Mossoró é o ponto mais próximo aos sertões secos do Rio Grande do Norte, da Paraíba e de extensa faixa cearense.

O que nós sabemos é que de Caicó a Mossoró são cerca de 33 léguas ou 198 quilômetros, de Caicó a Natal São cerca de 50 léguas ou cerca de 300 quilômetros, ou uma diferença para mais superior a 100 quilômetros para a Capital; o que sabemos é que do sertão paraibano seco, de Souza, Cajazeiras, Piancó, etc.



**Banco do
Nordeste**
U nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

para a Capital paraibana ou para a Capital rio-grandense, há uma diferença, distância para mais em relação a Mossoró, variando de 150 a 300 quilômetros.

Do sertão de Pau dos Ferros a Mossoró há uma distância que varia de 200 a 260 quilômetros; do mesmo sertão de Pau dos Ferros a Natal há uma distância variando do 450 a 500 quilômetros.

É claro que todos conhecem que a Central prestará inestimáveis serviços a uma grande e próspera zona do sertão rio-grandense, a zona do Seridó; e só esse fato justificaria sua construção; de Caicó para o sertão adiante nada poderá a Central, pois as distâncias principiam a ser duplas, em relação a Mossoró.

Dessas condições, a Central só terá utilidade e eficácia até a zona do Seridó; quando muito e já forçando as condições naturais da região sertaneja, até a cidade de Caicó, que aliás fica com dois portos, Açu e Mossoró, quase cem quilômetros mais aproximados do que o de Natal.

Essas circunstâncias todas já têm sido elucidadas por muitos e analisados à evidência por trabalhos do ilustre Dr. Meira e Sá. Não é possível acreditar de boa fé se diga que a Estrada de Ferro de Mossoró servirá apenas a uma restrita região; é a única que será iniciada na região das secas e percorrerá somente regiões sujeitas a secas, beneficiando a zona flagelada do Rio Grande do Norte, Paraíba e do Ceará donde muito se aproximará.

Foi por motivos dessa ordem que o Dr. Roderic Crandall que com tão elevado critério estudou os sertões do Nordeste e se manifestou com a honestidade e independência do seu caráter de homem de ciência, entre as recomendações sugeridas para a rea-



**Banco do
Nordeste**
U nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

lização da tarefa da Inspetoria de Obras contra as Secas inclui: “Que a Inspetoria reconheça a necessidade da construção da via férrea de Mossoró a Cajazeiras como a chave do desenvolvimento do Rio Grande do Norte e Paraíba, e bem assim reconheça que o desenvolvimento desta região é o melhor meio de debelar os efeitos da seca, facilitando, se for possível, a construção dessa linha por uma companhia desejosa de a levar a efeito”.

Quem tem conhecimento da região das secas assim se exprime e com certeza não serão incoerentes ataques levados por campanhas de última hora, presas a interesses mesquinhos e egoístas, que hão de mudar a verdade insofismavelmente baseada em circunstâncias naturais que a região das secas oferece.

Comércio de Mossoró, 29 de janeiro de 1916



**Banco do
Nordeste**



Our business is development



FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO

COLEÇÃO
MZ
EM



UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Sejamos Previdentes

Depois de abundante inverno que findou, mesmo prejudicialmente abundante com as enchentes, acha-se o sertão provido de uma grande área de terrenos irrigados, aptos ao plantio de vazantes.

Os açudes, as lagoas, os rios, os “abrejados”, tudo isso junto oferece centenas, milhares de hectares de terras capazes de promoção abundante, compensadora durante o período de estiagem. Urge aproveitar esse recurso das vazantes que o inverno deixou como um meio de compensar prejuízos das enchentes.

Todos os açudes, poços, lagoas ficaram cheios e todos os rios, riachos, córregos, deixaram água; os olhos d’água ficaram providos.

Neste município, o leito do rio Mossoró até S. Sebastião está apto ao cultivo de vazantes, as quatro barragens que entre Barrocas e Passagem do Rio resistiram às grandes enchentes, conservarão o leito do rio e os próximos terrenos marginais com umidade suficiente para o cultivo agrícola, podendo a pequena lavoura tirar resultados compensadores, grandemente compensadores, no presente ano.

A questão é cultivar esses terrenos com esforço e inteligência, aproveitando-os conforme suas condições apropriadas a cada planta; nos terrenos mais enxutos planta-se a mandioca, o feijão, o melão, o jerimum, a batata. Nos mais úmidos podem ser plantados o alho, a cebola, a batata, conforme o conhecido



**Banco do
Nordeste**



U nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO

COLEÇÃO

**MZ
EM**

MOSSOROENSE



UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

método de “canteiros”, que tão bons resultados dá nas vazantes de São Sebastião.

Para aproveitar os terrenos cobertos d’água pouco profunda, pode ser plantado o arroz, esse excelente cereal, cujo cultivo é fácil, muito remunerador, nunca desvalorizado e que com a atual exportação para o estrangeiro conservará alto preço e será chamado a suprir o consumo local.

Não pretendemos, porém, ensinar padre nosso a vigário. Os agricultores das vazantes bem sabem o que as terras lhes permitem cultivar com proveito. Até mesmo as ribanceiras do rio podem ser aproveitadas para plantar algodão.

Convém nada perder. O açude do Saco aí está completamente cheio, oferecendo o aspecto de um belo lago e possuindo muitos hectares de terras cultiváveis. Devem os proprietários das terras do Saco, refrescadas pelo açude, cuidar logo de utilizá-las. Os terrenos do açude pertencem a particulares. Estes podem cultivá-lo sem receio.

Se por acaso houver desapropriações, o que é pouco provável, nenhum prejuízo sofrerão os proprietários e seus rendeiros.

Diz-se que o açude não será bom aproveitado porque o “governo” não o mandou cercar. Realmente seria muito vantajoso se estivesse sob cercas. Mas é preciso que não se tenha a pretensão de querer que tudo seja feito do melhor modo.

Foram gastas algumas dezenas de contos no açude: aí está ele; aí está o terreno irrigado, capaz de produzir vantajosamente. Deixar de cultivá-lo porque não foi cercado... é uma prova de inépcia, nada favorável.



**Banco do
Nordeste**



U nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO

COLEÇÃO
MZ
EM



UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Ninguém deve abrir a boca esperando que se lhe introduza o alimento. Se o leito do rio, até São Sebastião e o açude do Saco estivessem colocados na região do Seridó, produziriam no presente ano colheitas do valor de algumas centenas de contos de réis.

Imitemos aqueles nossos dignos e esforçados patrícios: sabem lutar e vencer; sabem tirar da terra os possíveis recursos; seu trabalho vai adiante, sem esperar que lhes levem facilidades.

No presente ano não se pode contar com o mercado do Sul, pois a exportação para o estrangeiro tem sido grande. Basta alguns dados para exemplo. No primeiro trimestre do corrente ano foram exportados 974:978\$000 de arroz, no segundo trimestre essa exportação subiu a 9.296179\$000. Nesse mesmo semestre a exportação de carne alcançou o valor de 38.111:138\$003. O milho foi a quase dois mil contos. O valor da farinha exportada foi superior a vinte e sete mil contos de reis nesse mesmo semestre.

É preciso esforço, pois, no bom aproveitamento das vazantes. E se o ano vindouro for de mau inverno, as dificuldades para abastecimento do mercado serão excepcionalmente insuperáveis. Nada se pode adiantar sobre o ano vindouro. Podemos apenas afirmar com certeza que é da máxima prudência que a população da região das secas seja sempre vigilante e providente em evitar e calamidade encontre o sertão desprovido de gêneros alimentícios como quase invariavelmente tem sucedido.

As lições têm sido cruéis, não devem ser esquecidas!

Comércio de Mossoró, 11 de agosto de 1917.



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

O nosso negócio é o desenvolvimento

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Pequeno Comércio

Temos ouvido repetidas queixas contra dificuldades e embaraços que o pequeno comércio terrestre de sal encontra relativamente a impostos e a respectiva fiscalização fora das fronteiras deste Estado. Em tempos passados, o comércio de sal para o interior representava uma das fontes mais baratas e mais procuradas para o abastecimento de alguns gêneros. Estava ao alcance de todos.

Pobres e pequenos agricultores, fazendeiros abastados, enviavam uma ou duas vezes por ano seus “comboios” às salinas de Mossoró ou Açu, onde compravam o sal a meia pataca a carga e enviavam a mercadoria para a fertilíssima e prodigiosa zona do Cariri, onde era o sal trocado por farinha, rapadura, carga por carga, havendo algumas vezes saldo a favor do sal.

O Crato era o empório do comércio do sal; o sertão do Piauí era por ele abastecido.

A lavoura de cano para o fabrico da rapadura, gênero de primeira necessidade para o sertanejo, parte integrante da sua alimentação, facilmente produzindo no Cariri, permitiu que essa região monopolizasse esse comércio e suas fábricas formaram uma preponderância tal sobre o gosto do sertanejo, que ainda hoje “rapadura do Cariri” representa o gênero superior e de maior procura.

Com uma rapadura do Cariri e um pouco de farinha no alforje, o caminheiro sertanejo era capaz de andar oitenta quilô-



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U nosso negócio é o desenvolvimento

COLEÇÃO **MEM** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

metros em um dia. Hoje, circunstâncias se vão modificando. Aparecem outros mercados produtores. O próprio sertão seco deste Estado, com seus açudes, já proporciona regular fornecimento ao mercado. Entretanto, o comércio para o Crato não está paralisado, apenas diminuindo.

O preço atual do sal, a sobrecarga de impostos que sobre esta mercadoria pesa, tem concorrido para enfraquecimento progressivo do comércio do sal terrestre.

Além disso, as estradas de ferro cearenses aproximando-se do Crato tendem a desviar o centro do abastecimento.

Aqueles que ainda levam sal de Mossoró ou Macau queixam-se de exagerados impostos no mercado onde vendem, de exigências fiscais que talvez sejam razoáveis, mas que, representando inovações, põem em dificuldades os comboeiros de sal. Informam que além da cobrança de novos impostos municipais, exigem agora prova de que a mercadoria está com o imposto federal pago, na salina.

Não sabemos os encarregados dessa cobrança nas salinas onde o imposto é sempre pago fornecem aos compradores comboeiros documentos comprovativos desse pagamento, em forma a merecer fé em qualquer parte.

Se tal não sucede, torna-se indispensável providenciar a respeito. Os “comboeiros” devem munir-se desses documentos, que lhes deverão ser fornecidos pelos agentes encarregados da cobrança nas salinas, sem dificuldades e sem demoras e com esses documentos poderão em qualquer parte provar o pagamento do imposto exigido.



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U n o s s o n e g ó c i o é o d e s e n v o l v i m e n t o

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Seria de muito alcance para o desenvolvimento de Mossoró e Açú que o imposto estadual cobrado sobre o sal terrestre fosse dispensado. Não faria grande diferença ao orçamento do Estado, que indiretamente teria compensações pelo comércio de Mossoró, Açú, Macau. O “comboio” que vem às salinas procura sempre trazer mercadorias a fim de ganhar o frete “redondo”. Isso significaria, com o aumento do comércio do sal terrestre, maior abundância de freteiros e portanto imediato barateamento nos fretes para o algodão e para outras mercadorias de exportação.

O pequeno comércio terrestre precisa ser protegido; são inúmeras as dificuldades com que conta, e que se refletem imediatamente sobre a produção.

Criar-lhe facilidade e defendê-lo deve ser preocupação de todos que desejam o bem-estar e o progresso da região.

Comércio de Mossoró. 21 de julho de 1917.



**Banco do
Nordeste**



O nosso negócio é o desenvolvimento

**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MEM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Conversa Amiga

É para os sertanejos em geral, principalmente das regiões que esta folha se propõe servir, que escrevemos estas linhas.

Já principiam a aparecer prognósticos relativos ao ano vindouro. O sertanejo, em geral, dá alguma atenção a esses prognósticos, que denomina “profecias do inverno”.

Infelizmente, muitas vezes abusa-se – não sabemos se com boa ou má fé – da credence popular, afirmando fatos que não podem ser previstos.

Por enquanto, os fenômenos que regulam as estações, boas ou más, do Nordeste das secas não estão estudados; as observações nada permitem dizer, mesmo com relativa segurança.

Ainda podemos repetir as palavras do grande astrônomo C. Flammarion: “As certezas astronômicas são absolutas; sabemos o que se dará daqui a cem anos, até mil anos; mas ninguém sabe o tempo que fará amanhã”.

Sobre a existência do indivíduo, o Catecismo Cristão tem esta desoladora profecia: “Morte certa, hora incerta”, O mesmo poder-se-á dizerem relação às estações, no Nordeste: “Seca certa, ano incerto”.

Resulta dessa incerteza sobre as estações uma necessidade indispensável à vida sertaneja: viver prevenido contra as investidas das secas.

Deve ter sempre em lembrança o sertanejo que o seu descuido ou a sua imprevidência de hoje poderá trazer-lhe os maiores amargores e sofrimentos de amanhã. Poderá ser atirado



**Banco do
Nordeste**



U n o s s o n e g ó c i o é o d e s e n v o l v i m e n t o



FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO

COLEÇÃO

**MZ
EM**

MOSSOROENSE



UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

a atroz miséria, poderá ver seus filhos morrendo a fome pelas estradas, porque foi imprevidente, descuidado, não só do seu trabalho quando tinha possibilidade para tal, como também porque não soube aplicar fruto do seu labor.

Agora mesmo estamos vendo o sertão cheio de dinheiro devido ao exagerado preço do algodão. É ocasião oportuna de todos os pequenos e os grandes agricultores aproveitarem essa boa fortuna que os auxilia a reaver os prejuízos da última seca.

Ocasões dessas, assim favoráveis, raramente aparecem. É preciso saber aproveitar. Todos devem aumentar, tanto quanto possível, o seu estorço e dobrar o trabalho, se tanto for possível e não estragar o fruto desse trabalho.

É indispensável, também, cuidar com atenção da produção de gêneros alimentícios. O pequeno agricultor que não tiver o seu roçado ou a sua vazante para suprimento de sua casa ficará sujeito a comprar tudo e assim o seu dinheiro irá todo para as mãos do bodegueiro, dos comerciantes, e logo que findar a safra nada restará a esse pequeno agricultor, nem dinheiro, nem mantimentos.

No primeiro ano há muito terreno para vazantes que convém sejam todos plantados. Se o trabalhador está escasso e difícil de obter, isso significa que cada um deve dobrar o seu trabalho para que sua pequena lavoura não seja prejudicada.

Se for possível retirar algum dinheiro, seja ele empregado em melhorar a casa, em aumentar ou reformar o cercado, em consertar o açude, ou em fazê-lo, se ainda não o tiver. Procure dar melhor educação e ensino a seu filho a fim de melhor prepa-



**Banco do
Nordeste**
U nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

rá-lo para o trabalho. Estragar dinheiro tolamente, ou descuidar-se do trabalho é que o sertanejo não deve fazer.

Se economia, a previdência é uma virtude, para o sertanejo das secas é mais do que isso, é uma das mais imperiosas obrigações. Agora mesmo, vimos um senhor Capitão Barbosa, da Paraíba, publicar no “Diário de Pernambuco” seus prognósticos de 1918, que vimos também publicado em jornal desta cidade. Entre outras “profecias”, diz ele que haverá, no ano, moléstias pulmonares e “mortes no sexo feminino e em adultos”. Nesse ponto estamos de acordo, mesmo sem o dom de profecia: para o ano morrerão mulheres e... homens também.

Quanto a inverno, diz ele que na “Paraíba só constituirão verdadeiro inverno as chuvas em parte abundantes, que deverão cair “de maio a junho em diante”, já tendo porém havido começos de inverno desde fevereiro. É raro, no sertão das secas, esse inverno assim fraco em princípio e rigoroso em maio e junho.

Sabemos assim o ano de 1866: janeiro seco, sem chuva e sem esperanças até 31. Em fevereiro, indícios de chuvas e de invernos. Março de inverno moderado e parcial. Maio, rigoroso, intenso e diluviano. Junho o mesmo inverno rigoroso e intenso, como no mês anterior. Julho, inverno ainda, embora fraco (Secas contra a Seca)

Inverno que se tenha tornado intenso de junho em diante não conhecemos, no sertão das secas. E todos sabemos que tal não é possível.

Os sertanejos têm desconfianças dos anos terminados em 8. Temem “eras de 8”. Em 1848 o inverno foi bastante fraco. Em 1858 foi seco o mês de Janeiro, com indícios de inverno,



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U nosso negócio é o desenvolvimento

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

houve chuvas em fevereiro e em princípios de março, havendo prolongado verão nesse mês. Em abril, maio e junho choveu regularmente, terminando o inverno em julho. Para o fim de agosto aparecem sinais do inverno, relâmpagos, etc, havendo fortes chuvas em começo de setembro, fato único na história das secas.

Em 1868 o inverno foi muito escasso de chuvas e irregular. Não houve produção de lavouras. Em 1878 foi muito escasso de chuvas e é ano considerado como continuação da seca de 77.

Em 1888 o inverno foi insuficiente para a produção de lavouras; deu apenas para pouca pastagem. Em 1898 o ano também foi de inverno insuficiente; esse ano está mesmo catalogado entre as secas. Em 1908 também foi péssimo o inverno. Também está incluído entre os anos de seca. Por esta ligeira resenha vê-se que nem todo ano terminado em 8 é seco.

Secas têm aparecido sem o final 8: 1710, 1723, 26, 1736, 1744, 1766, 1791, 93, 1814, 1816, 1825, 1832, 1845, 1860, 1870, 1900, 1904, 1915.

Não devemos, pois, ter medo do ano vindouro só pelo fato de terminar em 8. Os ventos reinantes até agora e os relâmpagos que têm aparecido neste mês de outubro permitem esperar que o ano vindouro ainda seja de bom inverno.

Mas... de permitir esperar a poder afirmar que o ano vindouro seja de bom inverno a distância é grande. Só podemos afirmar uma necessidade o sertanejo da região das secas deve estar sempre preparado por uma cautelosa e prudente economia



**Banco do
Nordeste**
U nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

e previsão para evitar que a calamidade horrorosa da seca o apañhe indefeso e desprevenido.

Nada de vãos temores, é certo, mas também não confiar em inseguras esperanças; trabalhemos e sejamos providentes. Assim estaremos com a melhor profecia, a que acena sempre, seja de inverno ou seca o ano entrante. Trabalhemos e sejamos providentes, que assim serão superadas e até mesmo extintas as grandes desgraças das secas.

Publicado no “Comércio de Mossoró”, 21/10/1917.



**Banco do
Nordeste**



U nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO

COLEÇÃO

**MZ
EM**

MOSSOROENSE



UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

As Barragens de Mossoró

Barragem de “Ausentes”.

Dista cerca de 15 quilômetros da Cidade. Reconstruída pelo Dr. Guilherme Browne. Está bem conservada. As enchentes fizeram pequeno estrago na muralha de proteção que defende a ribanceira da margem direita.

O leito do rio no local da barragem é de pedreiras; por isso aí não existem quase plantações e o poço se oferece à vista é pequeno; entretanto, a represa estende-se a cerca de dois quilômetros, rio acima.

No dia em que a visitamos (7 de agosto 1917) ainda sangrava água em delgada lâmina, por sobre a barragem toda; e isso porque o rio ainda não havia “cortado”, correndo com pequeno volume. Em vista do abundante inverno findo, o qual deixou bom suprimento nos “olhos” e “olheiros” d’água do rio e da Serra – Brejo, S. Sebastião, etc. – é provável que assim continue até o fim do ano.

Informou-me um morador do local que depois que o rio “corta” o poço da barragem seca completamente em pouco mais de um mês, parecendo-lhe assim que se escapa água por baixo da barragem.

Os terrenos do rio, aí, estão pouco e mal aproveitados, podendo e devendo dar melhores resultados.



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U n o s s o n e g ó c i o é o d e s e n v o l v i m e n t o

COLEÇÃO **MZ
EM**

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Barragem do “Ingá”

Dista cerca de oito quilômetros da cidade. Depois da construção do Sr. Guilherme Browne, foi completamente estragada do lado da margem direita do rio, cujas águas quebraram a ribanceira dessa margem, ficando o rio nesse ponto com uma largura quase dupla daquela que tinha antes da construção

O Dr. Guilherme Browne reconstruiu, abandonando essa margem no ponto estragado e principiando da ponta da barragem que atravessa o rio uma outra parede em direção oblíqua, rio acima, a encontrar a mesma margem direita logo acima do ponto estragado, onde fez muralha cobras de proteção a essa margem. Sofreu também pequeno dano com as grandes enchentes. Apesar da sua pouca elevação, tem boa represa d'água, estando o leito do rio, que aí é estreito, todo coberto pelas águas; quase nada aproveitados os terrenos marginais.

Dia 7 de agosto ainda sangrava por sobre toda a barragem delgada lâmina de aço. Informou um morador que se escapava água por baixo da barragem O rio ainda não havia “cortado”.



Banco do Nordeste
O nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO VINGT-UN ROSADO

COLEÇÃO **MZEM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Barragem do “Saco”

Dista cerca de três quilômetros da cidade. Sofreu pouco dano também com as últimas enchentes, parecendo que esse pequeno estrago não afeta sua segurança. Pouco elevada. Concluída pelo Dr. G. Browne.

Oferece boa represa d’água que se estende pelo leito do rio e por um estreito canal, à margem esquerda, formado pelo riacho que serve de sangradouro ao açude do “Saco”. A 7 de agosto também ainda sangrava.

Atualmente é a que está sendo melhor aproveitada para cultivo de batatas, frutas, capim, etc.

Barragem da Cidade

Construída pela municipalidade. Foi reparada em 1915 pela Comissão de Socorros. Continua à prestar bons serviços para aguada da cidade, para “comboios”, etc.

Os terrenos estão sendo aproveitados, principalmente para o plantio de capim.

A barragem das “Barrocas” (que ainda não visitei depois das enchentes, o que farei breve) a barragem da cidade e a do “Saco” conservam o leito do rio em um trecho de cerca de 5 quilômetros debaixo d’água, pois uma encontra a outra, ou a sua “vertente”.



**Banco do
Nordeste**



U nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO

COLEÇÃO
MZ
EM



UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Considerações Gerais sobre as Barragens de Mossoró

Pode-se dizer que as barragens deram excelente prova de resistência, sofrendo as grandes enchentes do presente ano, sem grandes danos. As suas margens, inclusive as obras de proteção marginais, estiveram completamente sob as águas do rio. O escoamento das águas por sob as barragens, a “revência” por enquanto pouco abundante que, talvez todas, apresentam, é explicado pela natureza do terreno; o leito do rio Mossoró, no trecho das várzeas, não é muito sólido: mesmo as pedras que apresenta para fundação da barragem são pedras que os sertanejos chamam “falsas”; é, não são compactas, inteiriças; apresentam fendas, rachaduras, etc. De sorte que as fundações não sendo muito aprofundadas e sólidas, não sendo tomadas todas essas fendas no sub solo, haverá sempre “revência” mais ou menos abundante.

Os terrenos do leito do rio e os marginais das barragens oferecem-se para regular aproveitamento, podendo dar alguma produção, da qual a pequena lavoura poderia tirar apreciáveis resultados. Não têm sido aproveitadas como devem sê-lo. Já produzem alguma coisa; se fossem cultivadas e aproveitadas como são esses terrenos irrigados no Seridó, produziriam, talvez, dez vezes mais. Produziriam cinco vezes mais se fossem aproveitadas como são a vazantes de S. Sebastião, deste município. De Mossoró a S. Sebastião o rio é cheio de poços e tem abundância de terrenos frescos.



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U nosso negócio é o desenvolvimento

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

É melhor aproveitado em S. Sebastião, onde plantam cebolas, alhos, batatas, feijões, etc. Ainda não o aproveitam para o plantio do arroz o que permitiria nada perder, nem mesmo o terreno sob água.

No Brejo nós aproveitamos esses terrenos regularmente; depois do inverno são aterrados os lugares de alguma profundidade do rio com areias e terras removidas do próprio leito, deixando o leito do rio nivelado, coberto de uma camada pouco profunda d'água. Para isso já são empregados até uma "pá mecânica" puxada a bois; no leito assim preparado plantamos arroz. Nos terrenos de preparo menos fácil, e nas margens, plantamos então outras coisas.

Já tenho explicado e feito propaganda desse método em São Sebastião dizem-me, porém, os agricultores do local que não plantam arroz por causa do passarinho.

Convém notar que em São Sebastião aproveitam já bastante as vazantes, que dão excelentes resultados; havendo mesmo anos em que fazem centenas de alqueires de farinha com mandioca de "vazantes".

O pessoal que reside próximo a esta cidade é pouco dado à agricultura as condições locais assim o permitem; em vez de plantar o cercado, deixam no "empastar" e assim "alugando" o pasto aos comboeiros dão muito maior renda e com menos trabalho.

Nota-se, porém, já uma tendência para melhor aproveitamento e incremento da pequena lavoura.

Publicado n' A República de 30 de agosto de 1917.



**Banco do
Nordeste**



U nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO

COLEÇÃO
MZ
EM



UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

O Vaqueiro I

O fazendeiro sertanejo (fazendeiro, entre nós, é sinônimo de criador possuidor de uma ou mais fazendas de gado, tem em cada uma um vaqueiro, mesmo na fazenda de sua residência, quase sempre a principal e mais antiga, que é o casco da fazenda, conforme a expressão empregada).

O vaqueiro da fazenda onde o amo habita (amo é o nome dado ao patrão) quase sempre mora em uma casado de taipa, próxima à casa grande.

É um tipo especial o vaqueiro, quer no físico, quer no moral. As mais das vezes é cabra ou caboclo; poucas vezes preto.

Alto, esbelto, seco de corpo, o vaqueiro torna-se quase uma pessoa da família do amo, a quem toma logo por padrinho de um filho, o que lhe dá o direito de tratar o amo por “meu compadre” – e assim continua a tomar compadresco com os filhos e filhas do patrão, pois tem afilhados para todos, graças à fecundidade da mulher, que não lhe dá menos de doze filhos.

A casa do amo é para o vaqueiro o consultório médico e a botica; desde a dentição dos meninos até as dores de espinhaço do vaqueiro são receitadas em casa do patrão, donde lhes vêm as doses ou os xaropes.

É à casa do amo onde o vaqueiro recorre para tomar emprestado desde a colher de café torrado para uma dor de cabeça ou para servir ao hóspede que o encontrou desprevenido, até o silhão para sua mulher ir batizar um filho.



**Banco do
Nordeste**



U nosso negócio é o desenvolvimento

**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Ferramentas para o seu trabalho particular, pois para o seu serviço, animais para suas viagens, cangalhas, surrões, tudo enfim de que o vaqueiro precisa vai tomar por empréstimo ao amo.

Este tem mais a obrigação por via de regra de preparar os papéis e testas do casamento da família do vaqueiro e de enterrar os mortos.

Entretanto, o vaqueiro sabe que, ao tomar conta de uma fazenda, tem por convenção usual e tácita (contrato escrito nunca há) direito à moradia nas terras do amo, à quarta parte da produção de todos os gados confiados à sua guarda, aos cavalos necessários ao serviço dos gados e ao leite das vacas de sua conta, sendo que desse costuma dar ao amo uma porção de queijos, à vontade.

Ainda o vaqueiro planta de graça nas terras do amo, tem vazantes no açude, pescando neste para si.

É um ente privilegiado. Nos tempos críticos, quando chega a seca, quase que se pode dizer que o amo tem obrigação de sustentar ao vaqueiro e a sua família: em atitude de auxílio ao compadre, ou a título de empréstimo que comumente não é pago; e se esses auxílios não são prestados porque o amo não quer, ou não pode, então o vaqueiro abandona, entrega a fazenda e vai procurar recursos em outra parte.

Não se pense porém que o vaqueiro seja um parasita do amo. Em troca do que deste recebe, a sua pessoa e a sua família estão à disposição do patrão. Se o amo tem necessidade de alguma empresa temerária e arriscada, o vaqueiro está pronto: não encara perigo, nem conseqüências. Não há perigo, nem escuri-



**Banco do
Nordeste**
U nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

dão da noite tempestuosa, nem ameaça da cascavel, nem rio cheio que empate o vaqueiro de prestar um serviço ao amo. A sua profissão habituou-o a não temer o perigo.

Custa a crer que um vaqueiro em um franzino cavalo atire-se atrás de uma rês bravia, muitas vezes à noite escura, através um mato emaranhado, cheio de espinhos, em um solo coberto de pedras cheio de barrancoso até por quebradas de serra! Qualquer outro, com certeza, não passaria por esses lugares mesmo de dia, a pé ou a cavalo.

Isso, porém, ele faz desembaraçadamente; alcança a rês; dá com ela no chão; salta do cavalo abaixo e pega-a a pulso! Desacua a ferrão uma rês brava, como quem pratica uma ginástica.

Em sua profissão a prática aguça e educa os sentidos, dando-lhe uma ciência pasmosa!

Em animada palestra em casa do amo de repente diz; “O chocalho do lote está tocando para aquela banda”. Entretanto, só o seu ouvido adestrado percebeu e conheceu o som.

Diário do Natal, 21.05.1902



**Banco do
Nordeste**



U n o s s o n e g ó c i o é o d e s e n v o l v i m e n t o

**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

O Vaqueiro II

O vaqueiro conhece muitos dos animais da fazenda só pelo rasto, e o rasteja dia inteiro em lugares onde quem é profano à matéria não enxerga vestígio algum. Conhece a rês pelo urro e o cavalo pelo rincho ou pelo som da pisada.

Antes de ver o bezerro, sabe pelo rasto ou pela cama (vestígio que a rês deixa onde esteve deitada) se ele é macho ou fêmea.

É senhor dos pastos da fazenda como de sua própria casa; não há canto, encruzilhada, vereda, pedra ou árvore de que ele não dê notícias, onde tal rês malha, onde o lote costuma pastar, a bebida do cavalo “ligeiro”, tudo é do seu conhecimento.

Qualquer animal estranho à fazenda chama logo sua atenção: a cor e mais características do animal, o sinal, o ferro, a ribeira ficam logo gravados em sua lembrança, que os reproduzirá oportunamente.

Desenha, com o dedo no chão, qualquer ferro ou ribeira que tenha visto, sendo conhecedor de quase todas as ribeiras do sertão, mesmo longínquos e de inúmeros ferros e sinais.

Correndo noite em seu cavalo adestrado, pelo ruído persegue a rês, que ele só divulga quando se acha ao alcance da mão.

Nas apartações – reunião em uma fazenda dos gados de pastos vizinhos, onde comparecem fazendeiros e vaqueiros para cada qual levar seus gados aos respectivos pastos – é que o vaqueiro ostenta a sua perícia em derrubar ao mourão da porteira.



Banco do Nordeste



FUNDAÇÃO VINGT-UN ROSADO

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U n o s s o n e g ó c i o é o d e s e n v o l v i m e n t o

COLEÇÃO **MZEM** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Apenas o novilho apertado pelo ferrão é posto fora do curral, dois vaqueiros, em bons cavalos colocados paralelamente à saída, atiram-se atrás da rês em corrida no páreo aberto e limpo; aquele que primeiro põe mão à cauda da rês é que fica com direito a puxá-la, o que faz dando-lhe um em puxão que a derruba, fazendo-a rolar por terra, sem ofender o amestrado cavalo, que sabe abrir, livrando-se de ser alcançado pele rês, que virou o mocotó três vezes.

É comum nessas brincadeiras acontecer algum desastre em rês, ou mesmo em vaqueiro.

Aquele que mandou tirar a rês torna-se responsável; se não é proprietário e a rês fica inutilizada, obriga-se a pagar o seu valor.

Em geral o vaqueiro é descuidoso para qualquer serviço que não seja ligado à sua profissão, costumando, entretanto, fazer pequenas plantações. São atenciosos e muito amantes de prestar seus Serviços.

Se um viajante qualquer, embora desconhecido, precisa de um auxílio o vaqueiro prontamente o dá. Vai ensinar-lhe o caminho, cuida-lhe do animal, conserta os arreios, dá todas as informações precisas. Em compensação, quando deixa o viajante, sabe o seu nome, o que anda fazendo, para onde vai, donde vem, se já chove lá para suas bandas, a que família pertence. Pois todas estas e outras perguntas com a maior naturalidade o vaqueiro faz a quem encontra, como se estivesse cumprindo um dever de cortesia.

O seu chapéu de couro, perneiras, gibão, guarda-peite, luvas, tudo de couro, dá-lhe um aspecto marcial, que à primeira



**Banco do
Nordeste**



O nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO

COLEÇÃO
MZ
EM



UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

vista parece feroz, pela cara franzida de encarar soalheiras e pela faca de ponta que sempre traz enfiada nas perneiras, ou presa ao lado.

Entretanto, é manso, ordeiro, respeitador e incapaz de roubar ou furtar, prestadio e hospitaleiro em extremo.

Em princípios mais ou menos austeros e severos a seu modo procura educar sua família. Os filhos, desde a mais tenra idade são Iniciados na profissão; dos 4 para os 5 anos já os meninos principiam a montar a cavalo e a conhecer o ferro e sinal da fazenda; tomam cuidado como chiqueiro de criação, isto é, com os rebanhos de ovelhas e bodes.

No trato social o vaqueiro tem a delicadeza rude que a sua pouca educação permite; alguns conhecem o a b c e assinam mal o seu nome.

A mulher do vaqueiro, como é natural, entende alguma coisa da profissão do marido; conhece o gado da fazenda; sabe fazer o serviço do curral; e é mestra feitora dos queijos. É mais retraída e menos jovial com as pessoas estranhas do que com as de sua casa, dando-se o contrário com o vaqueiro, que é mais delicado e tratável com os estranhos do que com as pessoas de sua família. Em sua vida doméstica há honestidade; sobriedade quando as circunstâncias obrigam; imprevidência na abundância.

Há uma classe de vaqueiros não profissionais, amadores ou antes aspirantes à vaqueirice. O sertanejo em geral, obedecendo à influência do meio, blasona-se de espertezas de equitação.

Esses aspirantes muitas vezes são prejudiciais em seu aprendizado. Se algum vai ao campo, procura derrubar toda rês que encontra, se vê alguma nos páreos corre atrás dela, não per-



**Banco do
Nordeste**



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U n o s s o n e g ó c i o é o d e s e n v o l v i m e n t o

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

de ocasião de mostrar-se adestrado e esperto, e consegue tornar o gado escarmentado quebrar a perna a alguma rês, maltratar os cavalos da fazenda, embora esses exercícios costum-lhes boas quedas e a fratura de algum braço.

Diário do Natal, 22.05.1902.



Banco do Nordeste



FUNDAÇÃO VINGT-UN ROSADO

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS

U nosso negócio é o desenvolvimento

COLEÇÃO **MZ EM** MOSSOROENSE

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

O Vaqueiro III

Em tempo favorável de inverno não falta quem queira trabalhar o gado; nos tempos secos, porém, todos fogem.

Só o vaqueiro profissional e zeloso, auxiliado e ativado pelo patrão, sofre o trato de gados em tempo de seca. É preciso então cuidar da cacimba, abaixando o pau do bebedouro, ora por outra, e às vezes cavar a própria pedra para procurar água; tirar o couro às rezes, que vão morrendo à mingua de alimentação; trazer sob vigilância as rezes precisas de trato, isto é, aquelas que vão definhando, mas que ainda dão esperanças de vida; cortar ramos de certas árvores para alimentar o gado; queimar xiquexique, cordeiro, macambira e outros vegetais espinhosos, que depois de queimados em fogueiras servem de alimentação aos gados.

E apesar de todos esses pesados trabalhos e canseiras ver o vaqueiro algumas vezes morrer até a última rês da fazenda, ficando esta de porteira fechada.

O bom inverno é o sonho dourado do vaqueiro; a seca o seu purgatório. No inverno a vida é farta, animada, cheia de afazeres, porém no meio da abundância; esses servem para alegrar o seu espírito.

As vaquejadas, as apartações, as juntas, a pega de bois quando gordos, o beneficiamento dos gados, tudo isso ele faz satisfeito, montado em gordo cavalo de fábrica, isto é, cavalo destinado exclusivamente aos trabalhos da fazenda.



Banco do Nordeste



U nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO VINGT-UN ROSADO

COLEÇÃO MZEM



UM PAÍS DE TODOS GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Nos domingos vai à missa e à feira no povoado próximo, onde, em animada roda, toma o seu trago de aguardente, colhendo informações e ministrando outras sobre paradeiro de gados.

O bom vaqueiro tem a amizade do amo e a este é afeiçoado a ponto de exagerar a bondade de tudo aquilo que pertence à fazenda, cavalo corredor, como tal da fazenda, não há; vacaria mais empolada e melhor de leite não pode haver; touro mais valente do que o do curral não se conhece nas redondezas terras mais produtivas do que aquelas, nunca se viram; peixe melhor do que o do açude do compadre não é possível; poderá haver tão bom; melhor não. E assim por diante, com a convicção de quem defende um direito, ele apregoa as excelências da fazenda, com o que acaricia o amor próprio do amo, que em regra se compraz com tão ingênuo engrossamento.

Em regra, o vaqueiro acompanha a transmissão hereditária; o vaqueiro do pai continua por morte deste a ser vaqueiro do filho. E então já velho, com que saudade ele fala nos bons tempos do defunto meu compadre; nas vacas gordas que então eram mortas; nas proezas, então praticadas em companhia de outros, que ele cita, acompanhando cada nome com o qualificativo de defunta “eu mais o defunto falamos campear...” etc.

Para o vaqueiro velho não há mais cavalo bom como os que ele em sua mocidade conheceu; não há homem como o antigo patrão; não há mais quem saiba trabalhar a gados como em seu tempo.

Chega à velhice o vaqueiro como viveu: sem garantia alguma; pois se ele viveu prestando serviços e recebendo favores do amo, em compensação este é muitas vezes mesquinho no



**Banco do
Nordeste**



U n o s s o n e g ó c i o é o d e s e n v o l v i m e n t o

**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MZ
EM**

BRASIL

UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

reconhecimento não só de sua dedicação, como mesmo de seu direito.

E assim passa a vida desse homem rude, honesto e bom, de maneiras corteses, adquiridas em hábitos de dependência; e ao morrer o único legado que consegue deixar a seus filhos é o amparo e a proteção dos patrões, se estes se acham ainda em bom pé de fortuna.

Diário do Natal, 24.05.1902.



**Banco do
Nordeste**



U nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO

COLEÇÃO
MZ
EM



www.colecaomossoroense.org.br

IMPORTÂNCIA SOCIAL E ECONÔMICA DO AÇUDE

Não é possível suprir o solo com água para irrigação, se não se dispuser desse elemento. urge, pois, que haja água, para seu fornecimento, sempre que necessário.

Faz-se preciso que o Nordeste seco tenha água disponível para suas necessidades, que, aliás, não se apresentam somente durante as secas. A vida normal da região reclama igualmente esse suprimento.

Passados os quatro meses de inverno, só as terras naturalmente úmidas, como o leito dos rios, lagoas, etc, podem oferecer capacidade para produzir. Necessário é, portanto, que o trabalho do homem transforme terras ressequidas em terras aptas a produção, fornecendo-lhes a necessária irrigação.

Para o Nordeste, o meio mais fácil, mais simples, para a consecução desse suprimento, tão essencial, a sua economia, e o açude, e a açudagem. O açude é um prolongamento do inverno, nos anos normais; é um “inverno”, nas crises das secas.

As incertezas das precipitações aquosas exige que o sertanejo do Nordeste não se descuide, por sua previdente industria, de ter a sua disposição esse único elemento que, nas crises, poderá transformar em produtora uma região que, de outro modo, seria forçada a ser mera consumidora. Há curtos períodos de chuvas, mais ou menos abundantes. Algumas vezes excessivas. Muitas vezes irregulares. É preciso regularizar, dirigir as águas.

Apesar do desenvolvimento que apresenta a pequena açudagem sertaneja, pode-se dizer que as águas das chuvas ainda não são



**Banco do
Nordeste**



U n o s s o n e g ó c i o é o d e s e n v o l v i m e n t o

**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

BRASIL

U M P A Í S D E T O D O S
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

captadas para reservas e aproveitamento, nos períodos de estiagem normal e de secas. As águas das chuvas escoam-se, em sua quase totalidade, pelos rios, pelos riachos, pelos córregos.

Parece-nos que não há exagero em afirmar que quase todas as águas que as chuvas derramam nos sertões do Nordeste são levadas ao mar. E ainda tão diminuta a quantidade conservada nos reservatórios, naturais ou artificiais, que não merece confiança qualquer cálculo que se possa fazer.

Nas longas e calamitosas estiagens, quando a vida vegetal da região está morta ou adormecida, em espécie de hibernação... pela seca, entorpecida, o açude é uma célula viva, resistindo ao mal ambiente, de tal maneira que gera um núcleo de população maior ou menor, conforme é seu valor. Esse fenômeno, aliás, já se pode notar no desenvolvimento normal da vida rural do sertão das secas.

O açude localiza a população e com essa localização vem o seu desenvolvimento que, por sua vez, traz a escola, conforme, felizmente, já se observa no Rio Grande do Norte.

É preciso desconhecer por completo o Nordeste para por em dúvida a urgente necessidade da construção de açudes. Aliás, esse desconhecimento do Nordeste é atestado pela leitura da maioria das publicações que a ele se referem, sem executar relatórios oficiais daqueles que tem tido o encargo de trabalhos e estudos da região.

É muito comum ler-se a palavra “deserto”, com referência ao Nordeste, apesar de dados demográficos atestarem que essa região é possuidora de população mais densa e de maior crescimento demográfico do que a de quase todos os outros Estados da União.

O analfabetismo, na linguagem desses detratores do Nordeste, é avassalador. O atraso, a rotina, desconcertantes...



**Banco do
Nordeste**
U nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

felizmente, é sempre possível opor a tais conceitos o testemunho de nobres espíritos que sabem observar e tem amor a verdade.

O Dr. Washington Luiz, quando percorreu o nosso Estado, declarou: “Não posso, em vista do que presenciei, deixar de congratular-me com o povo norte-rio-grandense pelas suas ótimas disposições morais e seu incontestável progresso material”.

Ainda agora se lê na plataforma com que o Dr. Julio Prestes se apresenta ao sufrágio do eleitorado nacional, a afirmação de que, segundo dados estatísticos fornecidos pelo Ministério da Agricultura, em São Paulo é maior a porcentagem de colonos alfabetizados procedentes do Nordeste, de que aquela oferecida pelos colonos austríacos, lituanos, sírios, portugueses, espanhóis, italianos. É muito significativo esse confronto, entre o malsinado Nordeste brasileiro e essas populações de velhas e civilizadas nações da Europa.

Hoje, mais do que outrora, tem o Nordeste necessidade de fixar sua população, tanto quanto possível. Tendem a desaparecer os encantamentos de algumas regiões do país, que atraíram correntes imigratórias, em busca de rápida e ilusória fortuna. Quer ao Norte, quer ao Sul, a vida econômica se vai normalizando, a todos oferecendo as mesmas facilidades, os mesmos embaraços, os mesmos tropeços, onde todos poderão vencer ou ser vencidos, conforme a aptidão e o esforço individual.

Se o Nordeste tem secas, outras regiões tem impaludismo, geadas, lepra... As crises econômicas, por toda parte, podem sobrevir. O nordeste, porém, sofre periodicamente as terríveis secas, que ocasionam crises agudas de efeitos tão desastrosos quanto imediatos. Exigem remédios urgentes. Não vindo esses, o que sempre tem a-



**Banco do
Nordeste**
U nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MZ
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

contecido, invariavelmente, a calamidade assume proporções trágicas. Delas está cheia a história do Nordeste.

O açude, a irrigação do solo, é o único meio de evitar que, durante a seca estéril e improdutivo permaneça o solo, que poderá ser transformado, durante a calamidade, em fonte de produção e trabalho.

Nos anos normais, a açudagem incrementa o trabalho e a riqueza particular, sendo, portanto, um fator valioso para a economia da região.

Não há muitos anos, todos os produtos da cana consumidos no sertão do Estado eram comprados nos Brejos paraibanos, ou Cann, do Ceará. Hoje, grande parte desses produtos são oferecidos em pleno sertão. Segundo estatísticas apurada em 1926 pela nossa Inspetoria Agrícola, existiam em 12 municípios do sertão seco do Estado, 320 engenhos, maiores e menores, para beneficiamento da cana, movidos uns a força mecânica e outros a força animal. Quase todos esses engenhos são localizados em açudes.

Desde 1891, escrevendo sobre o problema das secas no Estado, publicávamos: “Dar-se a emigração quando absolutamente não há procura de trabalho. O proprietário de um açude, para explorar seus terrenos, tem necessidade de empregar grande numero de trabalhadores; daí, a procura do trabalho, e conseqüentemente a localização de centenas de pessoas, que, sem essa fonte de trabalho, seriam forçadas a abandonar seus lares.

FONTE: 20º Livro das Secas. Coleção Mossoroense, série “C”, número CDLXXII. 1989.